

Carlo Sandro de Oliveira Campos

MORFOFONÊMICA E MORFOSSINTAXE DO MAXAKALÍ/TESE

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
Agosto de 2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Carlo Sandro de Oliveira Campos

MORFOFONÊMICA E MORFOSSINTAXE DO MAXAKALÍ/TESE

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Linguísticos, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Linguística.
Linha de pesquisa: Fonologia
Orientador: Thaís Cristófaró Silva
Co-orientador: Fábio Bonfim Duarte

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
Agosto de 2009

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

C198m Campos, Carlo Sandro de Oliveira.
Morf fonêmica e morfossintaxe do Maxakalí [manuscrito] / Carlo Sandro de Oliveira Campos. – 2009.
328 f., enc.: il. color., p&b, maps., tabs.

Orientadora: Thaís Cristóvão Silva.

Co-orientador: Fábio Bonfim Duarte.

Área de concentração: Linguística.

Linha de Pesquisa: Fonologia.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia : f. 299-307.

1. Índios Maxakali – Minas Gerais – Teses. 2. Índios da América do Sul – Brasil – Línguas – Teses. 3. Língua maxakali – Fonologia – Teses. 4. Língua maxakali – Morfologia – Teses. 5. Língua maxakali – Sintaxe – Teses. 6. Minimalismo – Teses. I. Silva, Thaís Cristóvão. II. Duarte, Fábio Bonfim. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV. Título.

CDD : 498.3

Ao povo Maxakalí

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao povo Maxakalí pelas recepções calorosas que sempre tive nas visitas às aldeias, pelas experiências inesquecíveis por que lá passei, pela constante paciência ao responder as minhas também constantes e aborrecidas dúvidas sobre a língua. Agradeço também aos professores Maxakalí e especialmente a Isael Maxakalí e sua esposa Sueli Maxakalí. Mai xêênãg tikmũn xop!! Nũhũ tappetkĩy kopa ũpip hãmxopmãax xohi kōmnãg xate ã nōmyũmũgãhã ãyĩyax hã!!

À minha orientadora, Thaís Cristófaró Silva, por ter aceitado me orientar em uma língua indígena, pelos agradáveis encontros de orientação, pela disponibilidade, e, principalmente, pelas leituras críticas e comentários cuidadosos às diversas versões deste trabalho;

ao Prof. Fábio Bonfim, pela proveitosa, mas conturbada viagem que fizemos juntos em área Maxakalí em 2005, a partir da qual comecei a vislumbrar a língua Maxakalí pelo viés morfossintático; pelos *insights* preciosos durante as suas disciplinas e pelas muitas sugestões na avaliação do projeto definitivo, na qualificação e pelas inúmeras críticas nas leituras de capítulos desta tese;

ao professor Seung-Hwa Lee pela disponibilidade, pelas valiosas discussões em sala de aula, pelas excelentes sugestões e críticas nas leituras durante a elaboração deste trabalho;

ao Prof. Gabriel Araújo, pelas preciosas críticas na qualificação;

to Prof. Ellen Woolford, for the attentive and helpful analysis of my data during the VIIIth Sevfale;

aos professores Márcia Cançado, Denny Moore e Eduardo Rivail Ribeiro;

à FAPEMIG, à UEMG e à Fevale, instituições que me permitiram receber bolsa de estudos da FAPEMIG no último ano de curso do doutorado;

ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos POSLIN pela ajuda de custos parcial que tive em uma visita que fiz à aldeia Maxakalí;

ao colega e companheiro de aventuras nas aldeias Maxakalí, Charles Bicalho, por ser o responsável pela minha introdução no PIEI-MG, o que me possibilitou desde então contato estreito com os Maxakalí. Mai, Xa!;

à prof^a Maria Inês, pelas oportunidades que tive de participar das atividades do Literaterras, o que me proporcionou contato com os Maxakalí em muitos momentos em que não pude ir às aldeias;

à Rosângela Murta pelas hospedagens em sua casa nas pontes rodoviárias BH-aldeia Maxakalí-BH e pelas aventuras em área pelo PIEI-MG;

a Rosângela Tugny pelos vários momentos em que pude, em sua casa, ter contato com os Maxakalí;

aos colegas da Fale Malu, Mário, Isadora e Josiane; à equipe do Livro de Saúde e aos colegas da Fevale;

à tia Lia, especialmente pelas hospedagens em Brasília; à Maninha, pela leitura de parte da tese e ao Djalma pela ajuda; aos meus irmãos; aos meus pais;

à Melissa, que acompanhou de perto todo o processo de escrita, pelo carinho e pelo apoio.

RESUMO

Este trabalho descreve aspectos da fonologia, da morfologia e da morfossintaxe da língua Maxakalí. Com base na marcação de caso morfológico nos argumentos da língua, mostro que o sistema de Caso do Maxakalí é tripartido, pois os argumentos (A), (So) e (O) são codificados de maneira distinta na língua. Além disso, mostro que o sistema de caso da língua é ergativo-ativo, pois os argumentos (A) e (Sa) são uniformemente marcados pela posposição ergativa. Sob o ponto de vista da teoria gerativa, com base nas noções de Caso estrutural e de Caso inerente, procuro motivações empíricas que possam indicar o estatuto dos casos absolutivo e ergativo em Maxakalí. Por meio de diagnósticos morfológicos, sintáticos e semânticos, mostro evidências de que o caso absolutivo em Maxakalí equivale a dois Casos abstratos distintos, o Caso nominativo e o Caso acusativo. Por meio de testes sintáticos e semânticos, mostrei evidências de que o Caso ergativo do Maxakalí é inerente. Os estatutos dos casos absolutivo e ergativo em Maxakalí mostram que a língua exibe sistema de Caso tripartido morfológica e estruturalmente, pois, além de os argumentos (A), (So) e (O) serem morfológicamente marcados de forma distinta, eles também recebem Casos abstratos distintos. Com base nas noções de papéis temáticos e de estrutura argumental (Hale e Keyser, 1994, 2002), classifiquei os verbos intransitivos do Maxakalí em duas classes verbais distintas, a dos inacusativos e a dos inergativos, e mostrei motivações linguísticas e estruturais para defender a estrutura do VP bipartido. Na parte de fonologia, descrevi processos fonológicos da língua, como construções causativas, construções diminutivas e redução de nomes e verbos de um determinado padrão fonotático. Esses processos fonológicos evidenciam que há uma interação entre os componentes morfológico e fonológico na língua Maxakalí.

ABSTRACT

This research describes aspects of the phonology, morphology and morphosyntax of the indigenous language Maxakalí. Based on morphological case marking, I show that the Maxakalí language has a tripartite case system whose arguments (A), (So) and (O) are each encoded differently. In addition, I demonstrate that Maxakalí's case system is ergative-active, since the (A) and (Sa) arguments are consistently marked by an ergative post-position. From a generative theoretical perspective, based on the notions of structural and inherent Case, I sought empirical reasons to show the status of absolutive and ergative cases. Using morphological, syntactic and semantic diagnostic tools, I found evidence that the absolutive case in Maxakalí is equivalent to two distinct abstract Cases: nominative and accusative. By means of syntactic and semantic tests, I present evidence that the ergative case in Maxakalí is inherent. The status of the absolutive and ergative cases in Maxakalí show that the language uses a tripartite system both morphologically and structurally speaking, as the arguments (A), (So) and (O) are distinctly marked morphologically, as well as receiving distinct abstract Cases. Based on the notions of thematic roles and argument structure (Hale e Keyser, 1994, 2002); I've classified the intransitive verbs of Maxakalí into two distinct verb classes: unaccusatives and ergatives, providing linguistic and structural motivations to support the split VP structure proposed. Regarding the phonology of the language, I described phonological processes including causative constructions, diminutive constructions and reduced nouns and verbs according to the phonotactic patterns identified. These phonological processes indicate that there are interactions between the morphological and phonological components of the Maxakalí language.

LISTA DE ABREVIATURAS

1	Primeira pessoa
2	Segunda pessoa
3	Terceira pessoa
ABS	Absolutivo
AG	Agentivo
ASP	Aspecto
AUX	Auxiliar
AUM	Aumentativo
CAUS	Causativo
CONJ	Conjunção
DAT	Dativo
DIM	Diminutivo
ENF	Ênfase
ERG	Ergativo
FEM	Feminino
FP	Forma plena
FR	Forma reduzida
FUT	Futuro
GEN	Genitivo
IMP	Imperativo
INAL	Inalienável
INAT	Inativo
IND	Indicativo
INTR	Intransitivo
IT	Iterativo
NEG	Negação
NOM	Nominativo
NOML	Nominalizador
PERF	Perfectivo
PL	Plural
POSP	Posposição
POSS	Possessivo
QT	Quantificador
REFL	Reflexivo
SING	Singular
V	Verbo

LISTA DE SÍMBOLOS DO IPA:

VOGAIS:

[a]	Vogal baixa central não arredondada
[ã]	Vogal baixa central não arredondada nasal
[ɜ]	Vogal média-baixa central não arredondada
[ɜ̃]	Vogal média-baixa central não arredondada nasal
[æ]	Vogal média-baixa anterior não arredondada
[ɪ]	Vogal média-alta central não arredondada
[ɪ̃]	Vogal média-alta central não arredondada nasal
[i̥]	Vogal alta central não arredondada
[ĩ̥]	Vogal alta central não arredondada nasal
[ɛ]	Vogal média-baixa não arredondada
[e]	Vogal média alta anterior não arredondada
[ẽ]	Vogal média alta anterior não arredondada nasal
[i]	Vogal alta anterior não arredondada
[ĩ]	Vogal alta anterior não arredondada nasal
[o]	Vogal média alta posterior arredondada
[õ]	Vogal média alta posterior arredondada nasal
[u]	Vogal alta posterior arredondada
[ũ]	Vogal alta posterior arredondada nasal
[ɯ]	Vogal alta posterior não arredondada
[ɯ̃]	Vogal alta posterior não arredondada nasal
[j]	Glide alto anterior não arredondado palatal
[j̃]	Glide alto anterior não arredondado palatal nasal
[ɣ]	Glide médio-alto posterior não arredondado
[ɣ̃]	Glide médio-alto posterior não arredondado nasal
[ɝ]	Glide médio-baixo central não arredondado
[ɝ̃]	Glide médio-baixo central não arredondado nasal
[w]	Glide alto posterior não arredondado
[w̃]	Glide alto posterior não arredondado nasal

CONSOANTES

[b]	Consoante oclusiva bilabial sonora
[d]	Consoante oclusiva alveolar sonora
[k]	Consoante oclusiva velar surda
[g]	Consoante oclusiva velar sonora
[h]	Consoante fricativa glotal
[tʃ]	Consoante africada alveopalatal
[dʒ]	Consoante africada alveopalatal sonora
[ç]	Consoante fricativa palatal desvozeada
[m]	Consoante nasal bilabial sonora
[n]	Consoante nasal alveolar sonora
[ɲ]	Consoante nasal palatal vozeada
[ŋ]	Consoante nasal velar vozeada
[p]	Consoante oclusiva bilabial surda
[t]	Consoante oclusiva alveolar surda
[ʔ]	Consoante oclusiva glotal
[^m b]	Consoante pré-nasal bilabial
[ⁿ d]	Consoante pré-nasal alveolar
[ⁿ dʒ]	Consoante pré-nasal alveopalatal
[ⁿ g]	Consoante pré-nasal velar
[ˑ]	Indica que a consoante é travada
[ˈ]	Indica a sílaba tônica
[ː]	Indica vogal longa
[.]	Indica segmento desvozeado

LISTA DE TABELAS

CAPÍTULO 1

TABELA 1 RESERVAS/ALDEIAS MAXAKALÍ.....	11
---	----

CAPÍTULO 2

TABELA 1 FAMÍLIA E LÍNGUAS DO TRONCO MACRO-JÊ.....	14
TABELA 2 – FAMÍLIA MAXAKALÍ.....	15
TABELA 3 SÉRIES PARALELAS ORAL/NASAL.....	17
TABELA 4 ALOFONIA DAS CONSOANTES NASAIS.....	17
TABELA 5 SEGMENTOS VOCÁLICOS.....	20
TABELA 6 SONS CONSONANTAIS E VOCÁLICOS DO MAXAKALÍ.....	21
TABELA 7 PRÉ-VOGAIS.....	22
TABELA 8 PADRÕES SILÁBICOS.....	23
TABELA 9 LÍNGUA FALADA E LÍNGUA DOS CANTOS.....	30
TABELA 10 DIFERENÇA DE VOZEAMENTO.....	31

CAPÍTULO 3

TABELA1 CONSOANTES SEGUNDO GPP (1970).....	34
TABELA 2 VOGAIS SEGUNDO GPP (1970).....	34
TABELA 3 ALOFONIA DAS CONSOANTES NASAIS.....	35
TABELA 4 CONSOANTES NASAIS E CONTEXTO DE OCORRÊNCIA.....	35
TABELA 5 PRÉ-VOCALIZAÇÃO DAS CONSOANTES EM CODA SILÁBICA.....	36
TABELA 6 INVENTÁRIO CONSONANTAL SEGUNDO RODRIGUES (1981).....	40
TABELA 7 INVENTÁRIO VOCÁLICO SEGUNGO RODRIGUES (1981).....	40
TABELA 8 CONSOANTES SEGUNDO ARAÚJO (2000b).....	48
TABELA 9 VOGAIS SEGUNDO ARAÚJO (2000b).....	48
TABELA 10 EMPRÉSTIMOS DO PORTUGUÊS.....	53

TABELA 11 EMPRÉSTIMOS DO PORTUGUÊS.....	53
TABELA 12 CONSOANTES SEGUNDO WETZELS (2007).....	54
TABELA 13 VOGAIS SEGUNDO WETZELS (2007).....	54
CAPÍTULO 4	
TABELA 1 GRAFEMAS DA LÍNGUA.....	61
TABELA 2 SONS CONSONANTAIS E VOCÁLICOS DO MAXAKALÍ.....	61
TABELA 3 GRAFEMAS VOCÁLICOS.....	62
CAPÍTULO 5	
TABELA 1 MARCADORES DE POSSE INDIRETA/ALIENÁVEL.....	71
TABELA 2 MARCADORES ATIVOS E INATIVOS.....	78
TABELA 3 MARCA DE PESSOA E MARCADOR DE POSSE.....	82
TABELA 4 PRONOMES DATIVOS.....	86
TABELA 5 PRONOMES OBJETIVOS.....	89
CAPÍTULO 6	
CAPÍTULO 7	
TABELA 1 PREFIXOS PESSOAIS.....	110
TABELA 2 NEGAÇÃO COM 'KA' E COM 'HOK'.....	127
CAPÍTULO 8	
CAPÍTULO 9	
TABELA 1 TIPOS SEMÂNTICOS E PAPÉIS SEMÂNTICOS.....	152
TABELA 2 SISTEMAS DE MARCAÇÃO DE CASO.....	154
TABELA 3 AGRUPAMENTOS POSSÍVEIS.....	155
TABELA 4 MARCAÇÃO DOS ARGUMENTOS.....	165
CAPÍTULO 10	
CAPÍTULO 11	
CAPÍTULO 12	

CAPÍTULO 13 O ESTATUTO DO CASO ABSOLUTIVO EM MAXAKALÍ

TABELA 1 FORMAS LONGAS E FORMAS REDUZIDAS.....	226
--	-----

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15 A ALTERAÇÃO DE FORMA EM NOMES, PRONOMES E VERBOS DO MAXAKALÍ

TABELA 1 FORMAS LONGAS E REDUZIDAS.....	261
---	-----

TABELA 2 PADRÃO -V _i XV _i - COM FRICATIVAS E OCLUSIVAS GLOTAIS.....	264
---	-----

CAPÍTULO 16 NASALIDADE E MORFOLOGIA

TABELA 1 CONSTRUÇÕES DE INTENSIDADE.....	287
--	-----

TABELA 2 CONSTRUÇÃO CAUSATIVA.....	291
------------------------------------	-----

TABELA 3 DOMÍNIOS MORFOLÓGICOS/PROSÓDICOS.....	293
--	-----

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Índios do Vale do Mucuri.....	4
FIGURA 2 – Vale do Mucuri.....	9
FIGURA 3 – Localização das reservas Maxakalí.....	10

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	vi
RESUMO.....	viii
ABSTRACT.....	ix
LISTA DE ABREVIATURAS.....	x
LISTA DE SÍMBOLOS DO IPA.....	xi
LISTA DE TABELAS	xiii
LISTA DE FIGURAS	xvi
INTRODUÇÃO	1

CAPÍTULO 1 OPOVO MAXAKALÍ

1.1 NOTÍCIAS DO POVO MAXAKALI DURANTE A COLONIZAÇÃO.....	3
1.2 OS MAXAKALÍ APÓS A COLONIZAÇÃO.....	9

CAPÍTULO 2 CLASSIFICAÇÃO E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA LÍNGUAMAXAKALÍ

2.1 O TRONCO MACRO-JÊ E A FAMÍLIA MAXAKALÍ	12
2.2 A LÍNGUA MAXAKALÍ.....	16
2.2.1 FONOLOGIA DA LÍNGUA MAXAKALÍ.....	17
2.2.1.1 PRÉ-VOCALIZAÇÃO.....	22
2.2.1.2 A SÍLABA EM MAXAKALÍ.....	23
2.2.1.2.1 IRESSILABIFICAÇÃO.....	24
2.2.2 LÍNGUA DOS CANTOS.....	29
2.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO.....	31

CAPÍTULO 3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: ESTUDOS SOBRE A LÍNGUA MAXAKALÍ

3.1 PRIMEIROS ESTUDOS SOBRE A LÍNGUA.....	32
3.2 A DESCRIÇÃO DE POPOVICH.....	33
3.2.1 GUDSCHINSKY, POPOVICH E POPOVICH (1970)	33
3.2.2 PRÉ-VOCALIZAÇÃO.....	36

3.3 RODRIGUES (1981).....	37
3.4 PEREIRA (1992).....	41
3.4.1 REDUÇÃO DE PALAVRAS EM PEREIRA (1992).....	41
3.5 ALTERAÇÃO DE FORMA EM POPOVICH (2005).....	43
3.6 WETZELS (1995).....	45
3.7 ARAÚJO (2000b)	46
3.7.1 O TRUNCAMENTO EM ARAÚJO (2000b)	48
3.7.2 ARAÚJO (2001).....	51
3.8 WETZELS (2007).....	52
3.9 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO.....	54

CAPÍTULO 4: METODOLOGIA

4.1 DO GENTÍLICO MAXAKALÍ.....	55
4.1.1 DA GRAFIA DO NOME MAXAKALÍ.....	55
4.2 DA PESQUISA.....	57
4.2.1 OBTENÇÃO DOS DADOS.....	57
4.2.1.1 REGISTRO DOS DADOS.....	58
4.2.1.2 DA TRANSCRIÇÃO DOS DADOS.....	59
4.3 ORIGENS DA ORTOGRAFIA MAXAKALÍ.....	59
4.3.1 GRAFEMAS CONSONANTAIS E VOCÁLICOS.....	60
4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO.....	64

CAPÍTULO 5: ORDEM DOS CONSTITUINTES E AS CATEGORIAS NOME E PRONOME

5.1 ORDEM DOS CONSTITUINTES.....	65
5.2 A CATEGORIA LEXICAL NOME	68
5.2.1 A POSSE DE NOMINAIS EM MAXAKALÍ.....	69
5.2.2 FLEXÃO DE NÚMERO EM NOMINAIS.....	75

5.3 O SISTEMA PRONOMINAL DA LÍNGUA MAXAKALÍ.....	77
5.3.1 MARCADORES DE PESSOA.....	77
5.3.2 MARCADORES DE POSSE.....	82
5.3.3 PRONOMES DATIVOS.....	85
5.3.4 PRONOMES OBJETIVOS.....	89
5.3.5 PRONOME REFLEXIVO.....	91
5.3.6 PRONOMES DEMONSTRATIVOS.....	93
5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO.....	95

**CAPÍTULO 6:
CLASSES VERBAIS DA LÍNGUA MAXAKALÍ**

6.1 VERBOSTRANSITIVOS.....	96
6.2 VERBOS INTRANSITIVOS.....	101
6.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO.....	109

**CAPÍTULO 7:
A CONCORDÂNCIA EM MAXAKALÍ**

7.1 CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL	110
7.1.1 PARTÍCULA ‘YÃ’ E CONCORDÂNCIA.....	113
7.1.2 VOZ PASSIVA E CONCORDÂNCIA.....	114
7.2 CONCORDÂNCIA DE NÚMERO.....	116
7.2.1 CONCORDÂNCIA DE NÚMERO E SUPLEÇÃO.....	118
7.3 MODO IMPERATIVO E CONCORDÂNCIA.....	123
7.4 NEGAÇÃO E CONCORDÂNCIA.....	128
7.5 CONJUNÇÕES E CONCORDÂNCIA.....	130
7.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO.....	131

**CAPÍTULO 8:
ALGUNS PROCESSOS DERIVACIONAIS E A CLASSE LEXICAL
ADJETIVO**

8.1 FORMAÇÃO DE PALAVRAS.....	132
8.1.2 COMPOSIÇÃO EM MAXAKALÍ.....	136
8.1.3 CAUSATIVIZAÇÃO.....	138
8.1.4 CONSTRUÇÕES DE INTENSIDADE.....	143
8.2 ADJETIVOS E VERBOS DESCRITIVOS.....	144
8.2.1 FLEXÃO DE PESSOA.....	145
8.2.2 AFIXAÇÃO POR MORFEMAS TEMPORAIS.....	146
8.2.3 COMPOSIÇÃO.....	148
8.2.4 RELATIVIZAÇÃO.....	149
8.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO.....	150

**CAPÍTULO 9:
A ERGATIVIDADE E SUA MANIFESTAÇÃO NA LÍNGUA MAXAKALÍ**

9.1 SISTEMAS DE CASO.....	151
9.1.1 TIPOS DE SISTEMA DE CASO.....	152
9.2 A ERGATIVIDADE DA LÍNGUA MAXAKALÍ.....	156
9.2.1 SISTEMA ERGATIVO-ATIVO TRIPARTIDO.....	158
9.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO.....	167

**CAPÍTULO 10:
PAPÉIS TEMÁTICOS, INACUSATIVIDADE E INERGATIVIDADE**

10.1 PAPEIS TEMÁTICOS.....	168
10.2 INACUSATIVIDADE E INERGATIVIDADE.....	170
10.2.1. PROPRIEDADES DOS VERBOS INACUSATIVOS E INERGATIVOS DA LÍNGUA MAXAKALÍ	177
10.2.1.1 DIAGNÓSTICO I: O NOMINALIZADOR -AX.....	177

10.2.1.2 DIAGNÓSTICO II: CODIFICAÇÃO DISTINTA DE INACUSATIVOS E INERGATIVOS.....	180
10.2.1.3 DIAGNÓSTICO III: CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS.....	183
10.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO.....	189

**CAPÍTULO 11:
ESTRUTURA BIPARTIDA DO VP E O ESTATUTO DO SUFIXO CAUSATIVO {-NÃHA} NA LÍNGUA MAXAKALÍ**

11.1 A HIPÓTESE DA ESTRUTURA VP BIPARTIDA.....	190
11.1.1 MOTIVAÇÕES SINTÁTICAS PARA O VP BIPARTIDO	191
11.1.1.1 MOTIVAÇÕES SEMÂNTICAS.....	193
11.1.1.2 EVIDÊNCIAS MORFOLÓGICAS.....	196
11.2 A ESTRUTURA ARGUMENTAL DOS INACUSATIVOS E INERGATIVOS.....	197
11.3 ESTRUTURA ARGUMENTAL DOS VERBOS TRANSITIVOS E O CAUSATIVO {-NÃHÃ}.....	201
11.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO.....	203

**CAPÍTULO 12
A TEORIA DE CASO**

12.1. A TEORIA DE CASO.....	205
12.1.1 POSIÇÕES QUE LICENCIAM CASO ESTRUTURAL E CASO NÃO ESTRUTURAL.....	208
12.1.2 POSIÇÕES QUE LICENCIAM CASO INERENTE.....	210
12.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO.....	212

**CAPÍTULO 13:
O ESTATUTO DO CASO ABSOLUTIVO EM MAXAKALÍ**

13.1 A MARCAÇÃO DOS ARGUMENTOS EM MAXAKALÍ.....	213
13.2 ESTATUTO DO CASO ABSOLUTIVO DO SUJEITO DE INACUSATIVOS.....	215

13.3 ESTATUTO DO CASO ABSOLUTIVO DO OBJETO DE TRANSITIVOS.....	220
13.3.1 CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS EM MAXAKALÍ.....	222
13.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO.....	230
 CAPÍTULO 14: O ESTATUTO DO CASO ERGATIVO	
14.1 DIAGNÓSTICOS PARA IDENTIFICAR CASO INERENTE.....	231
14.1.1 RELAÇÃO ENTRE CASO E PAPEL TEMÁTICO.....	232
14.1.2 CONSTRUÇÕES PASSIVAS.....	240
14.1.3 PRESERVAÇÃO DE CASO NA POSIÇÃO DE SUJEITO EXTERNO.....	245
14.1.4 CONCORDÂNCIA VERBAL DE PESSOA E DE NÚMERO.....	248
14.2 QUAL É O ESTATUTO DO CASO ERGATIVO EM MAXAKALÍ?.....	250
14.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO.....	256
 CAPÍTULO 15: A ALTERAÇÃO DE FORMA EM NOMES, PRONOMES E VERBOS DO MAXAKALÍ	
15.1 O FENÔMENO DE REDUÇÃO EM MAXAKALÍ.....	258
15.1.2 REDUÇÃO POR INCORPORAÇÃO.....	270
15.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO.....	278
 CAPÍTULO 16: NASALIDADE E MORFOLOGIA	
16.1 NASALIDADE E MORFOLOGIA.....	280
16.1.2 NASALIDADE E CONSTRUÇÕES DIMINUTIVAS.....	281
16.1.3 NASALIDADE E CAUSATIVIZAÇÃO.....	288
16.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO.....	294
CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O TRABALHO.....	295
BIBLIOGRAFIA	299

INTRODUÇÃO

Esta tese tem como objetivo contribuir para a documentação da língua Maxakalí e descrever aspectos morfológicos, morfossintáticos e morfofonêmicos. O trabalho pode ser dividido em duas partes, uma descritiva, na qual pontuo hipóteses gramaticais que elaborei à medida que desvendava os dados da língua de que dispunha, e outra teórica, na qual testei hipóteses teóricas que muito me ajudaram a compreender partes da gramática da língua Maxakalí. Na parte descritiva, tratei brevemente sobre o povo Maxakalí, sobre a classificação da língua e suas principais características, como o inventário fonêmico e a pré-vocalização de consoantes. Descrevi também a ortografia empregada pelos Maxakalí, pois, como os dados desta tese são transcritos ortograficamente, o leitor interessado em decifrar a escrita poderá encontrar os princípios básicos da ortografia. Nessa parte, descrevi também aspectos inéditos da língua, como partes do sistema pronominal, a posse alienável e inalienável, as classes verbais, a concordância verbal e nominal, a negação, a causativização, as construções de intensidade e a ergatividade, com base em estudos de tipologia linguística (Dixon, 1979, 1994), (Comrie, 1976), (Whaley, 1997), entre outros. Longe de esgotar esses temas, este trabalho dá os passos iniciais para a descrição da morfossintaxe Maxakalí depois de Popovich (1971) e de Pereira (1992), trabalhos descritivos anteriores a este.

Com relação à parte teórica, este trabalho discute questões referentes aos quatro componentes da gramática: fonologia, sintaxe, morfologia e semântica, com mais ênfase no componente morfossintático. Nessa parte, discuti sobre as classes verbais do Maxakalí e, com base na noção de propriedades semânticas (Cançado, 2005) e no essencial de Hale e Keyser (1994, 2002) e Harley (2007), propus que os verbos da língua Maxakalí se dividem em verbos transitivos, verbos inacusativos e verbos inergativos. Com base na teoria de Caso, propus que o caso tipológico absolutivo cobre

dois Casos abstratos distintos na língua Maxakalí, o nominativo e o acusativo. Embora o Caso ergativo mostre características de Caso inerente, mostrei que ele é valorado pela posição *te*, como um Caso estrutural. Com relação à marcação dos três argumentos (A), (So) e (O), mostrei que o sistema de Caso do Maxakalí é tripartido, pois argumentos (A) e (Sa) têm Caso ergativo; argumentos (So) Caso nominativo e argumentos (O) Caso acusativo. Com relação à fonologia da língua, retomei dois temas já tratados na literatura Maxakalí: a redução de nomes e verbos com padrão fonotático - V_iXV_i - e a nasalidade. Mostrei evidências de que a redução ocorre em nomes, verbos e também em pronomes da língua e se relaciona aos processos de composição e de incorporação. Assim, todas as reduções de palavras com esse padrão ocorrem por conta da composição, que, por sua vez, ocorre na língua pelo processo de incorporação. Finalmente, mostrei que as construções de intensidade e as construções causativas evidenciam que algumas regras fonológicas apenas se aplicam em determinados domínios morfológicos/prosódicos, mostrando uma interação com a morfologia.

CAPÍTULO 1: OPOVO MAXAKALÍ

Neste capítulo, trato brevemente da origem e da história conhecida dos índios Maxakalí desde os primeiros contatos até o período mais recente. Baseei-me nos relatos de viajantes e em pesquisas de autores sobre os índios de Minas Gerais ou, especificamente, sobre os índios Maxakalí. Apresentarei a distribuição geográfica das aldeias atualmente e dados sobre a demografia dos Maxakalí.

1.1 NOTÍCIAS DO POVO MAXAKALI DURANTE A COLONIZAÇÃO

De acordo com as descrições de viajantes europeus que percorreram a região nordeste e sudeste do Brasil e com estudos mais recentes sobre os índios da Bahia e de Minas Gerais, os Maxakalí habitaram o litoral e as grandes extensões de mata atlântica que havia nas bacias dos rios Jequitinhonha, Itanhém, Jucuruçu, Mucuri e Doce, no leste e no nordeste de Minas Gerais e no sul da Bahia, na faixa interiorana. Segundo Amorim (1967), a área em que viviam os Maxakalí compreendia a região do rio Jequitinhonha, do rio Mucuri e seus tributários e do litoral atlântico que banha o sul do estado da Bahia. Os Maxakalí eram nômades e sua economia baseava-se na caça e na coleta de frutos. Antes da colonização da região, além dos Maxakalí, pelo menos outras nove nações co-habitavam as matas virgens da região, segundo Paraíso (1998): Pataxó, Monoxó, Kumonoxó¹, Kutaxó, Kopoxó, Panhame, Kutatoi, Malalí e Makoní. Esses grupos, incluindo os dos Maxakalí, eram, de acordo com Paraíso (1998), também conhecidos como Tapuia e habitavam originalmente o litoral, mas, ainda antes do descobrimento, foram expulsos pelos Tupi, que passaram a ocupar a região litorânea. O mapa, na página seguinte, mostra a distribuição de grupos Maxakalí e outros grupos

¹ Martius refere-se também aos Monxokó.

a ocupar a região e o único grupo Tupi a ocupar o litoral da região. Paraíso (1998) afirma que os Aimorés, como inicialmente eram conhecidos os Gren e os Borum ou Botocudos, localizavam-se, inicialmente, na região conhecida por Baixo Sul, ou norte da Capitania de Ilhéus. Em razão dos conflitos com os colonizadores e outros grupos indígenas, os Aimorés foram, aos poucos, deslocando-se para as regiões mais austrais até, por fim, atingirem, no século XIX, o rio Doce, nas Capitanias do Espírito Santo e de Minas Gerais. Ao buscarem refúgio, os Aimorés entraram em conflito com vários grupos: Kamakã-Mongoió, Pataxó, Monoxó, Kumanaxó, Kutaxó, Kopoxó, Panhame, Kutatoi, Maxakalí, Malalí, Makoní. Por conseguinte, no século XIX, habitam a região quatro macro-grupos distintos:

- (1) Os grupos Tupi do litoral;
- (2) Os Kamakã-Mongoió;
- (3) Os Botocudos;
- (4) Os demais grupos, nos quais se inserem os Maxakalí.

Paraíso (1998) supõe que o grupo (4), composto de nações aparentadas entre si, teriam se aliado politicamente e se aldeado em conjunto, sobretudo após 1808, depois de terem seus territórios sistematicamente invadidos, tanto por Botocudos quanto por colonos que chegavam à região em busca de peles e riquezas. Esses vários grupos, que se uniram para se proteger dos botocudos e dos colonos, formaram uma confederação denominada *Naknenuk*, termo oriundo do botocudo para designar “índios mansos”. Os termos *Maxakalí* ou *Naknenuk*, segundo Paraíso, eram designações sinonímicas para o mesmo grupo de índios. Tais grupos, segundo ela, originalmente compunham juntos uma só etnia, “que passava por processo de dispersão e constituição emergente de novas identidades quando foram atingidos pelo deslocamento dos Botocudos e pela ação dos colonizadores” (Paraíso, 1998). Embora Paraíso (1998) assuma uma sinonímia entre os *Naknenuk* e os *Maxakalí*, Missagia de Matos (2003) distingue os dois grupos quando menciona uma semelhança entre os *Naknenuk* e os *Maxakalí* no combate aos inimigos.

Segundo Missagia de Matos, os Maxakalí serviam como soldados para combater os inimigos tradicionais, mas, “entre os próprios Botocudos, porém, os grupos conhecidos como Naknenuk adotaram semelhante estratégia para contraporem-se aos subgrupos conhecidos como Giropok” (...). (MISSAGIA DE MATOS, 2003).

Segundo Nimuendajú, a primeira menção que se fez sobre os Maxakalí (Machacaris) foi feita por um Mestre de Campo chamado João da Silva Guimarães, em uma carta datada de 26 de maio de 1734. Segundo Paraíso (1999), há referências sobre grupos de índios Maxakalí feitas por índios Tupi do litoral, denominados pelos Tupi de *Amixokori*. Nimuendajú relata que por volta de 1734 João da Silva Guimarães atravessava regiões cortadas pelos tributários do rio Mucuri e habitadas por tribos, sendo que uma delas teria sido a dos Maxakalí, com que teve de lutar. Nessa luta, João Guimarães perdeu um irmão e muitos membros da bandeira. Por causa da resistência Maxakalí, João de Guimarães desistiu da sua empresa e foi para as cabeceiras do Rio Doce. Nimuendajú sugere que pelo menos uma parte dos Maxakalí teria sido obrigada a se recuar para a costa, na segunda metade do século XVIII, em consequência da expansão dos Botocudos. Com a expansão de bandeiras na região, o problema se agravou, pois os Maxakalí passaram a fugir constantemente de duas frentes distintas: Botocudos e povoações fundadas pelos bandeirantes, que traziam mais pessoas à região e cristãos dispostos a salvar as almas dos índios. Nimuendajú faz um histórico das constantes fugas dos Maxakalí:

“Na segunda metade do século XVIII, (...) foi pelo menos uma parte dos Machacari obrigada a recuar até a beira-mar: em 1786 se submeteram 120 membros desta tribo em Pôrto Alegre, na foz do Mucuri. Em 1798 eles moravam juntos com seus parentes de língua, os Macuní.”
(Nimuendajú, 1938, pág. 55)

Ainda segundo Nimuendajú (1938), em 1801, esse grupo de Maxakalís teria se retirado da costa e ido para Tocoíós, no baixo Jequitinhonha. Lá ficaram até 1804. Depois disso foram transferidos rio acima para um quartel, na época, chamado de São Miguel, pelo comandante Julião Fernandes Leão. Esse comandante guerreava com os Botocudos no Jequitinhonha e incorporou os Maxakalí em seu exército. Os Maxakalí, entretanto, largaram suas fardas e desceram o rio novamente, porque soldados brancos molestavam suas mulheres. Foram primeiro para a Ilha do Pão, no baixo Jequitinhonha. Lá foram relatados por Saint-Hilaire em 1817. Depois foram para a foz do Ribeirão Prates, onde, no ano seguinte, o viajante Pohl os encontrou. Fora esses Maxakalí da costa e do Jequitinhonha, outro grupo de Maxakalí permaneceu independente no interior, em luta com os Botocudos. Esse grupo foi encontrado em uma aldeia pequena no baixo Jucururu em 1816 pelo Príncipe von Neuwied. A outra parte dos Maxakalí, localizada no Jequitinhonha (na época de Nimuendajú Vila Guarani), cujo aldeamento tinha o nome de Farrancho, hoje Guaranilândia, distrito do município de Jequitinhonha. Esse aldeamento existiu até o fim do século XIX, pois os índios sentiram necessidade de retirar-se dali em direção ao leste por causa do advento crescente de neobrasileiros. Foram, segundo Nimuendajú, em direção ao ribeirão do Rubim do Sul, e os que não deixaram o Farrancho ou morreram ou se misturaram aos neobrasileiros.

Nimuendajú conta que o grupo que foi para o ribeirão Rubim formou uma aldeia na margem esquerda, acima da Vila União. Segundo ele, em 1917, um homem conhecido por Tenente Henrique se apossou das terras da aldeia e as demarcou. Os índios, porém, recusaram-se a deixar o local e não se importaram com as ameaças do tenente e apenas abandonaram o local quando em 1921 o mesmo tenente os surpreendeu, armado, e os dispersou depois de matar uma dúzia deles. Os que

escaparam procuraram refúgio entre seus parentes que habitavam a região das cabeceiras do rio Itanhaem. Nessa região, Nimuendajú os encontrou em 1939.

De acordo com Amorim (1964), a escassez de informações históricas precisas torna difícil estabelecer a quantidade de grupos Maxakalí que habitavam a região e as relações que mantinham entre si.

Segundo Amorim (1967), o contato interétnico determinou fortes consequências para os Maxakalí. Embora ainda no início do século XX eles possuíssem muitas aldeias, uma epidemia de varíola os levou a se reunir em uma única concentração, às margens do rio Umburanas, tributário do rio Jucuru. A aldeia localizada nessa região era chamada de Aldeia Grande. Nesse mesmo local, outra epidemia de varíola teria reduzido a população de índios Maxakalí a quinze indivíduos. Não se sabe, segundo Amorim (1967), se essa população diminuta de quinze indivíduos venceu sozinha a depopulação ou se a eles juntou um grupo vindo de Farrancho, em 1921.

Nimuendajú (1938) relata que um homem chamado Joaquim Fagundes que vivia entre os Maxakalí assumiu o papel de conselheiro do grupo e, usando seu prestígio, passou a vender ilegalmente as terras dos índios. As primeiras terras vendidas por esse sujeito teriam sido a região que compreendia a Aldeia Grande e uma grande área entre as aldeias atuais de Pradinho e Água Boa. Essa transação teve sérios efeitos sobre os Maxakalí, pois desfez a única concentração restante do grupo, dividindo-os em duas áreas separadas. Apesar dos agrados que os posseiros faziam aos índios, estes não reconheceram, segundo Nimuendajú, a venda de suas terras e promoviam, em represália à invasão, constantes saques aos bens dos novos moradores. Até 1940, os Maxakalí viveram sem terra demarcada e em conflito constante com os moradores da região. Após essa data, O Serviço de Proteção ao Índio (SPI) criou o Posto Indígena Engenheiro Mariano de Oliveira e as glebas de Pradinho e Água Boa foram retomadas,

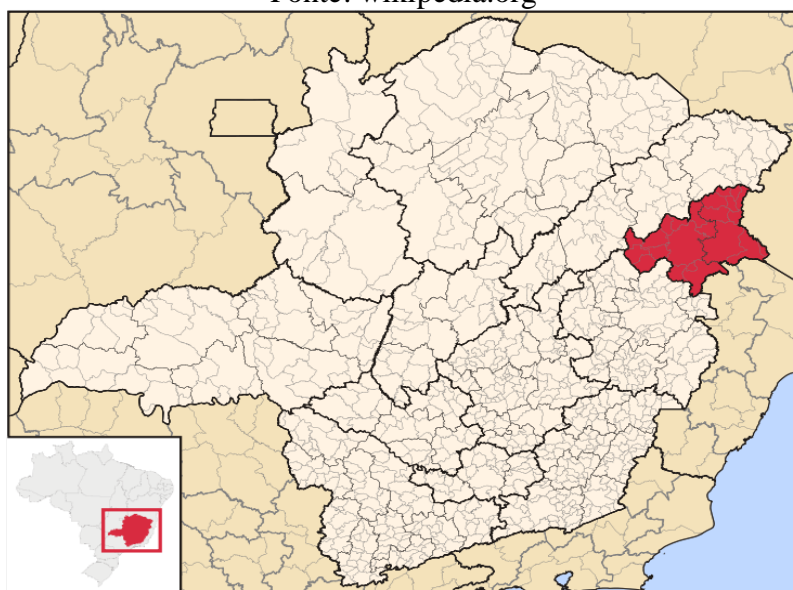
ainda que divididas por fazendas. As terras localizadas em Umburanas (atualmente Umburatiba), entretanto, não foram reintegradas, pois benfeitorias no local impediram a sua recuperação. Assim, as áreas que compreendiam a Aldeia Grande e a gleba existente entre Pradinho e Água Boa foram perdidas. A área da Aldeia Grande foi perdida definitivamente, mas a localizada entre Pradinho e Água Boa foi recuperada em 2000, depois de muita mobilização de grupos representantes dos índios e de longo processo jurídico. Na próxima seção, trato sobre a situação atual dos Maxakalí.

1.2 OS MAXAKALÍ APÓS A COLONIZAÇÃO

Atualmente, a população dos Maxakalí está em torno de 1400² indivíduos. A sua população se encontra alojada no vale do Mucuri, a maior parte entre os municípios de Santa Helena de Minas e de Bertópolis, na exígua reserva que compreende as aldeias de Pradinho e Água Boa, hoje novamente unidas. Na figura 2, a seguir, mostro a localização do Vale do Mucuri no estado de Minas Gerais e, na figura 3, a localização aproximada das aldeias nos municípios do Vale do Mucuri.

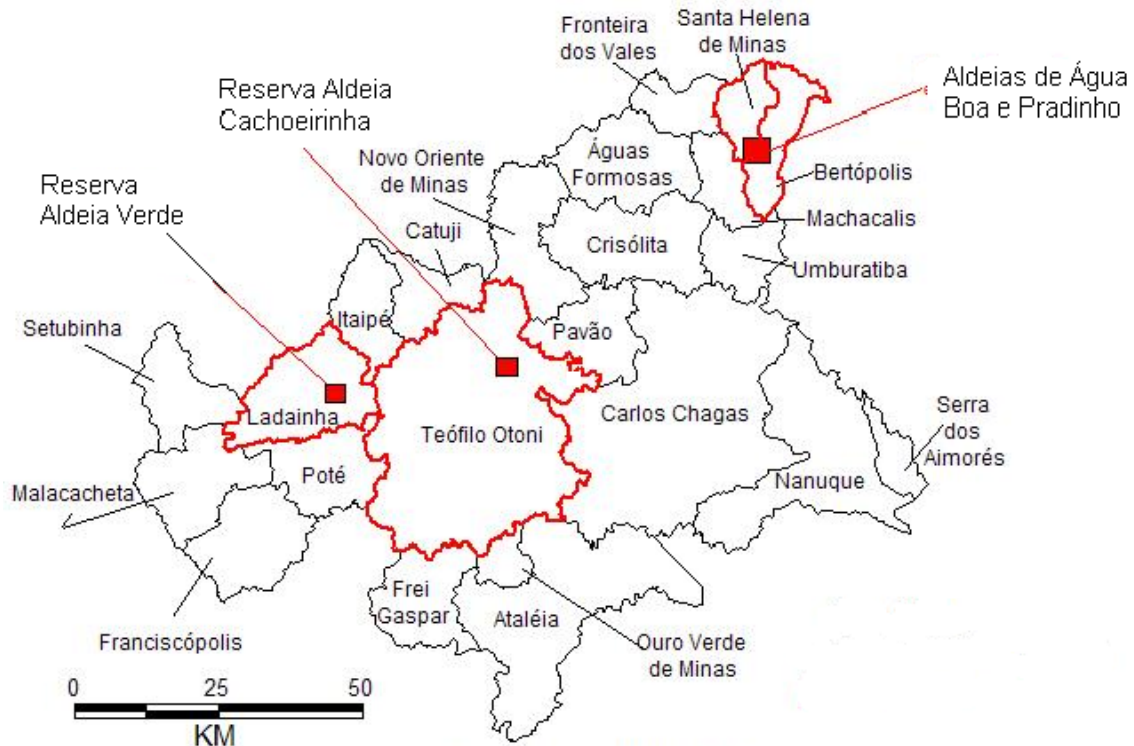
FIGURA 2 – Vale do Mucuri.

Fonte: wikipedia.org



² Dados de outubro de 2008.

FIGURA 3 - Localização das reservas Maxakalí no vale do mucuri
 Fonte: Geominas/IBGE, 2004³



Vale do Mucuri

- Localização das reservas Maxakalí
- Municípios onde se localizam as reservas

As Reservas de Água Boa e Pradinho ocupam, juntas, uma área de 5.305 hectares. Devido a um conflito recente, ocorrido em 2005, entre alguns grupos rivais, cerca de 200 índios Maxakalí foram instalados provisoriamente em uma fazenda no município de Campanário, e apenas algumas famílias em Resplendor, junto aos índios Krenak. Os duzentos índios conseguiram uma nova terra no município de Ladainha (Aldeia Verde), com 522,72 hectares. As famílias instaladas junto aos Krenak conseguiram mais tarde uma área no distrito de Topázio, município de Teófilo Otoni (Aldeia Cachoeirinha), com 606,19 hectares.

³ Elaborado por SOUZA, Djalma T. G. 2009
 Crea-MG: 90.265D

Depois da separação entre os grupos rivais, as suas relações foram parcialmente interrompidas. Cursos de formação oferecidos aos índios pela Secretaria de Educação de Minas Gerais e pela UFMG, quando ocorrem em Belo Horizonte, são oferecidos separadamente aos índios, em dois grupos, a pedido destes, de forma a evitar novos conflitos.

Das duas novas reservas Maxakalí, tive oportunidade de conhecer a da Aldeia Verde, no município de Ladaíinha, onde parte desta pesquisa foi feita. O terreno é pequeno, a água potável é escassa e não há ribeirões volumosos, o que impossibilita as crianças de nadar e as mulheres de pescar com rede, hábitos que trouxeram das reservas de Água Boa e Pradinho. Na tabela a seguir, disponho as reservas Maxakalí, suas áreas em hectares e números demográficos:

TABELA 1 RESERVAS/ALDEIAS MAXAKALÍ

Reservas/Aldeias	Localização	Hectares	População estimada
Pradinho	Município de Bertópolis	5.305 hectares	570 indivíduos
Água Boa	Santa Helena de Minas		595 indivíduos
Aldeia Verde	Município de Ladaíinha	522,72 hectares	222 indivíduos
Cachoeirinha	Distrito de Topázio, município de Teófilo Otoni	606,19 hectares	68 indivíduos
TOTAL		6.433, 91 ha	1455 indivíduos

No ano de 2008, algumas famílias de índios Maxakalí, instalados na Aldeia Verde, retornaram à aldeia de Água Boa por não mais suportarem o exílio das terras tradicionais, entre elas incluem-se a de Pinheiro Maxakalí, um dos informantes desta pesquisa. No próximo capítulo, informo sobre o tronco linguístico e a família a que pertence a língua Maxakalí. Além disso, mostro as principais características da língua Maxakalí.

CAPÍTULO 2: CLASSIFICAÇÃO E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA LÍNGUA MAXAKALÍ

Neste capítulo, trato brevemente do tronco Macro-jê e da família Maxakalí e mostro algumas características da língua Maxakalí que permitem incluí-la geneticamente no tronco Macro-jê, como é classificada desde Rodrigues (1986). Ainda neste capítulo, descrevo as principais características fonológicas da língua Maxakalí, como o quadro fonêmico, a pré-nasalização, a ressilabificação, a pré-vocalização e algumas características lexicais e fonológicas da língua ritual.

2.1 O TRONCO MACRO-JÊ E A FAMÍLIA MAXAKALÍ

A língua Maxakalí pertence ao tronco Macro-jê e à família homônima Maxakalí (Rodrigues, 1986), à qual também pertenciam as línguas Pataxó, Kapoxó, Monoxó, Makoní e Malalí. O Maxakalí é atualmente a única língua ainda viva dessa família, à qual, juntamente com outras, cujo número varia entre quatorze e dezesseis, pertence ao tronco linguístico Macro-Jê. O termo Macro-Jê, segundo Rodrigues (1999), foi proposto por Mason (1950: 287) e designava um vasto número de línguas que se pensava estarem relacionadas à família linguística Jê. Segundo Almeida (2004), o termo foi cunhado por Martius em 1867 e substituiu denominações anteriores, como ‘Tapuya’ e ‘Tapuya-Jê’. O termo Jê, segundo Ribeiro (2006), é relativo à família de mesmo nome e seria derivado do morfema coletivo [ʒe]. Tal morfema ocorre em várias línguas pertencentes à família.

Embora o tronco linguístico Macro-Jê seja ainda uma hipótese de trabalho, ele é assumido por muitos autores, dentre eles Rodrigues (1986, 1999), cuja classificação é a mais aceita, segundo Ribeiro (2006). A classificação de línguas em troncos e famílias é baseada, segundo Rodrigues (2007), no método comparativo, usado pela Linguística Histórica entre os séculos XIX e XX para estudar as línguas indo-européias. Estudos

que empregam tal método baseiam-se na regularidade de alterações fonológicas de um grupo de línguas determinado e postulam, com base nessas regularidades, que as línguas têm um ancestral comum no passado. De acordo com Rodrigues (1999), boa parte das línguas que supostamente compõem o tronco Macro-Jê já estão mortas, e as que se mantêm vivas são ainda pouco documentadas, o que dificulta sua relação com os membros mais conhecidos do tronco. Não há ainda um consenso na literatura sobre quais famílias inclui o tronco Macro-Jê. O número varia entre quinze e dezesseis. Segundo Ribeiro (2005), além da família Maxakalí, pertenceriam também ao tronco Macro-Jê as famílias Jê, Kamakã, Krenak, Purí (Coroado), Ofayé, Rikbaktsá, Boróro, Karajá, Karirí, Jabuti, Yatê, Guató, Chiquitano e Otí. A inclusão da família Karirí, por exemplo, é defendida apenas por Rodrigues (1999) e Greenberg (1987), mas não por Ribeiro (2006) e nem por Kaufman (1994), enquanto que apenas Greenberg defende a inclusão da família Otí.

Mostro no quadro abaixo, reproduzido de Rodrigues (1999) e Ribeiro (2006), as quinze famílias e línguas que pertencem ao tronco Macro-Jê:

TABELA 1
FAMÍLIA E LÍNGUAS DO TRONCO MACRO-JÊ
Fonte: baseado em Ribeiro (2006)

Famílias		Línguas
1	Jê	†Jeikó Jê setentrional: Panará, Suyá, Kayapó, Timbira (Parkatêjê, Pykobjê, etc), Apinajé; Jê central: Xavante, Xerente, †Acroá-Mirim, †Xacriabá; Jê austral: Kaingáng, Xoklém, †Ingaín.
2	Kamakã	†Kamakã, †Mongóyó, †Meniém, †Kotoxó, †Massakarã.
3	Maxakalí	†Pataxó, †Kapoxó, †Monoxó, †Makoní, †Malalí, Maxakalí.
4	Krenak	Krenak (Botocudo, Borúm).
5	Purí (Coroado)	†Coroado, †Purí, Koropó.
6	Ofayé	Ofayé.
7	Rikbaktsá	Rikbaktsá.
8	Boróro	Boróro, †Umutína, †Otúke.
9	Karajá	Karajá (incluídos quatro dialetos: Karajá austral, Karajá setentrional, Javaé e Xambioá).
10	Karirí	Karirí, †Kipeá, Dzubukuá, †Pedra Branca, †Sabuyá (incluído por Greenberg, mas não por Ribeiro e Kaufman).
11	Jabutí	Djeoromitxí (Jabuti), Arikapú.
12	Yatê	Yatê.
13	Guató	Guató.
14	Chiquitano	Chiquitano (Besiro).
15	Otí	†Otí (Eo-Xavante) (A inclusão do Otí, proposta somente por Greenberg, não é substantiada pelos dados disponíveis).

Na tabela 1, mostro as famílias que pertencem ao tronco Macro-Jê e as línguas pertencentes a essas famílias. No item 3 da tabela, vê-se que, das línguas que integram a família Maxakalí, apenas a língua Maxakalí ainda sobrevive¹.

¹ A s cruzes marcando algumas línguas indicam que a língua em questão está morta.

Com relação à família Maxakalí, Loukotka (1931) a divide em três grupos distintos, que juntos incluem nove línguas.

TABELA 2
FAMÍLIA MAXAKALÍ²

OCCIDENTAL		ORIENTAL		MERIDIONAL	
1	Maxakalí	7	†Pataxó	9	†Malalí
2	†Kapoxo	8	†Hãhãhã		
3	†Cumanaxo				
4	†Panháme				
5	†Monoxo				
6	†Makoni				

Atualmente, das nove línguas incluídas por Loukotka (1931) na família Maxakalí, apenas o Maxakalí é ainda falado. A língua Maxakalí e os outros membros da família, muitos por dedução, mostram estreita relação entre si, o que permite a sua inclusão na mesma família³. O fato de apenas a língua Maxakalí ainda ser falada dificulta a pesquisa em tipologia das línguas dessa família. Este trabalho constitui, por isso, uma importante contribuição para estudos tipológicos futuros sobre a família linguística Maxakalí.

Em comparação com línguas de outros troncos, as línguas do tronco Macro-Jê, apresentam, em geral, segundo Ribeiro (2006):

- (a) inventário de vogais maior em relação ao inventário consonantal;
- (b) padrões silábicos mais simples em relação àqueles de línguas de outros troncos;
- (c) acento predizível;
- (d) morfologia flexional relativamente simples;
- (e) o verbo geralmente localiza-se em final de sentença;
- (f) ocorrência de posposições em vez de preposições;
- (g) os adjetivos são expressos por nomes ou verbos descritivos.

Ainda segundo Ribeiro (2006), algumas línguas Macro-Jê são predominantemente ergativas. Na próxima seção, tratarei sobre a língua Maxakalí.

² MÉTRAUX e NIMUENJADÚ (1946), consideram o Malalí e o Pataxó famílias linguísticas distintas.

³ A inclusão de algumas línguas nessa família é, entretanto, controversa. Métraux e Nimuendajú (1946), por exemplo, consideram o Pataxó e o Malalí, por exemplo, famílias distintas da família Maxakalí.

2.2 A LÍNGUA MAXAKALÍ

A língua Maxakalí é denominada pelos índios *tikmũ'ũn yĩyax* [tɨjkʷmũʔ'ũʒnʷ ɲĩjɲ'aj] 'língua *tikmũ'ũn*' ou, por influência do português, *Mãxakani* [mãʔtʃaka'diʔ]. É falada como primeira língua pela totalidade dos Maxakalí, que compõem, aproximadamente, uma população de 1400 indivíduos, distribuída nas três reservas Maxakalí mencionadas no capítulo anterior.

Atualmente, a língua Maxakalí é classificada no Atlas da UNESCO das Línguas em Perigo⁴ como vulnerável em relação ao grau de vitalidade e perigo de desaparecimento.

Dentre as características mencionadas por Ribeiro (2006) como próprias das línguas Macro-Jê, a língua Maxakalí compartilha as seguintes características:

- (1)
- (c) Acento previsível,
- (d) Morfologia flexional simples,
- (e) O verbo no final da sentença,
- (f) Ocorrência de posposições,
- (g) Os adjetivos são expressos por verbos descritivos.

As características acima serão exploradas nos capítulos 5 e 7. Na seção que se segue, apresento as principais características da fonologia da língua Maxakalí, que contribuirão para a interpretação dos dados a serem analisados nesta pesquisa.

⁴ Informação disponível no endereço eletrônico <http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?pg=00206>.

2.2.1 FONOLOGIA DA LÍNGUA MAXAKALÍ

De acordo com Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970), doravante GPP, a língua Maxakalí possui vinte fonemas: dez fonemas consonantais, dentre os quais seis são orais /p/, /t/, /c/, /k/, /ʔ/, /h/ e quatro são nasais /m/, /n/, /ɲ/, /ŋ/, e dez fonemas vocálicos, cinco orais /a/, /e/, /i/, /o/, /u/ e cinco nasais /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/⁵.

Dentre os fonemas consonantais, para cada ponto de articulação, exceto o laringal, há um par oral/nasal de consoantes labiais /p/, /m/, coronais /t/, /n/, palatais /c/, /ɲ/ e dorsais, como ilustrado na tabela 3:

TABELA 3
SÉRIES PARALELAS ORAL/NASAL

consoantes	labial	coronal	palatal	Dorsal	laringal
oral	p	t	c	k	ʔ h
nasal	m	n	ɲ	ŋ	

As consoantes nasais do Maxakalí têm alofones inteiramente nasais [m], [n], [ɲ] e [ŋ], parcialmente nasais [ᵐb], [ᵐd], [ᵐdʒ], [ᵐg], e completamente orais [b], [d], [dʒ] e [g], como mostro na tabela 4 abaixo:

TABELA 4
ALOFONIA DAS CONSOANTES NASAIS

/m/	nasal bilabial	[m]	[ᵐb]	[b]
/n/	nasal alveolar	[n]	[ᵐd]	[d]
/ɲ/	nasal palatal	[ɲ]	[ᵐdʒ]	[dʒ]
/ŋ/	nasal velar	[ŋ]	[ᵐg]	[g]

Reproduzo as informações da tabela 4 nos exemplos de (2) a (4):

⁵ Nesta tese, não discutirei sobre o inventário de consoantes e vogais fonológicas do Maxakalí. Sobre este assunto, remeto o leitor a Rodrigues (1981); Araújo (2000b), (2001) e Wetzels (2007).

ALOFONES NASAIS

- (2a) /m/ [m] - /mõŋ/ [mõŋ] ‘ir’
 (2b) /n/ [n] - /nõŋ/ [nõŋ] ‘proibir’, ‘terminar’
 (2c) /ɲ/ [ɲ] - /ɲã/ [ɲãʔ] ‘partícula enfática’
 (2d) /ŋ/ [ŋ] - /õŋ/ [õŋ] ‘teu’

ALOFONES PARCIALMENTE NASAIS

- (3a) /m/ [ᵐb] – /moc/ [ᵐboj] ‘boi’
 (3b) /n/ [ᵐd] - /nac/ [ᵐdac] ‘panela’
 (3c) /ɲ/ [ᵐdʒ] - /ɲak/ [ᵐdʒak] ‘jaca’
 (3d) /ŋ/ [ᵐg] - /ŋõɲ/ [ᵐgõɲ] ‘fumaça’

ALOFONES ORAIS

- (4a) /m/ [b] – /ĩmok/ [ĩᵐmʰbɔkʷ] ‘cachoeira’
 (4b) /n/ [d] - /nak/ [dakʷ] ‘seco’
 (4c) /ɲ/ [dʒ] - /koɲemok/ [kudʒæɣpʰbowkʷ] ‘curiango’⁶
 (4d) /ŋ/ [g] - /ŋõɲ/ [gõɲ] ‘fumaça’

Em (2), alofones consonantais nasais ocorrem apenas juntos a vogais nasais. Em (3), alofones consonantais parcialmente nasais ocorrem apenas juntos a vogais orais. Em (4), alofones orais ocorrem apenas juntos a vogais orais.

A pré-nasalização ocorre na língua também com função gramatical na língua. Nesse caso, figura como uma das realizações fonéticas do prefixo flexional de pessoa {ũ-} [ũ], que, junto a verbos intransitivos, tem a função de estabelecer concordância de pessoa com o sujeito. A marca flexional de pessoa {ũ-} [ũ] pode ocorrer como (5) uma oclusiva glotal seguida de uma vogal plena, (6) como uma vogal plena, (7) como uma consoante pré-nasalizada ou ainda (8) apenas como uma oclusiva glotal, como mostro nos exemplos a seguir:

⁶ Ave noturna da família dos Caprimulgídeos.

(5) REALIZAÇÃO COMO OCLUSIVA+VOGAL

- (5a) /ũ# mai/ [ʔũba'iʔ] 'ele é bom'
 (5b) /ũ# nak/ [ʔũ'dakʔ] 'ele é seco'
 (5c) /ũ# ɲok/ [ʔũ'dʒowkʔ] 'ele é reto'
 (5d) /ũ# ŋãɲ/ [ʔũ'gãɲ] 'ele é bravo'

(6) REALIZAÇÃO COMO VOGAL PLENA

- (6a) /ũ# mai/ [ũ'ba'iʔ] 'ele é bom'
 (6b) /ũ# nak/ [ũ'dakʔ] 'ele é seco'
 (6c) /ũ# ɲok/ [ũ'dʒowkʔ] 'ele é reto'
 (6d) /ũ# ŋãɲ/ [ũ'gãɲ] 'ele é bravo'

(7) REALIZAÇÃO COMO UMA CONSOANTE PRÉ-NASALIZADA

- (7a) /ũ# mai/ [ᵐba'iʔ] 'ele é bom'
 (7b) /ũ# nak/ [ᵐdakʔ] 'ele é seco'
 (7c) /ũ# ɲok/ [ᵐdʒowkʔ] 'ele é reto'
 (7d) /ũ# ŋãɲ/ [ᵐgãɲ] 'ele é bravo'

(8) REALIZAÇÃO COMO UMA CONSOANTE OCLUSIVA GLOTTAL

- (8a) /ũ# mai/ [ʔba'iʔ] 'ele é bom'
 (8b) /ũ# nak/ [ʔdakʔ] 'ele é seco'
 (8c) /ũ# ɲok/ [ʔdʒowkʔ] 'ele é reto'
 (8d) /ũ# ŋãɲ/ [ʔgãɲ] 'ele é bravo'

Os exemplos de (5) a (8), mostram as realizações fonéticas possíveis da marca de pessoa {ũ-} [ũ] como prefixo verbal.

Com relação aos fonemas vocálicos, estes têm séries paralelas de vogais orais e nasais. Na tabela a seguir, disponho as vogais de acordo com sua classificação:

TABELA 5
SEGMENTOS VOCÁLICOS

		anterior		central		posterior	
		arred	não-arred	arred	não-arred	arred	não-arred
alta	oral		i				u
	nasal		ĩ				ũ
média- alta	oral		e			o	
	nasal		ẽ			õ	
baixa	oral				a		
	nasal				ã		

Com relação à alofonia, mostro, a seguir, os sons consonantais e vocálicos mais comuns da língua Maxakalí segundo sua classificação. Por sons mais comuns considerei os segmentos que foram identificados nas transcrições fonéticas para esta pesquisa:

TABELA 6
SONS CONSONANTAIS E VOCÁLICOS DO MAXAKALÍ

SONS CONSONANTAIS							
consoantes		bilabial	alveolar	palatal	alveopalatal	velar	glotal
Oclusiva	surda	p	t			k	ʔ
	sonora	b	d			g	
Nasal		m	n		ɲ	ŋ	
Fricativa				c	ʃ		h
Africada	surda		tʃ				
	sonora		dʒ				
SONS VOCÁLICOS							
		anterior		central		posterior	
		arred	não-arred	arred	não-arred	arred	não-arred
alta	oral	ɪ	i	ɨ		u	ɯ
	nasal	ĩ	ĩ	ĩ		ũ	ũ
média-alta	oral		e			o	ɤ
	nasal		ẽ			õ	ẽ
média-baixa	oral		ɛ	ɜ		ɔ	
	nasal			ẽ			
baixa	oral			a			
	nasal			ã			

Destaco a variação na realização fonética do fonema consonantal /ç/, como uma consoante fricativa palatal [ç]. Tal consoante realiza-se preponderantemente como uma consoante africada alveopalatal [tʃ] em início de sílaba e como um glide palatal [j] no final de sílaba:

(9)

Xaho [tʃa'hoʔ] ‘gambá’

Xopekex [tʃopæ'kæj] ‘cachorro-do-mato’

Tohox [to'hoj] ‘corda’

O fonema /ç/ pode também se realizar como uma fricativa palatal, tanto no início quanto no final de sílaba, mas tal ocorrência restringe-se a poucos falantes:

(10)

Xaho [ca'hoʔ] ‘gambá’

Xopekex [copæ'kæc] ‘cachorro-do-mato’

Tohox [to'hoc] ‘corda’.

Na próxima seção, tratarei da pré-vocalização.

2.2.1.1 PRÉ-VOCALIZAÇÃO

Quando as consoantes ocorrem na posição de coda da sílaba, tais consoantes desenvolvem uma pré-vocalização. A vogal que surge com a pré-vocalização pode suprimir a consoante que a hospeda parcial ou totalmente, de forma que apenas a vogal seja pronunciada. Assim, as consoantes /m/, /n/, /ɲ/, /ŋ/, /p/, /c/, /t/ desenvolvem foneticamente vogais hospedeiras na posição da *coda* silábica que se realizam como dispenho no quadro a seguir:

TABELA 7
PRÉ-VOGAIS

Coda silábica	Valor fonético da pré-vogal	Classificação	Exemplos
/m/	[ɰ]	Vogal média-posterior não arredondada nasal	/kãm/ [kãɰm] ‘filha’
/n/	[ɜ]	Vogal central nasal	/pũn/ [pũɜ] ‘pular’
/ɲ/	[j]	Vogal alta anterior nasal	/ɲĩɲ/ [jĩjɲ] ‘falar’
/ŋ/	[ɪ]	Vogal alta anterior nasal	/nãŋ/ [nãɪŋ] ‘pequeno’
/p/	[ɰ]	Vogal média-posterior não arredondada oral	/pep/ [pæɰp] ‘parir’
/c/	[j]	Vogal alta anterior oral	/cec/ [tʃæj] ‘pintar’
/t/	[ɜ]	Vogal central oral	/kot/ [koɜt] ‘cavar’

Na tabela 6, as consoantes da primeira coluna têm suas pré-vogais correspondentes na segunda coluna. Na próxima seção, descreverei os padrões silábicos possíveis na língua Maxakalí.

2.2.1.2 A SÍLABA EM MAXAKALÍ

Segundo GPP, há em Maxakalí quatro tipos silábicos fonológicos: N, ON, NC, ONC⁷ e as classes fonéticas vogal e consoante são responsáveis pela sua forma fonética:

TABELA 8
PADRÕES SILÁBICOS

Sílaba fonológica	Sílabas fonéticas correspondentes		
N	V		
	/mẽ.õn/ [mẽ'õ̃] 'gato'		
ON	CV	CCV	
	/po.ta.ha/ [pota'ha] 'chorar'	/no.oc/ [ᵿdo'oj] 'ondular'	
NC	VC	VCC	
	/no.oc/ [dʒo'oj] 'arranhar'	/ɲe.ec/ [gæ'æjɕ] 'fritar'	
ONC	CVC	CCVC	CVCC
	/pa.cok/ [pa'tʃokᵿ] 'milho'	/toc/ [ᵿtoj] 'ser longo'	/po.hoc/ [po'hojɕ] 'flecha'
	CVCV	CCVCV	CVCVC
	/tec.ɲõj/ [tæj'gõwĩ] 'arranhar'	/ʔã.muuc/ [ʔãᵿbuiyi] ⁸	/con/ [tʃõʒnᵿ] 'abrir'
	CCVCVC	CVV	CCVVC
	/puut/ [ᵿpuiyʒtᵿ] 'parir' SING	/cak/ [tʃaʒ] 'caçar'	/pep/ [ᵿpæʒpᵿ] 'parir' PL

Com relação ao acento, este localiza-se, normalmente, na última sílaba em Maxakalí:

⁷ N (núcleo), O (onset) e C (coda).

⁸ Os dados que colhi não contemplam essa estrutura silábica.

(11)

Hõnhã /hõnhã/ [hõ̃hãʔ] ‘hoje’**Ãmãñ** /ãmãñ/ [ã'mã̃ñ] ‘abelha arapua’⁹**Potxitpot** /pocitpot/ [pu'tʃiç'puçtʔ] ‘algodão’**Kũñõnhup** /kũñõnhup/ [kũ'nõ̃ñʔ'hũçpʔ] ‘lagarta’**Kotep** /kotep/ [ko'tæçpʔ] ‘barbeiro’¹⁰**Xupunupa** /cuçpuunupa/ [tʃiçpuudu'paʔ] ‘inhambu’¹¹.

As palavras em (11) têm sua última sílaba acentuada. Na próxima seção, tratarei do fenômeno de ressilabificação.

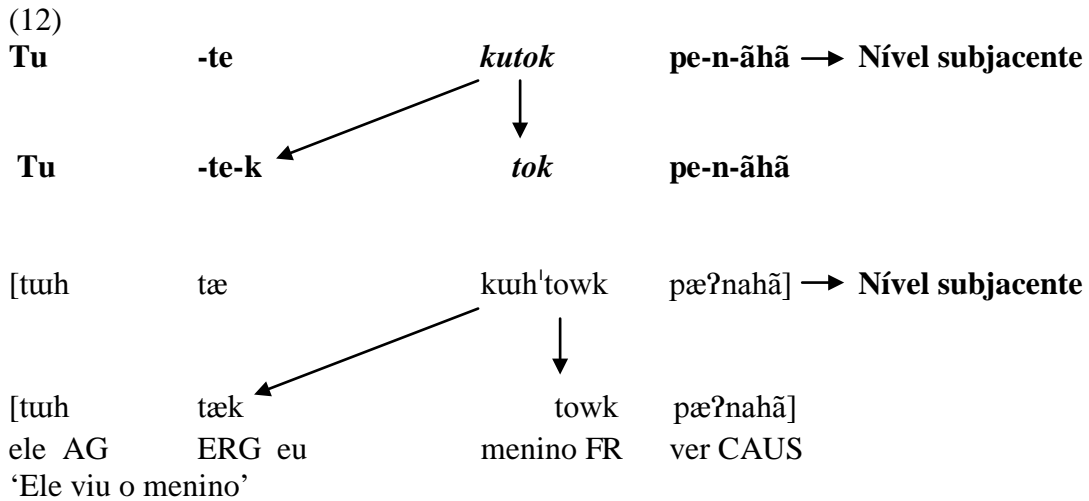
2.2.1.2.1 RESSILABIFICAÇÃO

Em Maxakalí, há um fenômeno de ressilabificação, descrito brevemente por Wetzels (1995), no qual determinadas sílabas de certas palavras se desfazem para formar outra sílaba numa palavra antecedente. Quando uma sílaba aberta final de uma palavra é seguida por outra palavra, cuja primeira sílaba se inicie por *onset* oclusivo e vogal posterior não-arredondada [u], a sílaba que detém essa vogal é ressilabificada, cedendo o *onset* da primeira sílaba à sílaba da palavra anterior. Mostro abaixo os exemplos por meio de representações meramente ilustrativas. As transcrições ortográficas e fonéticas estão dobradas e representam, cada uma, um nível subjacente ou ideal (anterior à ressilabificação) e um nível normal/superficial (em que já ocorreu a ressilabificação). O primeiro nível, a que chamo de subjacente ou ideal, ilustra um estágio hipotético em que ainda não ocorreu a ressilabificação:

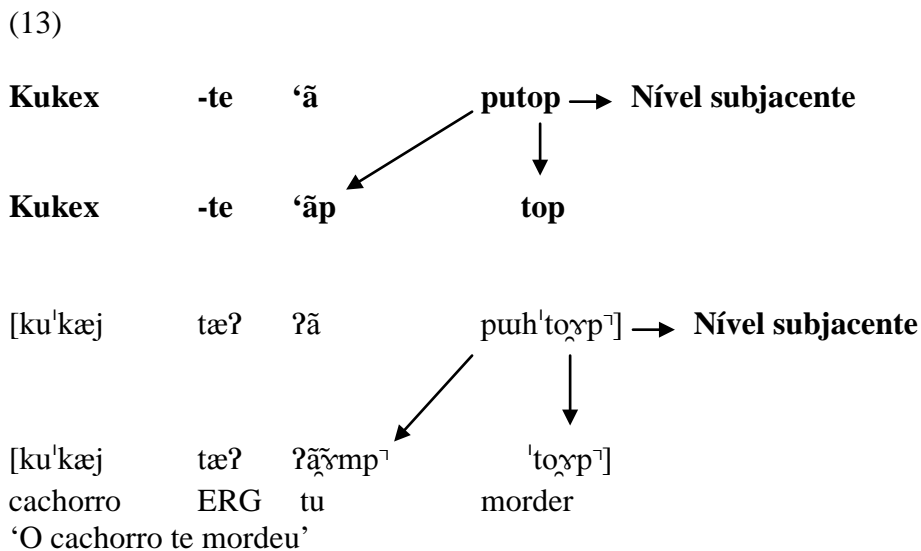
⁹ Espécie de abelha sem ferrão da subfamília dos Meliponídeos.

¹⁰ Inseto hemíptero, pertencente à família dos Reduviídeos.

¹¹ Ave de hábito terrícola da família dos Tinamídeos.

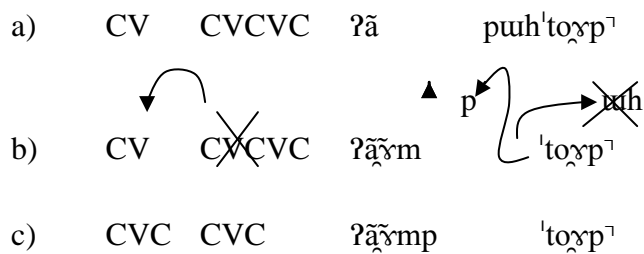


Na sentença acima, a primeira sílaba do nome *kutok* [kuh'towk¹] 'menino', em itálico, é desfeita ou ressilabificada: *tok* [towk]. Nesse processo, a vogal [u] da primeira sílaba é suprimida e o *onset* dessa sílaba passa a coda da sílaba da palavra anterior, que, no exemplo, é a partícula ergativa {-te}, uma sílaba aberta antes da ressilabificação. No exemplo seguinte, a sílaba de um verbo *putop* 'morder', composta de oclusiva surda e da vogal [u], é igualmente ressilabificada para que o pronome, composto apenas de vogal, tenha sua sílaba fechada:

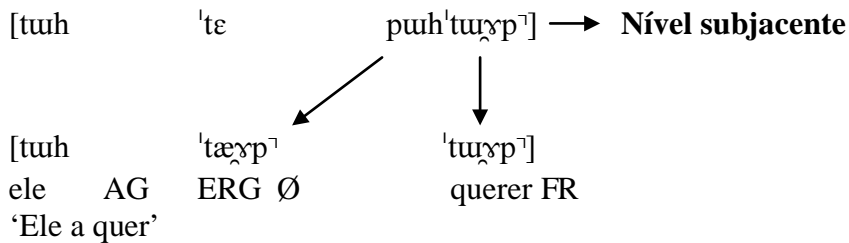
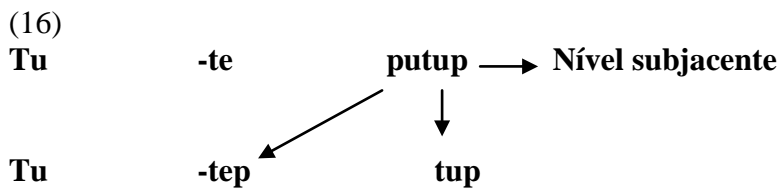
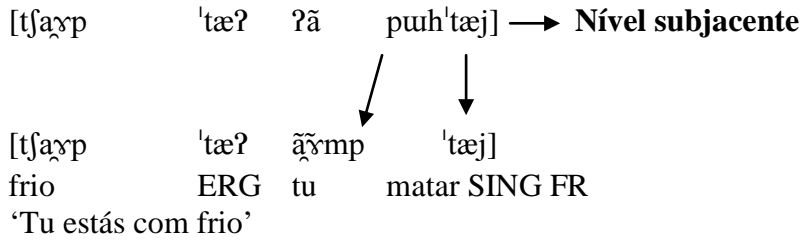
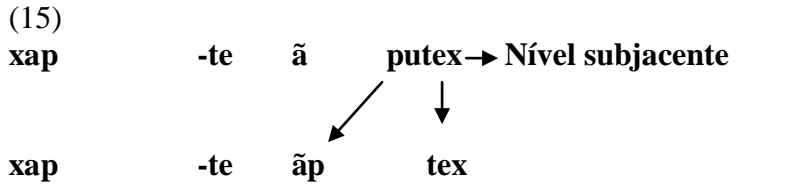


O pronome ‘ã [ʔã], ‘tu’, na sentença acima, é também seguido de uma palavra com sílaba inicial composta de oclusiva e vogal [u]. Essa vogal é suprimida e o *onset* da sua sílaba passa à sílaba da palavra anterior, tornando-a fechada. A ilustração abaixo ilustra a explicação em três supostas etapas:

(14)



Na etapa (a), uma palavra com sílaba aberta antecede uma palavra com sílaba composta por *onset* oclusivo e vogal nuclear [u]. Na etapa (b), o *onset* oclusivo passa a fechar a sílaba da palavra anterior e a vogal nuclear da sílaba desfeita é suprimida, restando apenas a segunda sílaba da palavra original. Em (c), a sílaba que estava aberta agora é fechada e seguida do que restou da palavra cuja sílaba foi desfeita. Esse fenômeno é também chamado por Wetzels (1985) de síncope. Palavras como *putex* [pu^htæj] ‘matar’, *putup* [puh^htuɣp^ɿ] ‘querer’ e *putop* [puh^htoɣp^ɿ] ‘morder’, por exemplo, tornam-se, depois da ressilabificação, *tex* [tæj], *tup* [tuɣp^ɿ] e *top* [toɣp^ɿ]. A seguir arrolo mais dois exemplos de ressilabificação:



Nas sentenças acima, o pronome de segunda pessoa '**ã** [ʔã], e a partícula ergativa {-te}

[tɛ?], ambas sílabas abertas, tomam os *onsets* das sílabas iniciais dos verbos **putex**

[puh'tæj] 'matar', e **putup** [puh'tuɣpʔ] 'querer' e os tornam suas *codas*:

(17a) ʔã + puh'tæj > ãxmp 'tæɣpʔ

(17b) tæ? + puh'tuɣpʔ > tæɣpʔ 'tuɣpʔ

(17c) tæ? + puh'toɣpʔ > tæɣpʔ 'toɣpʔ

Fenômeno semelhante ocorre quando uma sílaba aberta antecede o prefixo de pessoa {ũ-} [ũ] em verbos, cuja primeira sílaba seja constituída de vogal posterior não-arredondada [u]. Geralmente, a sílaba aberta em questão é o intensificador **yã** [jãʔ]:

(18a)

Yã [jãʔ] + **ponok** [po'dowkʰ] > **yãp nok** [jãʔm'dowkʰ] ‘é branco’

(19b)

Yã [jãʔ] + **kuťynãg** [kuťijj'nãŋ] > **yãg tĩynãg** [jãŋ tĩj'nãŋ] ‘é pequeno’

Como nos outros casos que relatei acima, os verbos descritivos **ponok** [po'dowkʰ] e **kuťynãg** [kuťijj'nãŋ] têm sua primeira sílaba ressilabificada, de modo que os *onsets* dessas sílabas tornam-se *codas* das sílabas abertas que precedem os verbos, fechando-as:

(20a)

Yã [jã] > [jãʔm]

(20b)

yãp nok [jãʔm'dowkʰ] ‘está branco’

(21a)

Yã [jã] > [jãŋ]

(21b)

yãg tĩynãg [jãŋ tĩj'nãŋ] ‘é pequeno’.

Nos exemplos (20) e (21), o modificador [jã], uma sílaba aberta, torna-se uma sílaba fechada após a ressilabificação. Em (20), sua coda é uma nasal bilabial e em (21) nasal velar. Na seção seguinte, tratarei brevemente da língua usada em cantos rituais.

2.2.2. LÍNGUA DOS CANTOS

Os Maxakalí empregam, além da língua falada, uma modalidade linguística usada em cantos rituais que muito difere da modalidade falada, pelo menos no que concerne ao léxico. Tal modalidade aparentemente não é falada, mas apenas usada nos *yãmĩy-xop*¹². Os cantos rituais são tradicionalmente transmitidos aos descendentes no cotidiano e nos rituais, como exercício mnemônico para conservar os conhecimentos neles contidos (cf. Tugny, 2006). As discrepâncias que às vezes há entre a língua falada e a usada em alguns cantos torna, frequentemente, alguns textos da modalidade cantada ininteligível principalmente para os mais jovens, que, sem a ajuda de um pajé ou de um ancião, são incapazes de compreendê-los. Na tabela abaixo mostro alguns exemplos lexicais que evidenciam a diferença entre a língua falada e a ritual:

¹² Segundo ALVARES, 1992, os *yãmĩy-xop* são ciclos rituais que definem o calendário Maxakalí. Os *yãmĩy-xop* são também, segundo ALVARES, as almas dos mortos, os espíritos cantores. O termo *yãmĩy-xop* designa também os próprios cantos que cada indivíduo Maxakalí possui. Os cantos *yãmĩy-xop* são usados em rituais, dependendo do calendário Maxakalí e do espírito a ser chamado.

TABELA 9
LÍNGUA FALADA E LÍNGUA DOS CANTOS

nº	LÍNGUA FALADA	LÍNGUA DOS CANTOS	PORTUGUÊS
1	Ãmãxux [ʔãmä'tʃij]i	Hãmyak [hãĩm'dzakʔ]	'Anta'
2	Hãmgây [hãĩm'gãij]	Xokãnet [tʃowkʔã'dɛʒtʔ]	'Onça'
3	Ĩmmok [ĩĩ'bowkʔ]	Kuktopa [kukʔto'paʔ], Xamoka [tʃabo'kaʔ]	'Cachoeira'
4	Kakxop [kakʔtʃuɣpʔ]	Kõnõmĩy ¹³ [kõnõ'mĩij]	'Menino'
5	Kokex [ku'kæj]	Xokxamap [tʃowkʔʃa'baɣpʔ]	'cão'
6	Konããg [kunãʔãʔ]	Kukmi [kikʔ'bi]	'Água'
7	'Ũhũn [ʔũ'hũɣn]	Kõyãg ¹⁴ [kũ'jãŋ]	'Mulher'
8	Kukxexka [kukʔtʃej'kaʔ]	Konãkox [kunãʔ'kuj]	'Rio'
9	Kũnũhũm [kũnũ'hũĩm]	'Ãyõg [ʔã'jõŋ]	'Quati'
10	Kututtap [kutuɣtʔ'taɣpʔ]	Kanepa [kade'paʔ]	'Borboleta'
11	Kuxakuk [kiʔtʃa'kukʔ]	Kukniixex [kukʔdiʔ'tʃæj]	'Capivara'
12	Mãnmãn [mãɣh'mãɣn]	Yãmnãg [jãĩm'nãŋ]	'Pica-pau'
13	Mã'ây [mã'ãij]	Kukanit [kuka'djɛtʔ]	'Jacaré'
14	Nãhã [nã'hãʔ]	Ãnãnã [ãã'hãʔ]	'Urucum'
15	Penãhã [pæʔnã'hãʔ]	Pami [paʔ'biʔ]	'Ver/olhar'
16	Pohox [po'hoj]	Makayok [baka'dzowkʔ]	'Flecha'
17	Puxoõy [puɣõ'ʔõij]	Kunixnõg [kudij'nõŋ]	'Minhoca'
18	Tepta [tɛɣpʔ'taʔ]	Mihaxta [bihaj'taʔ]	'banana'
19	Ũg [ũŋ]	Ĩy [ĩj]	'Eu'
20	Xaxup [tʃa'puɣpʔ]	Xokxax/xax [tʃowkʔ'tʃaj]	'Porco'
21	Xuta [tʃihʔaʔ]	Nãnãnãm [nãã'nãĩm]	'Vermelho'

A tabela acima mostra que nomes da língua falada, na primeira coluna, diferem completamente dos nomes da língua dos cantos ou língua ritual na segunda coluna. Na língua dos cantos, alguns itens lexicais mostram diferença apenas no vozeamento de consoantes:

¹³ Provável empréstimo de língua Tupi.

¹⁴ Provável empréstimo de língua Tupi. Agradeço à Prof^a Rosângela Tugny por me chamar a atenção para os dados de 4 e 7.

TABELA 10
DIFERENÇA DE VOZEAMENTO

n ^o	LÍNGUA FALADA	LÍNGUA DOS CANTOS	PORTUGUÊS
1	Ãta [ʔãh'taʔ]	Ãna [ʔãh'daʔ]	‘vermelho’
2	Kopa [ku'paʔ]	Koma [ku'baʔ]	‘dentro’ POSP
3	Mai [ba'iʔ]	Pax [pa'iʔ]	‘bom’
4	Pakut [pa'kuɔ̃tʰ]	Makoix [ba'koji]	doente
5	Pet [pæɔ̃tʰ]	Met [bæɔ̃tʰ]	‘casa’
6	Pip [piɔ̃pʰ]	Mip [biɔ̃pʰ]	‘deitar’
7	Putuk [pu'tuɔ̃kʰ]	Punuk [pu'duɔ̃kʰ]	‘semelhante’
8	Putuxnãg [puɔ̃tuɔ̃j'nãŋ]	Punuxnãg [puɔ̃duɔ̃j'nãŋ]	‘ave’
9	Xuktux [tʃuɔ̃kʰ'tuɔ̃j]	Xuknux [tʃuɔ̃kʰ'duɔ̃j]	‘relatar’
10	Xũnĩm [tʃũ'nĩɔ̃m]	Yũnĩm ¹⁵ [jũ'nĩɔ̃m]	‘morcego’

A diferença de vozeamento sugere que, historicamente, no Maxakalí, houve ensurdecimento de consoantes sonoras. Na próxima seção, faço as considerações finais sobre este capítulo.

2.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO

Neste capítulo, tratei brevemente do tronco Macro-Jê e das famílias linguísticas nele incluídas. Em seguida, mostrei que a única língua ainda viva da família Maxakalí é a língua Maxakalí. Procedi em seguida à descrição das principais características da língua, assim como da sua fonologia. No próximo capítulo, farei uma breve revisão bibliográfica dos principais estudos sobre a língua Maxakalí.

¹⁵ Nesta palavra, a diferença não consiste apenas de vozeamento, mas também de ponto de articulação.

CAPÍTULO 3: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: ESTUDOS SOBRE A LÍNGUA MAXAKALÍ

A língua Maxakalí já foi tema de diversos trabalhos sobre linguística, a maioria sobre fonologia. Dentre esses estudos, GPP (1970), Rodrigues (1981), Wetzels (1995), Araújo (2000b, 2001) e Wetzels (2007) trataram da fonologia da língua. Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970), doravante GPP, descreveram os fonemas da língua; Rodrigues (1981) propõe uma reanálise do inventário fonêmico da língua de forma a ser menos redundante; Pereira (1992) tratou descritivamente de vários temas gramaticais do Maxakalí. Seu trabalho é, depois dos trabalhos de Popovich, a base dos estudos empreendidos sobre a gramática do Maxakalí. Araújo (2000b) retoma dados de GPP (1970) e de Pereira (1992) sobre a morfologia e fonologia e lhes confere interpretação teórica, via Teoria da Otimalidade; Wetzels (2007) analisa a nasalidade do Maxakalí com base na nativização de empréstimos do português pela língua Maxakalí. Neste capítulo, descrevo brevemente essas análises da língua Maxakalí.

3.1 PRIMEIROS ESTUDOS SOBRE A LÍNGUA

Quem primeiro descreveu algo sobre a língua Maxakali foi, até onde sei, o príncipe alemão Maximilian Alexander Philipp zu Wied-Neuwied entre 1815 e 1817. Sua descrição resume-se a um vocabulário de algumas dezenas de palavras. Neuwied colheu também vocabulários das línguas Makoní, Malalí e Pataxó.

Também Curt Nimuedajú registrou um vocabulário Maxakalí-alemão, de 289 palavras, quando, entre 1935 e 1939, passou por Minas Gerais e também pelo Espírito Santo e Bahia, incumbido pela Universidade da Califórnia de registrar os hábitos dos habitantes dessas regiões.

3.2 A DESCRIÇÃO DE POPOVICH

Certamente o estudo mais importante sobre a língua Maxakalí foi empreendido por Harold Popovich e sua esposa. Estadounidenses vinculados ao *Summer Institute of Linguistics* (SIL), o casal Popovich viveu entre os Maxakalí dos anos sessenta aos oitenta. Harold Popovich escreveu diversos manuscritos sobre diferentes questões gramaticais da língua, além de escrever também transcrições de mitos e de desenvolver uma ortografia¹ com o objetivo de traduzir textos evangélicos para essa língua. A descrição da língua Maxakalí por Harold Popovich serviu de base aos estudos seguintes sobre a língua. Na próxima seção, descrevo brevemente o principal trabalho de Popovich e alguns estudos posteriores sobre a língua que foram relevantes no desenvolvimento desta tese.

3.2.1 GUDSCHINSKY, POPOVICH E POPOVICH (1970)

Segundo a descrição de GPP (1970), a língua Maxakalí possui vinte fonemas, dez fonemas consonantais e dez vocálicos. Entre os fonemas consonantais, para cada ponto de articulação há um par oral/nasal: bilabiais /p, m/, alveolares /t, n/, álveo-palatais /c, ɲ/, velares /k, ŋ/ e glotais /ʔ, h/. Os fonemas vocálicos têm séries paralelas de vogais orais e nasais: /a/, /e/, /i/, /o/, /u/ e /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/.

As tabelas 1 e 2, mostram os fonemas consonantais e vocálicos postulados por GPP:

¹ O emprego da ortografia criada por POPOVICH pelos índios possibilitou, e ainda possibilita, o registro escrito de narrativas, mitos, histórias, cartilhas e livros. O registro de material escrito começou com o casal POPOVICH, na forma do novo testamento em Maxakalí e de cartilhas de alfabetização, foi seguido pelo CIMI e hoje é realizado por projetos educacionais e culturais.

TABELA 1
CONSOANTES SEGUNDO GPP (1970)

consoantes	labial	coronal	palatal	Dorsal	laringal
oral	p	t	c	k	ʔ h
nasal	m	n	ɲ	ŋ	

TABELA 2
VOGAIS SEGUNDO GPP (1970)

		anterior		central		posterior	
		arred	não-arred	arred	não-arred	arred	não-arred
alta	oral		i				u
	nasal		ĩ				ũ
média-alta	oral		e			o	
	nasal		ẽ			õ	
baixa	oral			a			
	nasal			ã			

Como se vê nas tabelas 1 e 2, GPP estabelecem seis consoantes orais /p/, /t/, /c/, /k/, /ʔ/ e /h/ quatro consoantes nasais /m/, /n/, /ɲ/ e /ŋ/, cinco vogais orais /a/, /e/, /i/, /o/ e /u/ e cinco vogais nasais /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/ e /ũ/. Segundo GPP, as consoantes nasais do Maxakalí têm alofones inteiramente nasais [m], [n], [ɲ] e [ŋ], completamente desnasalizados [b], [d], [dʒ] e [g] e parcialmente desnasalizados [ᵐb], [ᵐd], [ᵐdʒ] e [ᵐg]². Neste último caso, diz-se haver pré-nasalização. GPP assumem que a pré-nasalização é opcional, isto é, pode ou não ocorrer. Na tabela 3, disponho os fonemas das consoantes vozeadas e seus possíveis alofones, segundo a análise de GPP:

² GPP mencionam ainda alofones desnasalizados. Segundo GPP, as consoantes nasais /m/, /n/, /ŋ/ são desnasalizadas quando precedidas de consoante também nasal: [mĩmmãŋ] ‘galho de pau’, [konãŋ nnõõm] ‘aquela arara’, [komãzn ŋgãj] ‘comadre brava’ podem desenvolver uma transição desnasalizada e desvozeada: /mĩmkoc/ [mĩmpkoj], /mĩnkup/ [mĩɛntkuɣp], /putuucnãŋ putuuc/ [putuujnãŋk puhtuuj]. Em minha análise, limitar-me-ei à nasalização e pré-nasalização, pois o tratamento dos alofones desnasalizados fugiria aos objetivos propostos neste trabalho.

TABELA 3
ALOFONIA DAS CONSOANTES NASAIS

fonemas	/m/	/n/	/ɲ/	/ŋ/
alofones	[m] [ᵐb] [b]	[n] [ᵐd] [d]	[ɲ] [ᵐdʒ] [dʒ]	[ŋ] [ᵐg] [g]

Na tabela 3, vê-se que os fonemas /m/, /n/, /ɲ/ e /ŋ/ podem ter alofones completamente nasais, parcialmente nasais/orais ou completamente orais, sendo que a ocorrência de alofones parcialmente nasais ou pré-nasalizados restringe-se ao *onset* silábico. Mostro exemplos do condicionamento da ocorrência de consoantes orais e nasais postulado por GPP na tabela 4:

TABELA 4
CONSOANTES NASAIS E CONTEXTO DE OCORRÊNCIA

Transcrição fonêmica		Transcrição fonética
Diante de vogal nasal		
/m/, /n/, /ɲ/, /ŋ/		[m], [n], [ɲ], [ŋ]
1a	/mãõn/ (repreender)	[mã' nõ̃ɲn]
1b	/ɲũm/ (sentar-se)	[ɲũ̃ɲm]
1c	/ŋõɲ/ (fumaça)	[gũ̃ɲ]
1d	/nãŋ/ (pequeno)	[nãŋ]
Diante de vogal oral		
/m/, /n/, /ɲ/, /ŋ/		[b]/[ᵐb], [d]/[ᵐd], [dʒ]/[ᵐdʒ], [g]/[ᵐg],
2a	/nak/ (seco)	[dak] [ᵐdak]
2b	/mep/ (cortar)	[bæ̃ɲp] [ᵐbæ̃ɲp]
2c	/ŋahap/ (garrafa)	[ᵐga' hãɲp]
2d	/ɲok/ (levantar-se)	[dʒowk] [ᵐdʒowk]

Na tabela 4, vê-se que as consoantes /m/, /n/, /ɲ/ e /ŋ/, nos exemplos em (1), são foneticamente nasais porque estão contíguas a vogais nasais. Já nos exemplos em (2), porque precedem vogais orais, tais consoantes são foneticamente orais ou parcialmente nasais. Descrevo a seguir a alofonia das consoantes na posição de *coda* silábica.

3.2.2 PRÉ-VOCALIZAÇÃO

De acordo com GPP (1970), quando as consoantes ocorrem na posição de *coda* na sílaba, tais consoantes desenvolvem uma pré-vocalização. A vogal que surge com a pré-vocalização é homorgânica à consoante que a hospeda e pode suprimi-la parcial ou totalmente, de forma que apenas a vogal seja pronunciada. Assim, as consoantes /p/, /m/, /t/, /n/, /c/, /ɲ/, e /ŋ/ desenvolvem foneticamente vogais hospedeiras homorgânicas na posição da *coda* silábica que se realizam respectivamente como: [ɣ], [ɣ̃], [ɜ], [ɜ̃], [j], [j̃], [ɪ]. Normalmente, a consoante hospedeira é travada, isto é, a consoante hospedeira é articulada, mas de forma desvozeada ou pronunciada de forma débil, destacando-se apenas a pronúncia da pré-vogal, com *status* de vogal plena. Mostro, na tabela 5, as consoantes passíveis de hospedarem uma pré-vogal, sua qualidade fonética e exemplos para ilustrar o processo de pré-vocalização:

TABELA 5
PRÉ-VOCALIZAÇÃO DAS CONSOANTES EM CODA SILÁBICA

Segmento	Valor fonético na coda silábica	Classificação	Exemplos
/p/	[ɣ]	Vocóide média-posterior não arredondada	<i>pep</i> [pæɣp̃] ‘pôr’
/m/	[ɣ̃]	Vocóide média-posterior não arredondada nasal	<i>mim</i> [mĩɣ̃m̃] ‘pau’
/t/	[ɜ]	Vocóide central	<i>pet</i> [pæɜt̃] ‘ninho’
/n/	[ɜ̃]	Vocóide central nasal	<i>nün</i> [nũɜ̃ñ] ‘vir’
/c/	[j]	Vocóide alta anterior	<i>nax</i> [daj] ‘vaso’
/ɲ/	[j̃]	Vocóide alta anterior nasal	<i>yñy</i> [ñij̃] ‘voz’
/ŋ/ ³	[ɪ]	Vocóide alta posterior nasal	<i>nãg</i> [nãɪŋ] ‘pequeno’

Na seção seguinte, descrevo a análise de Rodrigues (1986).

³ Segundo GPP (1970), /ŋ/ raramente desenvolve pré-vocalização, mas, em coda silábica, antes de /k/ homorgânico e /ŋ/, torna-se uma vocóide alta posterior nasal [ɪ].

3.3 RODRIGUES (1981)

Nesse texto, Rodrigues propõe uma alteração no quadro fonêmico do Maxakalí em relação à proposta de GPP (1970). Segundo Rodrigues, a análise fonêmica das consoantes nasais proposta por GPP (1970) é “consideravelmente” redundante. Assim, Rodrigues (1981) propõe uma análise menos redundante, na qual as consoantes e as vogais são fonologicamente apenas orais e representadas, de acordo com a sua proposta, como /b/, /d/, /j/ e /g/ e /a/, /e/, /i/, /o/ e /u/.

Rodrigues deriva a nasalidade das consoantes vozeadas finais. Para isso, ele estabelece que palavras são providas com uma especificação de fronteira final de palavra # a partir da qual uma regra que nasaliza vogais vozeadas se aplica:

(1)

$$[+voz] > [+nas] / _____ \#$$

C

A formalização acima expressa a regra segundo a qual segmentos vozeados tornam-se nasais em fronteira final de palavra. A partir da aplicação da regra (1), haveria um processo de nasalizações sucessivas, da direita para a esquerda, engatilhado por outra regra, segundo a qual segmentos vozeados e vogais permitem o espriamento da nasalidade. Esse processo somente seria interrompido quando, em seu curso, houvesse uma consoante obstruinte surda. Mostro abaixo exemplos de nasalização de acordo com a interpretação de Rodrigues:

<p>(2) /bihib#/</p> <p style="padding-left: 2em;">/bihim/</p> <p style="padding-left: 2em;">mĩhĩm [mĩhĩʔm̃] ‘formiga’⁴</p>	<p>(3) /kokod#/</p> <p style="padding-left: 2em;">/kokon/</p> <p style="padding-left: 2em;">kokõn [kokõʔñ] ‘respirar com dificuldade’</p>
---	--

⁴ *Mĩhĩm* designa ‘árvore’ ou ‘madeira’ em Maxakalí e não ‘formiga’ como figura em RODRIGUES (1981).

Os exemplos acima ilustram as consequências da aplicação da regra de nasalização de consoantes vozeadas em fronteira final de palavra. Primeiro, em (2), o segmento vozeado /b/ torna-se nasal e, em sequência, seu traço nasal espalha-se para a vogal que o antecede, passa pela fricativa [h] e alcança a primeira sílaba, nasalizando tanto a vogal como a consoante. Já em (3), a consoante vozeada /d/ torna-se nasal e seu traço nasal se espalha para a vogal que antecede a consoante, mas para aí, pois não pode ir adiante porque a obstruinte /k/ bloqueia a propagação do traço nasal. Portanto, a representação fonêmica de *mãyõn* ‘sol’ seria, de acordo com GPP (1970): /mãjõn/, mas, de acordo com Rodrigues (1981): /bajod/, representação que, segundo Rodrigues (1981), seria menos redundante. Reproduzo abaixo os exemplos usados por Rodrigues para diferenciar a sua representação (R) da que foi proposta por GPP:

(4)

	GPP	R	Representação fonética
4a)	/mãjõn/	/bagod/	[mãjõzn̄] “sol”
4b)	/nũũũm/	/dugub/	[nũũũm̄] “mergulhar”
4c)	/mũũũn/	/budud/	[mũũũzn̄] “formiga”
4d)	/kõnnũũ/	/koddug/	[kõnnũũ] “arara”

Na representação defendida por Rodrigues, diferentemente da de GPP, os segmentos nasais não são representados fonologicamente, pois são previsíveis por contexto. Sendo assim, na representação defendida por Rodrigues, a redundância nasal existente na representação de GPP é eliminada, e, por conseguinte, não há necessidade de postular vogais e consoantes nasais. Uma outra vantagem que a representação de Rodrigues, segundo ele, apresentaria em relação à representação de GPP é a relação mais natural que passaria a haver entre a representação fonológica das obstruintes desvozeadas e sua

representação fonética. Tal fato pode ser observado nos exemplos de Rodrigues que elenco abaixo (cf. Rodrigues, 1981, p.307):

(5)

GPP	R	Representação fonética
/kanop/	/kadop/	[ka'doɣp̣] “escovar, limpar”
/ɲokoma/	/ʒokoba/	[dʒoko'ba] “abaixo”
/ponethok/	/podethok/	[pudeɟt'hoḳ] ⁵ ”muito”

Os exemplos de GPP e de Rodrigues acima mostram a relação entre duas representações fonológicas (a de GPP e a de Rodrigues).

Ao tratar da pré-nasalização, Rodrigues postula uma terceira regra, pois, segundo ele, a pré-nasalização não é oriunda de segmentos adjacentes. Tal regra aplicar-se-ia opcionalmente sobre segmentos vozeados em fronteira inicial de palavra diante de vogal oral:

(6)

[+voz] > ([+nas / -nas]) / #___ [-nas]

C

V

A regra (6) estabelece que as consoantes vozeadas podem ocorrer parcialmente nasalizadas ou não em posição inicial de sílaba: [ᵐb]/[b], [ᵐd]/[d], [ᵐdʒ]/[dʒ], [ᵐg]/[g].

Segundo Rodrigues (1981), as consoantes orais têm alofones parcialmente [ᵐb], [ᵐd],

[ᵐdʒ] e [ᵐg] ou completamente nasais [m], [n], [ɲ] e [ŋ]. Os alofones parcialmente nasais

ocorrem diante de vogal oral em variação livre com alofones orais [b], [d], [dʒ] e [g] e

⁵ Embora GPP, 1970, e RODRIGUES, 1981, registrem a representação /u/ para a primeira vogal da palavra /ponethok/: /puunethok/ (cf. em GPP, 1970, e em RODRIGUES, 1981, p. 307), opto pela representação dessa vogal como uma vogal média-alta posterior arredondada /o/, pois, em meus dados, ela ocorre foneticamente como uma vogal alta posterior arredondada [u], alofone do fonema /o/. Além disso, os índios Maxakalí representam ortograficamente a vogal em questão com o grafema <o>, correspondente ao fonema /o/, e não com o grafema <u>, o grafema que representa o fonema /u/.

os alofones completamente nasais ocorrerem diante de vogais nasais. A seguir, descrevo o tratamento dado por Rodrigues aos compostos da língua.

No que diz respeito aos compostos, Rodrigues postula que a mesma regra da fronteira final de palavra se aplica em fronteira final de morfema. De acordo com essa regra, as consoantes vozeadas na fronteira final de morfema tornam-se nasais, nasalizando todos os segmentos à esquerda, como ilustro no exemplo abaixo:

(7)
/bib#pe/ ‘cama’
bim#pe
bĩm#pe
mĩm#pe

No exemplo acima, a consoante vozeada /d/ torna-se nasal por aplicação da primeira regra (1). Em seguida, o traço nasal da consoante se espalha para a vogal precedente e, como não há segmento capaz de bloquear o traço nasal (pois só obstruintes desvozeadas o podem), ele se espraia para a consoante vozeada que se torna inevitavelmente nasal.

De acordo com a análise de Rodrigues, o Maxakalí passa a ter subjacentemente dez consoantes, mas apenas cinco vogais orais, como mostro a seguir:

TABELA 6
INVENTÁRIO CONSONANTAL SEGUNDO RODRIGUES (1981)

	bilabiais		alveolares		palatais		velares		glotais
	desv	voz	desv	voz	desv	voz	desv	voz	desv
oral	p	b	t	d	c	dʒ	k	g	? h

TABELA 7
INVENTÁRIO VOCÁLICO SEGUNDO RODRIGUES (1981)

		anterior		central		posterior	
		arred	não-arred	arred	não-arred	arred	não-arred
alta	oral	i				u	
média-alta	oral	e				o	
baixa	oral			a			

De acordo com a análise de Rodrigues, as vogais ocorrem foneticamente como nasais ou orais, a depender da aplicação de duas regras, a saber: (1) regra de nasalização de consoantes vozeadas e (2) regra de espalhamento do traço nasal para a esquerda, que se aplica em todos os segmentos vozeados (vogais ou consoantes) à esquerda. Seguem, na próxima seção, comentários sobre o trabalho de Pereira (1992).

3.4 PEREIRA (1992)

Pereira (1992) discute questões gerais sobre a gramática Maxakalí em sua dissertação. Embora a abordagem dos temas seja breve, Pereira trata de vários aspectos da gramática Maxakalí. Seu trabalho enfoca principalmente a descrição de alguns aspectos da morfologia e da sintaxe. Com base na tipologia de Dixon (1979), Pereira (1992) afirma que o Maxakalí seja uma língua ergativa e fornece dados para sustentar sua afirmação, embora não estenda a análise a ponto de evidenciar se o Maxakalí é uma língua de ergatividade plena ou cingida. Além da ergatividade, outro tema tratado por Pereira (1992) é a redução de palavras, de que trato a seguir.

3.4.1 REDUÇÃO DE PALAVRAS EM PEREIRA (1992)

Pereira (1992) menciona brevemente a ocorrência de palavras que podem ter uma forma longa ou curta em Maxakali, tanto em verbos quanto em nomes. Segundo Pereira, verbos com fricativa glotal entre vogais idênticas perdem sua última sílaba nas formas imperativas. Reproduzo os exemplos de Pereira:

(8a)
Paha [pa'haʔ]⁶ ‘pegar’

(8b)
Pa [paʔ] ‘pegue!’

(9a)
Penãhã [penã'hãʔ] ‘ver’

(9b)
Penã [penãʔ] ‘veja!’

(10a)
Xupaha [tʃipa'haʔ] ‘correr’

(10b)
Xupa [tʃipaʔ] ‘corra!’

(Pereira, 1992, p. 63)

⁶ Os dados de PEREIRA, 1992, são ortográficos. As transcrições fonéticas foram acrescentadas por mim.

Pereira (1992) menciona alguns verbos monossilábicos compostos de CVC que seriam “o contrário da redução”, pois “podem ganhar uma sílaba pelo acréscimo de uma glotal depois da vogal e a repetição desta, antes da consoante final⁷” (Pereira, 1992, pág. 63), como em *yũm* [ɲũɣ̃m] ‘sentar’/ *yũhũm* [ɲũhũɣ̃m] ‘sente-se!’ e *xip* [tʃiɣ̃p̃] ‘estar’ / *xihip* [tʃiʰiɣ̃p̃] ‘esteja!’. Sobre esse fenômeno Pereira se limita a dizer que não ocorre em todos os verbos.

Sobre a redução em nomes, Pereira (1992) observa que o fenômeno é semelhante àquele descrito em relação aos verbos nas formas imperativas. Segundo ela, a redução, nesse caso, parece resultar de uma regra em que formas verbais compostas de uma fricativa glotal /h/ ou oclusiva glotal /ʔ/ entre vogais idênticas (CVCVC) passam a formas curtas compostas de CVC sempre que ocorrerem antes de um verbo. Reproduzo integralmente alguns de seus exemplos:

(11a)

‘ũhex	te	mãm	putex	
‘ũ+hex	te	mãhãm	putex	
3 FEM	ERG	peixe	matar	
A	ERG	O	V	

‘a mulher mata o peixe’ (Pereira, 1992, p. 86)

(11b)

hãmgãy	te	kõnãg	xo’op	
onça	ERG	água	beber	
A	ERG	O	V	

‘a onça bebe água’ (Pereira, 1992, p.86)

Nos dois exemplos, em (11), pelo fato de os objetos *mãhãm* [mãʰhãɣ̃m] e *kõnã’ãg*

[kõnãʰʔã] se encontrarem antes dos verbos, há redução:

⁷ Tratarei sobre esses verbos no capítulo 15.

(12a)

mãhãm [mã'hãĩm] 'peixe' > *mãm* [mãĩm]

(12b)

konã'ãg [kunã'ʔã] 'água' > *konãg* [ku'nãʔ]

Ainda na posição sintática de objeto, Pereira observa que, quando os nomes se encontram em posição pós-verbal, eles não são reduzidos:

(13)

Hamũn te 'penãhã ko'it⁸Hamũn te 'ũ+penãhã ko'it⁹

Ela ERG 3 ver tatu

A ERG O V O

'Ela viu o tatu'

(Pereira, 1992, p. 86)

(14)

Yoye te 'mãhã mãhãm

Yoye te 'ũ+mãhã mãhãm

José ERG 3 comer peixe

A ERG O V O

'José come peixe'

(Pereira, 1992, p. 87)

Nos exemplos (13) e (14), os nomes *kupu'uk* [kupu'ʔuk] 'machado' e *mãhãm*

[mã'hãĩm] 'peixe' não seriam truncados porque seguem o verbo. Na próxima seção,

trato da descrição de Popovich (2005).

3.5 ALTERAÇÃO DE FORMA EM POPOVICH (2005)

Popovich (2005) trata sobre o fenômeno de alteração de forma e o separa em dois grupos distintos, redução e acréscimo. Fenômenos de redução, segundo ele, são de quatro tipos: (1) redução de palavras por perda de uma consoante e de uma vogal; (2) redução por decréscimo da sílaba final, (3) decréscimo de uma sílaba e (4) ampliação de

⁸ PEREIRA, 1992, observa que, quando o objeto é pós-verbal, há a ocorrência do pronome de terceira pessoa na posição pré-verbal, indicado em seus dados por uma aspa antes do verbo. Embora eu tenha atestado a ocorrência do prefixo de terceira pessoa {ũ-} antes de verbos, sua ocorrência, junto a verbos transitivos, restringe-se a formas imperativas ou construções passivas, e, junto a verbos intransitivos, a verbos de uma determinada classe sobre a qual tratarei no capítulo 6. A ocorrência do prefixo de pessoa marcando verbos transitivos não foi, portanto, atestada nesta pesquisa.

⁹ A forma *koit* de PEREIRA corresponde à forma *koip* [ku'iĩp] em meus dados.

uma palavra por meio de acréscimo de uma sílaba. Exemplifico os três tipos de redução mencionados por Popovich (2005) abaixo:

(a) PERDA DE CONSOANTE E VOGAL:

(15)

Tihik + mōg = tik-mōg
Homem ir
'O homem vai'

(16)

poop + xeka = popxeka
Macaco grande
'macaco grande'

(17)

tihik + te = tikte

(18)

poop + pu = pop pu
macaco para
'para o homem'

(b) REDUÇÃO POR DECRÉSCIMO DA SÍLABA FINAL:

(19)

Û-mōg	tu	xuk	paha
Ele-ir	e-ms	ovo	buscar/pegar

'Ele foi e pegou o ovo'

(20)

Û-mōg	nũy	xuk	pa
Ele-ir	para-ms	ovo	buscar/pegar

'ele foi para pegar o ovo'

(c) REDUÇÃO POR DECRÉSCIMO DE UMA SÍLABA:

(21)

<i>kakxop</i>	<i>te</i>	<i>p-tup</i>	<i>kohot</i>
Criança	(sujeito)	querer	mandioca

'A criança quer mandioca'

(22)

<i>kakxop</i>	<i>te</i>	<i>kot</i>	<i>putup</i>
Criança	(sujeito)	mandioca	querer

'A criança quer mandioca'

(d) AMPLIAÇÃO DE PALAVRA POR ACRÉSCIMO DE UMA SÍLABA:

(23)

tik *tuknōg* *tu* *monāhã* *tu* *yũm*
 Homem cansado e-ms entrar e -ms sentar
 ‘o homem estava cansado, entrou e se sentou’

(24)

tikte *tuknōg* *tu* *monāhã* *nũy* *yũhũm*
 Homem cansado e-ms entrar para-ms sentar
 ‘o homem estava cansado e entrou para se sentar’

Os tipos (a), (b), (c) e (d) mencionados por Popovich (2005) são fenômenos de alteração de forma e serão tratados no capítulo 15 desta tese. Na próxima seção, seguem comentários sobre Wetzels (1995).

3.6 WETZELS (1995)

Wetzels aborda questões fonológicas sobre o surgimento de consoantes oclusivas intrusivas e o desenvolvimento de *glides* a partir das *codas* consonantais. Wetzels também trata do fenômeno de ressilabificação ou síncope que ocorre com o envolvimento de duas sílabas de palavras diferentes no Maxakalí. Quando a sílaba final de uma palavra é aberta e seguida de sílaba composta de *onset* oclusivo seguido de vogal posterior não-arredondada [u], ocorre ressilabificação. Em tais casos, o *onset* da primeira sílaba da palavra se torna a *coda* da sílaba que estava aberta. O núcleo da sílaba que perde o *onset* é suprimido e assim ocorre uma redução, restando da palavra original apenas a segunda sílaba, a sílaba tônica. Wetzels dá os seguintes exemplos para explicar o fenômeno:

(25)

ãtep tahat penãhã [ãtæxp¹tahaʒt¹pænãhãʔ] - *eu vejo a estrada*

(26)

ãtep tup [ãtæxp¹tuxp¹] - *eu quero*

No exemplo em (25), a sílaba inicial do nome *putahat* ‘estrada’ [pʉtahaʒtʰ] fundiu-se com a partícula ergativa {-te} [tɛʔ], porque esta constituía uma sílaba aberta, fato que propiciou a ressilabificação. *Putahat*, portanto, após a ressilabificação, torna-se *tahat*¹⁰. O mesmo ocorreu no exemplo (26), em que a sílaba inicial do verbo *putup* ‘querer’ [pʉhtuʒpʰ] fundiu-se com a partícula ergativa, uma sílaba aberta. A seção seguinte trata sobre o trabalho de Araújo (2000b).

3.7 ARAÚJO (2000b)

Araújo (2000b) trata da fonologia e da morfologia Maxakalí. Em seu trabalho, ele avalia análises empreendidas por GPP (1970) e Pereira (1992). Como GPP (1970) e Rodrigues (1981), Araújo (2000b) observa que vogais orais no Maxakalí ocorrem exclusivamente em ambientes orais e que as vogais nasais só ocorrem adjacentes a consoantes nasais. A base desse fato, segundo Araújo, jaz no conceito de Harmonia Nasal (Walker, 1999). Araújo postula que a fonte da nasalidade em Maxakalí são as consoantes nasais. Empregando um modelo da Teoria da Otimalidade (HAMMOND, 1994; SMOLENSKY, 1996), Araújo propõe que a restrição de espalhamento que define que o traço nasal em uma palavra prosódica deve ser dominada por segmentos que ocorrem à esquerda do segmento na palavra prosódica. A violação das restrições, entretanto, é gradiente. Vogais e consoantes são nasalizadas preferencialmente à direita, quando adjacentes a consoantes nasais, mas um conjunto de restrições em um ordenamento definido garante que segmentos ocorram orais, em alguns casos, ou completa ou parcialmente nasalizados por espalhamento à esquerda, embora haja nesses casos violação de restrições. O ordenamento das restrições é o que mostro abaixo:

¹⁰ Embora a descrição de WETZELS sobre o fenômeno esteja correta, nesta sentença, o nome *putahat* ocorre com forma curta: *putat*, e não *tahat* como indicado por ele.

(27)

SPREAD-L >> *NVoral >> *Vnas >> IDENT-IO(NAS)

A restrição SPREAD-L domina as demais restrições e não pode ser violada por ter ordenamento mais alto na hierarquia das restrições. Por meio desse aparato teórico Araújo explica também a pré-nasalização, cuja opcionalidade é prevista com o mesmo número de violações de restrições. Segundo Araújo (2000b), a violação é gradiente e para cada segmento oral à esquerda de um segmento nasal que não for nasalizado, conta-se uma violação. O domínio do espriamento limita-se à palavra em que se localiza a consoante nasal:

(28)

nac	SPREAD-L	*NVoral	*Vnas	IDENT-IO(NAS)
→ a. ⁿ daj				*
→ b. daj				*
c. nãj			*!	*
d. ⁿ dãj			*!	**
e. naj		*!		

(Araújo, 2000b, pág. 86)

Segundo o *tableau* acima, apenas os candidatos a e b são selecionados, pois são os candidatos que violaram a restrição mais baixa no ordenamento.

O mesmo ocorre no *tableau* abaixo:

(29)

ŋaŋ	SPREAD-L	*NVoral	*Vnas	IDENT-IO(NAS)
→ a. ^ŋ gãj			*	
→ b. gãj			*	*
c. ^ŋ gaj	*!			*
d. ^ŋ gãj	*!	*		*
e. ŋaj	*!	**	*	*

(Araújo, 2000b, pág. 86)

Os candidatos *c*, *d* e *e* violam a restrição mais alta na hierarquia e, por isso, não são selecionados como ótimos. Baseado nessas explicações, Araújo postula que no inventário fonológico do Maxakalí há dez consoantes, seis orais e quatro nasais, mas apenas cinco vogais, todas orais. As vogais nasais da língua seriam oriundas do espalhamento de traço nasal das consoantes à esquerda ou à direita.

Exponho na tabela seguinte a seleção de fonemas consonantais e vocálicos proposta por Araújo (2000b):

TABELA 8
CONSOANTES SEGUNDO ARAÚJO (2000b)

consoantes	labial	coronal	palatal	Dorsal	laringal
oral	p	t	c	k	ʔ h
nasal	m	n	ɲ	ŋ	

TABELA 9
VOGAIS SEGUNDO ARAÚJO (2000b)

		anterior		central		posterior	
		arred	não-arred	arred	não-arred	arred	não-arred
alta	oral	i				u	
média-alta	oral	e				o	
baixa	oral			a			

Além da nasalidade, Araújo também tratou da questão do truncamento em Maxakalí. Reproduzo as considerações de Araújo (2000b) sobre o tema.

3.7.1 O TRUNCAMENTO EM ARAÚJO (2000b)

Segundo Araújo (2000b), o fenômeno de truncamento ocorre em verbos e nomes, mas ele trata especificamente do truncamento em nomes do Maxakalí. Com relação aos verbos, ele afirma que o truncamento é resultado da distinção gramatical entre formas dos modos indicativo e do imperativo. Segundo ele, o truncamento em verbos ocorre em Maxakali somente em formas verbais imperativas, como nos exemplos abaixo:

(30)

[potahaʔ] (chorar – ind.) / [po'taʔ] (chore – imp.);
 [topahaʔ] (voar – ind.) / [to'paʔ] (voe – imp.)¹¹;
 [tʃana'hãʔ] (chamar – ind.) / [tʃa'nãʔ] (chame – imp.);
 [pæna'hãʔ] (ver – ind.) / [pæ'nãʔ] (veja – imp.);
 [tʃoʔ'ʔoʔp] (beber – ind.) / [tʃoʔp]¹² (beba – imp.). (Araújo, 2000b, p. 115)

Com relação ao truncamento em nomes, Araújo (2000b) observa que, quando as formas são produzidas de forma isolada, ocorre a forma longa, isto é, a forma não truncada com /h/ ou /ʔ/ entre vogais idênticas. O truncamento ocorre, segundo Araújo, em composição de palavras e em concatenação com constituintes que tenham tamanho prosódico fixo, como a partícula de ergatividade [tæʔ]. Compostos formados por nome + nome (/CVC/) + (/CVC/) têm, de acordo com Araújo (2000b), a tendência de possuírem pés binários. Segundo Araújo (2000b), o truncamento em nomes ocorre somente em compostos ou quando uma palavra /CVC/ (morfema ergativo ou adjetivo) ocorre em um composto. Quando essas condições não forem satisfeitas, não ocorrerá truncamento segundo Araújo (2000b).

Conforme Araújo (2000b), a formação de palavras por composição é um processo muito comum na língua Maxakalí. Em compostos, segundo Araújo (2000b), ocorre o truncamento quando parte do composto for uma forma presa, como nos exemplos:

(31)

[mĩm'kuj] canoa = [mĩ'hĩĩm] (árvore/pau) + [kuj] (buraco)

¹¹ A forma imperativa singular [to'paʔ], 'voe', não foi atestada em minha pesquisa. Atestei apenas a forma supletiva *tohop* [to'hoʔp] 'voe' como forma imperativa singular de *topaha* [topahaʔ] 'voar'.

¹² Não atestei essa forma reduzida do verbo *xoop* [tʃoʔ'ʔoʔp] 'beber' em minhas pesquisas de campo. A única forma imperativa que atestei para esse verbo foi *ũ-xoop* [ũtʃoʔ'ʔoʔp] 'beba!'.

(32)

[mã̃χm'tuɣə] bolsa para pegar peixes = [mã'hã̃χm] (peixe) + [tu'huxɬʰ] (bolsa)

Nas sentenças em (31) e (32), o composto é constituído de duas formas presas, possibilitando, por isso, segundo Araújo (2000b), o truncamento. O truncamento em compostos seria barrado apenas quando uma parte de um composto ocorrer como uma forma livre, como no exemplo abaixo:

(33)

[mĩ'hĩχm] + [kuj] = [mĩ'hĩχmkuj] (madeira furada)

Nesse caso, não haveria truncamento, já que [kuj], no exemplo acima, não compõe com [mĩ'hĩχm] uma única palavra, mas uma sentença¹³.

O truncamento ocorre também, segundo Araújo (2000b), quando o nome concatena partículas de tamanho fixo, como a partícula de marcação da ergatividade [tɛʔ]:

(34a)

[tɪ'hɪk	mũ'ɲũɬɪnʰ]
Homem	dormir
'O homem está dormindo'	

(34b)

[tɪk	tæʔ	mũ'ɲũɬɪnʰ]
Homem	ERG	jogar
'O homem está jogando'		

Nos exemplos acima, a palavra para *homem* (*tihik*), em (34a), não é truncada quando ocorre isolada, sem se juntar a uma partícula. Diferentemente do que ocorre na sentença (34b). Nesse caso, a sentença é transitiva e a ocorrência do nome *tihik* 'índio/homem' junto à partícula ergativa [tɛʔ] é obrigatória, ocorrendo por isso o truncamento.

¹³ Não identifiquei esse tipo de ocorrência em meus dados.

Resumindo, portanto, para Araújo (2000b), o truncamento somente ocorre em nomes quando formam compostos nominais ou compostos de um nome e uma partícula, como nos exemplos a seguir: [tɪktæ] ‘*homem-trans*’ < [tɪ'hɪk] ‘*homem-intrans*’. Em verbos, o truncamento ocorreria apenas em formas do modo imperativo, segundo Araújo.

Araújo (2000b) analisa o truncamento em Maxakalí como emergência de características prosódicas não-marcadas. Segundo ele, os truncamentos formam um pé (unidades de acento) que pode ser H (forte) *mĩm* ‘pau’ ou LH (fraco-forte) *pænã* ‘veja’. Segundo Araújo, palavras prosódicas devem conter no mínimo um pé e por isso o truncamento deve ser equivalente a uma palavra prosódica. Por essa razão, tanto o truncamento em formas imperativas de verbos quanto o truncamento em nomes compostos podem ser analisados com um mesmo conjunto de restrições. Na próxima seção, trato da análise de Araújo (2001).

3.7.2 ARAÚJO (2001)

Araújo (2001) abandona o termo truncamento e o denomina redução. Nesse texto, Araújo prevê a possibilidade de alteração de formas ser também um aumento e não somente uma redução, mas aponta dois problemas na abordagem que considera o fenômeno como aumento:

(1) o fato de não se poder prever, a partir da qualidade da vogal, qual consoante será inserida, a fricativa [h] ou se a oclusiva [ʔ];

(2) o fato de não ser clara a relação entre formas verbais e formas nominais no aumento.

Com base nessas evidências, Araújo (2001) opta por considerar a alteração de forma como uma redução. Tal opção permite Araújo (2001) ter uma única explicação para a

redução em nomes e em verbos, usando, para ambas as classes, nominais e verbais, as mesmas restrições.

Araújo retoma sua análise de (2000b) e analisa a redução com base na noção de peso silábico. Segundo ele, a palavra prosódica {(H)} é menos marcada que a palavra prosódica {(LH)}, sendo esta menos marcada que {(L) (LH)}. Araújo (2001) propõe então um conjunto de restrições que, segundo ele, quando em conflito, podem selecionar um candidato ótimo tanto para nomes quanto para verbos. Dessa forma, Araújo (2000b, 2001) pode analisar a redução da mesma maneira em nomes e verbos. A seguir, tratarei da análise de Wetzels (2007).

3.8 WETZELS (2007)

Neste texto, Wetzels (2007) trata da representação da nasalidade e do processo de harmonia nasal em Maxakalí. Wetzels compara as distribuições de vogais e consoantes na língua estabelecidas por GPP (1970) e Rodrigues (1981) e propõe uma distribuição alternativa baseada na análise de Rodrigues (1981) e na análise de Araújo (2001) sobre os empréstimos do Maxakalí oriundos do português.

Segundo Wetzels, nos empréstimos da língua, o que determina a oralidade ou nasalidade dos núcleos silábicos do Maxakalí é a presença de uma vogal nasal ou de um ataque nasal na palavra em questão. Portanto, em discordância com a análise de Rodrigues (1981), Wetzels mostra que é a oralidade do núcleo silábico que determina a nativização dos empréstimos em Maxakalí e não o vozeamento da consoante na coda silábica. Considerando que as palavras emprestadas do português entram na língua sem a vogal átona final, Wetzels mostra exemplos de palavras terminadas em consoante vozeada nativizadas pelo Maxakalí:

TABELA 10
EMPRÉSTIMOS DO PORTUGUÊS

	PB	Maxakalí
Maxakalí	[maʃaka'li]	[mãtʃaka'di]
Gabriel	[gabri'εω]	[gabidi'et]
Relógio	[he'lɔʒ(iω)]	[he'doc]
Retrato	[he'tratω]	[heta'dat]
Compadre	[kũ'padr(i)]	[kopat]
Soldado	[soω'dadω]	[tʃo'dat]

Seguindo o raciocínio de Rodrigues (1981), as codas sonoras deveriam engatilhar a nasalidade nos empréstimos em Maxakalí, mas isso não ocorre. Por outro lado, Wetzels mostra que apenas a primeira sílaba é nasal em alguns empréstimos do Maxakalí:

TABELA 11
EMPRÉSTIMOS DO PORTUGUÊS

	PB	Maxakalí
Maxakalí	[maʃaka'li]	[mãtʃaka'di]
Moça	[ˈmosa]	[ˈmõtʃaʔ]
Mesa	[ˈmeza]	[ˈmẽ ⁿ dʒa]
Mariza	[maˈriza]	[mã ⁿ ˈdiʒa]

A partir dos dados na tabela acima, Wetzels conclui que a nasalidade é contrastiva nas vogais em Maxakalí. O que evidencia sua afirmação é que a nasalidade nas sílabas iniciais dos empréstimos não se espalha para a direita como é esperado na língua. Além disso, se as sílabas correspondentes em português têm o núcleo oral, isso seria uma evidência de que os falantes de Maxakalí interpretam o ataque nasal de uma sílaba oral como um sinal da nasalidade do seu núcleo. A partir dessa análise, Wetzels conclui que as vogais orais e nasais em Maxakalí são contrastivas e, portanto, subjacentes. O

inventário fonêmico proposto por Wetzels¹⁴ dispõe de seis consoantes orais e dez vogais, cinco orais e cinco nasais, como nas tabelas abaixo:

TABELA 12
CONSOANTES SEGUNDO WETZELS (2007)

consoantes	labial	coronal	palatal	Dorsal	laringal
oral	p	t	c	k	ʔ h

TABELA 13
VOGAIS SEGUNDO WETZELS (2007)

		anterior		central		posterior	
		arred	não-arred	arred	não-arred	arred	não-arred
alta	oral	i				u	
	nasal	ĩ				ũ	
média-alta	oral	e				o	
	nasal	ẽ				õ	
baixa	oral			a			
	nasal			ã			

Segundo Wetzels, “dentro do domínio do morfema, pode haver apenas uma instância do traço nasal” (Wetzels, 2007, p. 238). Na próxima seção, faço as considerações finais sobre este capítulo.

3.9 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO

Neste capítulo, fiz uma breve revisão das principais análises já empreendidas sobre a língua Maxakalí. Procurei mostrar o essencial das análises de Popovich, 1970, 1971; Pereira, 1992; Wetzels, 1985; Araújo 2000b, 2001; Popovich, 2005; Wetzels, 2007, dando ênfase aos assuntos que serão retomados nesta tese, como a redução de nomes e verbos e a questão da nasalidade em Maxakalí. No próximo capítulo, tratarei sobre a Metodologia empregada nesta tese.

¹⁴ WETZELS, 2007, não formaliza no texto o número de fonemas consonantais e orais. Essa informação é apenas implícita no texto.

CAPÍTULO 4: METODOLOGIA

Neste capítulo, descrevo os procedimentos que adotei no desenvolvimento desta pesquisa, tais como o local em que foram coletados os dados, o número de informantes e o procedimento usado para o registro dos dados. Ainda neste capítulo, descreverei brevemente a ortografia empregada pelos Maxakalí, pois todos os dados desta tese foram transcritos ortograficamente.

4.1 DO GENTÍLICO MAXAKALÍ

A origem da designação *Maxakalí* é incerta. O povo Maxakalí se denomina *tikmũ'ũn* [tɨjk˦mũʔ'ũʒn˦]. O termo *Maxakalí* não tem, entre os Maxakalí, conotação pejorativa, mas é usado pelos índios apenas quando se dirigem a falantes de português. Nesse caso, pronunciam como em português *Maxakalí* [maʃaka'li] ou de acordo com as regras fonológicas da sua língua: *Mãxakani* [mãʔtʃaka'diʔ].

A língua Maxakalí é denominada *tikmũ'ũn yĩyax* [tɨjk˦mũʔ'ũʒn˦ jĩjɨn˦aj] ‘língua Maxakalí’ ou *Maxakalí*, como no caso do gentílico mencionado no parágrafo anterior. Em português, tanto o povo quanto a língua Maxakalí são tradicionalmente designados *Maxakalí* e suas variantes: *Machacali*, *Maxacali*, *Maxakarí*, etc. em estudos linguísticos, antropológicos e de outras áreas de conhecimento.

4.1.1 DA GRAFIA DO NOME MAXAKALÍ

Com relação à grafia do nome *Maxakalí*, seguirei parcialmente a convenção da Associação Brasileira de Antropologia criada em (1953), que regula a grafia de nomes indígenas. Rodrigues (1986) ressalta os pontos principais da convenção. Reproduzo *ipsis litteris* algumas de suas observações:

(a) os nomes de povos (e de línguas) indígenas serão empregados como palavras invariáveis, sem flexão de gênero nem de número: a língua Boróro (e não Boróra), os índios Boróro (e não Boróros);

(b) para os sons oclusivos serão usadas as letras p b t d k g, isto é, não se usarão as letras c e q em lugar de k, ao passo que g será usado no lugar de gu: Karajá (e não Carajá), Kirirí (e não Quirirí), Gerén (e não Guerén);

(c) para os sons fricativos serão usadas as letras f v s z x j, logo se escreverá Asuriní (e não Assuriní, nem Açuriní), Xavánte (e não Chavánte), Jê (e não Gê, nem Gês).

Seguindo a convenção da ABA e as observações de Rodrigues (1986), grafarei o nome do povo e da língua *Maxakalí* sem flexão de gênero e de número. As consoantes fricativa e oclusiva [ʃ] e [k] serão grafadas, respectivamente, como *x* e *k*. Apesar de Rodrigues (1986) não mencionar o uso de maiúsculas e de acentuação gráfica nas vogais tônicas *i* e *u* finais, seguirei a tradição nos estudos de línguas indígenas, ao usar as letras iniciais maiúsculas e as vogais *i* e *u* tônicas finais com acento gráfico, como Nheengatú e Karirí. Portanto, no caso do nome *Maxakalí*, acentuo graficamente a vogal final: *í*, apesar de, na ortografia vigente do português, as vogais *i* e *u* tônicas finais não serem acentuadas graficamente quando não são antecedidas de ditongo. O uso do acento gráfico nessas vogais justifica-se, além da questão ligada à tradição na grafia do nome *Maxakalí*, também por servir como guia para a sílaba tônica, pois a sílaba tônica na palavra *Maxakalí* não é óbvia para todos sem o acento gráfico.

4.2 DA PESQUISA

Esta pesquisa teve como objetivo descrever alguns aspectos da morfologia, da morfossintaxe e da fonologia da língua Maxakalí. Adotei como ponto de partida para a pesquisa as análises precedentes sobre a língua, como GPP (1970), Popovich (1971), Rodrigues (1981), Pereira (1992), Wetzels (1995), Araújo (2000b, 2001), Wetzels (2007) e dados próprios elicitados por mim. As análises foram orientadas por modelos linguísticos tipológicos, gerativos e lexicais, como Dixon (1994), Comrie (1989), Chomsky (1981, 1995, 2005), Woolford (1997, 2006, 2007), Legate (2006), Cançado (2003, 2005a).

Na próxima seção, explicarei como foram obtidos os dados analisados na pesquisa.

4.2.1 OBTENÇÃO DOS DADOS

Os dados obtidos para esta pesquisa foram coletados, na sua maior parte, durante minha participação no PIEI-MG¹, no Parque Estadual do Rio Doce (MG) e nas diversas vezes em que estive nas reservas dos Maxakalí, entre os anos de 1999 e 2007, ou, eventualmente, durante atividades de que participei junto ao Núcleo de Pesquisas Literaterras, as quais ocorreram também nas áreas Maxakalí. Tanto pelo PIEI-MG quanto pelo Literaterras, trabalhei como professor de Português e tradutor/auxiliar de tradução na elaboração de cartilhas e livros de leitura. No curso da elaboração desta tese, foram também realizadas três viagens à reserva Maxakalí Aldeia Verde, em Ladainha, para sessões de trabalho de campo. Nessas sessões, conferi todas as sentenças empregadas na pesquisa e foram coletados mais dados. Quando necessário, elaborei, a partir de hipóteses gramaticais, sentenças em português e pedi aos informantes que traduzissem tais sentenças para o Maxakalí. As hipóteses eram, então, testadas por meio

¹ Programa de Implantação de Escolas Indígenas de Minas Gerais.

da noção de gramaticalidade dos falantes. Tal noção consistiu em verificar se as sentenças eram ou não aceitas pelos falantes nativos². A coleta de dados por meio de tais sentenças foi empreendida com o objetivo de conseguir evidências que pudessem elucidar questões gramaticais e teóricas postuladas no trabalho.

Sobre o acesso à aldeia e minha permanência no local nas três viagens que fiz até lá, o trajeto desde Belo Horizonte foi feito de ônibus até Teófilo Otoni e de Teófilo Otoni para a cidade de Ladainha. O percurso entre Ladainha e a Aldeia Verde foi feito de bicicleta. Nas três vezes, permaneci durante uma semana na aldeia e fiquei hospedado na casa da sede e na casa de Isael Maxakalí. Na seção seguinte, descreverei como foram registrados os dados usados na pesquisa.

4.2.1.1 REGISTRO DOS DADOS

Os dados coletados até o ano de 2005 foram registrados por meio de anotações ou por meio de áudio analógico. A partir de 2005, durante o período do curso de doutorado, os dados foram registrados por meio de anotações, de gravações em áudio digital (Minidisc) e vídeo digital (HDV) na reserva localizada no município de Ladainha, nos municípios de Campanário e de Resplendor, em Belo Horizonte e na Serra do Cipó. Os informantes foram quatro professores indígenas e a esposa de um deles. Os quatro informantes pertenciam à aldeia de Água Boa e atualmente pertencem à Aldeia Verde, município de Ladainha, e à reserva Cachoeirinha, recém adquirida no município de Teófilo Otoni. Ambas as reservas localizam-se no Vale do Mucuri.

Os dados gravados em áudio e vídeo foram transcritos e serviram, juntamente com os dados anotados, de base para as hipóteses construídas na pesquisa. Essas hipóteses foram testadas com parte dos informantes da Aldeia Verde, município de Ladainha.

² Os juízos de aceitabilidade que os falantes fazem das expressões linguísticas constituem, segundo RAPOSO, 1995, uma das classes de evidência empírica que devem ser usadas na construção da teoria pelo linguista na pesquisa naturalista.

4.2.1.2 DA TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

Segundo Schulze-Berndt (2006, p. 214), a tarefa de documentar uma língua não para na simples gravação, seja de áudio ou de vídeo. Especialmente no caso de línguas ameaçadas, como é o caso do Maxakalí, cujos falantes utilizam preponderantemente a língua falada, é desejável que a documentação seja inteligível primariamente a pessoas que trabalham com a língua ou ao povo falante da língua e, secundariamente, ao público em geral. Por essa razão, reitero que, embora este trabalho seja primariamente acadêmico, os dados descritos e analisados foram transcritos também ortograficamente de forma a permitir interessados na língua Maxakalí com pouca prática em linguística a decifrá-los, como antropólogos e descendentes dos próprios falantes atuais que se interessem pela língua em geral ou pela variedade falada atualmente pelos índios. Aqueles com prática em fonética poderão se beneficiar das transcrições fonéticas. Na próxima seção, descrevo brevemente a ortografia Maxakalí para os interessados em ler os dados transcritos ortograficamente.

4.3 ORIGENS DA ORTOGRAFIA MAXAKALÍ

A ortografia adotada atualmente pelos índios Maxakalí foi proposta pelo casal de missionários do SIL (*Summer Institute of Linguistics*), Harold e Frances Popovich. O casal Popovich esteve no Brasil entre os anos de 1960 e 1980 com o objetivo de aprender o Maxakalí para traduzir os quatro evangelhos do Novo Testamento para essa língua. A ortografia foi baseada na análise fonêmica da língua proposta por Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970) e foi divulgada entre os Maxakalí nas cinco cartilhas³ usadas para esse fim em aulas de alfabetização promovidas pelo casal e pela FUNAI. Desde a sua criação, a ortografia foi minimamente ajustada pelos Maxakalí.

³ POPOVICH formaliza as regras ortográficas implicitamente nas cartilhas de alfabetização, usadas pela FUNAI nos anos 70, e detalhadamente em POPOVICH, 1971.

Atualmente os Maxakalí alfabetizam seus filhos nas escolas Maxakalí, nas quais atuam como professores os próprios Maxakalí. O que define a escolha de professores Maxakalí, por exemplo, na comunidade, é, entre outras coisas, o domínio que o candidato mostra ter sobre o uso da ortografia da língua. Com o surgimento de programas de educação voltados para a valorização da cultura indígena e com a criação de escolas com professores indígenas, a escrita em língua Maxakalí passou a ser fomentada e divulgada por meio de publicações de jornais e livros produzidos pelos próprios Maxakalí.

Ao contrário de alguns povos indígenas brasileiros, os Maxakalí não expressam qualquer problema com a ortografia adaptada à sua língua, seja com relação a grupos rivais ou a dialetos distintos. Quando deve ser escolhido um professor indígena entre eles, o candidato deve demonstrar desenvoltura com a ortografia. Nesses casos, os professores mais velhos avaliam se o candidato sabe ou não empregar a ortografia como esperado. Na próxima seção, tratarei dos grafemas empregados na ortografia.

4.3.1 GRAFEMAS CONSONANTAIS E VOCÁLICOS

A ortografia criada pelos Popovich é composta de vinte grafemas, sendo dez com valores consonantais e dez com valores vocálicos. Entre as consoantes figuram $\langle m \rangle$, $\langle n \rangle$, $\langle g \rangle$, $\langle h \rangle$, $\langle k \rangle$, $\langle p \rangle$, $\langle t \rangle$, $\langle x \rangle$, $\langle y \rangle$ e o diacrítico $\langle ' \rangle$, que representa uma oclusiva glotal. Entre as vogais, figuram $\langle a \rangle$, $\langle e \rangle$, $\langle i \rangle$, $\langle o \rangle$, $\langle u \rangle$. As vogais nasais são representadas por meio do diacrítico til \sim: $\langle \tilde{a} \rangle$, $\langle \tilde{e} \rangle$, $\langle \tilde{i} \rangle$, $\langle \tilde{o} \rangle$, $\langle \tilde{u} \rangle$. Segue, no quadro abaixo, cada um dos grafemas da ortografia:

TABELA 1
GRAFEMAS DA LÍNGUA

Consoantes orais	Fonemas	/k/	/p/	/t/	/c/	/h/	/ʔ/
	Grafemas	<k>	<p>	<t>	<x>	<h>	<'>
Consoantes nasais	Fonemas	/m/	/n/	/ɲ/	/ŋ/		
	Grafemas	<m>	<n>	<y>	<g>		
Vogais orais	Fonemas	/a/	/e/	/i/	/o/	/u/	
	Grafemas	<a>	<e>	<i>	<o>	<u>	
Vogais nasais	Fonemas	/ã/	/ẽ/	/ĩ/	/õ/	/ũ/	
	Grafemas	<ã>	<ẽ>	<ĩ>	<õ>	<ũ>	

No quadro a seguir, exponho os principais sons consonantais do Maxakalí e seus grafemas correspondentes:

TABELA 2
SONS CONSONANTAIS E VOCÁLICOS DO MAXAKALÍ

consoantes		bilabial	alveolar	palatal	alveopalatal	velar	glotal
Oclusiva	surda	[p] <p>	[t] <t>			[k] <k>	[ʔ] <'>
	sonora	[b] <m>	[d] <n>			[g] <g>	
Nasal		[m] <m>	[n] <n>	[ɲ] <y>		[ŋ] <g>	
Fricativa				[tʃ] <x>	[tʃ] <x>		[h] <h>
Africada	surda		[tʃ] <x>				
	sonora		[dʒ] <y>				

Com relação à representação das vogais, o quadro abaixo informa a relação entre os fonemas vocálicos e os grafemas a eles correspondentes:

TABELA 3
GRAFEMAS VOCÁLICOS

		anterior		central		posterior	
		arred	não-arred	arred	não-arred	arred	não-arred
alta	oral		/i/ <i>				/u/ <u>
	nasal		/ĩ/ <ĩ>				/ũ/ <ũ>
média-alta	oral		/e/ <e>				/o/ <o>
	nasal		/ẽ/ <ẽ>				/õ/ <õ>
baixa	oral			/a/ <a>			
	nasal			/ã/ <ã>			

A seguir, descrevo brevemente algumas notas sobre a pronúncia e uso da ortografia da língua:

- (1) As vogais nasais ocorrem diante de segmentos nasais e as vogais orais diante de segmentos orais:

Nãg [nãŋ¹] ‘pequeno’/sufixo diminutivo

Nak [dak¹] ‘seco’;

- (2) As consoantes <k>, <g>, <p>, <m>, <t> e <n> têm valor vocálico, quando na posição de coda, pois desenvolvem pré-vocalização. As pré-vogais são:

- (a)
vogal labial posterior [w] diante das velares /k/ e /g/:

Pok [powk¹] ‘brejo’ FR

Nõg [nõwŋ¹] ‘terminar’;

- (b)
vogal média-alta posterior não-arredondada [ɣ] diante das consoantes bilabiais /p/ e /m/:

Pip [piɣp¹] ‘haver’

Mõm [mõɣm¹] ‘inchar’;

(c)

vogal média-baixa central não-arredondada [ɜ] diante das alveolares /t/ e /n/:

Put [pʊɜt^ˀ] ‘pegar’ SING

Nũn [nũɜn^ˀ] ‘vir’

as consoantes na *coda* silábica, em (a), (b) e (c), são geralmente travadas, isto é, são articuladas sem soltura dos articuladores ativos, o que, nas transcrições

fonéticas acima, representei por meio do símbolo: ^ˀ sobrescrito.

(3) As consoantes <x> e <y>, na posição de coda, equivalem, respectivamente, ao *glide* palatal oral [j] e nasal [j̃]. <x> ocorre após vogal oral e <y> após vogal nasal.

Como já mencionei, na seção anterior, os dados do Maxakalí que utilizo nas análises deste trabalho seguem transcritos de acordo com a ortografia Maxakalí. Além disso, serão marcados com negrito quando forem sentenças e, em itálico e com negrito, quando figurarem como palavras isoladas no texto em português. Quando os dados forem sentenças, serão apresentados em quatro linhas horizontais. Na primeira linha, dispus as sentenças em negrito na ortografia Maxakalí; na segunda linha, transcrevo as sentenças foneticamente, por meio dos símbolos fonéticos do *International Phonetic Alphabet* (IPA). Na terceira linha, glosso os elementos gramaticais que compõem as sentenças e, na última linha, disponho a tradução literal das sentenças. Embora os dados estejam transcritos ortograficamente, faço uma ressalva com relação aos limites de morfema, que foram indicados por meio de hífen, fugindo à “norma” Maxakalí. A seguir mostro um exemplo de como os dados foram transcritos na tese:

(4)

Ũn	-te	kanenãm	ku-	tu	yũm
[ũ̃h	'tæ?	kade'dã̃m]	kuh	'tu?	'jũ̃m]
Mulher FR	ERG	panela	fogo FR	em	deitar SING

'A mulher pôs a panela no fogo'

Na transcrição em (4), a primeira linha traz a sentença transcrita ortograficamente com os limites de morfema indicados por hífen; a segunda linha traz a transcrição fonética; a terceira linha traz as glossas e, finalmente, na última linha, a tradução literal da sentença. Nas traduções, será usada a segunda pessoa, tanto do singular quanto do plural. Portanto, as pessoas correntes “você” e “vocês” serão substituídas pelas pessoas “tu” e “vós”. A justificativa para o uso da segunda pessoa é o fato de haver, em português, ambiguidade no uso dos pronomes possessivos “seu” e “sua”, que podem corresponder ao pronome “você”/“vocês”, mas também ao pronome “ele”/“ela”/“eles”/“elas”. O uso dos pronomes “tu” e “vós” evitará esse tipo de ambiguidade, já que os possessivos correspondentes a esses pronomes são bem diferenciados. Na próxima seção, seguem as considerações finais sobre este capítulo.

4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentei a metodologia adotada no desenvolvimento desta tese, incluindo a coleta de dados, sua transcrição e análise. Além disso, fiz uma breve descrição da ortografia usada pelos Maxakalí, por meio da qual os dados desta tese também foram transcritos. No próximo capítulo, tratarei das categorias lexicais nome, pronome e verbo.

CAPÍTULO 5: ORDEM DOS CONSTITUINTES E AS CATEGORIAS NOME E PRONOME

Neste capítulo, descrevo o ordenamento dos constituintes em Maxakalí e as propriedades morfológicas e morfossintáticas de duas categorias lexicais da língua Maxakalí: nome e pronome. Na seção sobre os nomes, descrevo as diferenças entre nomes de posse direta e nomes de posse indireta. Com relação aos pronomes, descrevo as características dos marcadores de pessoa e de posse, pronomes dativos, objetivos, reflexivos e demonstrativos. Começo, na seção seguinte, com a ordem dos constituintes.

5.1 ORDEM DOS CONSTITUINTES

Como informei no segundo capítulo, a ordem mais comum em que figuram os constituintes na sentença Maxakalí é a ordem SOV (sujeito, objeto, verbo), mas o objeto pode ocorrer também na ordem SVO (sujeito, verbo, objeto), como exponho nos exemplos seguintes:

(1a)

Ũn	-te	kunox	pix	→	Ordem SOV
[ũ̃ʒn]	'tæʔ	ku'doj	'pij]		
Mulher FR	ERG	roupa (O)	lavar		
'A mulher lavou roupas'					

(1b)

Ũn	-te	pix	kunox	→	Ordem SVO
[ũ̃ʒn]	'tæʔ	'pij]	ku'doj]		
Mulher FR	ERG	lavar	roupa (O)		
'A mulher lavou roupas'					

(2a)

Xoxmetmet	-te	kunit	penãhã	→	Ordem SOV
[tʃojbæz' bæʒt' tæʔ		ku'diʒt'	pænã'hãʔ]		
Bem-te-vi	ERG	grilo FR (O)	ver		
'O bem-te-vi viu o grilo'					

(2b)
Xoxmetmet -te penãhã kunihit → **Ordem SVO**
 [tʃɔjbæɜ' bæɜt' tæ? pænã'hã? kuudi'hjɜt']
 Bem-te-vi ERG grilo FP ver (O)
 'O bem-te-vi viu o grilo'

Nas sentenças com a ordem SVO, o objeto na posição pós-verbal é focalizado, evidenciando que a ordem canônica na língua é SOV. Evidência de que a posição pós-verbal é uma posição de foco é o fato de o agente da passiva ocorrer justamente nessa posição em Maxakalí, como mostro nos exemplos a seguir:

VOZ ATIVA

(3a)
Kakxop -hex -te gahap kōyōy
 [kak'tʃuɣp' hej tæ? ga'haxp' ku'nũjn]
 Menino FEM ERG garrafa quebrar
 'A menina quebrou a garrafa'

VOZ PASSIVA

(3b)
Gahap ũ-kōyōy kakxop-hex -te
 [ga'haxp' ʔũku'nũjn kak'tʃuɣp' hej tæ?]
 Garrafa ele INAT quebrar menina FEM ERG
 'A garrafa foi quebrada pelo menino'

VOZ ATIVA

(4a)
Ũn -te komīy xaxok
 [ũɜn tæ? kɔ'mĩjn' tʃah'tʃowk']
 Mulher AG ERG batata descascar
 'A mulher descascou a batata'

VOZ PASSIVA

(4b)
Komīy ũ- xaxok ũn -te
 [ko'hoɜt' ʔũ tʃah'tʃowk' ũɜn tæ?]
 Batata ele INAT descascar mulher AG ERG
 'A batata foi descascada pela mulher'

Nas sentenças passivas acima, os agentes das passivas *kakxop-hex -te*

[kak'tʃuɣp' hej tæ?] 'menina AG' e *ũn-te* [ũɜn tæ?] 'mulher AG' ocorrem na posição

pós-verbal, evidenciando que essa posição é a posição de foco na língua.

Além disso, há restrições de ordem em Maxakalí, pois, em alguns casos, apenas a ordem SOV é permitida:

(5a)

Tu	-te	xetut	muk	popta	hã
[tuh	'tæ?	tʃɛh'tuɣə	buk ^ɿ	pow'ta	hãʔ]
3. AG	ERG	esposa	besuntar	jenipapo	com
'Ele passou jenipapo na esposa'					

(5b)

*Tu	-te	muk	xetut	popta	hã
[tuh	'tæ?	buk ^ɿ	tʃɛh'tuɣə	pow'ta	hãʔ]
3. AG	ERG	besuntar	esposa	jenipapo	com
'Ele passou jenipapo na esposa'					

(6a)

Tu	-te	tagnõg	xex
[tuh	'tæ?	tag'nõŋ	'tʃæj]
3. AG	ERG	irmão	pintar
'Ele pintou o irmão'			

(6b)

*Tu	-te	xex	tagnõg
[tuh	'tæ?	'tʃæj	tag'nõŋ]
3. AG	ERG	pintar	irmão
'Ele pintou o irmão'			

Nas sentenças (5b) e (6b), o objeto não pode ocorrer na posição pós-verbal. Por isso essas sentenças são agramaticais.

Numerais¹ e posposições ocorrem à direita em Maxakalí:

(7)

Tu	-te	xokakak	tix	kix
[tuh	'tɛ?	tʃuka'kak ^ɿ	tj	'kɪj]
Ele AG	ERG	galinha	dois	matar PL
'Ele matou duas galinhas'				

(8)

Yũmũã	-te	ãyuhuk	tikoyuk	penãhã
[ɲũ'mũãʔãh	'tɛ?	ãdzũ'huk ^ɿ	tiku'dzũk ^ɿ	penã'hãʔ]
Nós INAL	ERG	não índio	três	ver
'Nós vimos três não índios'				

¹ Para mais informações a respeito do sistema numérico do Maxakalí, remeto o leitor a Pereira (1992).

(9)

Tu	-te	tag-nõg	xex	popta	hã
[tuh	'tɛʔ	tag'nõŋ	'tʃæj	poʔp ¹ taʔ	'hãʔ]
Ele AG	ERG	irmão	pintar	jenipapo	com

'Ele pintou o irmão com jenipapo'

(10)

Ã	-mõg	ax	ã-tag	mũtix	Nanaĩn	ha
[ã	'mõŋ	aj	ã'taŋ	mũ'tij	dada'ĩɓn	'haʔ]
Tu INAL	ir	FUT	tu INAT	pai INAL	com	Ladainha

Tu irás com teu pai para Ladainha'

Retomarei a questão da ordem em Maxakalí e a associarei à marcação de Caso abstrato, mas, por ora, prosseguirei à descrição dos aspectos da morfologia e da morfossintaxe da língua. Na próxima seção, tratarei da categoria lexical *nome*.

5.2 A CATEGORIA LEXICAL NOME

Em Maxakalí, os nomes são divididos em pelo menos duas grandes classes, (1) a classe dos *nomes inalienáveis* e (2) a classe dos *nomes alienáveis*. Nomes inalienáveis trazem consigo um marcador de pessoa, de forma que não podem ocorrer isoladamente, sem o marcador. Nomes alienáveis ocorrem livremente, sem qualquer marcação de posse.

Embora a diferenciação entre nomes alienáveis de um lado e nomes inalienáveis de outro seja útil para o aprendiz da língua, ela não é, segundo Ribeiro (2002), semanticamente uniforme, pois um determinado nome que é inalienável em uma língua não o é em outra. Além disso, em várias línguas, os morfemas marcadores de posse alienável não ocorrem apenas junto a nomes alienáveis. Alguns nomes alienáveis podem ser diretamente possuídos, como os inalienáveis. Esse fato sugere, por isso, que a oposição alienável/inalienável seja determinada antes por fatores lexicais que semânticos. Por causa da inconsistência desses termos, chamarei nomes alienáveis e inalienáveis, respectivamente, de *nomes de posse indireta* e *nomes de posse direta*, dos quais tratarei na próxima seção.

5.2.1 A POSSE DE NOMINAIS EM MAXAKALÍ

Os nomes de posse direta da língua Maxakalí referem-se, normalmente, a relações de parentesco, a relações pessoais e a partes do corpo. Os nomes de posse direta ocorrem sempre com um marcador de pessoa morfológicamente explícito, mesmo quando tais nomes ocorrem isoladamente, quando não-envolvidos em construções genitivas. No caso do Maxakalí, sua ocorrência se dá na forma de prefixos pessoais inativos²:

(11)

‘Ūg- pata
[ʔũŋ pa'taʔ]
1. INAT
‘meu pé’

(12)

Ã -yĩm
[ʔã 'nĩŋm̃]
pé 2. INAT mão
‘sua mão’

(13)

‘Ū -tak
[ʔũʔ 'takʔ]
Ele INAT pai
‘pai dele’

(14)

‘Ūg- pet
[ʔũŋ 'pæʒtʔ]
1. INAT casa
‘minha casa’

Os nomes acima ocorrem, necessariamente, marcados pelos prefixos pessoais inativos.

Com relação aos nomes de posse indireta, estes têm ocorrência livre, sem necessidade de marcação, desde que não ocorram em construções genitivas, como mostro abaixo:

(15)

Kakxop
[kakʔtʃuʔpʔ]
‘Menino’

(16)

Hãhãm
[hã'hãŋm̃]
‘Terra’

(17)

Nãmxap
[dãŋm̃ tʃaʔpʔ]
‘Pilha’

(18)

Kugmax
[kugʔ'baj]
‘Jabuti’

(19)

Xapup
[tʃa'puʔpʔ]
‘Porco’

(20)

Kanãyxaktux
[kaʔ'nãjnʔtʃakʔtuʔj]
‘Rádio’

² Tratarei especificamente sobre esses prefixos ou marcadores pessoais na seção sobre os pronomes da língua Maxakalí.

Quando envolvidos em construções genitivas, nomes de posse indireta precisam ocorrer com um dos marcadores de posse: *yōg* [jõŋ] ou *ōg* [ʔõŋ]³. Esses marcadores referem-se, respectivamente, à primeira e à segunda pessoa do singular. As outras pessoas do discurso são marcadas pelo morfema de posse de primeira pessoa *yōg* [jõŋ] adjunta a marcadores de pessoa inativos⁴, como mostro nas sentenças a seguir:

(21)

Yōg **kakxop**
 [jõŋ kak^ˀtʃuɣp^ˀ]
 GEN 1. menino
 ‘Meu menino’

(22)

Ōg **xapup**
 [ʔõŋ tʃa^ˀpɯɣp^ˀ]
 GEN 2. porco FP
 ‘Teu porco’

(23)

Ū- **yōg** **Nāmxap**
 [ʔũ ˀjõŋ dãɣm^ˀtʃaɣp^ˀ]
 3. INAT GEN pilha
 ‘Pilha dele’

(24)

Yūmū **-yōg** **kayak**
 [jũmũ? jõŋ? ka^ˀdzak^ˀ]
 Nós INCL GEN camisa
 ‘Nossas camisas’

(25)

Ūgmū **-yōg** **hām-xop-mã-ax**
 [ʔũŋ^ˀmũ? jõŋ hãɣmtʃuɣp^ˀmã^ˀ?aj]
 Nós EXCL GEN coisa PL CAUS FR NOM
 ‘Nossas coisas’

³ PEREIRA, 1992, menciona os morfemas *ūgyōg* e *ayōg* respectivamente para a primeira e para a segunda pessoa do singular. Não identifiquei, entretanto, tais formas em minha pesquisa.

⁴ Tratarei sobre os marcadores de pessoa ativos e inativos na próxima seção.

(26)

Ã-xop -yõg Kugmax

[ãʔ'tʃuxp¹'jõŋ kuɡ¹baj]

2. PL GEN jabuti

‘Vosso jabuti’

(27)

Û-xohi yõg kanãyxaktux

[ʔũtʃu'hi? jõŋ kaʔ'nãjn¹tʃak¹tuɟ]

3. muitos GEN rádio

‘O rádio deles’

Vê-se, então, que há dois marcadores de posse em Maxakalí: **yõg** [jõŋ] e **õg** [õŋ]. O

marcador **yõg** [jõŋ] forma, com as marcas de pessoa, sete possibilidades de marcação

de posse independentes, como disponho na tabela abaixo:

TABELA 1
MARCADORES DE POSSE
INDIRETA/ALIENÁVEL

Pessoa	MARCADORES DE POSSE
1 ^a	yõg [jõŋ]
2 ^a	õg [õŋ]
3 ^a	ũ-yõg [ʔũ¹jõŋ]
1 ^a incl.	ũg-mũn-yõg [ʔũŋmũz¹jõŋ]
1 ^a excl.	yũmũg-yõg [jũ¹mũŋ¹jõŋ]
2 ^a	ã-xop-yõg [ʔãh¹tʃuxp¹¹jõŋ]
3 ^a	ũ-xohi-yõg [ʔũhtʃu'hi¹jõŋ]

Como se pode ver na tabela acima, o marcador de primeira pessoa do singular **yõg** [jõŋ]

deriva as formas correspondentes às outras pessoas, com exceção da segunda do

singular, cuja forma correspondente é **õg** [õŋ]. As formas derivadas são compostas pelo

marcador **yõg** [jõŋ] antecedido de marcadores de pessoa inativos.

Segundo Ribeiro (2002), os marcadores de posse alienável do Maxakalí **yõg** [jõŋ] e **õg** [õŋ] são prováveis cognatos com os marcadores de posse alienável

existentes em outras línguas Macro-Jê: *o* em Bororo, *u-* em Karirí⁵ e *õ* em línguas Jê do Norte, como Apinajé, Kayapó, Panará, Parketejê, Timbira, etc.

Em Maxakalí, nomes de posse indireta, por não terem inerentemente qualquer posse indicada, necessitam ocorrer com marcadores de posse em construções genitivas. Nessas construções, nomes alienáveis coocorrem com o morfema de posse *yõg* [ɲõŋ] encabeçando o núcleo nominal do composto, como mostro a seguir:

(28)

Xapup	-nãg	yõg	hãm ãg-tux
[tʃa'puxɔp	'nãŋ	ɲõŋ	hãŋmãŋ'tuɔj]
catitu	DIM	GEN	coisa falar
'História do catitu'			

(29)

Ũn-xop		yõg	tuhut
[ʔũz'tʃuxɔp'		ɲõŋ	tu'huxɔt']
Mulher FR PL		GEN	rede FP
'Bolsas das mulheres'			

(30)

Ũ-	yĩm-xox	yõg	tut-pe
[ʔũ'	ɲĩŋm'tʃoj	ɲõŋ	tuyɔh'pæʔ]
Ele INAT	marido INAL	GEN	rede
'Rede do marido'			

(31)

Notot	yõg	xahap
[do'toɔt'	ɲõŋ	tʃa'haxɔp']
Médico	GEN	chave FP
'Chave do médico'		

(32)

Åyukuk	yõg	mĩm-tut-mõg
[ʔãdzu'huk'	ɲõŋ	mĩŋm'tuyɔz'mõŋ]
Não-índio	GEN	casa ir
'Carrro do não índio'		

⁵ Tais formas cognatas são, consoante RIBEIRO, 2002, uma das evidências apontadas por RODRIGUES, 1992, 1999, do parentesco genético entre o Karirí e outras línguas Macro-Jê.

Nas construções genitivas acima, o marcador de posse **yōg** [jõŋ] encabeça o núcleo. Ao contrário dos nomes de posse indireta, nomes de posse direta são inerentemente marcados por prefixos possessivos e prescindem, por essa razão, dos marcadores de posse **yōg** [jõŋ]/**ōg** [ʔõŋ], ocorrendo em justaposição com o núcleo, como mostro por meio das construções genitivas a seguir:

(33)

Āmāxux puk
 [ʔāmā'tʃij 'pukʔ]
 Anta assobio
 'Assobio de anta⁶'

(34)

Xupapox yīm-kup
 [tʃipa'poj jĩm'kupʔ]
 Lontra mão acha
 'Braço de lontra'

(35)

Kuptap xuuk
 [kupʔ'tapʔ tʃuʔ'ʔukʔ]
 urubu ovo
 'Ovo de urubu'

(36)

Kakxop xe
 [kakʔ'tʃuxʔ 'tʃæʔ]
 Menino cabelos
 'Cabelos do menino'

(37)

Yāmīy-xop kutex
 [jāmīj'tʃuxʔ kuh'tæj]
 espírito PL canto
 'Cantos de espíritos'

A seguir arrolo exemplos com os dois tipos de construção genitiva:

⁶ *Tapirus terrestris*.

GENITIVO DE NOMES ALIENÁVEIS

(38)

Xapup	-nāg	yōg	hām	āgtux	ũ-mai	xēē-nāg
[tʃa'puxɔp ¹	'nāŋ	ɲōŋ	hãɣm	ʔãŋ'tuɟ	ʔuba'iʔ	tʃē'ʔēŋn'nāŋ
Porco	DIM	GEN	coisa	falar	3. INAT ser bom	verdadeiro DIM

‘A história do catitu é muito boa’

(39)

Ũn-xop	yōg	tuhut	tuthi	hã	mīy
[ʔũɣɣ'ʔʃuxɔp ¹	ɲōŋ	tu'huxɔt ¹	tuɣ'hiʔ	hã	mījɲ
Mulher FR PL	GEN	bolsa	embaúba	por meio de	fazer

‘As bolsas das mulheres são feitas de embaúba⁷’

(40)

Ũ-yīmxox	yōg	tutpe	ũ-pip	hām	tu
[ũɲɣɣm ¹ tʃoj	ɲōŋ	tuɣ'pæʔ	ʔũ'piɣɔp ¹	hãɣm ¹	'tuʔ]
3. marido	GEN	rede	3. INAT ser deitado	chão	em

‘A rede do marido (dela) está no chão’

(41)

Notot	yōg	xahap	yāy	kōyōy	kaxīy	hã
[do'toɣt ¹	ɲōŋ	tʃa'haxɔp ¹	ɲājɲ	kũ'ɲũjɲ	kaʔ'tʃējɲ	'hãʔ]
Médico	GEN	chave	REFL	quebrar	ontem	durante

‘A chave do médico quebrou ontem’

(42)

Āyukuk	yōg	mīmtut-mōg	ũ-	takat	xēē-nāg
[ʔãdʒu'huk ¹	ɲōŋ	mīm ¹ tuɣɣ'mōŋ	ʔũ	taʔ'kaɣt ¹	tʃē'ʔēŋn'nāŋ]
Homem-não índio	GEN	casa ir	3. INAT	ser caro	verdadeiro DIM

‘O carro do não-índio é muito caro’

GENITIVO DE NOMES INALIENÁVEIS

(43)

Ũn	-te	ãmāxux	puk	ã-pak
[ʔũɣɣn	'tæʔ	ʔãmā'tʃuɟ	puuk ¹	ʔã'pak ¹
Mulher FR	ERG	anta	assobio	?? escutar

‘A mulher escutou o assobio da anta’

(44)

Xupapox	yīm	kup	ũ-	hē-nāg
[tʃiʔpa'poj	ɲĩɣm ¹	'kuɣɔp ¹	ʔũ	'hējɲ'nāŋ]
Lontra	mão	bastão	ele INAL	torto DIM

‘O braço da lontra⁸ é curtinho’

⁷ Árvore da família Cecropiaceae, de cuja casca os Maxakalí produzem fios que servem para a confecção de bolsas e redes.

(45)

Kuptap **xuk** **yāy** **koho**
 [kuxp¹taxp¹] tʃuk¹ nājn ko'hoʔ]
 Urubu ovo REFL chocar
 ‘O ovo do urubu chocou’

(46)

Yāmīy **-te** **kakxop** **xe** **mep**
 [nāmījn¹ 'tæʔ kak¹tʃuxp¹ tʃæʔ 'bɛxp¹]
 Espírito ERG menino cabelos cortar PL
 ‘O espírito cortou os cabelos do menino’

(47)

Yāmīy-xop **kutex** **ũ-xohi**
 [nāmījn¹tʃuxp¹ kuʔ'tæj ũʔtʃu:'hiʔ]
 Espírito PL canto 3. INAT abundar
 ‘Há muitos cantos de espíritos’

Na próxima seção, trato sobre a flexão de número em nominais.

5.2.2 FLEXÃO DE NÚMERO EM NOMINAIS

Em Maxakalí, há dois sufixos de número que se juntam a nomes expressando

plural: **xop** [tʃuxp¹] e **xohi** [tʃu'hiʔ]. Arrolo, a seguir, exemplos com os dois afixos:

SUFIXO XOP [tʃuxp¹]:

(48a)

Ūhūn
 [ʔ'hūʒn]
 Mulher FP
 ‘Mulher’

(48b)

Ūn-xop
 [ʔūʒ'tʃuxp¹]
 Mulher FR PL
 ‘Mulheres’

(49a)

Tonopexot
 [todope¹tʃoʒt¹]
 Professor
 ‘Professor’

(49b)

Tonopexot-xop
 [todope¹tʃoʒt¹tʃuxp¹]
 Professor PL
 ‘Professores’

(50a)

Xape
 [tʃa'pæʔ]
 Parente
 ‘Parentes’

(50b)

Xape-xop
 [tʃa'pæ¹tʃuxp¹]
 Parente PL
 ‘Parentes’

⁸ *Lontra longicaudis*.

(51a)

Kot-kup-hi

[koʒt¹kuʒp¹hiʔ]

Mandioca FR pau casca

‘Espírito Kotkuphi’⁹

(52a)

Yâmīy

[nã¹mĩjn]

Espírito

‘Espírito’

(53a)

Kuptap

[kuʒp¹taʒp¹]

Urubu

‘Urubu’

(54)

Xux- mǎ -xop

[tʃij ¹mãʔ ¹tʃuʒp¹]

Folha comer FR PL

‘Animais comedores de folhas=herbívoros’

(55)

Xok- yĩn -mǎ -xop

[tʃowk¹ ¹jĩz ¹mãʔ ¹tʃuʒp¹]

Bicho carne comer FR PL

‘Bichos que comem carne=carnívoros’

SUFIXO XOHI [tʃu¹hiʔ]:

(56a)

Gahap

[ga¹haʒp¹]

Garrafa

‘Garrafa’

(57a)

Xap

[tʃaʒp¹]

Semente

‘Semente’

(51b)

Kot-kup-hi-xop

[koʒt¹kuʒp¹hiʔ¹tʃuʒp¹]

Mandioca FR pau casca PL

‘Espíritos Kotkuphi’

(52b)

Yâmīy-xop

[nã¹mĩjn¹tʃuʒp¹]

Espírito PL

‘Espíritos’

(53b)

Kuptap -xop

[kuʒp¹taʒp¹ ¹tʃuʒp¹]

Urubu PL

‘Urubus’

(56b)

Gahap -xohi

[ga¹haʒp¹ tʃu¹hiʔ]

Garrafa PL

‘Garrafas’

(57b)

Xap -xohi

[tʃaʒp¹ tʃu¹hiʔ]

Semente PL

‘Sementes’

⁹ *Kotkuphi* é o espírito da linha da mandioca.

(58a)
Hãmgãy
 [hã̃xm'gã̃jn]
 Coisa NOM bravo
 'Onça'

(58b)
Hãmgãy **-xohi**
 [hã̃xm'gã̃jn] tʃu'hiʔ]
 Coisa NOM ser bravo PL
 'Onças'

(59a)
Kakxop
 [kak¹tʃu¹xp¹]
 Menino
 'Menino'

(59b)
Kakxop **-xohi**
 [kak¹tʃu¹xp¹] tʃu'hiʔ]
 Menino PL
 'Meninos'

Não verifiquei nada que pudesse condicionar a ocorrência de um ou de outro sufixo além da natureza lexical. Na próxima seção, tratarei sobre o sistema pronominal da língua Maxakalí.

5.3 O SISTEMA PRONOMINAL DA LÍNGUA MAXAKALÍ

O sistema pronominal da língua Maxakalí compõe-se de formas presas e de formas livres. Tratarei, a seguir, de cada uma delas separadamente: marcadores de pessoa, marcadores de posse, pronomes demonstrativos e reflexivos.

5.3.1 MARCADORES DE PESSOA

O sistema de marcadores de pessoa do Maxakalí compõe-se de formas pronominais livres e de formas presas. Há duas classes de marcadores que se distinguem em pessoa, número e de acordo com a agentividade/não agentividade do sujeito, isto é, dependendo se o sujeito é inativo ou ativo. Denominarei as duas classes, respectivamente, classe dos marcadores inativos e classe dos marcadores ativos, como na tabela a seguir:

TABELA 2
MARCADORES ATIVOS E INATIVOS

Pessoa	Marcadores inativos	Marcadores ativos
1 ^a	ũg- [ʔũŋ]	ã-te [ʔã'tæʔ]
2 ^a	ã- [ʔã]	xa-te [tʃah'tæʔ]
3 ^a	ũ- [ʔũ]	tu-te [tuh'tæʔ]
1 ^a incl.	ũg-mũn [ʔũŋ'mũɛ]	ũg-mũn-ã-te [ʔũŋ'mũɛʔ ãʔ'tæʔ]
1 ^a excl.	yũmũg [ɲũ'mũŋ] ¹⁰	yũmũg-ã-te [ɲũ'mũŋ ãʔ'tæʔ]
2 ^a	ã-xop [ʔã'tʃuɔpʔ]	ã-xop-te [ʔã'tʃuɔpʔ'tæʔ]
3 ^a	ũ- [ʔũ] / ũ-xohi [ʔũtʃu'hiʔ]	tu-te [tuh'tæʔ] / ũ-xohi-te [ʔũtʃu'hiʔ'tæʔ]

Os marcadores pessoais inativos são formas presas e ocorrem, como já mostrei, junto aos marcadores de posse alienável, aos nomes inalienáveis, e também como prefixos de verbos intransitivos inativos da língua. Neste caso, os marcadores de pessoa exprimem concordância entre o sujeito e o verbo, como mostro nas sentenças a seguir:

MARCADORES DE PESSOA INATIVOS

(60)

Ūg- ãxet¹¹ -ax Yomiet
[ʔũŋ ʔãʔ'tʃæɔtʔ 'ʔaj dʒobi'æɔ]
1. chamar-se NOM Joviel
'Meu nome é Joviel'

(61)

Hãm ũm hã ã-mõg -ax?
[hãɣm ʔũɣm 'hãʔ ʔã'mõŋ'ʔaj]
NOM algum em/com tu ir FUT
'Quando tu irás?'

¹⁰ POPOVICH (1971) menciona também a ocorrência, no plural, de pronomes duais de primeira pessoa *kopxix mũn* [koɔpʔ'tʃiɔpʔ mũn] e *kopxix mũn-ã* [koɔpʔ'tʃiɔpʔ mũɛn'ã]. Não pude, entretanto, constatar a ocorrência desses pronomes no Maxakalí.

¹¹ Este verbo inclui-se num pequeno grupo de verbos do Maxakalí que apresentam alternância com os sufixos *ã-* e *xu-*: *ãxet* [ʔãʔ'tʃæɔtʔ] / *xuxet* [tʃiɣ'tʃæɔtʔ] 'nome', *ãpak* [ãh'pakʔ] / *xupak* [tʃiɣ'pakʔ] 'ouvir', *ãta* [ʔãh'taʔ] / *xuta* [tʃiɣ'taʔ] 'vermelho', *ãpep* [ʔãh'pɛɔpʔ] / *xupep* [tʃiɣ'pɛɔpʔ] 'chegar'. Não pude determinar o contexto e a causa dessa alternância, a qual poderá ser o tema de uma pesquisa futura.

(62)

Ũ- **kix** **xakīy-nāg** **ũn-te**
 [ʔũ 'kij tʃakījnh'nāŋ ũɣ̃n'teʔ]
 3. INAT bater ? mulher FR ERG
 'Ele (o cão) foi surrado pela mulher',¹²

(63)

Yũmũg **-hitup** **hõnhã**
 [ɲũ'mũŋ hi'tuɣp¹ hõɣ̃'hãʔ]
 1.PL EXCL estar feliz hoje
 'Hoje nós estamos felizes'

(64)

Ūgmũg- **nũn** **ũg** **-pata** **hã**
 [ʔũŋ'mũŋ 'nũɣ̃n¹ ʔũŋ pa'taʔ hãʔ]
 1.PL INCL vir 3. INAT pé por meio de
 'Nós viemos a pé'

(65)

Ok **ã-xop** **-tihi** **nãte?**
 [ʔowk¹ ʔã'tʃuɣp¹ ti'hiʔ nã'tæʔ]
 INT 2. -PL morar aqui
 'Vós morais aqui?'

(66)

Ū- **xohi** **-mõg** **kõmẽn** **ha**
 [ʔũ tʃu'hiʔ 'mõŋ kõ'mẽɣ̃n 'haʔ]
 3. -PL ir comércio para
 'Eles estão indo à cidade'

Nas sentenças acima, os marcadores de pessoa inalienáveis são prefixos verbais e exprimem concordância de pessoa com os sujeitos dos verbos inativos. O marcador de pessoa plural **ũ-xohi** [ʔũtʃu'hiʔ] 'eles' é intercambiável, no plural, com o pronome **ũ-** [ʔũ] 'ele'.

Com relação aos marcadores de pessoa ativos, estes ocorrem junto a verbos transitivos e intransitivos ativos, como mostro a seguir:

¹² O marcador de pessoa **ũ-** [ʔũ] serve tanto ao singular quanto ao plural.

MARCADORES DE PESSOA ATIVOS JUNTO A VERBOS TRANSITIVOS

(67)

Hõnhã	ã	-te	xokyĩn	mã	-ax
[hõ̃z'hãʔ]	ʔã	'tæʔ	tʃowkʔ'nĩz	mãʔ	'ʔaj]
Hoje	1. SING	ERG	bicho	carne	comer FR
‘Hoje eu comerei carne’					

(68)

Ok	xa	-te	yũmã	tikmũ'ũn	yĩy	-axʔ
[ʔowkʔ'tʃaʔ]		'tæʔ	nũ'mãʔ	tijkʔ'mũ'ũz	nĩjn	'ʔaj]
INT	2.	ERG	saber	Maxakalí	falar	NOM
‘Tu sabes a língua Maxakalí?’						

(69)

Tu	-te	yĩm-xox	mãñõg
[tuʔ]	'tæʔ	nĩm'tʃoj	mã'nõŋ]
3.	ERG	mão ponta	censurar
‘Ela xingou o marido’			

(70)

Yũmũg	-ã-	tep	tup	ax	kuyãñãm
[nũ'mũŋ]	ʔãh	'tæxpʔ	'tuxpʔ	'ʔaj	kĩnã'nãxm]
1.PL INCL	1.	ERG	apagar	FUT	fogo brilhar
‘Nós apagaremos o fogo’					

(71)

Ũgmũg	-ãte	tanato	pakũyĩy
[ʔũŋ'mũŋ]	ʔãh'tæʔ	tada'toʔ	pakũ'nĩjn]
1.PL EXCL	ERG	trator	dirigir
‘Nós dirigimos trator’			

(72)

Ã-xop	-te	kakxop	-hex	kupaxox	koyõy
[ʔãʔ'tʃu xpʔ]	'tæʔ	kak'tʃu xpʔ]	'hæj	kĩhpa'tʃoj	kũ'nũjn]
2-PL	ERG	menino	FEM	joelho	ferir
‘Vós machucastes o joelho da menina’					

(73)

Ũ-xohi¹³	-te	kãmãnok	hĩy	mĩm	tu
[ʔũtʃu'hiʔ]	'tæʔŋ	kãmã'dowkʔ	'hĩj	mĩm	'tuʔ]
3-PL	ERG	cavalo	amarrar	árvore	FR em
‘Eles amarraram o cavalo na árvore’					

¹³ O pronome *ũ-xohi-te* [ʔũtʃu'hiʔ'tæʔ] ‘eles’ é intercambiável com o pronome *tu-te* [tuh'tæʔ] ‘ele’ no plural.

MARCADORES DE PESSOA ATIVOS JUNTO A VERBOS INTRANSITIVOS ATIVOS

(74)

Kakxop **-te** **nut** **mĩkaxxap** **tu**
 [kak'tʃuxp¹ 'tæ? duɣɜ mĩ'kaj'tʃaxp¹ 'tuʔ]
 Menino ERG deslizar pedra em
 'O menino deslizou na pedra'

(75)

Ha **kutut** **te** **yēy**
 [ha? kuh'tuɜt¹ 'tæ? 'jĩjɲ]
 E ancião ERG calar-se
 'e o ancião se calou'

(76)

Kunit **-te** **pũn pũn**
 [ku'diɜt¹ 'tæ? pũɜ'pũɜ]
 Grilo FR ERG pular
 'O grilo saltitou'

(77)

Ā **-te** **xupak** **xamoka** **-te** **hoo**
 [ʔã? 'tæ? tʃih'pak¹ tʃabo'ka 'tæ? ho?'ɔ:]
 1. SING ERG escutar cachoeira ERG fazer barulho
 'Eu escutei a cachoeira fazendo barulho=escutei o barulho da cachoeira'

(78)

Ũm **-te** **nook**
 [ũ'ʔũɣm 'tæ? do'ʔowk¹]
 Alguém ERG fazer barulho retumbante
 'Alguém está fazendo barulho'

(79)

Kokex **-te** **papak** **kaok**
 [ku'kæj 'tæ? pa?'puk¹ ka'owk¹]
 Cachorro ERG latir forte MOD
 'O cachorro está latindo alto'

(80)

Ũn-mai **-tex** **mũtix** **hãm** **yãg**
 ʔũɜba'i? 'tæj mũ'tij hãɣm 'jãɲ
 Mulher FR ERG-eu (O) com terra cortar =dançar

ãmuk **xeka** **tu**
 ʔã'buk¹ tʃe'ka? tuʔ
 comida grande =festa em
 'A mulher dançou na festa'

Os exemplos acima mostram que os marcadores de pessoa ativos ocorrem junto a verbos transitivos e junto a intransitivos desde que sejam agentivos. Na próxima seção, decrevo os marcadores de posse em Maxakalí.

5.3.2 MARCADORES DE POSSE

A posse é expressa de duas maneiras em Maxakalí: (1) por meio dos marcadores de pessoa inativos e (2) por meio de marcadores de posse. O primeiro tipo de posse é inerente a nomes inalienáveis, ou nomes de posse direta, que são obrigatoriamente marcados por meio dos prefixos de pessoa inativos. O segundo tipo de posse se realiza por meio dos marcadores de posse *yōg* [jõŋ] e *ōg* [ʔõŋ], que se juntam a nomes alienáveis, ou nomes de posse indireta. Em construções envolvendo posse, nomes de posse indireta somente podem ser possuídos por meio dos marcadores de posse *yōg* [jõŋ] e *ōg* [ʔõŋ], daí, portanto, o rótulo “nome de posse indireta”, pois a posse é “intermediada” pelos marcadores *yōg* [jõŋ] e *ōg* [ʔõŋ]. Esses marcadores correspondem, respectivamente, à primeira e à segunda pessoa do singular. A referência às outras pessoas do discurso se faz por meio do marcador de posse *yōg* pós-posto às marcas de pessoa inativas. No quadro a seguir, mostro os dois tipos de marcadores:

TABELA 3
MARCA DE PESSOA E MARCADOR DE POSSE

Pessoa	Marca de pessoa	Marcador de posse
1 ^a	ũg- [ʔũŋ]	yōg [ʔã'tæʔ]
2 ^a	a- [ʔa]	ōg [tʃah'tæʔ]
3 ^a	ũ- [ʔũ]	ũ-yōg [tuuh'tæʔ]
1 ^a incl.	ũg-mũn [ʔũŋ'mũɕɛ]	ũg-mũn-yōg [ʔũŋ'mũɕ ʔã'tæʔ]
1 ^a excl.	yũmũg [jũm'ũŋ]	yũmũg-yōg [jũm'ũŋ ʔã'tæʔ]
2 ^a	ã-xop [ʔã'tʃuɕpʷ]	ã-xop-yōg [ʔãh'tʃuɕpʷ'tæʔ]
3 ^a	ũ-xohi [ʔũtʃu'hiʔ]	ũ-xohi-yōg [ʔũhtʃu'hiʔ'tæʔ]

A seguir, arrolo exemplos de sentenças que contêm as duas classes de marcadores:

MARCADORES DE PESSOA:

(81)

Ūg-	hex	ũ-	gãý
[ʔũŋ]	'hæj	ʔũ	'gãjŋ]
1. SING	irmã	ele INAT	bravo
'Minha irmã é/está brava'			

(82)

Ã-	xe	ũ-	tox
[ʔa	tʃæʔ	ʔũ	'toj]
2.	cabelos	ele INAT	longo
'Teu cabelo é/está longo'			

(83)

Ūm-	tox	ũm-	nok
[ʔũmʔ]	'toj	ʔũmʔ]	'dowkʔ]
3. INTR	cabeça	ele INAT	branco FR
'Sua cabeça é/está branca'			

(84)

Ãxop-	pa	ũm-	nīy
[ʔã'tʃuʔ]	paʔ	ʔũmʔ]	'nījŋ]
2.PL	olho	ele INAT	preto FR
'Vossos olhos estão/são pretos'			

(85)

Yũmũg-	yīm	ũ-	tup
[jũ'mũŋ]	jĩm	ʔũ	'tuʔ]
1.PL INCL	mão	ele INAT	limpo
'Nossas mãos estão/são limpas'			

(86)

Ūg-mũg-pata	ũ-	xexka	
[ʔũŋ'mũŋpa'taʔ]	ʔũ	tʃej'kaʔ]	
1.PL EXCL	pé	ele INAT	grande
'Nossos pés são/estão grandes'			

(87)

Ãk-	tok	ũ-	tuk
[ʔãŋ	'towkʔ]	ʔũ	'tukʔ]
2. AT	criança	ele INAT	crescer
'Os vossos cresceram'			

MARCADORES DE POSSE:

(88)

Yõg **kokex** **te** **papuk**
 [ɲõŋ ku'kæj tæʔ paʔ'puukʔ]
 de POSP cachorro ERG latir
 'Meu cachorro late=meu cachorro está latindo'

(89)

Õg **kãmãnok** **ũ-** **xup** **õte**
 [ʔõŋ kãmã'dowkʔ ʔũ tʃiɣpʔ õ'tæʔ]
 Teu cavalo ele INAT ficar em pé com as quatro patas lá
 'Teu cavalo está lá'

(90)

Piya **mõg** **ũ-** **yõg** **xahap?**
 [pi'dzaʔ mõŋ ʔũ ʔõŋ tʃa'haɣpʔ]
 Onde ir ele INAT GEN chave
 'Onde está a chave dele?=onde foi parar a chave dele?'

(91)

Yũmũg **-yõg** **mĩm-tut-mõg** **ũ-** **kutut**
 [ɲũmũŋ ʔõŋ mĩm'tuɣəʒtʔ'mõŋ ʔũ kɨ'tuɣtʔ]
 1.PL INCL GEN madeira FR mãe FR ir ele INAT velho
 'Nosso carro é/está velho'

Nas sentenças com pronomes alienáveis acima, os marcadores de posse figuram sempre à esquerda e proporcionam leitura atributiva¹⁴. Uma leitura predicativa também é possível, mas, nesse caso, os marcadores ocorrem à direita dos nomes possuídos, sendo que a primeira e a segunda pessoa contam com o morfema {-nũ} [ʔnũʔ] 'este' após os marcadores:

(92)

Nõ'õm **kãmãnok** **yõg-nũ**
 [nõ'ʔõŋmʔ kãmã'dowkʔ ɲõŋ'nũʔ]
 Esse cavalo GEN. este FR
 'Esse cavalo é meu'

¹⁴ Na descrição dos pronomes possessivos de PEREIRA, 1992, são apontadas as formas livres de primeira e de terceira pessoas, formadas pela adjunção com o morfema {-yõg}: *ũgɣõg* e *ãyõg*. Não obtive de falantes de Maxakalí tais formas, apenas as descritas em (82-83). PEREIRA, 1992, menciona também as formas *yõgnẽ*, *õgnẽ* e *yõg*, respectivamente, segundo ela, de primeira e de terceira pessoas. Encontrei formas semelhantes, em (86, 87 e 88), mas que diferem parcialmente em forma e também na ordem em que ocorrem em relação às apontadas por PEREIRA.

(93)

Nõ'õm **yip** **õg** **-nũ**
 [nõ'ʔõõm¹ dzɨɣp¹ ʔõŋ 'nãŋ]
 Esse jipe GEN.2 este FR
 'Esse carro é teu'

(94)

Nõ'õm **henox** **ũ-yõg**
 [nõ'ʔõõm¹ hæ'doj ʔũ'jõŋ]
 Esse relógio ele INAT GEN
 'Esse relógio é dele'

(95)

Nõ'õm **kokex** **yũmũg** **-yõg**
 [nõ'ʔõõm¹ ku'kæj jũumũŋ 'jõŋ]
 Esse cachorro nós INCL GEN
 'Esse cachorro é nosso'

(96)

Nõ'õm **hãmxeka** **ũg-mũ** **-yõg**
 [nõ'ʔõõm¹ hãõmtʃe'ka ʔũŋmũ?
 Esse terra nós EXCL GEN
 'Essa terra é nossa'

(97)

Nõ'õm **pata-xax** **ã-xop-yõg**
 [nõ'ʔõõm¹ pataʔ'tʃaj ʔã'tʃuɣp¹jõŋ]
 Esse pé cobertura tu PL GEN
 'Esse sapato é vosso'

Na próxima seção, trato sobre os pronomes dativos.

5.3.3 PRONOMES DATIVOS

Os pronomes dativos são, com exceção da terceira pessoa do plural, constituídos pelas formas pronominais ativas sem a partícula ergativa {-te}, como no quadro abaixo:

TABELA 4
PRONOMES DATIVOS

	Pessoa	Pronomes dativos
plural	1 ^a	ã - [ã]
	2 ^a	xa -[tʃaʔ]
	3 ^a	tu -[tuʔ]
singular	1 ^a incl.	ũgmũn-ã [ũŋmũɔ̃'ã]
	1 ^a excl.	yũmũg-ã [ɲũ'mũŋ'ã]
	2 ^a	xa/ã-xop [tʃaʔ] / [ʔã'tʃuɔ̃pʔ]
	3 ^a	tu [tuʔ]

As formas dativas se empregam para sujeitos com papel temático de [+ALVO] e de [+BENEFICIÁRIO]. Mostro abaixo exemplos de sentenças com cada um dos pronomes:

(98)

Kaxiã	-te	ã	xuktux
[katʃiãʔ]	'tæ	ãʔ	tʃukʔ'tuɔ̃]
Cassiano	ERG	1. DAT	contar
'Cassiano me contou'			

(99)

Ũn	-te	xa	xakot	hõm
[ʔũɔ̃]	'tæʔ	tʃaʔ	tʃa'kuɔ̃tʔ'	hõɔ̃m]
Mulher FR	ERG	2. DAT SING	bolsa	dar SING
'A mulher te deu a bolsa'				

(100)

Ũ-tak	-te	tu	hãm-xop	hok	hõm
[ũʔtakʔ]	'tæʔ	'tuʔ	hãɔ̃m'tʃuɔ̃pʔ'	howkʔ	'hõɔ̃m]
3. INAT pai	INAL ERG	3. DAT SING	coisa PL	de graça	dar SING
'O pai dele lhe deu um presente'					

(101)

Ãyuhuk	-hex	-te	ũgmũ-ã	kayak	põp-mãhã
[ʔãdzur'huukʔ]	'hæj	'tæʔ	ʔũŋ'mũ'ãʔ	ka'dzakʔ	pũmã'hãʔ]
Não-índio	FEM	ERG	1.PL EXCL DAT	camisa	dar PL
'A mulher não-índia nos deu camisa'					

(102)

Yãyã	Toto	-te	yũmũgã	nũhũ	tokãn	mũg
[ɲã'ɲãʔ]	tɔ'tɔ	'tæʔ	ɲũmũŋ'ãʔ	nũ'hũʔ	to'kãɛ	'mũŋ]
Vovô	Toto	ERG	1.PL INCL DAT	este	galinha-d'angola	mostrar

'O Totó nos mostrou essa galinha-d'angola'¹⁵,

(103)

Pakũyĩ-ax	-te	ã-xop	pu	kãnãmet	pop-mãhã
[pakũyĩ'aj]	'tæʔ	ãh'tʃuɔpʔ	puʔ	kãnã'mɛɛtʔ	pumã'hãʔ]
Dirigir NOM	ERG	2. PL	para	bala	dar PL

'O motorista vos deu balas'

(104)

Mãmĩy	-te	tu	pox	pop-mãhã
[ʔũ'takʔ]	'tæʔ	tuʔ	pojʔ	pumã'hãʔ]
Mãmĩy	ERG	3. DAT	flecha FR	dar PL

'Mãmĩy lhes deu uma flecha'

Em nominais, o dativo é expresso por meio da posposição *pu* [puʔ] 'para',

constituindo construções oblíquas:

(105)

Tu	-te	ũn	pu	mĩkax	hõm
[tuʔ]	'tæʔ	ũũɛh	'puʔ	mĩ'kaj	'hõũm]
Ele AT	ERG	mulher FR	para	faca	dar SING

'Ele deu a faca para a mulher'

(106)

Yimet	-te	Yaet	pu	kãmãnok	xix
[dʒi'bɛɛtʔ]	'tæʔ	dʒa'ɛɛtʔ	'puʔ	kãmã'dowkʔ	'tʃij]
Gilberto	ERG	Izael	para	cavalo	deixar SING

'Gilberto deixou o cavalo para Izael'

As formas pronominais dativas podem se juntar ao morfema {-**tuk**}, marcando sujeitos/objetos desencadeadores, isto é, sujeitos ou objetos cujo papel temático seja de desencadeador, como mostro nos exemplos seguintes:

(107)

Ok	xa	-te	a	-tuk	gãy?
[owkʔ]	tʃa	'tɛʔ	a	'tuukʔ	'gãjɲ]
INT	2. DAT	ERG	1. DAT	DES	bravo

'Tu estás bravo comigo?'

¹⁵ *Numida meleagris*.

(108)

Tu **-te** **xa-tuk** **gãy**
 [tuɰh 'tæʔ 'tʃah'tukʔ 'gãjɲ]
 Ele AG ERG tu DAT DES ser bravo
 'Ele está bravo contigo'

(109)

Ũn **-te** **tuk** **gãy**
 [tuɰh 'tæʔ tukʔ 'gãjɲ]
 Mulher FR ERG DES bravo
 'A mulher está brava com ele'

Nas sentenças acima, as formas pronominais dativas *a* [aʔ] '1. DAT' e *xa* [tʃaʔ] '2. DAT' ocorrem com o morfema desencadeador {-**tuk**}. Note-se que a forma dativa correspondente à terceira pessoa *tu* [tuʔ] não coocorre com o morfema desencadeador **tu-tuk*, como se pode observar na sentença (109).

A ocorrência do morfema desencadeador não se limita à adjunção a pronominais, ocorrendo também junto a nomes:

(110)

Mox-tuk **kuxanõg**
 [boj'tukʔ kuhtʃa'nõŋ]
 Boi DES preocupar-se
 '(Ele) está preocupado com o boi'

(111)

Ũ-tak **-tuk** **yĩmkutuk**
 [ũ'takʔ 'tukʔ jĩmkuɰh'tukʔ]
 Ele INAT pai INAL DES temer
 '(Ele) teme o pai'

Nas sentenças acima, os sujeitos [+DESENCADEADOR] exibem o morfema {-**tuk**}. Na próxima seção, tratarei dos pronomes objetivos.

5.3.4 PRONOMES OBJETIVOS

Na posição de objeto direto, os argumentos pronominais assumem as formas que exponho no quadro abaixo:

TABELA 5
PRONOMES OBJETIVOS

	Pessoa	Argumentos (O)
singular	1 ^a	-x[j]
	2 ^a	ã-[ʔã]
	3 ^a	Ø
plural	1 ^a incl.	ũgmũn[ʔũŋ'mũʒn]
	1 ^a excl.	yũmũg[jũ'u'mũŋ]
	2 ^a	ã-[ʔã]
	3 ^a	Ø

Seguem exemplos dos pronomes objetivos na ordem em que aparecem na tabela acima:

(112)

Tonopexot -tex yĩkopit tu hãm ũm hã -g
 [todope'tʃo 'tæj jĩku'piʒtʰ tuʔ hãũm'ũũm 'hãŋ
 Professor_j ERG 1 (O) perguntar assim quando durante eu

mõg ax Mananax ha
 mõŋ aj bada'daj 'haʔ]
 ir FUT Valadares para
 'O professor me perguntou quando eu vou para Governador Valadares'

(113)

Tu -tex xotit
 [tuʔ 'tæj tʃuh'tiʒtʰ]
 Ele AG ERG 1 (O) beliscar
 'Ela me beliscou'

(114)

Ã- ktok -te ã pe-n-ãhã
 [ãŋ 'towkʰ 'tæʔ ã pe'nã'hãʔ]
 Tu INAT criançaINAL ERG tu (O) ver CAUS
 'Teu filho te viu'

(115)

Tu **-te** **ã** **mãnõg** **ax**
 [tuh tɛ? ã mãnõŋ 'aj
 Ele AG ERG tu xingar FUT

xa **-te** **xata** **-kaok** **ha**
 tʃah 'tɛ? tʃah'ta? FR ka'ʔowk¹ ha]
 tu AG ERG gritar forte porque
 'Ele te xingar\u00e1 porque tu gritas muito alto'

(116)

\u00c0 **-te** **pe-n-\u00e1h\u00e1** **p\u00ean\u00ean -kup** **h\u00e1**
 [\u00e1h 't\u00e6? pɛ'n\u00e1'h\u00e1? p\u00e5'n\u00e5zn'ku\u00e7p¹ 'h\u00e1?]
 Eu AG ERG \u0398-3 ver CAUS peneira estrutura em
 'Eu o vi na bicicleta'

(117)

Paptux **-te** **y\u00fam\u00fag** **kix**
 [pa\u00e7p¹tuj 't\u00e6? \u026a\u028a'm\u028a\u028a 'kij]
 B\u00e9bado ERG n\u00f3s EXCL (O) bater
 'O b\u00e9bado nos bateu'

(118)

\u00d1n **-te** **\u00fagm\u00fag** **mãnõg**
 [\u028a\u028a 't\u00e6? \u026a\u028a\u028a'm\u028a\u028a m\u00e1'nõŋ]
 Mulher FR ERG n\u00f3s INCL (O) admoestar
 'A mulher nos xingou'

(119)

M\u00f3g **\u00e1-xop!** **\u00c0m\u00f3xa** **-te** **\u00e1-xop** **kix** **ax**
 ['m\u00f3ŋ \u00e1h't\u028a\u00e7p¹ \u028a\u028am\u00f3h't\u028a? 't\u00e6? \u00e1h't\u028a\u00e7p¹ kij 'aj]
 ir tu-PL \u00c0m\u00f3xa ERG v\u00f3s (O) matar PL FUT
 'Ide! Sen\u00e3o o \u00c0m\u00f3xa¹⁶ vos matar\u00e1!'

(120)

\u00c0 **-te** **y\u00fam\u00fag**
 [\u00e1h 't\u00e6? \u026a\u028a'm\u028a\u028a
 Eu AG ERG 3. \u0398 conhecer
 'Eu os conhe\u00e7o'

¹⁶ Ser morto-vivo Maxakal\u00ed que se alimenta de carne humana. O *\u00c0m\u00f3xa* \u00e9 um morto que n\u00e3o foi bem enterrado. Quando isso ocorre, o morto se transforma nesse ser, cujo corpo \u00e9 uma carca\u00e7a humana de pele dura ressequida. Suas m\u00e3os s\u00e3o garras met\u00e1licas que, como facas, dilaceram suas v\u00edtimas.

Em construções com posposições, como construções comitativas, os pronomes usados são os objetivos, exceto o da terceira pessoa, que, tanto no singular quanto no plural, assume a forma pronominal demonstrativa reduzida *nũ* [nũ?], como nos exemplos a seguir:

(121)

Hãmtup	ĩhã	xa-te	xak	ax	ũg-mũtix
[hãḡmtuḡp ¹	ĩ'hã?	tʃah'te?	tʃak ¹	'aj?	ũḡmũ'tij]
NOM novo	quando	tu ERG	caçar	FUT	eu INAT com

‘Amanhã tu caçarás comigo’

(122)

Ũg-	nõy	ũ-	mõg	nũ	mũtix
[ʔũḡ	'nõjḡ	ũu	'mõḡ	nũu?	mũu'tij]
Eu INAT	irmão INAL	ele INAT	ir	este FR	com

Menaniyõn**ha**

bædadi'dzõḡ

'ha?]

Belo Horizonte

para

‘Meu irmão foi com ela para Belo Horizonte’

(123)

Kakxop-xohi	-te	hãmkuteex	putup	ã-mũtix
[kak ¹ tʃuḡp ¹ tʃu'hi?	'te?	hãḡmkuhte'ʔej	puh'tuḡp ¹	ʔãmũu'tij]
Menino PL	ERG	brincar	querer	tu INAT com

‘As crianças querem brincar com você’

Na próxima seção, tratarei sobre a voz reflexiva em Maxakalí.

5.3.5 PRONOME REFLEXIVO

A voz reflexiva é realizada em Maxakalí por meio do pronome reflexivo *yãy*

[nãjḡ], como mostro nos exemplos abaixo:

(124)

Ã	-te	yãy	xaptop
[ʔãh	'te?	nãjḡ	tʃaḡp ¹ toḡp ¹]
Eu AG ERG	REFL	esconder-se	

‘Eu me escondi’

(125)

Xa -te putõy hã yãy muk
 [tʃah 'tæ? putõj̃n 'hã? nãj̃n 'bukʔ]
 Tu AG ERG barro FR com REFL besuntar
 'Tu te besuntaste com barro'

(126)

Tu -te yãy ãkoho
 [tu? 'tæ? nãj̃n ʔãko'ho?]
 Ele AG ERG REFL coçar
 'Ele se coçou'

(127)

Kãyã -te yãy hã hãm kix
 [kã'nã? 'tæ? nãj̃n 'hã? hãm kix]
 Cobra ERG REFL com chão bater
 'A cobra se debateu no chão'

(128)

Ũgmũg -te yãy kix pax
 [ʔũgmũŋ 'tæ? nãj̃n kij 'pax]
 Nós INCL ERG REFL brigar IT
 'Nós brigamos sempre'

(129)

Xa -te yãy xak taxuna hã
 [tʃah 'tæ? nãj̃n 'tʃakʔ taxuna hã]
 Tu AG ERG REFL cortar-se enxada INSTR
 'Tu te cortaste com a enxada'

(130)

Ũn -te yãy pa xex
 [ʔũn 'tæ? nãj̃n pa? 'tʃæj]
 Mulher FR ERG olho pintar
 'A mulher pintou seus (próprios) olhos'

(131)

Yũmũg -te yãy pen-ãhã
 [jũ'mũŋ 'tæ? nãj̃n pænã'hã?]
 Nós EXCL ERG REFL ver CAUS
 'Nós nos olhamos'

O pronome reflexivo *yã* [nãjn] ocorre também em sentenças intransitivas com verbos intransitivos de uma classe determinada¹⁷. Nesse caso, além de fazer correferência com o objeto, expressa no evento aspecto télico:

(132)
Míxux **yã** **koxip**
 [mĩ'tʃij nãjn kuh'tʃiɣpʷ]
 Folha REFL rasgar
 'A folha se rasgou'

(133)
Ũg- **yĩmxax** **yã** **xaa**
 [ʔŋ nĩɣm'tʃaj nãjn tʃa'ʔa]
 Eu INAT mão cobertura INAL REFL rachar
 'Minha unha quebrou'

Na próxima seção, trato dos pronomes demonstrativos.

5.3.6 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Pronomes demonstrativos da língua Maxakalí dividem-se em três formas, usadas de acordo com a proximidade do referente. Até o ponto em que pude verificar, encontrei três pronomes demonstrativos na língua: *nũhũ* [nũ'hũʔ] 'este', *nõõm* [nõ'ʔõõm] 'esse' e *õhõm* [õ'hõõm] 'aquele'¹⁸, como nos exemplos a seguir:

(134)
Nũhũ **tã** **ũ-ta**
 [nũ'hũʔ tãjn ũh'taʔ]
 Este mexerica ele INAT ser/estar maduro
 'esta mexerica está madura'

(135)
Nũhũ **xokxuuk** **ũxeka**
 [nũ'hũʔ tʃowkʷtʃu'ʔukʷ ũʔtʃej'kaʔ]
 Este ovo ele INAT ser/estar grande
 'Este ovo é grande'

¹⁷ Esses verbos pertencem à classe de intransitivos que denominarei classe II, sobre a qual tratarei no capítulo 6.

¹⁸ PEREIRA, 1992, registra como pronomes demonstrativos as formas curtas *nũ* e *nõ*, que, como mostrarei no capítulo 15, ocorrem na língua apenas em compostos. PEREIRA, 1992, registra também as formas *yõgnẽ*, *õgnẽ* e *yõg* sobre as quais tratei na seção sobre construções genitivas.

(136)

Nõõm	mũnũy-tut	yãyã	Toto	yõg
[nõ'ŋõm	mũnũij̃n'tuɣɜt¹	nã'nã	tɔ'tɔʔ	'jõŋ]
Esse FP	veado mãe	vovô FR	Totó	GEN

‘Essa vaca é do Totó’

(137)

Nõm	-xop	kakxop	-xohi	‘ũ-	hãm-kuteex
[nõõm	'tʃuɣp¹	kak¹'tʃuɣp¹	tʃu'hiʔ	ʔũ	hãõmkuhtæ'æʔj
Esse FR	PL	menino	PL	ele INAT	brincar

hãm -nak tu
 hãõm 'dak¹ 'tuʔ]
 chão ser seco em
 ‘Esses meninos estão brincando na poeira’

(138)

Õhõm	ũhũn	ũg-xetut
[õ'hõõm	ʔũ'hũõz	ʔũŋtʃæh'tuɣɜ]
Aquela	mulher FP	eu INAT esposa INAL

‘Aquela mulher é minha esposa’

Para cada uma das formas pronominais, há uma forma plural correspondente: **nũhũ**

[nũ'hũʔ] ‘este’ / **nũ-xop** [nũʔ'tʃuɣp¹] ‘estes’, **nõõm** [nõ'ŋõõm] ‘esse’ / **nõm-xop**

[nõõm'tʃuɣp¹] ‘esses’, **õhõm** [õ'hõõm] ‘aquele’ / **õm-xop** [õõm'tʃuɣp¹] ‘aqueles’. As

formas plurais são compostas das formas pronominais reduzidas e do sufixo plural **-xop**

[tʃuɣp¹]. Arrolo a seguir sentenças com esses pronomes:

(139)

Nũ-xop	mũnũytut	konãg	xoop	ax
[nũ'tʃuɣp¹	mũnũij̃n'tuɣɜt¹	kũnãŋ	tʃo'ʔoɣp¹	aj]
Este PL	veado mãe FR	água FR	beber	FUT

‘Estes bois vão beber água’

(140)

Nõm-xop	ũhũn	tu	-te	yãy	xex	yãmĩy-xop	pu
[nõõm'tʃuɣp¹ʔũ'hũõzn	tuh	'tɛʔ	nãjn	'tʃæj	nãmĩij̃n'tʃuɣp¹	puʔ]	
Esse FR PL	mulher FP	ele AG	ERG REFL	pintar	espírito PL	para	

‘Essas mulheres estão se pintando para os espíritos’

(141)

‘Ôm-xop	mîhîm	ôte	tuthi
[ʔõ̃x̃¹tʃuxp¹]	mî¹hî̃xm	ʔõ¹teʔ	tux̃¹hiʔ]
Aquele PL	árvore FP	lá	embaúba
‘Aqueles árvore lá são embaúbas’			

Termino aqui a descrição dos nomes e pronomes da língua Maxakalí. Na próxima seção, faço as considerações finais sobre este capítulo.

5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO

Neste capítulo, descrevi a ordem dos constituintes na língua Maxakalí e as categorias lexicais nome e pronome. Mostrei as diferenças que há entre nomes de posse direta e nomes de posse indireta com relação à marcação de posse e às construções genitivas. Em seguida, descrevi os marcadores de pessoa de posse da língua e os pronomes dativos, objetivos, reflexivos e demonstrativos. No próximo capítulo, descreverei as classes verbais da língua Maxakalí que pude identificar.

CAPÍTULO 6: CLASSES VERBAIS DA LÍNGUA MAXAKALÍ

Em Maxakalí, verbos podem ser divididos, basicamente, em transitivos e intransitivos. As classes verbais da língua Maxakalí mostram, na relação com seus argumentos, que a língua possui um sistema de caso ergativo¹. Sob a perspectiva tipológica (cf. Dixon, 1979, 1994; Comrie, 1989), sistemas ergativos diferenciam, de forma geral, o argumento verbal sujeito, com papel temático de agente, dos demais argumentos verbais. Neste capítulo, descrevo as propriedades morfológicas e morfossintáticas dos verbos transitivos e intransitivos da língua Maxakalí. Conforme mostrarei, verbos transitivos ocorrem sob formas não finitas e seus sujeitos são marcados pela partícula ergativa. Verbos intransitivos, por outro lado, possuem formas finitas e se dividem em duas grandes classes: a classe dos verbos ativos e a classe dos verbos inativos. Verbos inativos, por sua vez, dividem-se em duas subclasses, de acordo com suas características morfológicas e morfossintáticas. Começo, na seção 6.1, pelos verbos transitivos.

6.1 VERBOS TRANSITIVOS

Verbos transitivos da língua Maxakalí assumem formas não finitas, e seus sujeitos são marcados por meio de uma partícula ergativa {-te} [tɛʔ], identificando o papel temático de agente [+DESENCADEADOR], [+CONTROLE] do sujeito, como mostro nos exemplos a seguir:

(1)				
Ōnyãm	-te	mĩmxux	mãhã	
[ʔõz'jãĩm	'tɛʔ	mĩm'tʃj	mã'hãʔ]	
ouriço-caxeiro	ERG	folha	comer	
‘O ouriço-caxeiro ² come folhas’				

¹ Tratarei especificamente sobre este tema no capítulo 9.

² *Coendou prehensilis*. Mamífero cujo corpo é recoberto de aguilhões que lhe servem como defesa a ameaças. O ouriço-caxeiro tem hábitos arborícolas e pertence à família *Orithizontidae*.

(2)

Tihik	tu	-te	kohok	xok
[tɪjk ^ɿ	tuh	'tæ?	ko'hok ^ɿ	'tʃowk ^ɿ]
homem FP	ele AG	ERG	fumo	plantar

‘O homem está plantando fumo’

(3)

Ũn	-te	kanenãm	ku-	tu	yũm
[ũɰh	'tæ?	kade'dãɰm ^ɿ	kuh	'tu?	'ɲũɰm ^ɿ]
Mulher FR	ERG	panela	fogo FR	em POSP	deitar SING

‘A mulher pôs a panela³ no fogo’

(4)

Āyuhuk	-te	tayũmak	xaxog-ãhã
[ʔãdzu'huk ^ɿ	'tæ?	taɲũ'bak	tʃatʃugã'hã]
Não índio	ERG	dinheiro	sumir CAUS

‘O não índio perdeu o dinheiro’

(5)

Ā	-te	kix	ũ-yĩy	kaok	ha
[ʔã	'tæ?	'kij	ʔũ?'ɲĩɲ	ka?'owk ^ɿ	'ha?]
Eu AG	ERG	bater	ele gritar	forte	porque

‘Eu bati nele porque ele gritou alto’

(6)

Kokex kata	-te	kix	xok-xop	hu	mãhã
[ku'kæjkah'ta?	'tæ?	'kij	tʃowk ^ɿ tʃuɰp ^ɿ	hu?	mã'hã?]
Cachorro vermelho	ERG	matar PL	bicho PL	então	comer

‘A suçuarana⁴ mata bichos e em seguida (os) come’

(7)

Ũn	-te	konãg	mõxapi
[ʔũɰ	'tæ?	ku'nã?	mõ?tʃa'pi?]
Mulher FR	ERG	água FR	coar

‘A mulher coou a água’

³ *Kanenãm* [kade'dãɰm^ɿ], literalmente ‘caldeirão’, do português, designa a ‘panela de metal’, adotada dos neobrasileiros. Os Maxakalí empregam também a palavra *nax* [daj] ao se referirem ao utensílio panela, mas apenas quando esta é de barro. O costume Maxakalí de fazer panelas e outros utensílios de barro é conservado nos dias de hoje por poucas mulheres, geralmente mais velhas, e que, raramente ainda se ocupam dessa arte já que as panelas metálicas são, naturalmente, mais utilizadas hoje em dia.

⁴ *Puma concolor*, felídeo americano.

(8)

Xapup-xee	tatxop	ha	tik	-te
[tʃa'puxɔp'tʃɛ'ɛʔ]	taʒt'tʃuxɔpʔ	haʔ	tijkʔ	'tæʔ
Porco _i verdade	rastro PL	e _j	homem _j FR	ERG

ta-tu	pamãg	mĩy
tah'tuʔ	paʔ'mãŋ	'mĩjɲ]
alí	armadilha	fazer

‘(Havia) rastro de catitu e o homem armou alí a armadilha’

Nas oito sentenças acima, os verbos transitivos tem formas infinitas e seus sujeitos são marcados pelo morfema ergativo {-te}, que se relaciona a eventos verbais agentivos. Note que alguns verbos transitivos fazem distinção de número em Maxakalí, como os das sentenças (3) e (6), mas, em muitos casos, verbos transitivos são vazios de informação temporal e, em geral, vazios de qualquer informação sobre a pessoa do sujeito. Os exemplos a seguir mostram sentenças com verbos transitivos que não veiculam informação temporal:

(9)

Kõnãg	-te	puxhep	tapxat
[kũ'nãŋ	'tɛʔ	puxj'hɛɔpʔ	taɔpʔ'tʃaʒtʔ]
Água FR	ERG	açude	furar

‘A água furou/abriu o açude’

(10)

Xoeni	-te	xokaka	geex
[tʃue'diʔ	'tɛʔ	tʃuka'kaʔ	gɛʔ'ɛj
Sueli	ERG	galinha	fritar

‘A Sueli fritou o frango’

(11)

Tu	-te	tu	neyẽy	mũg
[tuh	'tɛʔ	tuʔ	dedʒɛjɲ	mũŋ]
Ele AG	ERG	3. DAT	desenho	mostrar

‘Ele lhe mostrou o desenho’

(12)

Maket	-te	mũnũy-tut-xohi	papuk
[ba'keʒtʔ	'tɛʔ	mũnũjɲ'tuɔʒt'tʃu'hiʔ	paʔ'puukʔ]
Vaqueiro	ERG	veado mãe PL	tocar

‘O vaqueiro tocou as vacas’

A informação temporal nas sentenças acima advém apenas do contexto em que elas estão inseridas. Isso significa que a informação temporal não pode ser depreendida dos verbos em si nas sentenças acima. Tal informação é dada pelo contexto discursivo. Em casos assim, quando necessário, a informação temporal é expressa, em Maxakalí, por meio de expressões referentes a tempo, como *hãmtexaxĩy ihã* ‘ontem’ *hõnhã* ‘hoje’, *hõnhã-nãg* ‘agora’, *hãmtup ihã* ‘amanhã’, além claro, de morfemas temporais como a partícula de futuro *ax*, etc. Repito as sentenças de (9) a (12) agora com informação temporal explícita por meio das expressões de tempo:

(13)

Hãmtexaxĩy	ihã	Kõnãg	-te	puxhep	tapxat
[hã̃xm'te?kahtʃij̃n]	ĩhã?	kũ'nãŋ	'te?	puj'hεxp̃	taxp̃'tʃaʒt̃
Ontem	quando	água FR	ERG	açude	furar

‘A água furou/abriu o açude ontem’

(14)

Xoeni	-te	xokaka	geex	hõnhã-nãg
[tʃue'di?	'te?	tʃuka'ka?	ge?ej	hõ̃'hãŋ'nãŋ
Sueli	ERG	galinha	fritar	agora DIM

‘A Sueli está fritando frango’

(15)

Tu	-te	tu	neyẽy	mũg	ax
[tuh	'te?	tu?	dedʒẽj̃n	mũŋ	aj]
Ele AG	ERG	3. DAT	desenho	mostrar	FUT

‘Ele lhe mostrará o desenho’

(16)

Hãm-tup	ihã	maket	-te	mũnũy-tut-xohi	papuk	ax
[hã̃xm'tuɣp̃	ĩhã?	ba'keʒt̃	'te?	mũnũj̃n'tuɣʒt̃'tʃu'hi?	pa?'puɣk̃	aj]
Coisa novo	quando	Vaqueiro	ERG	veado	mãe PL	tocar

‘Amanhã o vaqueiro tocará as vacas’

Com exceção de partículas, como a de futuro por exemplo, as informações referentes a tempo nas sentenças de (13) a (16) encontram-se nas expressões temporais e não nos verbos.

Com relação à referência da pessoa do sujeito ou do objeto nos verbos, verbos transitivos não trazem qualquer informação a esse respeito, como mostro nos exemplos seguintes:

(17a)

Āyuhuk	-hex	-te	kuxnut	mōy
[ʔãdʒu'huk ^ɿ	'hej	'teʔ	kij'duɣə	'mũjɲ]
Não índio	FEM	ERG	sobrancelha	tirar
'A mulher índia tirou a sobrancelha'				

(17b)

Ā	-te	kuxnut	mōy
[ʔãh	'teʔ	kij'duɣə	'mũjɲ]
Eu AG	ERG	sobrancelha	tirar
'Eu tirei a sobrancelha'			

(17c)

Xa	-te	kuxnut	mōy
[tʃah	'teʔ	kij'duɣə	'mũjɲ]
Tu AG	ERG	sobrancelha	tirar
'Tu tiraste a sobrancelha'			

(17d)

Ūgmũã	-te	kuxnut	mōy
[ʔũŋ'mũãh	'teʔ	kij'duɣə	'mũjɲ]
Nós INCL AG	ERG	sobrancelha	tirar
'Nós tiramos as sobrancelhas'			

As sentenças em (17) mostram que o verbo *mōy* 'tirar' mantém a mesma forma, independentemente da pessoa expressa pelo sujeito. Portanto, com base nos dados, vê-se que verbos transitivos da língua Maxakalí não portam informação sobre tempo, exceto em alguns casos, por meio de partículas, ou pessoa. Na próxima seção, trato sobre os verbos intransitivos.

6.2 VERBOS INTRANSITIVOS

Com relação aos verbos intransitivos, proponho que há duas classes distintas em Maxakalí: a classe dos verbos ativos e a dos verbos inativos⁵. Verbos ativos expressam eventos verbais nos quais o sujeito assume o papel temático de agente [+DESENCADEADOR]/[+CONTROLE]. Sujeitos de verbos intransitivos agentivos são, por isso, também marcados pela partícula ergativa {-te} em Maxakalí⁶, como os sujeitos dos verbos transitivos, o que mostro a seguir:

(18)

Tu	-te	hãmkuteex
[tuh	'tæ?	hã̃mkuhtæ'æj]
ele AG	ERG	brincar
'Ele brincou'		

(19)

Tu	-te	yēy
[tuh	'tæ?	'jēj]
ele AG	ERG	calar
'Ele se calou'		

(20)

Yãmīy	-tak	-te	gõy-ãhã
[nã'mĩjɲ	'takʷ	'tæ?	gũnjã'hãʷ]
Espírito	pai	ERG	fumaça-CAUS
'O pajé está fumando'			

(21)

Xaktaka	-te	kakxop	tu	mõkãnĩn
[tʃakʷta'kaʷ	'tæ?	kakʷtʃuxpʷ	'tuʷ	mũkã'nĩɛ]
Aranha	ERG	menino	em	subir
'A aranha subiu no menino'				

⁵ No capítulo 10, classificarei essas duas classes como verbos inergativos e verbos inacusativos.

⁶ Mostrarei, mais adiante, que é essa característica que faz da língua Maxakalí uma língua ergativo-ativa.

(22)

Ōnīynāg	-te	mīm	tu	yūm	tu
[ʔõ'nĩjɲ'nãŋ]	'tæʔ	mĩm	'tuʔ	'jũũɣm	tuʔ
Sagui; DIM	ERG	pau FR	em	sentar FR	e _j

pūn	mīm	-nōy	ha
'pũũɛ	mĩɣm	'nõjɲ	'haʔ]
pular	pau FR	outro	para

‘O sagui estava em um galho e pulou para o outro’

Como os verbos transitivos, os verbos intransitivos ativos têm, como se vê nas sentenças acima, seus sujeitos codificados pela partícula ergativa {-te}.

Com relação aos verbos intransitivos inativos do Maxakalí, estes têm seus únicos argumentos associados ao papel temático ou propriedade semântica⁷ [+AFETADO] e expressam eventos verbais estativos ou durativos⁸. Proponho que esses verbos constituem duas subclasses, que denominarei classe I e classe II. Verbos da classe I são codificados por prefixos de pessoa, principalmente pelo prefixo de terceira pessoa {-ũ} [ʔũ]. Esses verbos são descritivos e expressam eventos verbais atélicos com o traço semântico/aspectual [+imperfectivo/estativo]:

VERBOS INTRANSITIVOS DA CLASSE I

(23)

‘Ū-yāyā	ũ-	xok
[ʔũjɲã'jãʔ]	ʔũ	'tʃowkʔ]
Ele INAT Vovô INAL	ele INAT	morrer SING

‘O vovô está morto’

(24)

Xapup	ũ-top
[tʃa'pɯɣpʔ]	ʔ'towpʔ]
Porco	ele INAT engordar

‘O porco está gordo’

⁷ Tratarei, com mais detalhes, sobre as propriedades semânticas no capítulo 10.

⁸ Eventos estativos expressam imperfectividade ou estado, e eventos atélicos expressam perfectividade ou resultatividade, isto é, indicam um curto período de tempo ou uma situação momentânea ou pontual. (Cf. COMRIE, 1976).

(25)

Kutut **ũ-pakut**
 [ku'tuʒt ʔũpa'kuʒt]
 Velho ele INAT adoecer
 'O velho está doente'

(26)

Kokex **ũ-** **kup-nak**
 [ku'kæj ʔũ kuʒp¹dak]
 Cão ele INAT osso seco
 'O cão está magro'

(27)

Ixõg **ũ-** **xok** **mĩm** **tu**
 [ʔi'tʃõŋ ʔũ tʃok¹ mĩm 'tuʔ]
 Passarinho ele INAT morrer SING pau FR em
 'O passarinho está morto no galho'

(28)

Õg **pata-xax** **ũ-** **xoxhe**
 [õŋ pa'ta'tʃaj ʔũ tʃoj'hɛ]
 GEN 2. Pé cobertura ele INAT estar trocado
 'Teus sapatos estão trocados=invertivos'

Os verbos nas sentenças de (23) a (28) são descritivos, pois expressam eventos que denotam o estado ou a qualidade do sujeito e equivalem, no português, aos adjetivos. Os eventos expressos por essa classe são, portanto, em geral, mais durativos⁹. Já os verbos da classe II expressam, em sua maioria, eventos que denotam pontualidade na linha do tempo e, por isso, são menos durativos e mais télicos. Verbos dessa classe são derivados de verbos transitivos e são codificados pelo reflexivo {yãy}, que, por sua vez, pode ou não ser morfológicamente afixado pelo prefixo de pessoa {-ũ}, como mostro nos exemplos abaixo:

⁹ No capítulo 8, argumentarei que a classe adjetivo é expressa, em Maxakalí, pelos verbos da classe I.

VERBOS INTRANSITIVOS DA CLASSE II

(29a)

‘Ū-yīm	-xax	ũ-yāy	xaa
[ũʔ'nĩɣm]	ˈtʃaj	ũ'nãj	tʃa'aʔ]
Ele INAT mão INAL	cobertura	ele INAT-REFL	quebrar
‘A unha quebrou’			

(29b)

‘Ū-yīm	-xax	yāy	xaa
[ũʔ'nĩɣm]	ˈtʃaj	nãj	tʃa'aʔ]
Ele INAT mão INAL	cobertura	REFL	quebrar
‘Unha quebrou’			

(30a)

‘Ūhũn	ũ-yāy	nuhuk
[ũʔ'hũɣn]	ũ'nãj	du'hukʔ]
Mulher FP	ele INAT-REFL	tremar
‘A mulher está tremendo’		

(30b)

Okoat	yāy	kōyōy
[oko'aɣtʔ]	nãj	kũ'nũjɣ]
Copo	REFL	quebrar
‘O copo (se) quebrou’		

(31a)

Okoat	ũ	-yāy	koxak
[oko'aɣtʔ]	ʔũ	ˈnãjɣ]	kũ'nũjɣ]
Copo	ele INAT	-REFL	quebrar
‘O copo (se) quebrou’			

(31b)

Kakxop	yāy	koxak
[kak'tʃuɣpʔ]	nãjɣ]	ku'tʃak]
Criança	REFL	acordou
‘A criança acordou/despertou’		

(32a)

Tihik	ũ-yāy	xaxog-ãhã
[tɪ'hikʔ]	ʔũ'nãj	tʃatʃugã'hã]
Homem FP	ele INAT-REFL	perder-se CAUS
‘O homem perdeu-se’		

(32b)
Tihik **yāy** **xaxog-āhã**
 [tɪ'hɪk^ɾ ɲãj tʃatʃugã'hã]
 Homem FP REFL perder-se CAUS
 'O homem perdeu-se'

(33a)
Yogano **ũ-yāy** **pakūhīy**
 [dʒoga'doʔ ʔũ'ɲãjɲ paʔkũ'hĩjɲ]
 Jogador ele INAT-REFL distrair-se
 'O jogador se distraiu'

(33b)
Yogano **yāy** **pakūhīy**
 [dʒoga'doʔ ɲãjɲ paʔkũ'hĩjɲ]
 Jogador REFL distrair-se
 'O jogador se distraiu'

(34a)
Mīnut **ũ-yāy** **kīy**
 [mĩ'duɣə ʔũ'ɲãjɲ 'kĩɲ]
 Flor ele INAT-REFL embrulhar
 'A flor murchou/fechou'

(34b)
Mīnut **yāy** **kīy**
 [mĩ'duɣə ɲãjɲ 'kĩjɲ]
 Flor REFL embrulhar
 'A flor murchou/fechou'

Nas sentenças de (29) a (34), os verbos inativos expressam eventos télicos, e a marca de pessoa {ũ-} pode ou não ocorrer junta ao reflexivo {yāy}¹⁰. Note-se, porém, que as formas verbais que apresentam a marca de pessoa e as que não a apresentam são semanticamente equivalentes.

Outra diferença que exige a separação dos verbos intransitivos em duas classes distintas é o fato de apenas verbos da classe II poderem ocorrer em construções

¹⁰ O fato de a marca de pessoa poder ocorrer ou não junto a {yāy} evidencia que este reflexivo é, pelo menos em sentenças intransitivas, um afixo e não um pronome, como assumi, no caso das construções transitivas.

ergativas¹¹ sem o sufixo causativo {-nãhã}. Na verdade, a divisão dos verbos intransitivos inativos da língua Maxakalí em duas classes distintas reflete dois processos distintos: a *causativização* ou *transitivização* e a *ergativização*. Na *causativização*, verbos intransitivos tornam-se verbos transitivos, mas, na *ergativização*, verbos transitivos tornam-se intransitivos. Em geral, verbos da classe I necessitam do sufixo causativo {-nãhã} para se transitivizarem, enquanto verbos da classe II prescindem desse sufixo, pois tais verbos são na verdade derivados de verbos transitivos, que, para se intransitivizarem, necessitam do reflexivo *yãy*. Nos exemplos a seguir, mostro os verbos das duas classes:

CAUSATIVIZAÇÃO POR MEIO DO SUFIXO {-NAHÃ} - (CLASSE I)

VERBO INTRANSITIVO

(35a)

Xok- xak -ax- yĩm	ũ-xũĩy
[tʃowk ^ˀ tʃak ^ˀ 'aj jĩĩm	ʔũ'tʃũĩjɲ]
Bicho caçar NOM braço=braço do caçador	ele INAT doer
'O braço do caçador está doendo'	

VERBO TRANSITIVO

(35b)

Hãmgãy -te xok-xak-ax-yĩm	xũĩy-g-ãhã
[hãĩm'gãjɲ 'teʔ tʃowk ^ˀ tʃak ^ˀ jĩĩm	tʃũĩjɲgã'hãʔ]
Onça ERG Bicho caçar NOM braço=braço do caçador	dor CAUS
'A onça fez o braço do caçador doer'	

VERBO INTRANSITIVO

(36a)

Konã'ãg 'ũ-konop
[kunã'ʔãŋ ʔũko'doɣp ^ˀ]
Água FP ele INAT espuma
'A água está cheia de espuma'

¹¹ Construções ergativas são construções em que verbos transitivos podem ocorrer em sentenças intransitivas, como nos exemplos a seguir do português: o copo (se) quebrou/João quebrou o copo. (Cf. CIRÍACO, 2007).

VERBO TRANSITIVO

(36b)

Xãmãm **-te** **konãg** **konop-mãhã**
 [tʃã'mãmp 'tɛ? ku'nãŋ kodoɣmã'hã?]
 Sabão ERG água FR espuma CAUS
 'O sabão fez a água ficar cheia de espuma'

VERBO INTRANSITIVO

(37a)

Nũhũ **mũnũy-tut-yĩn** **ũ-puta**
 [nũ'hũ? mũnũjɲ'tuɣɜ'ɲĩɜn ʔũpuh'ta?]
 Este veado mãe carne ele INAT seco/salgado
 'Esta carne é salgada/seca'

VERBO TRANSITIVO

(37b)

Ũgxetoãyã **-te** **mũnũy-tut-yĩn** **puta-nãhã**
 [ʔũŋtʃetoãã 'tɛ? mũnũjɲ'tuɣɜ'ɲĩɜn puh'tanã'hã?]
 Eu INAT cunhado INAL ERG veado mãe carne seco/salgado CAUS
 'Meu cunhado salgou a carne de vaca'
 (26a) Oração intransitiva:

VERBO INTRANSITIVO

(38a)

Xapup **ũ-top**
 porco ele INAT gordo
 [tʃa'puɣpʰ ʔũtoɣpʰ]
 'Porco está gordo'

VERBO TRANSITIVO

(38b)

Ãyuhuk **-te** **ũ-yõg** **xapup** **top-mãhã**
 [ʔãdzu'hukʰ tɛ? ʔũ'ɲõŋ tʃa'puɣpʰ toɣp'mã'hã?]
 Não índio ERG ele INAT GEN porco gordo CAUS
 'O não índio engordou seu porco'

INTRANSITIVIZAÇÃO POR MEIO DO REFLEXIVO YÃY - (CLASSE II)VERBO TRANSITIVO

(39a)

Mĩkax-xeka **-te** **mĩm** **pot**
 [mĩmkajtʃe'ka tɛ? mĩm puɣtʰ]
 Faca grande ERG madeira FR lascar
 'O facão lascou a madeira'

VERBO INTRANSITIVO

(39b)

Mĩhĩm	yã̃y	pot
[mĩhĩʔm]	nã̃j	pust]
Madeira FP	REFL	lascar
‘A madeira lascou’		

VERBO TRANSITIVO

(40a)

kaxop	-te	kokex	koa
[kak'tʃuʔpʔ]	te	ku'kej	ku'a]
menino	ERG	cão	soltar
‘O menino soltou o cão’			

VERBO INTRANSITIVO

(40b)

Kokex	yã̃y	koa
[ku'kej	nã̃jn	ku'a]
Cão	REFL	soltar
‘O cão se soltou’		

VERBO TRANSITIVO

(41a)

Tu	-te	hã̃myĩkox	xõn
[tu	'teʔ	hã̃mɲĩ'kuj	'tʃõ̃ʔn]
ele	ERG	porta	abrir
‘Ele abriu a porta’			

VERBO INTRANSITIVO

(41b)

Hã̃m-yĩkox	yã̃y	xõn
[hã̃mɲĩ'kuj	nã̃j	tʃõ̃ʔn]
Coisa boca	REFL	abrir
‘A porta se abriu’		

VERBO TRANSITIVO

(42a)

Tanatot	-te	hã̃m	nuhuk
[tada'toʔtʔ]	'teʔ	hã̃m	du'hukʔ]
Trator	ERG	chão FR	tremar
‘O trator tremeu o chão’			

VERBO INTRANSITIVO

(42b)

‘Ūhũn	ũ-yã	nuhuk
[ũʔ'hũɣ̃n	ũ'ɲãj	du'hukʔ]
Mulher FP	ele INAT-REFL	tremar
‘A mulher está tremendo’		

Os dados empíricos reforçam, assim, a existência de duas subclasses de verbos intransitivos inativos, a classe I, que codifica os verbos com o prefixos de pessoa, como o prefixo {-ũ}, e que forma verbos transitivos por meio do sufixo causativo e a classe II, composta por verbos derivados de verbos transitivos por meio do reflexivo *yã*, que, adicional e eventualmente, podem também ser codificados por prefixos de pessoa como os verbos da classe I. Nos capítulos 10 e 11 retomarei essas duas classes verbais. Na seção seguinte, faço as considerações finais sobre este capítulo.

6.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO

Neste capítulo, mostrei que os verbos da língua Maxakalí dividem-se, basicamente, em verbos transitivos e verbos intransitivos. Verbos intransitivos formam dois grupos distintos: verbos ativos e verbos inativos. Verbos ativos têm seus sujeitos marcados pela partícula ergativa {-te}, como os verbos transitivos. Verbos inativos se subdividem em duas classes: classe I, na qual os verbos são prefixados por marcas de pessoa, e classe II, cujos verbos ocorrem com um reflexivo que pode ou não ser prefixado pelas marcas de pessoa que codificam os verbos da classe I. Como mostrarei no capítulo 10, as diferenças semânticas e morfossintáticas dos verbos intransitivos ativos e inativos permitem classificá-los em verbos inergativos e inacusativos. As características que diferenciam os argumentos desses dois grupos de verbos e os argumentos dos verbos transitivos serão evidência de que a língua Maxakalí é uma língua de sistema de Caso tripartido. No próximo capítulo, tratarei da concordância em Maxakalí.

CAPÍTULO 7: A CONCORDÂNCIA EM MAXAKALÍ

Neste capítulo, descrevo a concordância verbal e nominal que há em Maxakalí. A concordância se expressa na língua tanto em verbos quanto em nomes por meio de prefixos pessoais inativos ou por meio de formas verbais supletivas. Dentre os fenômenos gramaticais tratados neste capítulo com os quais a concordância se relaciona figuram os modos indicativo e imperativo, voz passiva e negação.

7.1 CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL

Em Maxakalí, há flexão de pessoa e de número. A flexão de pessoa se manifesta na língua por meio de prefixos pessoais que se juntam a verbos intransitivos e a nomes de posse direta chamados, tradicionalmente, de nomes inalienáveis. No quadro a seguir, exponho os prefixos de pessoa que se envolvem na concordância que há em Maxakalí:

TABELA 1
PREFIXOS PESSOAIS

Pessoa	Prefixos pessoais
1 ^a	ũg- [ũŋ]
2 ^a	ã- [ãʔ]
3 ^a	ũ- [ũʔ]
1 ^a INCL	ũgmũn [ũŋ'mũẽʔ]
1 ^a EXCL	yũmũg [ɲũ'mũŋ]
2 ^a	ã-xop [ãʔ'tʃuɣpʼ]
3 ^a	ũ-xohi [ũʔ'tʃu'hiʔ]

Em verbos intransitivos, o prefixo pessoal { **ũ-** } é correferente com o sujeito e estabelece com ele concordância de pessoa:

(1)

	↓	↓			
Hãhhipak	ũ-puk		ãmníy	hã	
[hã̃x̃mhi'pak ¹	ʔũ'puk ¹		ʔã̃xm'ñĩjn	hãʔ]	
Floresta _i	ele _i INAT queimar		noite	durante	
‘A floresta queimou durante a noite’					

(2)

	↓	↓			
Konããg	ũ-konop				
[kũ'nãʔ'ãŋ	ʔũko'dowp ¹				
Água FP	ele INAT ferver				
‘A água ferveu’					

(3)

	↓	↓			
Xakuxux	ũ-kopuk				
[tʃaku'tʃuj	ʔũ'ku'puk ¹				
Urubu-rei	ele INAT voar PL				
‘Os urubus-rei ¹ voam’					

(4)

	↓	↓			
Mũnũy	-tut	ũ-xup			
[mũnũĩjn	'tuɣɜ	ʔũ'tʃĩxp ¹			
Veado	mãe	ele estar/ficar em pé sobre quatro patas			
‘A vaca está de pé’					

(5)

	↓	↓			
Xapa	ũ	-xumix			
[tʃa'paʔ	ʔũ	tʃi'bɪj]			
Paca	ele INAT	listrado com pintas			
‘A paca ² é listrada’					

¹ *Sarcoramphus papa*.

² *Agouti paca*. Mamífero roedor .

(6)

↓	↓	
↙	↘	
Putahat	ũ	-pato
[pʷta'həʒtʰ]	ʔũ	pa'toʔ]
Estrada FP	ele INAT	molhado
‘A estrada está molhada’		

As setas nas sentenças acima indicam a relação de concordância entre o prefixo de pessoa e os sujeitos das sentenças.

Os prefixos de pessoa referentes às outras pessoas do discurso não podem fazer referência a outro sujeito além daquele expresso pelo próprio prefixo:

(7)

Ūg-mōyōn	putup
[ʔũŋmũ'nũɔn]	puh'tuɣpʰ]
Eu dormir	querer
‘Eu quero dormir’	

(8)

Ā-mōg	hām-tup	ihā
[ā'mōŋ]	hãɣm'tuɣpʰ]	ĩ'hãʔ]
Tu ir	coisa novo	quando
‘Tu irás amanhã’		

(9)

Ūgmūg-hitup	hōnhā	ũg-xetut	-te	put	ha
[ʔũŋmuŋhi'tuɣpʰ]	hõɣn'hã	ʔuŋtʃetuɣɣtʰ]	tɛʔ	puɣɣtʰ]	haʔ]
Nós EXCL feliz	hoje	eu esposa INAL		parir SING	porque
‘Nós estamos felizes porque minha esposa ganhou neném’					

(10)

Yōg-mīmtut	ũ-hāmhup
[jõŋmĩm'tuɣɣtʰ]	ʔũhã'hũɣpʰ]
GEN 1. casa INAL	ele INAT perto
‘Minha casa é perto’	

Nas sentenças acima, de (7) a (9), os prefixos de pessoa fazem referência a sujeitos expressos pelos próprios prefixos. Diferentemente da sentença (10), em que o prefixo de pessoa {ũ-}, referente à terceira pessoa, refere-se a um sujeito externo a ele: *yōg-mīmtut* [jõŋmĩm'tuɣɣtʰ] ‘minha casa’. Na próxima seção, tratarei da partícula enfática *yā* [jãʔ].

7.1.1 PARTÍCULA ‘YÃ’ E CONCORDÂNCIA

Como mostrei na parte de fonologia, a marca de pessoa {-ũ}, uma vogal posterior não arredondada nasal, pode se crasear com a vogal da partícula enfática *yã* [ɲãʔ]. Nesse caso, a concordância é expressa pela partícula *yã* [ɲãʔ]:

(11)

Nũhũ	paxix-tox	yã-	mai
[nũ'hũʔ]	pahtʃi'toj	ɲãʔ	ba'iʔ]
Este	perna ser comprido	ENF	bonito
‘Esta calça é bonita’			

(12)

Patxaax	ũ-	ta	-xox	yã-mnĩy
[paʔtʃaʔ'ʔaj]	ʔũ	ta	'tʃoj	ɲãʔm'nĩjɲ]
Preá	ele INAT	traseiro	ser pontudo INAL	ENF escuro
‘O preá ³ tem o traseiro escuro’				

(13)

Õg	ũhũn	yãg-tĩy-nãg
[õŋ]	ʔũ'hũĩz	ɲãŋ'tĩjɲ'nãŋ]
GEN 2	mulher	ENF pequeno
‘Tua mulher é pequena’		

(14)

Hõmĩ	yã-mõg	Menaniyõn	ha
[hõ'mĩ]	ɲãʔ'mõŋ	bɛdadi'dʒõʒn	'haʔ]
Rominho	ENF-ir	Belo Horizonte	para
‘Rominho foi para Belo Horizonte’			

O modificador *yã* [ɲãʔ] é também capaz de portar os traços de concordância, sem crase com a marca de pessoa, desde que ele ocorra justaposto ao sujeito, mas distante do verbo. Nesse caso, o verbo não traz marca alguma de concordância, pois o modificador já o faz:

(15)

Xupatex	yã	patxaax	xape
[tʃihpa'tæj]	ɲãʔ	paʔtʃa'aj	tʃa'pæʔ]
Cutia	ENF	preá	aparentar
‘A cutia se parece com o preá’			

³ *Cavia aperea*. Mamífero roedor desprovido de cauda.

(16)
Āmāxux **yā** **pok** **ha** **tīhi**
 [āmā'tʃij jāʔ pok^ɿ 'haʔ ti'hiʔ]
 Anta ENF brejo FR em ficar
 'A anta fica no brejo'

Na seção seguinte, tratarei sobre a passiva e sua relação com concordância.

7.1.2 VOZ PASSIVA E CONCORDÂNCIA

Mostrei até aqui que, em sentenças transitivas da língua Maxakalí, o sujeito ergativo ocupa, canonicamente, a posição inicial. Embora o objeto possa ocorrer na posição pós-verbal, a ordem mais comum na língua é SOV:

(17)
Tu **-te** **tutpe** **mīy**
 [tuh 'tæʔ 'tuɣʒh'pæʔ mĩjɲ]
 ele AG ERG rede (O) fazer
 'Ela fez a rede'

Na voz passiva do Maxakalí, o argumento verbal correspondente ao objeto na voz ativa ocupa a primeira posição na sentença, enquanto o argumento correspondente ao sujeito da voz ativa ocupa a última posição e permanece marcado pela partícula ergativa:

(18a)
Tu **-te** **tutpe** **mīy**
 [tuh' 'tæʔ 'tuɣʒh pæʔ mĩjɲ]
 ele AG ERG rede ele INAT fazer
 'Ela fez a rede'

(18b)
Tutpe **ũ-mīy** **tu** **-te**
 ['tuɣʒh'pæʔ ʔũ'mĩjɲ tuh 'tæʔ]
 Rede ele INAT fazer ele AG ERG
 'A rede foi feita por ela'

Note-se que o verbo, na voz passiva, é prefixado pela marca de pessoa {ũ-}, a mesma que ocorre em verbos intransitivos inativos. Tal fato evidencia a passividade da sentença, em que o sujeito gramatical na voz passiva, *tutpe* 'rede', é semanticamente afetado no evento verbal e faz correferência com o prefixo verbal, como ocorre nos verbos da classe I. Portanto, o que evidencia que a construção em questão é mesmo uma

passiva não é a ordem OVS, mas a relação de concordância entre o sujeito gramatical *tutpe* ‘rede’, correspondente ao objeto na voz ativa, e o verbo. Mostro mais exemplos

abaixo:

VOZ ATIVA

(19a)

Tikmũ'ũn **te** **kuxakkuk** **kix**
 [tɨjkˀmũ'ũɲɛnˀ tæʔ kʉtʃakˀkʉkˀ kɨj]
 Maxakalí ERG capivara matar PL
 ‘Os índios Maxakalí mataram as capivaras’

VOZ PASSIVA

(19b)

Kuxakkuk **ũ-** **kix** **tikmũũn-te**
 [kʉtʃakˀkʉkˀ ʔũ 'kɨj tɨjkˀmũ'ũɲɛnˀ]
 Capivara-abs ele INAT matar PL Maxakalí-ERG
 ‘As capivaras foram mortas pelos índios Maxakalí’

VOZ ATIVA

(20a)

Kakxop **-te** **okoat** **kõyõy**
 [kakˀtʃʉxpˀ tæʔ oku'aɬtˀ ku'nũjɲ]
 Menino ERG copo quebrar
 ‘O menino quebrou o copo’

VOZ PASSIVA

(20b)

Okoat **ũ-kõyõy** **kakxop** **-te**
 [oku'aɬtˀ ʔũku'nũjɲ kakˀtʃʉxpˀ tæʔ]
 Copo ABS ele INAT quebrar menino ERG
 ‘o copo foi quebrado pelo menino’

VOZ ATIVA

(21a)

Āmu'u **-te** **mĩmxux** **pop-mõg**
 [ʔãbu'ʉʔ 'tæʔ mĩɲmˀtʃɨj pow'mõŋ]
 Vento ERG árvore FR folha pegar ir-PL
 ‘O vento levou as folhas’

VOZ PASSIVA

(21b)

Mĩm-xux **ũ-** **pop-mõg** **ãmu'u** **-te**
 [mĩɲmˀtʃʉj ʔũ pow'mõŋ ʔãbu'ʉʔ 'tæʔ]
 árvore FR folha ele INAT pegar ir-PL vento ERG
 ‘As folhas foram levadas pelo vento’

VOZ ATIVA

(22a)

Tu	-te	kot	xaxok
[tuh	'tæ?	'koʒtʰ	tʃah'tʃowkʰ]
Ele AG	ERG	mandioca FR	descascar
'Ela descascou a mandioca'			

VOZ PASSIVA

(22b)

Kohot	ũ-	xaxok	tu	-te
[ko'hʊʒtʰ	ʔũ	tʃah'tʃowkʰ	tuh	'tæ?
Mandioca FP	ele INAT	descascar	ele AG	ERG
'A mandioca foi descascada por ela'				

Em todas as sentenças passivas acima, há relação de concordância entre o sujeito e verbo, evidenciando que tais sentenças exprimem afinal de contas voz passiva. Na próxima seção, trato sobre a relação que há entre formas verbais reduzidas e concordância.

7.2 CONCORDÂNCIA DE NÚMERO

Há um pequeno grupo de verbos intransitivos, dentre os quais identifiquei três, que, além de exibirem a marca flexional de pessoa {ũ-}, possuem uma única forma para todas as pessoas, mas que difere da forma infinita. Assumirei que a forma diversa das formas infinitas constitui uma forma finita:

FORMA INFINITA:

(23a)

Pihip
[pi'hixpʰ]
'deitar'

(23b)

Ũn-	kutuk	ũ-	pip	mĩm	-xap	tu
[ʔũẽn	kuh'tukʰ	ʔũ	'piʔpʰ	mĩm	'tʃaxpʰ	tuʔ]
Mulher FR	velho	ele INAT	deitar	madeira FR	plano	em
'A senhora está deitada no jirau'						

FORMA INFINITA:

(24a)

Xihip

[tʃi'hiɣp̃]

'morar'/'ficar'

FORMA FINITA:

(24b)

Ũn-	kutut	ũ-	xip	õte
[ʔũɛn	kuh'tuɣt̃]	ʔũ	'tʃiɣp̃]	õ::'tæʔ]
Mulher FR	ser velho	ele INAT	morar	lá
'A senhora mora lá'				

FORMA INFINITA:

(25a)

Yũhũm

[jũ'hũɣm]

'Sentar-se SING'

FORMA FINITA:

(25b)

Putuxkup	ũ-yũm	hãm-xax	hã
[putuj'kuɣp̃]	ʔũ'jũɣm	hãɣm'tʃaj	hãʔ
Coruja;	ele INAT	sentar FR SING	coisa cobertura em

mĩm	-tut	yũmũ	tu	xetxox	penãhã
mĩɣm	'tuɣɣ	jũ'mãʔ	tuʔ	tʃæɣt̃'tʃoj	pæʔnã'hãʔ]
madeira FR	mãe	sobre	e _j	rato	ver CAUS
'A coruja está pousada sobre o telhado em cima da casa e observa um rato'					

FORMA INFINITA:

(26a)

Mãhãm

[mã'hãɣm]

'Sentar-se PL'

FORMA FINITA:

(26b)

Tonopexot	-xop	ũ-mãm	hãm	tu
[todope'tʃoɣt̃]	'tʃuɣp̃]	ʔũ'mãɣm	hãɣm	'tuʔ]
Professor	PL	ele INAT	sentar-se PL	chão em
'Os professores sentaram-se no chão'				

As sentenças de (23) a (26) indicam que há distinção entre formas infinitas e finitas.

Além disso, note-se que os verbos nas sentenças de (25) a (26), repetidos em (27),

expressam também concordância de número, a qual se manifesta por meio das formas supletivas:

(27a)

Yũhũm

[ɲũ'hũ̃ɣ̃m]

‘sentar-se SING’

(27b)

Mãhãm

[mã'hã̃ɣ̃m]

‘sentar-se’ PL

Na língua Maxakalí, há muitos verbos que expressam concordância de número sob formas supletivas, o que mostrarei na seção seguinte, mas diferentemente dos dois verbos mostrados acima, em (27), o restante dos verbos que pude verificar na língua não faz distinção entre formas finitas e não-finitas. Sobre tal tema tratarei a seguir.

7.2.1 CONCORDÂNCIA DE NÚMERO E SUPLEÇÃO

A concordância de número ocorre sob formas supletivas de formas distintas em verbos intransitivos e em verbos transitivos. Em verbos intransitivos inativos, a concordância se dá com o sujeito, e, em verbos transitivos, com o objeto. Em ambos os casos, a concordância é de número⁴:

VERBOS INATIVOS

(28a)

Mũnũy -tut ã-xup

[mũ'nũ̃jɲ 'tuɣɜ ʔũ't[ɣ̃ɣ̃ɲ]

Veado mãe ele INAT SING estar em pé⁵

‘A vaca está de pé’

⁴ Neste caso, o termo concordância não me parece apropriado, já que as formas singular ou plural não expressam número em si, mas a maneira como o evento acontece sendo singular ou plural, algo como aspecto iterativo. Possivelmente, as formas supletivas expressam mais aspecto que número. Esse tema não será desenvolvido nesta tese e deve ser retomado e aprofundado em pesquisas futuras.

⁵ Sobre quatro patas.

(28b)

Mũnũy **-tut** **ũ-gtetex**
 [mũ'nũjɲ 'tuɣz ũŋtæ'tæj]
 Veado mãe ele INAT PL estar de pé⁶
 'As vacas estão de pé'

(29a)

Tihik **ũ-nãhã** **pẽnẽn-kup** **tu**
 [tr'hɪk^ɾ ũnũ'hũ?
 Homem FP ele INAT cair SING peneira osso de
 'O homem desceu da bicicleta'

(29b)

Tihik **ũ-xakux** **pẽnẽn-kup** **tu**
 [tr'hɪk^ɾ ʔũtʃa'kɪj pẽnẽn'kɔɣp^ɾ 'tuɣ?
 Homem FP ele INAT PL peneira osso de
 'Os homens desceram da bicicleta'

(30a)

Kuptap **ũ-topaha**
 [kɔɣp^ɾ'tɔɣp^ɾ ʔũtopa'ha?
 Urubu ele INAT voar SING
 'O urubu voou'

(30b)

Kuptap **ũ-kopuk**
 [kɔɣp^ɾ'tɔɣp^ɾ ʔũku'pɔk^ɾ
 Urubu ele INAT voar PL
 'Os urubus voaram'

(31a)

Ãmãxux **-te** **konãg** **hã** **mõnãhã**
 [ãmã'tʃɯj 'tæ? kũ'nãŋ 'hã? mũnã'hã?
 Anta ERG água FR em entrar SING
 'A anta entrou na água'

(31b)

Ãmãxux **-te** **konãg** **hã** **mõxakux**
 [ãmã'tʃɯj 'tæ? kũ'nãŋ 'hã? mũtʃa'kɪj
 Anta ERG água FR em entrar PL
 'As antas entraram na água'

⁶ Sobre quatro patas.

(32a)

Mõgmõka-ktok **ũ-xok**
 [mõŋmõ'kak¹towk¹ ʔũ'tʃowk¹]
 Gavião filhote ele INAT morrer SING
 ‘O filhote de gavião⁷ morreu’

(32b)

Mõgmõka-ktok **ũ-xakix**
 [mõŋmõ'kak¹towk¹ ʔũ'tʃa'kij¹]
 Gavião filhote ele INAT morrer PL
 ‘Os filhotes de gavião morreram’

Nas sentenças acima, há uma forma verbal para o singular e uma forma supletiva correspondente para o plural. A concordância, nesse caso, é com o único argumento sujeito, ao contrário das sentenças transitivas, em que a concordância é com o objeto, como mostro abaixo:

VERBOS ATIVOS

(33a)

Ã	-te	Yaet	pu	xupxak	yũm
[ah	'tæ?	dʒa'ɛʒt ¹	puʔ	tʃiɣp ¹ tʃak ¹	'jũɣm]
Eu AG	ERG	Isael	para	mamão	deixar SING

‘Deixei um mamão para Isael’

(33b)

Ã	-te	Yaet	pu	xupxak	xak
[ah	'tæ?	dʒa'ɛʒt ¹	puʔ	tʃiɣp ¹ tʃak ¹	tʃak ¹]
Eu AG	ERG	Isael	para	mamão	deixar SING

‘Deixei mamões para Isael’

(34a)

Kakxop	-te	mãm	put
[kak'tʃuɣp ¹	'tæ?	mãɣm	'puɣʒt ¹]
menino	ERG	peixe FR	pegar SING

‘O menino pegou um peixe’

(34b)

kakxop	-te	mãm	pop
[kaktʃuɣp ¹	tæ?	mãɣm	'poɣp ¹]
Menino	ERG	peixe FR	pegar PL

‘O menino pegou peixes’

⁷ *Mõgmõka* é um nome genérico que designa qualquer espécie de gavião em Maxakalí.

(35a)

Ã	-te	xokakak	xahi	yũm	ãmuk	yĩmũ
[ah	'tæ?	tʃuka'kak ^ˀ	tʃa'hi?	ɲũũm	ʔã'buuk ^ˀ	ɲĩ'mũʔ]
Eu AG	ERG	galinha	pedaço	pôr SING	comida	sobre
'Eu pus um pedaço de frango sobre a comida'						

(35b)

Ã	-te	xokakak	xahi	xak	ãmuk	yĩmũ
[ah	'tæ?	tʃuka'kak ^ˀ	tʃa'hi?	tʃak ^ˀ	ʔã'buuk ^ˀ	ɲĩ'mũʔ]
Eu AG	ERG	galinha	pedaço	pôr PL	comida	sobre
'Eu pus pedaços de galinha sobre a comida'						

(36a)

Tu	-te	petenãg	mõxuk	xagot	hã
[tuh	'tæ?	peteh'nãŋ	mõ'tʃuuk ^ˀ	tʃa'goʒt ^ˀ	hãʔ]
Ele AG	ERG	pimenta	pôr SING	saco	em
'Ele pôs uma pimenta no saco'					

(36b)

Tu	-te	petenãg	xuk	xagot	hã
[tuh	'tæ?	peteh'nãŋ	'tʃuuk ^ˀ	tʃa'goʒt ^ˀ	hãʔ]
Ele AG	ERG	pimenta	pôr PL	saco	em
'Ele pôs pimentas no saco'					

(37a)

Ã	-te	kayak	xut	ax
[ah	'tæ?	ka'dʒak ^ˀ	'tʃiʏʒ	'ʔaj]
Eu AG	ERG	camisa	tirar SING	FUT
'Eu vou tirar a camisa'				

(37b)

Ã	-te	pataxax	mõy	ax
[ah	'tæ?	pata'tʃaj	'mũjɲ	'ʔaj]
Eu AG	ERG	sapatos	tirar PL	FUT
'Vou tirar os sapatos'				

(38a)

Kakxop-hex	-te	xok-yĩn	yũm	panat	yĩmũ
[kak ^ˀ tʃuɣp ^ˀ hæj	'tæ?	tʃowk ^ˀ ɲĩɛ	'ɲũũm	pa'daʒt ^ˀ	ɲĩ'mũʔ]
Menino FEM	ERG	bicho	carne	deitar SING	prato
'A menina pôs a carne no prato'					

(38b)

Kakxop-hex	-te	xok-yĩn	xak	panat	yĩmũ
[kak ^ˀ tʃuɣp ^ˀ hæj	'tæ?	tʃowk ^ˀ ɲĩɛ	'tʃak ^ˀ	pa'daʒt ^ˀ	ɲĩ'mũʔ]
Menino FEM	ERG	bicho	carne	deitar PL	prato
'A menina pôs a carne no prato'					

Nas sentenças transitivas acima, os verbos têm formas distintas para o singular e para o plural, e ambas concordam com o objeto. A concordância por meio de formas supletivas, como nas sentenças acima, serve como evidência de que o prefixo de pessoa ou marca flexional de pessoa {ũ-} do Maxakalí é mesmo uma marca de concordância da língua, especificamente concordância de pessoa. Isso pode ser verificado em construções passivas que envolvem formas verbais supletivas. Como, nas passivas, o objeto da sentença transitiva ocupa a posição de sujeito, a concordância com o sujeito das passivas pelas formas verbais supletivas deveria ser suficiente nesse tipo de construção, mas, mesmo nesses casos, a concordância por meio do prefixo de pessoa {ũ-} é obrigatória, como mostro a seguir:

(39)

Tokãñ	ũm-tex⁸	ãyuhuk-hex-te
[to ¹ kãñ ¹	ũ ¹ m ¹ tej	?ãdzu ¹ huk ¹ hej ¹ te ¹ ?
Galinha d'angola	ele INAT matar SING	não índio FEM ERG
'A galinha d'angola foi morta pela mulher não índia'		

(40)

Kuxakkuk	ũ-	kix	tíkmũũn-te
[kuxt ¹ ak ¹ kuk ¹	?ũ	'kij	tjk ¹ mũ ¹ ũñ ¹
Capivara-abs	ele INAT	matar PL	Maxakalí-ERG
'As capivaras foram mortas pelos índios Maxakalí'			

A manifestação de concordância com o sujeito por meio de formas supletivas e, adicionalmente, por meio do prefixo de pessoa {ũ-} evidencia que este último tipo de concordância é, quando se trata de sujeitos intransitivos ou sujeitos da passiva, canônica na língua Maxakalí. Na seção seguinte, tratarei do modo imperativo e sua relação com concordância.

⁸ O verbo *putex* [puh¹tej] 'matar' tem sua primeira sílaba ressilabificada quando é prefixado pela marca de pessoa {ũ-}. Tratei sobre a ressilabificação no capítulo 2.

7.3 MODO IMPERATIVO E CONCORDÂNCIA

Na seção anterior, mostrei que verbos transitivos manifestam concordância de número sob formas supletivas. Exceto pelas formas verbais supletivas, que expressam concordância de número, verbos transitivos não exibem concordância no modo indicativo, seja de número ou de pessoa. Desse modo, verbos transitivos têm apenas forma infinita, sem portar qualquer informação sobre a pessoa do sujeito:

(41)

Xaho	-te	mãm	tup	xupxak	ta
[tʃa'hoʔ	'tæʔ	mã̃x̃mp̃	'tuɣp̃	tʃix̃p̃'tʃak̃	'taʔ]
Gambá	ERG	comer FR	querer FR	mamão	maduro

'O gambá quer comer mamão maduro'

(42)

Ã	-te	yãnãm	ax	ku-yãnãm
[ʔãʔ	'tæʔ	ɲã'nã̃x̃m	ʔaj	kuɲã'nã̃x̃m]
Eu AG	ERG	brilhar	FUT	fogo brilho

'Eu acenderei a luz'

No modo imperativo, entretanto, verbos transitivos apresentam marcas de concordância de pessoa. A concordância, nesse caso, é com o objeto, como mostrarei a seguir. No modo imperativo, verbos transitivos tomam a marca de pessoa {ũ-}, que, nesse caso, faz referência com o objeto implícito:

VERBOS TRANSITIVOS

(43)

Ũ	-xoop!
[ʔũ	tʃo'ʔowp̃]

Ele INAT (O) beber
'Beba-o (o remédio)!'

(44)

Ũ	-mã!
[ʔũ	'mãʔ]

Ele INAT (O) comer FR
'Coma-o (o arroz)!'

(45)

Ũ- kix!

[ʔũ 'kij]

Ele INAT (O) bater FR
 'Bata nele (no cachorro)!'

(46)

Ũ- xex!

[ʔũ 'tʃæj]

Ele INAT pintar
 'Pinte-o (a criança)!'

(47)

Ũ -tux!

[ʔũ 'tuɟ]

Ele INAT acertar
 'Acerta-o (o boi)

Verbos transitivos que derivam verbos intransitivos da classe II tomam a marca de pessoa nas formas imperativas da mesma maneira que os outros verbos transitivos dos quais não há derivação de intransitivos:

VERBOS TRANSITIVOS

(48)

Ũ-xa'a!

[ʔtʃa'aʔ]

ele INAT partir
 'Parte-a (a pedra)!'

(49)

Ũ- koxak![ʔũ ku'tʃak^ɿ]

ele INAT acordar
 'Acorda-a (a criança)!'

(50)

Ũ- koa!

[ʔũ ku'aʔ]

ele INAT soltar
 'Solta-o (o cachorro)!'

(51)
Ũ- **koyõy!**
 [ʔũ kũ'nũjɲ]
 ele INAT quebrar!
 'Quebra-o (o copo)!'

Nas sentenças imperativas de (48) a (51), o prefixo de pessoa {ũ-} engatilha concordância com o objeto. Observe-se que apenas verbos transitivos são prefixados pela marca de pessoa {ũ-}, pois somente eles podem engatilhar concordância com o objeto.

Nas sentenças imperativas, o objeto pode figurar explícito também. Nesse caso, ele pode ocupar a posição inicial ou final, mas, quando ocorre na posição inicial, a marca de pessoa não figura junto ao verbo:

(52)
Hēmēn **xoop!**
 [hẽ'mẽzn tʃo'ʔowpɿ]
 Remédio beber
 'Beba o remédio!'

(53)
Ā **-ktok** **-pa** **xex!**
 [ʔãŋ 'towkɿ 'paʔ tʃæj]
 Tu INAT criança FR INAL rosto pintar
 'Pinta o rosto da tua criança!'

(54)
Ũ **-tux** **mũnũytut!**
 [ʔũ 'tuɲ mũ'nũjɲ'tuɲɜtɿ]
 Ele INAT acertar veado mãe
 'Acerta o boi!'

(55)
Ũ- **koa** **kokex!**
 [ʔũ ku'aʔ ku'kæj]
 ele INAT soltar cão
 'Solta o cachorro!'

Nas sentenças imperativas acima, o objeto figura explícito, podendo ocorrer antes ou após o verbo. Na posição pré-verbal, entretanto, a marca de concordância não ocorre, o

que evidencia a composição com o verbo na posição OV e o fato de o objeto na posição pós-verbal ser focalizado.

Algumas formas verbais exibem formas supletivas no modo imperativo:

(56a)	(56b)
Potaha	poho
[pota'haʔ]	[po'hoʔ]
'Chorar'	'chore!'
(57a)	(57b)
Topaha	tohop
[toʔpa'haʔ]	[to'hɔʔpʰ]
'Voar'	'voe!'
(58a)	(58b)
Mōyōn	mōhōn
[mũ'jũɣnʰ]	[mũ'hũɣnʰ]
'Dormir'	'durma!'

Os verbos acima possuem formas imperativas supletivas. Além desses três verbos, não pude encontrar outros verbos com essa característica na pesquisa. Com relação às sentenças imperativas negativas, elas podem se realizar por meio de duas partículas negativas de forma indistinta, a partícula *ka* [kaʔ] ou a partícula *hok* [hokʰ]. A partícula *ka* ocorre em posição pré-verbal, e a partícula *hok* em posição pós-verbal, como mostro nos exemplos seguintes:

TABELA 2
 NEGAÇÃO COM 'KA' E COM 'HOK'

FORMA VERBAL	KA	HOK
(59a) Pix [¹ pɨj] 'Lavar'	(59b) ka pix! [kaʔ ¹ pɨj] NEG IMP lavar 'Não lava!'	(59c) ũ- pix hok! [ʔũ pij ¹ hok ¹] ele INAT lavar NEG IMP 'Não lava'
(60a) Xoop [tʃo ¹ ʔowp ¹] 'Beber'	(60b) ka xoop! [kaʔ tʃo ¹ ʔowp ¹] NEG IMP beber 'Não bebe!'	(60c) ũ- xoop hok! [ʔũ tʃo ¹ ʔowp ¹ ¹ hok ¹] ele INAT beber NEG IMP 'Não bebe!'
(61a) Xex [¹ tʃæj] 'Pintar'	(61b) ka xex! [kaʔ ¹ tʃæj] NEG IMP pintar 'Não pinta!'	(61c) ũ- xex hok! [ʔũ ¹ tʃæj ¹ hok ¹] ele INAT pintar NEG IMP 'Não pinta!'
(62a) Mãhã [mã ¹ hãʔ] 'Comer'	(62b) ka mã! [kaʔmãʔ] NEG IMP comer 'Não come!'	(62c) ũ-mã hok! [ʔũmãʔ ¹ hok ¹] ele INAT comer NEG IMP 'Não come'
(63a) Kaxãmix [kajãʔ ¹ bɨj] 'Escrever'	(63b) ka kaxãmix! [kaʔ kajãʔ ¹ bɨj] NEG IMP escrever 'Não escreve!'	(63c) ũ- kaxãmix hok! [ʔũ kajãʔ ¹ bɨj ¹ hok ¹] ele INAT escrever NEG IMP 'Não escreve'

Os exemplos acima, de (59) a (63), estão distribuídos em três séries, (a), (b) e (c). Na série (a) encontram-se as formas infinitivas e nas séries (b) e (c) as formas imperativas. Na série (b), figuram os imperativos com a partícula **ka**, e, na série (c), os imperativos

com a partícula *hok*. Não pude definir na pesquisa o que condiciona imperativos com uma partícula ou outra. Na próxima seção, trato da negação em Maxakalí.

7.4 NEGAÇÃO E CONCORDÂNCIA

Em Maxakalí, a negação é expressa por meio de duas partículas de negação: *a...ah* [ʔa ʔa]. Nas orações que envolvem sujeitos inativos, as partículas negativas *a...ah*

[ʔa ʔa] localizam-se em torno do predicador e suprimem o prefixo de pessoa {ũ-} [ʔũ],

que nas orações positivas sinaliza a concordância entre o sujeito e o verbo:

(64)

Ãmnĩytut	a	xeka	hax	ah
[ã̃xm'ñĩjɲ'tuɣɜ	a	tʃe'kaʔ	haj	aʔ]
Noite mãe	NEG1	grande	feder	NEG2
'O cangambá ⁹ não fede muito'				

(65)

Ũhũn	õhõm	a	mai	ah
[ũ'hũũɜ	õ'hõ̃xm	a	ba'iʔ	aʔ]
Mulher	aquela	NEG1	ser bonito	NEG2
'Aquela mulher não é bonita'				

(66)

Õg	xapup	a	top	ah
[õŋ	tʃa'puɣpʔ	a	toɣp	aʔ]
Teu	porco	NEG1	ser gordo	NEG2
'O teu porco não está gordo'				

Nas sentenças intransitivas negativas acima, o prefixo de pessoa {ũ-}[ʔũ] não pode

ocorrer. Note-se que o prefixo de pessoa {ũ-}[ʔũ] é necessário quando a sentença é

positiva:

(67)

Ãmnĩytut	ũ-hax	xeka
[ʔã̃xm'ñĩjɲ'tuɣɜ	ʔũ'haj	tʃe'kaʔ]
Cangambá	ele feder	grande QT
'O cangambá ¹⁰ fede muito'		

⁹ *Mephitis mephitis*.

(68)
‘Ūhũn õhõm ã-mai
 [ũ'hũũɓn õ'hõũm ʔũba'iʔ]
 Mulher aquela ser bonito
 ‘Aquele mulher é bonita’

(69)
‘Õg xapup ã-top
 [ʔõŋ tʃa'pũɔpʔ ʔũ'tõɔpʔ]
 Teu porco ser gordo
 ‘O teu porco está gordo’

Assim, diferentemente das orações inativas positivas, nas orações inativas negativas, a concordância de pessoa não é expressa.

Nas orações que envolvem verbos ativos, as partículas de negação se localizam antes do sujeito e após o verbo:

(70)
A tu -tep pena ah apne tu
 [ʔa tuh 'tæɔpʔ pẽ'nã 'ʔa aw'de tuʔʔ]
 NEG1 ele AG ERG ver FR NEG2 aldeia em
 ‘Ele não a viu na aldeia’

(71)
A tik -te hãmyã ah
 [ʔa tikʔ 'tæʔ hãũm'jãŋ 'ʔa]
 NEG1 homem FR AG ERG dançar FR NEG2
 ‘O homem não dançou’

(72)
A ãte xupak ah xamoka te hoó
 [ʔa ãh'tæʔ tʃih'pakʔ 'ʔa tʃabo'kaʔ 'tæʔ ho'ʔo:]
 NEG1 eu AG ERG ouvir FR NEG2 cachoeira ERG fazer barulho ENF
 ‘Não ouvi o barulho da cachoeira’

(73)
A ãn-xop -te pepi môm yĩm ah
 [ʔa ʔũũh'tʃiɔpʔ 'tæɔpʔ peh'piʔ mõũm jĩũmʔ 'ʔa]
 NEG1 mulher FR AG PL ERG acima levantar braço NEG2
 ‘As mulheres não levantaram os braços’

Na próxima seção, mostrarei que também conjunções exprimem concordância em Maxakalí.

7.5 CONJUNÇÕES E CONCORDÂNCIA

Algumas conjunções em Maxakalí podem distinguir ou não o sujeito das orações que ligam, exprimindo assim uma espécie de concordância por meio de formas supletivas. Mostro a seguir alguns exemplos desse tipo de concordância:

(74)

Xupatex	mõg	õte	tu	kox-xeka	hã	mõnãhã
[tʃihpa'tej	mõŋ?	õ'te?	tu?	kojtʃeka?	hã?	mũnã'hã?]
Cutia _i	ir	lá	e _i	buraco grande	em	entrar _i
'Cutia foi para lá e entrou no buracão'						

(75)

Tu-te	mũnũy-tut	xũmĩy	ha	xupaha
[tuhte?	mũnũijɲ'tuɣɛt	tʃũ'mĩjɲ	ha?	tʃipa'ha?]
Ele _i AG ERG	veado mãe	acertar	e _j	fugir _j
'Ele acertou a vaca e ela correu'				

(76)

Ũhũn	mõyõn	ha	tik-te	mãm	mãha
[ũ'hũɣɛn ^ɲ	mũ'ɲũɛn ^ɲ	ha?	tijk ^ɲ 'te?	mãm	mã'hã?]
Mulher FP	dormir	e	homem FR	ERG peixe FR	comer
'A mulher dormiu e o homem comeu o peixe'					

Na sentença (74), a conjunção **tu** [tu?] 'e' concorda com o mesmo sujeito da oração anterior. Nas sentenças (75) e (76), a conjunção **ha** [ha?] concorda com o sujeito da segunda oração, diferente do sujeito da primeira.¹¹

Finalizo aqui, por ora, minhas observações sobre a concordância em Maxakalí. Este tema será retomado nos próximos capítulos. Na próxima seção, faço as considerações finais sobre este capítulo.

¹¹ Popovich (1971) trata com detalhes das conjunções do Maxakalí. Popovich (2005) dá mais alguns exemplos da concordância expressa por conjunções na língua. Remeto o leitor interessado no tema a esses textos.

7.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO

Neste capítulo, descrevi a concordância em verbos e nomes do Maxakalí. Tratei da concordância, que se manifesta na língua por meio de prefixos pessoais ou por meio de formas supletivas. Além disso, descrevi dois tipos de concordância na língua: concordância de pessoa e de número. Mostrei que a concordância se relaciona com fenômenos gramaticais como a expressão de modo imperativo, a construção da voz passiva e a negação, além do tipo de concordância que exprimem algumas conjunções. No próximo capítulo, tratarei de alguns processos derivacionais da língua Maxakalí. Nesse mesmo capítulo, testarei alguns diagnósticos que mostram que os adjetivos em Maxakalí devem ser classificados como verbos descritivos.

CAPÍTULO 8: ALGUNS PROCESSOS DERIVACIONAIS E A CLASSE LEXICAL ADJETIVO

Neste capítulo, descrevo alguns processos derivacionais da língua Maxakalí, como a nominalização, que ocorre por meio dos afixos *-ax*, *hãm-* *-oknãg*, e a construção de intensidade por meio do sufixo *-nãg*, a composição e a causativização. Adicionalmente, mostro evidências que permitem classificar os adjetivos da língua Maxakalí como verbos descritivos.

8.1 FORMAÇÃO DE PALAVRAS

A língua Maxakalí apresenta características aglutinantes¹, pois duas ou mais bases lexicais podem se unir formando compostos. Tais compostos podem se juntar a outros morfemas, formando compostos ainda mais complexos, como mostro abaixo:

(1a)

Mũnũy	-tut	-yĩn-		nõ-menex-ax
[mũnũjɲ]	'tuɣɜ	ɲĩɜn	+	nõbɛ'dɛj'aj]
Veado	mãe	carne		aquele FR vender NOM
'Carne de vaca'				'Vendedor'

(1b)

Mũnũy	-tut	-yĩn	-nõ-	menex	-ax
[mũnũjɲ]	'tuɣɜ	ɲĩɜn	nõ	bɛ'dɛj	'aj]
Veado	mãe	carne	aquele FR	vender	NOM
'Vendedor de carne de vaca=açogueiro'					

(2a)

Kokex	-kata		xak	-ax
[ku'kæj]	kah'taʔ	+	tʃakʔ	'aj]
Cão	vermelho		caçar	NOM
'Suçuarana'			'Caçador'	

¹ Segundo SHIBATANI e BYNON, 1999, "in an agglutinating (or agglutinative) language the individual exponents of relational categories are attached one by one to the lexical base (as in Turkish *ev-ler-im-de* (house PL – I SG. POSS-LOC) 'in my houses'), leading to word structures which are relatively complex but less integrated, because, at least in places, the phonological shape of the affix may indicate its lexical origin." SHIBATANI; BYNON, 1999, pág. 5.

(2b)

Kokex	-kata	xak	-ax
[ku'kæj	kah'taʔ	tʃakʔ	'aj]
Cão	vermelho	caçar	NOM
'Caçador de suçuarana'			

(3a)

Kakxop	-ta		kīy -ax
[kak'tʃuxpʔ	'taʔ]	+	[kījn'aj]
Menino	nádegas		embrulhar NOM
'Nádegas de criança'			

(3b)

Kakxop	-ta	-kīy -ax
[kak'tʃuxpʔ	'taʔ]	[kījn'aj]
Menino	nádegas	embrulhar NOM
'Fralda'		

Nas sentenças de (1) a (3), os compostos *mūnūy-tut -yīn* 'carne de vaca', *kokex-kata* 'suçuarana' e *kakxop-ta* 'nádegas de criança' juntam-se aos verbos nominalizados *nō-menex-ax* 'vendedor', *xak-ax* 'caçador' e *kīy-ax* 'embrulhador', formando compostos maiores: *mūnūy-tut-yīn-nō-menex-ax* 'vendedor de carne de vaca', *kokex-kata-xak-ax* 'caçador de suçuarana' e *kakxop-ta-kīy-ax* 'fralda'. A nominalização de verbos em Maxakalí realiza-se por meio de afixos, entre eles, o sufixo {-ax}, como nas sentenças acima. Esse nominalizador é muito produtivo em Maxakalí e torna verbos e adjetivos em nomes, podendo nominalizar apenas um verbo/adjetivo ou uma oração inteira. Nos exemplos abaixo, mostro a nominalização de verbos/adjetivos:

(4a)

Kaok
[kaʔ'owkʔ]
'Forte'

(4b)

Kaok	-ax
[kaʔ'owkʔ	'aj]
forte	NOM
'Força'	

(5a)

Xit
[tʃiʔtʔ]
'Comer'

(5b)

Xit	-ax
[tʃiʔtʔ	'aj]
Comer INTR	NOM
'Comida'	

(6a)
Hitup
 [hi'tuɣpʰ]
 'Saúde'

(6b)
Hitup -mã -ax
 [hi'tuɣpʰ mãʔ 'aj]
 Saúde FR CAUS NOM
 'Cura'

(7a)
Mep
 [bɛɣpʰ]
 'Cortar PL'

(7b)
Mep-ax
 [bɛɣpʰ'aj]
 cortar PL NOM
 'Cortador'

(8a)
kix
 [kij]
 matar PL
 'matar'

(8b)
Xokxop-kix -ax
 [tʃowkʰtʃuɣpʰ kij'aj]
 bicho matar PL NOM
 'Caçador'

Além de verbos ou adjetivos, o sufixo **-ax** pode nominalizar orações, como a sentença do exemplo a seguir:

(9)
Ũn tex tok put
 ũʔʰ tæj towkʰ puɣʔtʰ
 mulher FR ERG criança parir
 'A mulher pariu (uma criança)'

A sentença (9) acima pode ser nominalizada, formando um único composto, como mostro na sentença abaixo:

(10)
Hãm ãta kōnōn yã mai
 [hãɣm ãʔ'taʔ kō'nōɕn jãʔ ma'i
 Terra vermelho pó ENF bom

Ũn tex tok put -ax pu
 ũʔʰ tæj towkʰ puɣʔtʰ aj puʔ]
 mulher ERG 1. criança parir NOM para POSP
 'Pó de terra vermelha é bom para o parto= bom para a mulher parir'

Outros dois afixos nominalizadores produtivos em Maxakalí são o prefixo {**hãm-**} e o sufixo negativo {**oknãg**}:

HĀM-

(11a)

Hõnhã ũ-pukpex
 [hõz'hãʔ ʔũpuk¹pæj]
 Hoje ele INTR quente
 ‘Hoje está quente’

(11b)

Hãm-pukpex
 [hã̃ʔm¹puk¹pæj]
 NOM quente
 ‘Calor’

(12a)

Kokex-pata ũ-kayet
 [ku¹kæjpa¹taʔ ʔka¹dʒɛʔt¹]
 Cão pé ele INAT ferir
 ‘A pata do cão está ferida’

(12b)

Hãm-kayet
 [hã̃ʔmka¹dʒɛʔt¹]
 NOM ferir
 ‘Ferida’

(13a)

Nũhũ nãmxap ũkumuk
 [nũ¹hũʔ dã̃ʔm¹tʃaã¹p¹ ʔũku¹buk¹]
 Este pilha ele INAT ruim
 ‘Esta pilha está ruim’

(13b)

Hãm-kumuk
 [hã̃ʔmku¹buk¹]
 NOM ruim
 ‘Coisa ruim’

(14a)

Tonopexot -te kax-ãmix
 [todope¹tʃoʔt¹ ¹teʔ kajã¹bij¹tʃa¹hiʔ]
 Professor ERG som arranhar
 ‘O professor escreveu’

(14b)

Hãm-kax-ãmix-xahi-nãg
 [hã̃ʔmkajã¹bij¹tʃa¹hiʔ¹nãŋ]
 NOM som arranhar pedaço DIM
 ‘Letra’

Nas sentenças de (11) a (14), os verbos e adjetivos são nominalizados por meio do prefixo *hãm-*. Seguem abaixo exemplos do sufixo negativo *-oknãg*.

OKNĀG

(15a)

Hãm- yũmũg
 [hã̃ʔm jũ¹mũŋ]
 coisa saber
 ‘Inteligente’

(15b)

Hãm- yũmũg -oknãg
 [hã̃ʔm jũ¹mũŋ owk¹nãŋ]
 coisa saber NEG
 ‘Estúpido’

(16a)

Kakxop pataxax
 [kak¹tʃuʔp¹ patatʃaj]
 Menino sapato cobertura
 ‘Sapato de menino’

(16b)

Kakxop pataxax oknãg
 [kak¹tʃuʔp¹ patatʃaj owk¹nãŋ]
 ele INAT pé cobertura NEG
 ‘Menino sem sapato’

(17a)
Tayũmak
 [taʔnũ'bak¹]
 Dinheiro
 'Dinheiro'

(17b)
Tayũmak oknãg
 [taʔnũ'bak¹ owk¹nãŋ]
 Dinheiro NEG
 '(Aquele que é) sem dinheiro'

Na seção seguinte, descrevo as composições da língua Maxakalí.

8.1.2 COMPOSIÇÃO EM MAXAKALÍ

Os compostos do Maxakalí podem ter seu núcleo à esquerda ou à direita, sendo um dos elementos o determinante e o outro o determinado. Compostos de nome + adjetivo têm o núcleo à esquerda:

(18)
Kokex -kata
 [ku'kæj kah'taʔ]
 Cão vermelho
 'Suçuarana'

(19)
Nax -tox
 [daj 'toj]
 Panela de barro comprido
 'Filtro de água'

(20)
Konãg-mai
 [ku'nãŋba'iʔ]
 Água FR ser bom
 'Água Boa²'

(21)
Xax- pukpex
 [tʃaj pu:k¹pæj]
 Pele quente
 'Febre'

(22)
Kokex -max
 [ku'kæj 'baj]
 Cão parecido
 'Raposa'

(23)
Hãm- gãy
 [hãŋm 'gãjŋ]
 Coisa bravo
 'Onça'

(24)
Hep- xeka
 [hɛp¹ tʃe'kaʔ]
 Sangue grande
 'Hemorragia'

(25)
Pat- puuk
 [paʔt¹ pu:'ʔuk¹]
 Peito mole
 'Peito cheio'

² Uma das aldeias Maxakalí, localizada entre os municípios de Santa Helena de Minas e Bertópolis.

(26)
Hãm- **tup**
 [hãʔm 'tuɣp̄]
 Coisa novo
 'Dia'

(27)
Pa- **gã̃y**
 [paʔ 'gã̃jn]
 Face bravo
 'Cara fechada'

NOME + VERBO

(28)
Ũn-mõg
 [ʔũɣnmõŋ]
 Mulher FR ir
 'A mulher vai=a mulher que vai''

(29)
Tik-mõg
 [tijk̄'mõŋ]
 Homem FR ir
 'O homem vai=o homem que vai'

(30)
Xok- **mai**
 [tʃowk̄ 'baj]
 Morrer parecido
 'Desmaiar'

(31)
Mīm- **pot**
 [mĩɣm 'puɣt̄]
 Madeira FR lascar
 'Lascar madeira'

(32)
Hãm- **kot**
 [hãʔm 'kuɣt̄]
 Terra FR cavar
 'Escavar'

(33)
Hãm- **ãgtux**
 [hãʔm ʔãŋ'tuɣ]
 Coisar contar
 'Falar'

(34)
Kunox- **xap**
 [ku'doj 'tʃaɣp̄]
 Tecido tecer
 'Costurar'

(35)
Tap- **xak**
 [taɣp̄ 'tʃak̄]
 Furo abrir
 'Furar'

(36)
Mot- **mõyõn**
 [boɣt̄ mũ'jũɣn̄]
 Bola jogar
 'Jogar bola'

(37)
Kuxa- **nõg**
 [kuhtʃaʔ 'nõŋ]
 Coração acabar
 'Assustar'

(38)
Kunox- **pix**
 [ku'doj 'pij]
 Tecido lavar
 'Lavar roupa'

(39)
Xok- **xak**
 [tʃowk̄ 'tʃak̄]
 Bicho caçar
 'Caçar'

NOME + NOME

Em compostos de nome + nome, o núcleo se realiza sempre à direita:

- | | | | | | |
|------|---------------------------|----------------------|------|-------------------------------------|----------------------|
| (40) | Xok | -hep | (41) | Mũnũy | -tut |
| | [tʃowk ^ɿ | 'hɛxp ^ɿ] | | [mũ'nũjɿn | 'tuɛ] |
| | Bicho | líquido | | Veado | mãe |
| | 'Leite' | | | 'Vaca' | |
| (42) | Yĩm-kutok | | (43) | Pẽnẽn- | kup |
| | [nĩmkuh'towk ^ɿ | | | [pẽnẽnɛzn | 'kuɿp ^ɿ] |
| | Mão filhote | | | peneira | estrutura |
| | 'Dedo' | | | 'Bicicleta' | |
| (44) | Ãyuhuk- | hex | (45) | Tappet- | kup |
| | [ʔdʒu'huk ^ɿ | 'hej] | | [taɿp ^ɿ pɛt ^ɿ | 'kuɿp ^ɿ] |
| | Não índio | fêmea | | Escola | bastão |
| | 'Mulher não índia' | | | 'Lápis' | |
| (46) | Pat- | kup | (47) | Hãm- | xax |
| | [paɿt ^ɿ | 'kuɿp ^ɿ] | | [hãm | 'tʃaj] |
| | Peito | bastão | | terra FR | cobertura |
| | 'Costela' | | | 'Telhado' | |
| (48) | Xũnĩm- | kup | (49) | Ku-xap | |
| | [tʃu'nĩm | 'kuɿp ^ɿ] | | [kuh'tʃaɿp ^ɿ | |
| | Morcego | tronco | | tição | semente/pedra |
| | 'Totem do morcego' | | | 'Fogo' | |

Retomarei a questão dos compostos do Maxakalí no capítulo 15. Na próxima seção, descrevo a causativização em Maxakalí.

8.1.3 CAUSATIVIZAÇÃO

Causativização é um processo morfossintático cuja função é aumentar a valência do verbo, adicionando um argumento agente [+DESENCADEADOR], [+CONTROLE], como mostrei no capítulo 6. Na língua Maxakalí, a causativização pode ser expressa de três maneiras, a saber: por meio do morfema causativo{-nãhã}, por meio do morfema

causativo {-a} ou sem afixo causativo. Neste caso, a causativização é expressa por um morfema \emptyset . Exemplifico a seguir as três construções causativas encontradas na língua.

SUFIKAÇÃO POR MEIO DO MORFEMA CAUSATIVO {-NĀHĀ}

Esta construção causativa é a mais recorrente em Maxakalí:

(50)

Ūn	-te	kakxop	xi-nāhā
[ʔũ̃z	ʔtæ?	kakʔtʃuɣpʔ	tʃiʔnã'hãʔ]
mulher FR	ERG	menino	comer CAUS
‘A mulher alimenta o menino’			

(51)

Āyuhuk	-te	tayūmak	xaxog-āhā
[ãdzɨʔhuukʔ	tæ?	tajniʔbakʔ	tʃatʃugã'hãʔ]
não-índio	ERG	dinheiro	perder CAUS
‘o não-índio perdeu o dinheiro’			

(52)

Kakxop	-te	yip-pata	mõg-āhā
[kakʔtʃuɣpʔ	tæ?	dziɣpʔpa'ta?	mũgã'hãʔ]
menino	ERG	jipe pé	ir CAUS
‘ele levou o <i>yip-pata</i> ’ ³			

(53)

Tik	-te	xapup	kup-nag-āhā
[ʔtikʔ	ʔtæ?	tʃa'puɣpʔ	kuɣpʔdagã'hãʔ]
homem	ERG	porco	osso magro CAUS
‘O homem emagreceu o porco’			

(54)

Paye	-te	yūmūg-āhā	kakxop	kutex hā
[padzæʔ	ʔtæ?	nūmūgã'hãʔ	kakʔtʃuɣpʔ	kiʔ'tæj hãʔ]
Pajé	ERG	saber CAUS	menino	canto com
‘O pajé ensina as crianças os cantos’				

(55)

Tik-kutuk	-te	mīm	kohe-nāhā	nāmtut	pu
[tikʔkiʔ'tukʔ	ʔtæ?	ʔmĩm	kohæʔnã'hãʔ	nãm'tuɣɣh	puʔ]
Homem velho	ERG	madeira FR	torto CAUS	arco	para
‘O velho empenou a madeira para o arco’					

³ Brinquedo que consiste de um pneu velho de carro o qual os meninos conduzem com uma vara.

SUFIXAÇÃO POR MEIO DO MORFEMA CAUSATIVO {-A}

Verbos que recebem esse sufixo são restritos a poucos casos:

(56)

Kakxop **-te** **yip-pata** **kumu-a**
 [kaktʃuɣpʰ ˈtæʔ dʒiɣpʰpaˈtaʔ kuˈbua]
 Menino ERG jipe pé ruim-CAUS
 ‘O menino estragou o *yip-pata*’

(57)

Yip **-te** **kuxa-nõ-a** **kãmãnok** **xi** **xũyã**
 [dʒiɣpʰˈtæʔ kiʔˈtʃaʔˈnõã kãmãˈdowkʰ tʃiʔ tʃiˈnãʔ]
 Jipe ERG coração acabar CAUS cavalo e dono
 ‘o carro assustou o cavalo e (seu) dono’

(58)

Ãyuhuk **-te** **yĩytix** **nunõ-a** **kaxĩy** **hã**
 [ʔãdʒiˈhuukʰ ˈtæʔ ʔõnĩˈtj duʔˈnõã kaʔtʃĩjɲ hãʔ]
 Não-índio ERG serra roçar CAUS ontem em POSP
 ‘O não-índio roçou a montanha ontem’

(59)

Ũn **-te** **tut** **nõ-a**
 [ʔũɳ ˈtæʔ tuɣɳ ˈnõʔa]
 Mulher FR ERG bolsa FR acabar CAUS
 ‘A mulher terminou a bolsa’

Curiosamente, todos os verbos intransitivos sufixados pelo sufixo causativo {-a} encontrados por mim terminam por consoante oclusiva velar ou nasal velar: *kumuk* ‘ruim’, *kuxanõg* ‘assustar-se’, *nunõg* ‘limpo’ (terreno) e *nõg* ‘terminar’. A terminação por essas consoantes não é, porém, determinante para a escolha do sufixo causativo, pois, como se pode perceber a partir de exemplos como em (51), (52) e (53), verbos terminados por essas consoantes podem também receber o sufixo {-nãhã}.

BASE VERBAL SEM SUFIXO OU SUFIXO {-Ø}

Entre estes verbos, incluem-se transitivos que derivam verbos intransitivos da classe II e transitivos como *mĩy* ‘fazer’:

(60)

Tik	-te	mox	-xohi	koa	tu	pupuk
[tijk ^ɿ	'tɛ?	boj	tʃu'hi?	ku'a?	tu?	pah'puuk ^ɿ]
Homem; FR	ERG	boi	PL	soltar	e _j	tocar
'O homem soltou os bois e (os) tocou'						

(61)

Kaxxop	-te	yip	yoox	mīkax	-yāg	hā
[kak ^ɿ tʃuxp ^ɿ	'tɛ?	dʒiɿxp ^ɿ	dʒo'oj	mīkaj	'nāŋ	hā?
Menino	ERG	carro	arranhar	pedra	pedaço	com
'O menino arranhou o carro com um pedaço de pedra'						

(62)

Ũg-nōy	-te	mīm	xaa	xetut	pu	
[ʔũŋnōjɿ]	'tɛ?	mĩɿm	tʃa'ʔa	ʔũtʃɛ'tuɿz	pu]	
Eu INAT	irmão INAL	ERG	madeira FR	rachar	esposa	para
'Meu irmão rachou lenha para a esposa'						

(63)

Xukux	-te	āmuk	xuxpex	mīy
[tʃukij	'tæ?	ʔãɿmbuuk ^ɿ	tʃij'pæj	mĩjɿ]
Avó	ERG	comida	gostoso	fazer ø
'A vovó fez comida gostosa'				

(64)

Hu	tik	-te	pamāg	mīy
[hu?	tijk ^ɿ	'tɛ?	pa'māŋ	'mĩjɿ]
Então	homem FR	ERG	armadilha	fazer ø
'E então o homem fez uma armadilha'				

(65)

Ũn	-te	xap	-max	mīy
[ũɿn	'tɛ?	tʃaxp ^ɿ	'baj	'mĩjɿ]
Mulher FR	ERG	semente	semelhante	fazer ø
'A mulher fez artesanato'				

Verbos derivados dos três processos de causativização mostrados acima têm correspondentes intransitivos. Nesse caso, o objeto do predicador transitivo corresponde ao sujeito [+AFETADO] do predicador intransitivo, o que evidencia que na transitivização desses verbos, pelo menos os das classes I e II, os sufixos causativos têm importante papel:

As sentenças de (66) a (73) mostram a alternância que há entre verbos intransitivos e transitivos em Maxakalí e a relação que essa alternância tem com os sufixos causativos. Isto é, os sufixos causativos adicionam outro argumento ao verbo intransitivo, transitivizando-o. Na próxima seção, tratarei das construções diminutivas em Maxakalí.

8.1.4 CONSTRUÇÕES DE INTENSIDADE

Em Maxakalí, a intensidade do evento verbal é expressa por meio do sufixo diminutivo {-nãg} [ˈnãŋ]. Esse sufixo se junta a verbos intransitivos inativos e também a nomes. Em nomes, o sufixo {-nãg} [ˈnãŋ] expressa o grau diminutivo, como mostro a seguir:

(74)
Xamoka
 [tʃaboˈkaʔ]
 Andorinha
 ‘Andorinha’

(75)
Xamoka-nãg
 [tʃabokaˈnãŋ]
 Andorinha DIM
 ‘Andorinha pequena’

(76)
Mayõn
 [mãŋõɛn]
 Sol
 ‘Sol’

(77)
Mãyõn-nãg
 [mãŋõɛnˈnãŋ]
 Sol DIM
 Solzinho=estrela’

Em verbos, o sufixo diminutivo expressa intensidade, de modo semelhante ao que ocorre em português, em construções de intensidade como *rapidinho*, *prontinho*, etc. Em casos assim, o sufixo diminutivo {-inho} do português expressa intensidade. De maneira semelhante ao português, a intensidade é expressa em Maxakalí por meio do sufixo diminutivo {-nãg}, como mostro por meio das sentenças a seguir:

(78a)

Nõõm	tohox	ũ-kaok
[nõˈʔõõm	toˈhoj	ʔkaˈowkˀ]
Esse	cipó	ele INAT forte
‘Esse cipó é forte’		

(78b)

Nõõm **tohox** **ũ-kaõg-nãg**
 [nõ'ʔõ̃m to'hoj ʔka'ʔõ̃n'nãŋ]
 Esse cipó ele INAT forte DIM
 'Esse cipó é bem forte'

(79a)

Putõõy **ũ-puuk**
 [putõ'ʔõ̃jɲ ʔpu'ʔukʔ]
 Barro ele INAT mole
 'O barro está mole'

(79b)

Putõõy **ũ-pũũg-nãg**
 [putõ'ʔõ̃jɲ ʔpũ'ʔũũŋ'nãŋ]
 Barro ele INAT mole DIM
 'O barro está muito mole'

(80a)

Mĩm- **mãg** **ũ-kohe**
 [mĩ̃m 'mãŋ ʔũko'hεʔ]
 Árvore FR galho ele INAT torto
 'O galho da árvore está torto'

(80b)

Mĩm- **mãg** **ũ-kohẽ-nãg**
 [mĩ̃m 'mãŋ ʔũko'hẽʔn'nãŋ]
 Árvore FR galho ele INAT torto DIM
 'O galho da árvore está muito torto'

As sentenças acima mostram que o sufixo diminutivo intensifica o evento verbal dos verbos inativos. No capítulo 16, retornarei às construções de intensidade do Maxakalí, quando tratarei da nasalidade envolvida nas construções com esse sufixo. Na próxima seção, tratarei da classe adjetivo em Maxakalí. Defenderei a posição de que essa classe é representada na língua por verbos descritivos.

8.2 ADJETIVOS E VERBOS DESCRITIVOS

Seguindo a análise de Pereira (1992), assumo que a classe adjetivo é expressa em Maxakalí por meio de verbos descritivos, pois não pude encontrar motivação morfológica/morfossintática que permitisse diferenciar verbos intransitivos de adjetivos.

A seguir, mostro quatro diagnósticos que me levaram incluir a classe adjetivos dentre os verbos descritivos da língua Maxakalí: *flexão de pessoa, afixação por morfemas temporais, composição e relativização*.

8.2.1 FLEXÃO DE PESSOA

Como os verbos intransitivos, os adjetivos do Maxakalí são prefixados pelo morfema de pessoa {ũ-}, indiferentemente:

(81)

Xakuxux	ũ-	topaha
[tʃakur'tʃij]	ʔũ	topa'haʔ]
Urubu-rei	ele _j INAT	voar
'O urubu-rei ⁴ voou'		

(82)

Míxux	ũ-	yāy	koxip
[mĩ'tʃui]	ʔũ	nājn	kuʔ'tʃixpʔ]
Folha _j	ele _j INAT	REFL	rasgar
'A folha rasgou'			

(83)

Āyuhuk	kakxop	ũ- top
[ãdʒur'hukʔ]	kakʔ'tʃuɔpʔ]	ʔũ'toɔpʔ]
Não índio	menino	ele INAT gordo
'O menino não índio é gordo'		

(84)

Míkax-xap	ũ-	patõ-nãg
[mĩkaj'tʃaxpʔ]	ʔũ	patõh'nãŋ]
Pedra semente	ele INAT	molhado DIM
'A pedra está molhada'		

Nas sentenças acima, todos os adjetivos são prefixados pela marca de pessoa {ũ-}, como os verbos intransitivos da língua. Na próxima seção, mostro o próximo diagnóstico: a afixação por morfemas temporais.

⁴ *Sarcoramphus papa*.

8.2.2 AFIXAÇÃO POR MORFEMAS TEMPORAIS

Outro diagnóstico que aproxima adjetivos dos verbos intransitivos é o fato de tanto adjetivos quanto verbos intransitivos ocorrerem com morfemas temporais, como o morfema de futuro **ax** [ʔaj] e o morfema de modo **-putup** [puh^htuɣp^h]. Embora verbos transitivos do Maxakalí sejam normalmente defectivos quanto a temporalidade, o futuro e o modo *irrealis* podem ser expressos, respectivamente, por meio dos morfemas **-ax** [ʔaj] e **-putup** [puh^htuɣp^h]. O morfema **-ax** [ʔaj] se une a verbos transitivos e intransitivos e expressa futuro:

(85)

Ã	-te	mã	ax
[ʔãh	'tæ?	mĩj	'aj]
Eu AG	ERG	comer FR	FUT
'Eu comerei'			

(86)

Ûg	mõyõn	ax
[ʔũŋ	mũ'jũz	'aj]
Eu INAT	dormir	FUT
'Eu dormirei'		

(87)

Û-	xeka	ax
[ʔũ	tʃej'ka	aj]
eu INAT	grande	FUT
'Eu serei grande'		

(88)

Û-	kumuk	ax
[ʔũ	ku'buk	'aj]
ele INAT	ruim	FUT
'Ele será ruim'		

(89)

Puxhep	ũ-nak	ax
[puj ^h hɛɣp	ʔũ'dak	'aj]
Lagoa	seco	FUT
'A lagoa ficará seca'		

As sentenças de (85) a (89) mostram que não há diferenças morfossintáticas entre verbos descritivos e outros verbos da língua no que se refere à sufixação com o morfema de futuro *ax*.

De modo semelhante ao morfema de futuro *ax*, o morfema de modo *putup* [puh'tuɣp̚] também se une a adjetivos ou a verbos, indiferentemente:

(90)

Ũhũn	ũ	-puta-p	tup
[ʔũ'hũũ̃n̚]	ʔũ	puh'taɣp̚	'tuɣp̚]
Mulher FR	ele INAT	chorar FR	querer
'A mulher quer chorar'			

(91)

Kokex	ũ	-xit	putup
[ku'kæj	ʔũ	tʃiɣt̚	puh'tuɣp̚]
Cachorro	ele INAT	comer	querer
'O cachorro quer comer'			

(92)

Āyuhuk-hex	ũ-	mai	putup
[ãdʒu'huk̚'hæj	ʔũ	ba'iʔ	puh'tuɣp̚]
Não índio FEM	ele INAT	bom	querer
'A não índia quer ser/ficar bonita'			

(93)

Kakxop	ũ-	xeka	putup
[kak̚'tʃuɣp̚	ʔũ	tʃe'kaʔ	puh'tuɣp̚]
Menino	ele INAT	grande	querer
'O menino quer ser/ficar grande'			

Nas sentenças acima, o morfema *-putup* expressa modo *irrealis*. Esse modo situa o evento verbal num ponto temporal ainda não vivenciado pelo falante. O que evidencia que o morfema *putup* seja mesmo um sufixo e não um verbo é o fato de o verbo principal que com ele coocorre tomar o prefixo de pessoa que é uma marca de concordância. Se *putup* fosse um verbo, deveria ser ele o portador da marca de concordância, já que o verbo principal deveria ser não finito. Portanto, o sufixo *putup* é

outro diagnóstico que evidencia que a classe *adjetivo* não é motivada morfológicamente em Maxakalí. O próximo diagnóstico a ser mostrado é a composição em verbos.

8.2.3 COMPOSIÇÃO

Adjetivos em Maxakalí ocorrem predicativamente, como mostrei nas sentenças de (80) a (83), ou atributivamente. Neste caso, construções atributivas com adjetivos se fazem de composições, nas quais o adjetivo figura à direita do núcleo. Tais composições são possíveis também com verbos e não se diferem em nada dos compostos com adjetivos:

(94a)
Ūhūn + **mai**
 [ʔũ'hũɛ] [ba'iʔ]
 'Mulher' 'bonito'

(94b)
Ūn -mai
 [ʔũɛn ba'iʔ]
 Mulher FR bonito
 'Mulher bonita'

(95a)
Kakxop + **kutixnāg**
 [kak'ʔfũɣpʔ kutijh'nāŋ]
 'Menino' 'pequeno'

(95b)
Kakxop-tixnāg
 [kak'ʔfũɣpʔtjih'nāŋ]
 'Menino pequeno'

(96a)
Mīm-tut-mōg + **kumuk**
 [mĩm'tuɣɛmōŋ ku'buɣkʔ]
 Madeira FR mãe ir ruim
 'Carro' 'ruim'

(96b)
Mīm -tut -mōg -kumuk
 [mĩm 'tuɣɛ mōŋ ku'buɣkʔ]
 'Carro ruim'

(97a)
Xokyīn + **xuxpex**
 [tʃowk'ɲĩɛn tʃij'pæj]
 Bicho carne GEN gostoso
 'Carne' 'gostoso'

(97b)
Xokyīn- xuxpex
 [tʃowk'ɲĩɛ tʃij'pæj]
 'Carne gostosa'

(98a)
Ūhūn + **mōg**
 [ʔũ'hũɛn [mōŋ]
 Mulher FP ir
 'Mulher' 'ir'

(98b)
Ūn-mōg
 [ʔũɛn'mōŋ]
 'Mulher (que) vai'

(99a)			(99b)
Tihik	+	hãm	Tikhãm
[tɪ'hɪk ^ɿ		'hã̃ɣm]	[tɪk ^ɿ 'hã̃ɣm]
Homem FP		trabalhar	'Homem (que) trabalha'
'Homem'		'trabalhar'	

O último diagnóstico que testo é a relativização.

8.2.4 RELATIVIZAÇÃO

Em Maxakalí, orações relativas podem ser introduzidas por adjetivos ou verbos, e se realizam por meio da forma reduzida do pronome demonstrativo *nõõm* > *nõ(m)*

adjungido ao adjetivo ou ao verbo, indiferentemente:

(100)				
Õhõm	kakxop	nõm-	potaha	
[ʔõ'hõ̃ɣm	kak ^ɿ 'tʃuxp ^ɿ	nõ̃ɣm	pota ^ɿ haʔ]	
Aquele FP	menino	REL FR	chorar	
'Foi aquele menino que chorou'				

(101)			
Õhõm	tihik	nõm-mõg	
[ʔõ'hõ̃ɣm	tɪ'hɪk ^ɿ	nõ̃ɣm ^ɿ mõŋ]	
Aquele	homem	REL ir	
'Foi aquele homem que foi'			

(102)				
Nũhũ	kayã	nõm-p	-top	
[nũ'hũ	kãjãʔ	nõ̃ɣmp ^ɿ	'tõɣp ^ɿ]	
Esse FP	cobra	REL FR	morder	
'Foi essa cobra que (o) mordeu'				

(103)			
Õhõm	kamãnok	nõm-mai	
[ʔõ'hõ̃ɣm	kãmã ^ɿ dowk ^ɿ	nõ̃ɣmba ^ɿ iʔ]	
Aquele FP	cavalo	REL FR bonito	
'Aquele cavalo que é bonito'			

(104)						
Mĩhĩm	pukpa	nõ-m	xip	ũ	-xuxet	pakaxapkup
[mĩ'hĩm	puk ^ɿ 'paʔ	nõ̃ɣm	'tʃiɣp ^ɿ	ũ	tʃiʔ ^ɿ tʃæɣt ^ɿ	paʔkatʃaɣp ^ɿ kuɣp ^ɿ]
Árvore FP	abaixo	aquele FR	ser/estar ele INAT	chamar-se	pau-mole	osso
'Aquele árvore que está ali embaixo se chama pau mole'						

Como se pode depreender das sentenças acima, orações introduzidas por adjetivos e por nomes não mostram diferenças morfológicas. Este último diagnóstico e os três anteriores evidenciam que a classe adjetivos não é morfológicamente motivada em Maxakalí. Por essa razão, assumo que os adjetivos em Maxakalí são verbos descritivos.

8.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE ESTE CAPÍTULO

Neste capítulo, mostrei alguns processos derivacionais da língua Maxakalí, como a nominalização por meio dos afixos {-*ax*}, {*hãm-*} e {*oknãg*}, a composição, a causativização e as construções de intensidade. Em seguida, apresentei quatro diagnósticos que permitem incluir a classe lexical adjetivo na classe dos verbos inativos: *flexão de pessoa*, *composição*, *afixação por morfemas temporais* e *relativização*. No próximo capítulo, tratarei do fenômeno da ergatividade e da sua manifestação na língua Maxakalí.

CAPÍTULO 9: A ERGATIVIDADE E SUA MANIFESTAÇÃO NA LÍNGUA MAXAKALÍ

Este capítulo tem por objetivo analisar o fenômeno da ergatividade e o sistema de caso da língua Maxakalí. Mostrarei que há diversos tipos de ergatividade nas línguas do mundo e que, normalmente, sistemas de caso exibem cisões no alinhamento dos argumentos verbais. Em seguida, tratarei da ergatividade da língua Maxakalí. Defenderei a hipótese de que a língua Maxakalí possui sistema de caso tripartido, um tipo de sistema de Caso raro nas línguas do mundo.

9.1 SISTEMAS DE CASO

De acordo com Dixon (1994), todas as línguas funcionam em termos de relações semânticas primitivas. Tipologicamente (cf. Comrie, 1989; Dixon, 1979, 1994; Whaley, 1997), os argumentos verbais são rotulados de acordo com o papel sintático/semântico que exercem nas sentenças:

- (1)
- (A) = sujeito transitivo agentivo,
 - (So) = sujeito intransitivo inativo,
 - (O) = objeto.

A relação entre os argumentos e seus rótulos sintático/semânticos é tida como universal. Dixon postula que há sempre uma base semântica para a atribuição das relações de (A) e (O) que se relaciona ao significado prototípico do verbo usado. Verbos de uma classe determinada referem-se a uma série de tipos semânticos que se relacionam por sua vez a papéis semânticos ou temáticos. O quadro abaixo mostra alguns dos tipos semânticos associados aos seus papéis temáticos, que ocorrem em todas as línguas do mundo, segundo Dixon (1994):

TABELA 1
TIPOS SEMÂNTICOS E PAPÉIS SEMÂNTICOS

Tipos semânticos	Papéis semânticos
Afetação, ex. <i>bater, cortar, queimar</i>	Agente, Manipulador (coisa manipulada), Alvo
Doação, ex. <i>dar, emprestar, pagar</i>	Doador, Presente, Recipiente
Falante, ex. <i>falar, contar, ordenar</i>	Falante, Endereçado, Mensagem
Atenção, ex. <i>ver, ouvir, olhar</i>	percebedor, impressão

(Extraído de Dixon, 1994)

Com base nas informações sobre o mapeamento de argumentos nucleares e sobre os tipos de papéis temáticos, os verbos são classificados em transitivos e intransitivos, divididos em quatro grupos distintos: *verbos de ação*; *verbos de movimento*; *verbos de processos* e finalmente *verbos estativos*. Os verbos intransitivos são também divididos conforme sua relação com o sujeito: isto é, se há ou não volição do sujeito envolvida. Verbos intransitivos que exprimem semanticamente volição do sujeito têm argumento (Sa). Já verbos intransitivos em que não há volição por parte do sujeito têm argumentos (So).

Segundo Dixon (1994), as três relações sintáticas (A), (So) e (O) são agrupadas de diferentes maneiras em dois sistemas gramaticais: o sistema **nominativo/acusativo** e o sistema **ergativo/absolutivo**, sobre os quais tratarei na próxima seção.

9.1.1 TIPOS DE SISTEMA DE CASO

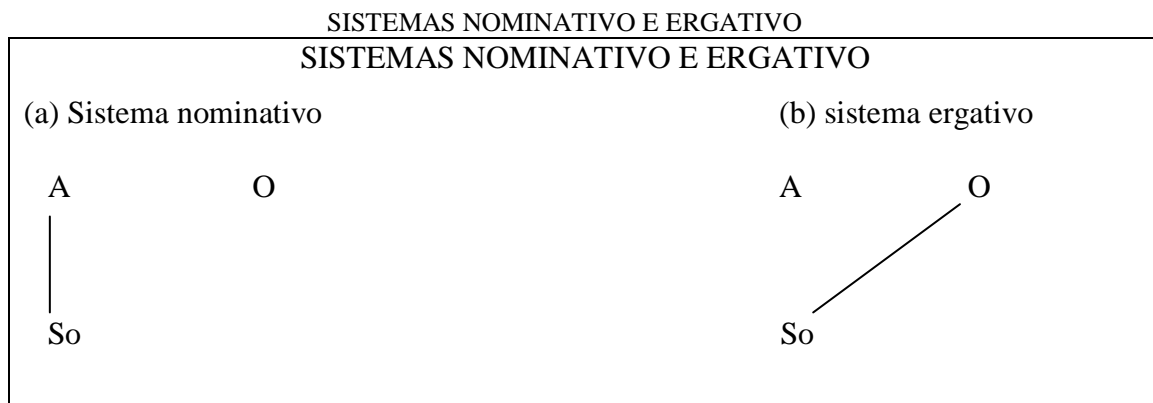
A distinção entre verbos transitivos e intransitivos e sua relação com os argumentos (A), (Sa) e (So) é associada à noção de caso morfológico¹. Argumentos de verbos transitivos e intransitivos costumam receber *caso nominativo*, este é o caso morfológico relacionado a sujeitos. Argumentos na posição de objeto recebem *caso*

¹ Neste trabalho, lido com duas noções básicas de caso: caso morfológico, de que trato neste capítulo, e Caso abstrato, de que tratarei no capítulo 12. Advirto o leitor para que não confunda os dois termos. De modo a evitar confusões, quando me referir a Caso abstrato, o termo será grafado com letra inicial maiúscula.

acusativo, o caso morfológico relacionado a objetos. Sistemas de caso que funcionam dessa forma são chamados de sistemas nominativo-acusativos, pois enquanto (A), (Sa) e (So) recebem caso nominativo, isto é, têm a mesma forma morfológica, (O) recebe caso distinto, caso acusativo, cuja forma morfológica difere das demais. Geralmente, o caso nominativo não traz marcas morfológicas.

Além do sistema nominativo-acusativo, há também, segundo Dixon (1994), o ergativo-absolutivo. Nesse sistema, o argumento (A) é diferenciado dos argumentos (Sa), (So) e (O). Enquanto (A) recebe *caso ergativo*, (Sa), (So) e (O) recebem caso absoluto. Diferentemente dos sistemas nominativo-acusativos, nos sistemas ergativo-absolutivos, o caso marcado é o ergativo. O *caso absoluto* geralmente não recebe marca e é, portanto, o caso não-marcado ou o caso *default*. A representação abaixo exemplifica os dois tipos de alinhamento entre sujeitos e objetos:

(2)



(Figura baseada em Dixon, 1984)

Na representação acima, vê-se o alinhamento dos argumentos dos dois sistemas de caso.

Os traços que ligam os argumentos indicam a similaridade de forma entre eles. Nos sistemas ergativos, (Sa), (So) e (O) têm formas idênticas, enquanto (A) tem forma distinta. Nos sistemas nominativos, (A) e (S) têm formas idênticas, enquanto (O) tem forma distinta.

Sistemas ergativos são, de acordo com Dixon (1979; 1994), pelo menos no nível morfológico, sistemas ergativos cindidos. Isto é, a configuração ergativo/absolutivo daria lugar, em algum momento, à configuração nominativo/acusativo ou *vice versa*, caracterizando uma cisão no sistema de marcação de caso.

Considerando as cisões nos sistemas de caso, Bomfoco (2004, p. 116), mostra, entre outras, três possibilidades de sistemas de marcação de caso atestados nas línguas faladas no mundo. Reproduzo seu quadro na tabela 2:

TABELA 2
SISTEMAS DE MARCAÇÃO DE CASO

	Sistemas	Marcação de caso
(a)	Nominativo-acusativo	A O Vt S Vi
(b)	Ergativo-absolutivo	A O Vt S Vi
(c)	Tripartido	A O Vt S Vi

A tabela 2 acima mostra a identidade morfológica entre argumentos nos três sistemas. No sistema-nominativo-acusativo, a identidade se dá entre (A) e (S); nos sistemas ergativo-absolutivos a identidade é entre (So) e (O); e no tripartido, as formas morfológicas dos argumentos (A), (O) e (S) não coincidem entre si.

Há, segundo Bomfoco (2007), dois tipos básicos de línguas ergativas, o tipo clássico e o tipo ativo-estativo. Ao tipo clássico, correspondem línguas que apresentam marcação de caso nominal, na qual o sujeito transitivo (A) é caracterizado por trazer uma marca morfológica, enquanto, tanto o sujeito intransitivo, (Sa) e (So), quanto o objeto (O) têm formas idênticas. Outro tipo de sistema ergativo é o chamado de ativo-

estativo. Em línguas ergativas que pertencem a esse tipo de sistema, os argumentos sujeitos de verbos transitivos ou intransitivos (A) e (Sa) recebem uma marca ergativa quando têm papel semântico de agente. Desse modo, argumentos (A) e (Sa) têm identidade entre si².

Whaley (1997) propõe cinco agrupamentos potenciais dos argumentos (A), (So) e (O)³ e sua ocorrência nas línguas do mundo:

TABELA 3
AGRUPAMENTOS POSSÍVEIS DE (A), (So) e (O)

Agrupamento	rótulo	frequência
[A, So] [O]	Nominativo-acusativo	Comum
[A] [So O]	Ergativo-absolutivo	Comum
[A] [So] [O]	Tripartido	Muito raro
[S] [A So]	Foco acusativo	Não-atestado
[A So O]	Neutro	Não-atestado

De acordo com os agrupamentos propostos por Whaley (1997), línguas em que os argumentos (A), (So) e (O) têm um único tratamento morfossintático possuem sistema tripartido. De acordo com Whaley (1997), sistemas verdadeiramente tripartidos, isto é, sistemas em que os argumentos (A), (So) e (O) são consistentemente diferenciados, são muito raros, como o existente na língua australiana Pana-Nyungan:

(3a)

Kana-ulu kalkana titi-nana
 Man-ERG hit dog-ACC (FEM)
 ‘The man(A) hit the bitch(O)’

(3b)

Kana-ia paluna
 Man-NOM died
 ‘The man(So) died’

Mallison & Blake (1981) In: Whaley (1997)

² Conforme mostrarei mais adiante, a língua Maxakalí é uma língua de sistema de Caso ergativo-ativo, pois os argumentos (A) e (Sa) têm identidade entre si.

³ WHALEY, 1997, adota os rótulos (A), sujeito agente, (S), sujeito intransitivo, e (P), paciente. Neste trabalho, adotarei (A), sujeito agente, (So), sujeito afetado, (O), objeto e (Sa) sujeito agente intransitivo.

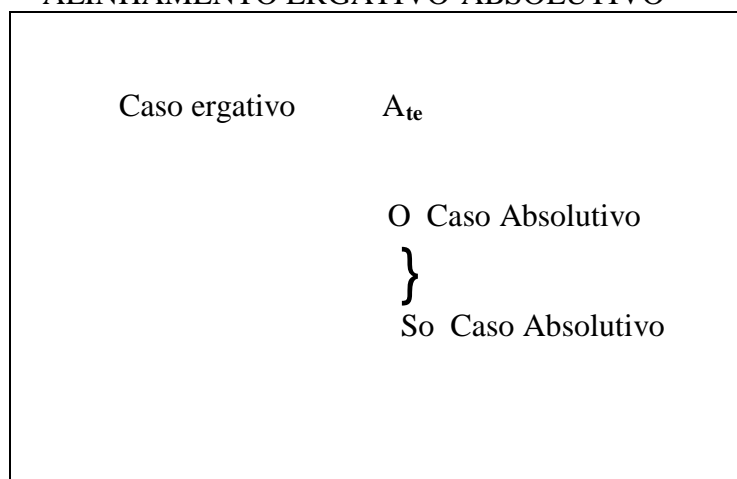
As sentenças em (3) mostram que, na língua Pana-Nyungan, os argumentos (A), (So) e (O) são marcados distintamente. Com base nas informações tipológicas acima, arrolo, na próxima seção, dados da língua Maxakalí. Apontarei para evidências de que a língua Maxakalí é uma língua ergativo-ativa e, além disso, nessa língua, os argumentos verbais (A)/(Sa), (So) e (O) são diferenciados, situação que permite classificá-la como uma língua ergativa tripartida.

9.2 A ERGATIVIDADE DA LÍNGUA MAXAKALÍ

O Maxakalí é tido como uma língua ergativa (cf. Pereira, 1992), pois sujeitos de verbos transitivos (A) são marcados pelo morfema ergativo {-te}, cuja função é codificar o Caso ergativo. Por sua vez, sujeitos intransitivos (So) e também objetos de verbos transitivos (O) não recebem marca morfológica, constituindo a configuração que se espera num sistema ergativo: o sujeito transitivo é diferenciado do sujeito intransitivo e do objeto. Sujeito intransitivo e objeto têm, por sua vez, formas idênticas. Tipologicamente, diz-se que, em línguas ergativas, argumentos (A) possuem caso ergativo, enquanto os argumentos (So) e (O) possuem caso absoluto, o que exemplifico na representação seguinte:

(4)

ALINHAMENTO ERGATIVO-ABSOLUTIVO



A disposição dos argumentos (A), (So) e (O) na representação acima caracterizam o sistema ergativo-absolutivo clássico, descrito por Dixon (1994). Segundo Pereira (1992), esse é o sistema de caso da língua Maxakalí⁴.

Pereira (1992) foi quem primeiro formalizou algo sobre a ergatividade da língua Maxakalí. Segundo Pereira, o sujeito de verbos transitivos recebe uma marca ergativa que o diferencia do objeto e do sujeito de verbos intransitivos:

(5)

Putuxnãg topaha
 Passarinho voar
 S V
 ‘o passarinho voou’

(Pereira, 1992, pág. 25)

(6)

Kakxop te putuxnãg penãhã
 Criança ERG passarinho ver
 A ERG O V
 ‘As crianças viram o passarinho’

(Pereira, 1992, pág. 25)

(7)

Putuxnãg te paxok mãhã
 Passarinho ERG milho comer
 A ERG O V
 ‘O passarinho comeu milho’

(Pereira, 1992, pág. 25)

Nos exemplos de (5) a (7), o argumento *putuxnãg* ‘passarinho’ é marcado com caso ergativo apenas quando é sujeito de verbo transitivo. Os argumentos (So) e (O), por outro lado, são, segundo Pereira, não marcados, o que caracteriza o Maxakalí uma língua ergativo-absolutiva nos termos de Dixon (1979, 1994). Há, porém, pelo menos três evidências que me levam a analisar a ergatividade da língua Maxakalí diferentemente de Pereira (1992). A primeira diz respeito aos argumentos (A) e (Sa) e as outras duas, respectivamente, à marcação dos argumentos (So) e (O). Essas três

⁴ Embora PEREIRA, 1992, não classifique explicitamente a língua Maxakalí como um sistema ergativo-absolutivo clássico, essa informação pode ser depreendida do seu texto, especialmente quando ela trata do Caso ergativo e da classificação dos pronomes pessoais.

evidências fazem da língua Maxakalí, como irei argumentar a seguir, uma língua ergativo-ativa tripartida. Sobre esse assunto tratarei na próxima seção.

9.2.1 SISTEMA ERGATIVO-ATIVO TRIPARTIDO

Como observou Pereira (1992), verifiquei que argumentos (A) da língua Maxakalí são marcados pelo caso ergativo:

ARGUMENTOS (A)

(8)

Kaxop	-te	kuxxamuk	put
[kakʰtʃuɣpʰ]	tæʔ	kijʰtʃabuukʰ	puɣɣətʰ]
homem	ERG	lambari	pegar SING

‘O menino pegou um lambari’

(9)

Tikmũ’ũn	-te	ãmãxux	puk	ãpak
[tijkʰmũʰʉũɣnʰ]	tæʔ	ãmãʰtʃij	puukʰ	ãʰpakʰ]
Maxakalí	ERG	anta	assobio	ouvir

‘Os Maxakalí ouviram o canto da anta’

(10)

Yaet	-te	hãm	xaha	tu	konãg	xoop
[dʒaʰɛɣtʰ]	ʰtæʔ	hãũm	tʃaʰhaʰ?	tuʰ?	kũʰnãʰ?	tʃoʰʰoɣpʰ]
Isael	ERG	terra FR	morder	e	água FR	beber

‘Isael roçou o chão e (em seguida) bebeu água’

(11)

Tik	-te	-ktok	mõg	penãhã	pẽnénkup	hã
[tijkʰ]	ʰtæʔkʰ	towkʰ	mõŋ	pænãʰhãʰ?	pẽʰnẽʰkũɣpʰ]	hãʰ?
Homem FR	ERG	criança FR	ir	ver	bicicleta	com

‘O homem viu o seu filho sair de bicicleta’

(12)

Ũg-tok	-te	hãm	xõn
[ʉũŋʰtowkʰ]	ʰtæʔ	hãũm	ʰtʃõɣ]
Eu criança FR	ERG	coisa FR	abrir

‘Meu filho abriu a porta’

(13)

Ã	-te	ũg-	pata	ãkoho
[ʉã]	ʰtæʔ	ʉũŋ	paʰtaʰ?	ʉãkoʰhoʰ?
Eu AG	ERG	eu-	pé	coçar

‘Eu cocei meu pé’

Nas sentenças transitivas de (8) a (13), todos os argumentos (A) são marcados pelo caso ergativo. Este caso não se restringe, porém, aos argumentos (A), como sugere a análise de Pereira (1992). Sujeitos de verbos inergativos, ou verbos intransitivos ativos, portanto argumentos (Sa), são também marcados pelo caso ergativo, como se pode depreender dos dados que arrolo a seguir:

ARGUMENTOS (Sa):

(14)

Puxap	te	nut
[pu'tʃaxp ¹	tæʔ	'duyɔɛt ¹]
pato	ERG	deslizar
'O pato desliza (na água)'		

(15)

Kuxakuk	konã	hã	mõnãhã
[kuhtʃa'kuuk ¹	ku'nãʔ	'hãʔ	mũnã'hãʔ ¹]
Capivara	água	FR	em
entrar			
'A capivara entra na água'			

(16)

Kaxxop	te	tatxok
[kak ¹ tʃuxp ¹	tæʔ	'təɛt ¹ tʃowk ¹]
menino	ERG	banhar
'O menino se banha'		

(17)

Xa	-te	hãm-hip	ax	pu	hãm-tup	tu
[tʃah	'tæʔ	hãm ¹ hiɣp ¹	'aj	puʔ	hãm ¹ tup ¹	tuʔ]
Tu AG	ERG	coisa FR	esperar	FUT	para	coisa novo
em						
'Tu esperarás até amanhã'						

(18)

Kãyãnox	-te	gox gox
[kãyã ¹ doj	'tæʔ	goj ¹ goj]
Jararaca	ERG	andar em zigue-zague
'A jararaca ⁵ anda em zigue-zague'		

⁵ *Bothrops jararaca*, ofídio peçonhento da família dos Viperídeos.

(19)

Hãmgãy	-te	mĩmãti	kopa xip
[hãŋm'gãjŋ	tæʔ	mĩmã'tiʔ	ku'paʔ 'tʃiʔpʔ]
Onça	ERG	floresta	dentro estar/ficar SING

‘A onça está na floresta’

As sentenças de (14) a (19) mostram que, em Maxakalí, argumentos (Sa) são também marcados pelo morfema ergativo, que se relaciona ao papel temático de agente. Vê-se, portanto, que, na língua Maxakalí, verbos inergativos são ativos, isto é, os sujeitos desses verbos são marcados com o caso ergativo como os sujeitos de verbos transitivos. Verbos inergativos ativos constituem uma característica comum de muitas línguas ergativas, segundo Wali (2004), que resulta em um alinhamento entre sujeitos inergativos ativos e sujeitos transitivos. Em Marathi, por exemplo, língua indoariana falada no sudoeste da Índia, sujeitos de inergativos também recebem caso ergativo⁶:

(20)

Ti-ne	dhaava-av-e.	(Marathi)
She-ERG	run-SBJ-NEUT	

‘She must run’ (Wali, 2004, p.228)

(21)

Tyaa-ne	hasa-av-e.	(Marathi)
He-ERG	laugh-SBJ-NEUT	

‘He should laugh’ (Wali, 2004, p.242)

O mesmo ocorre em Basco e também em Xokleng, língua Jê falada em Santa Catarina:

(22)

Jon-ek	jaten du.	(Basco)
Jon-ERG	eat AUX	

‘Jon ate.’ (Bobaljik, 1993, p. 31)

(23)

Nik	hitz-egin dut.	(Basco)
1sERG	“speak” UKAN.(3A).1E	

‘I spoke.’ (Uribe-Etxebarria 1989:1)

⁶ Em Marathi, sujeitos marcados com caso ergativo denotam, segundo WALI, 2004, obrigação ou necessidade. (cf. WALI, 2004, p. 228).

(24)

Ti fɔ meŋ fɔ lãñ ãñ wã (Xokleng)

He ergative ax instrumental work stative

‘He is working with an ax’ (Urban, 1985, p. 173)

(25)

Ti fɔ ãmen lo fɛŋ wã (Xokleng)

He ergative path along go stative

‘He went along the path’ (Urban, 1985, p. 173)

A característica de o Maxakalí marcar, com caso ergativo, sujeitos de verbos transitivos e intransitivos torna o Maxakalí uma língua ergativo-ativa, pois sujeitos de verbos transitivos e intransitivos são marcados indistintamente pelo caso morfológico ergativo desde que expressem agentividade. Percebe-se, por isso, uma estreita relação entre a marcação de caso ergativo e o papel temático de agente e é isso que faz da língua Maxakalí uma língua ergativo-ativa.

Com relação aos argumentos (So) e (O), diferentemente da posição de Pereira (1992), assumirei que não há identidade de forma entre os argumentos (So) e (O) na língua Maxakalí. Argumentos (So) são codificados pela marca de pessoa \tilde{u} -} ou pelo reflexivo *yã*. Tais codificadores são co-referentes com o sujeito e figuram como prefixos junto a verbos intransitivos do Maxakalí, que se dividem em duas classes distintas:

ARGUMENTOS (So) - CLASSE I

(26)

Kuptap	‘ũ-	yũm	mĩm	tu
[kuɣpʰtɔpʰ]	ʔũ	ɲũɣm	mĩɣm	tuʔ]
Urubu	ele INAT	sentar SING	pau FR	em

‘O urubu está pousado no pau’

(27)

Míkax-xap	‘û-	patõ-nãg
[mĩkaj'tʃaxp¹	ʔũ	patõh'nãʔ]
faca semente	ele INAT	estar molhado-DIM
‘A pedra está molhada’		

ARGUMENTOS (So) - CLASSE II

(28)

Yogano	û-yãy	pakûhĩy
[dzoga'doʔ	ʔ'nãjɲ	paʔkũ'hĩjɲ]
Jogador	ele INAT-REFL	distrair
‘O jogador se distraiu’		

(29)

Mĩnut	yãy	kĩy
[mĩ'duuyə	'nãjɲ	kĩjɲ]
Flor ABS	REFL	embrulhar
‘A flor murchou/fechou’		

Nas sentenças de (26) a (29), os argumentos (So) são codificados ou pela marca de pessoa ou pelo reflexivo, ambos adjuntos ao verbo. A marca de pessoa e o reflexivo, além de exprimirem correferência entre sujeito e verbo, codificam os argumentos (So) diferenciando-os dos argumentos (O). Estes, por sua vez, não possuem uma marca correferente como os argumentos (So). Argumentos (O) são codificados pela sua adjacência ao verbo transitivo e figuram preponderantemente na posição pré-verbal. Curiosamente, a justaposição do objeto e do verbo não permite que quaisquer elementos figurem entre objeto e verbo. O fato de a unidade entre objeto e verbo não poder ser interrompida por outro elemento evidencia que há incorporação do objeto pelo verbo nas sentenças transitivas em que o objeto esteja em posição pré-verbal. Nos exemplos seguintes, mostro a adjacência que há entre objeto e verbo em Maxakalí na posição pré-verbal:

(30)

Mĩmãti	yõg	kokex	-te	mãtatãg	mãhã
[mĩmãtiʔ	jõŋ	kukæj	ʔtæʔ	mãtaʔtãŋ	mã'hãʔ]
Mata	GEN	cachorro	ERG	saracura	comer CAUS
‘O lobo-guará ⁷ comeu a saracura ⁸ ’					

(31)

Putux-kup	-te	ĩn-yõn-xit	put
[pʷutʷjʔkʷɔxpʔtæʔ		ĩɔnõɔʔtʃiɔtʔ	ʔpʷɔɔ]
Ave	osso	ERG	rola-bosta
			pegar SING
‘A coruja pegou um rola-bosta ⁹ ’			

(32)

Kokex-kata	-te	kũnũn	mãhã
[kuʔkæjkahʔtaʔ	ʔtæʔ	kũ'nũũɔn	mã'hãʔ]
Cachorro vermelho	ERG	quati FR	comer CAUS
‘Suçuarana comeu um quati’			

(33)

Tik	te	kutet	xak
[tijkʔ	ʔtæʔ	kʷhʔtæɔtʔ	tʃakʔ]
Homem FR	ERG	bambu FR	cortar
‘O homem cortou o bambu’			

Nas sentenças de (30) a (33), os argumentos (O) ocorrem adjacentes aos verbos transitivos formando uma espécie de composto. A composição entre objeto e verbo sinaliza que o objeto é na verdade incorporado pelo verbo. Outro fator que evidencia a incorporação do objeto pelo verbo é a forma reduzida que certos argumentos (O) assumem na posição pré-verbal. Nomes de um determinado padrão fonotático¹⁰ assumem formas reduzidas quando figuram na posição de objeto antes do verbo, como se pode ver em (32) e (33). Nos exemplos abaixo, (34) e (35), exibo as formas longas e curtas dos nomes com esse padrão fonotático que ocorrem nas sentenças (32) e (33) acima:

⁷ *Chrysocyon brachiurus*

⁸ Ave da família *Rallidae*.

⁹ Designação vulgar de coleóperos da família dos Escarabeídeos.

¹⁰ Esse padrão fonotático é compartilhado por nomes e verbos em cuja constituição constam uma consoante fricativa glotal ou uma consoante oclusiva glotal entre vogais idênticas: -V_iXV_i-. O X maiúsculo representa uma das consoantes mencionadas e os Vs com um ‘i’ subscrito vogais idênticas. Tratarei sobre palavras com esse padrão fonotático no capítulo 15.

FORMA PLENA:

(34a)

Kūnūhūn

[kūnū'hūɣɛn]

‘Quati’

FORMA REDUZIDA:

(34b)

Kūnūn

[kū'nūɣɛn]

‘Quati’

FORMA PLENA:

(35a)

Kutehet

[kuhtæ'hɛɣtʰ]

‘Machado’

FORMA REDUZIDA:

(35b)

Kutet

[kuhtæ'hɛɣtʰ]

‘Machado’

Nos exemplos acima, as formas longas, em (34a) e (35a), tomam formas reduzidas, (34b) e (35b), na posição pré-verbal. A ocorrência dos argumentos (O) na posição pré-verbal evidencia que tais argumentos são codificados pela ordem canônica em que figuram na sentença, isto é, a ordem SOV. Além disso, o fato de argumentos (O) com padrão fonotático particular tomarem formas reduzidas na posição pré-verbal suporta a hipótese de que o objeto em Maxakalí é incorporado pelo verbo nessa posição¹¹. Mostrei nesta seção argumentos suficientes para suportar a minha hipótese de que os argumentos (So) e (O) da língua Maxakalí são distintamente marcados, como mostro na tabela (4):

¹¹ Desenvolverei melhor essa hipótese nos capítulos 12 e 14.

TABELA 4
MARCAÇÃO DOS ARGUMENTOS

Argumento	Marcação
(A)	-te
(So)	ũ-
(O)	∅

A distinção dos argumentos (A), (So) e (O) em Maxakalí é semelhante à que ocorre na língua australiana Pana-Nyungan:

(36a)

Kana-ulu	kalkana	titi-nana	(Pana-Nyungan)
Man-ERG	hit	dog-ACC (FEM)	
‘The man(A)	hit	the bitch(O)’	

(36b)

Kana-ia	paluna	
Man-NOM	died	
‘The man(S)	died’	(Mallison & Blake, 1981)

As sentenças em (36) mostram que na língua Pana-Nyungan os argumentos (A), (So) e (O) são marcados diferentemente. De forma semelhante, em outra língua australiana, o Thangu, a forma do objeto difere das dos argumentos (A) e (So):

(37)

Taykka+∅	rakkun ^y Ṭin.	(Thangu)
Woman+NOM	died	
‘Woman died’		(Schebeck, 1976)

(38)

Yũlŋu+ Ṭ u	taykka+Ṇa	pũyan.	(Thangu)
Man+ERG	woman+ACC	hit	
‘Man hit woman’			(Schebeck, 1976)

Línguas em que os argumentos (A), (So) e (O) são marcados distintamente são denominadas línguas tripartidas. Segundo Whaley (1997, p.158), sistemas tripartidos são muito raros, sendo comum, em línguas que têm esse sistema, apenas um subgrupo

de DPs ou apenas pronominais serem marcados. Como no Pana-Nyungan e no Thangu, também em Maxakalí os argumentos (A), (So) e (O) são marcados de forma distinta:

(39a)

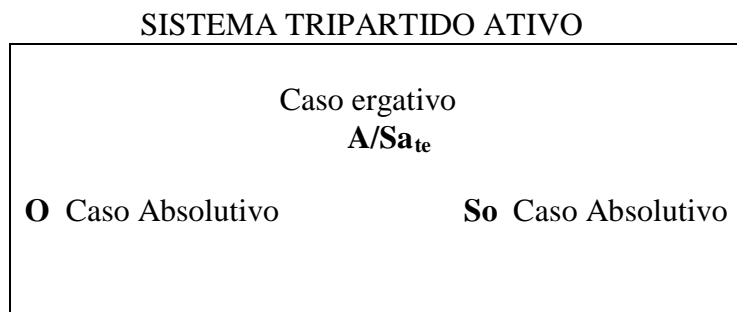
Tik	-te	kokexhex	putex
[tɪjk	'tæʔ	kukæj'hæj	puh'tæj]
Homem FR	ERG	cadela	matar SING
'O homem matou a cadela'			

(39b)

Tihik	ũ-xok
[tihik ^ɿ	ũtʃok ^ɿ]
Homem FP	ele INAT NOM morrer
'O homem morreu'	

Os dados acima mostram que o Maxakalí possui sistema de caso tripartido, pois o caso ergativo (A) se distingue do caso absolutivo que marca argumentos (So), que, por sua vez, distingue-se do caso absolutivo que marca argumentos (O). Com base na distinção que ressaltar haver entre os argumentos (A), (So) e (O), assumo que o sistema de Caso do Maxakalí é morfologicamente tripartido. Em tal sistema, os argumentos (A), (So) e (O) não têm identidade morfológica entre si, sendo marcados diferentemente, como proponho a seguir:

(40)



Na representação acima, há identidade entre (A) e (Sa), mas (O) e (So) são diferenciados. Por essa razão o sistema de alinhamento é denominado tripartido, pois há claramente três grupos distintos, nos quais os argumentos assumem formas distintas:

- (i) Argumentos (A) e (Sa) recebem a posposição {-te};
- (ii) Argumentos (So) são codificados pela marca flexional de pessoa {ũ-} ou pelo reflexivo {yãy};
- (iii) Argumentos (O) são marcados pela ordem pré-verbal e adjacência ao verbo.

Na próxima seção, faço as considerações finais sobre este capítulo.

9.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO

Neste capítulo mostrei as principais diferenças entre sistemas nominativo-acusativos e sistemas ergativo-absolutivos. Mostrei que, tipologicamente, os casos envolvidos em sistemas ergativo-absolutivos são o ergativo, que marca argumentos (A) e o absoluto, que marca argumentos (So) e (O). Adicionalmente, mostrei que há também sistemas ergativos ativos, nos quais argumentos (Sa) também recebem caso ergativo, e sistemas tripartidos, nos quais os argumentos (A), (So) e (O) são diferentemente marcados. Com base nos dados da língua Maxakalí, procurei mostrar evidências de que o sistema dessa língua é ergativo-ativo tripartido¹², pois além de os argumentos (Sa) serem marcados com caso ergativo, não há na língua identidade de forma entre os argumentos (A), (So) e (O). No próximo capítulo, com base na noção de papéis temáticos e na teoria de predicção de Hale e Keyser (1994, 2002), defenderei a posição de que, em Maxakalí, os verbos intransitivos dividem-se em duas classes distintas, a dos verbos inacusativos e a dos verbos inergativos.

¹² No capítulo 14, apresentarei evidências de que o sistema de Caso do Maxakalí é estruturalmente tripartido. De acordo com essa hipótese, os argumentos (A)/(Sa), (So) e (O) seriam valorados com Casos abstratos distintos: nominativo, ergativo e acusativo.

CAPÍTULO 10: PAPÉIS TEMÁTICOS, INACUSATIVIDADE E INERGATIVIDADE

Neste capítulo, adoto a teoria dos papéis temáticos e a teoria de predicação, tomando por base a proposta de Cançado (2005), de Harley (2008) e de Hale e Keyser (1994, 2002). No decorrer da análise, busco mostrar as motivações interlinguísticas para dividir os verbos intransitivos em, pelo menos, duas subclasses, a saber: a dos inergativos e a dos inacusativos. Tomando por base este quadro teórico, apresento os diagnósticos semânticos e sintáticos que a literatura dos últimos anos tem apresentado, para, em seguida, motivar a distinção entre os verbos inacusativos e inergativos na língua Maxakalí. Em geral, o que se observa é que o Maxakalí apresenta um curioso diagnóstico para separar os dois tipos de verbos intransitivos em duas classes distintas. Conforme ficará evidenciado no decorrer da análise, as duas classes de verbos, na língua Maxakalí, podem ser alocadas em subclasses distintas se se levar em conta o escopo da partícula {-te} e a escolha dos pronominais. Na última seção, apresento a análise da estrutura argumental desses verbos.

10.1 PAPEIS TEMÁTICOS

O conceito de papéis temáticos foi introduzido, inicialmente, segundo Cançado (2005), por Gruber (1965), Fillmore (1968) e Jackendoff (1972), com o objetivo de expressar, de maneira mais acurada, relações semânticas que as noções de sujeito e de objeto, por exemplo, não conseguem evidenciar. É justamente esse fato que, por exemplo, explica por que os DPs *a porta* e *a chave*, embora exibam funções sintáticas distintas nas orações em (1), apresentam o mesmo papel teta.

- (1a) João abriu a porta com a chave.
- (1b) A porta abriu.
- (1c) A chave abriu a porta.

Note-se que, nas sentenças acima, *a porta* (1a, 1b, 1c) e *a chave* (1a, 1c) têm, respectivamente, as funções semânticas de paciente e de instrumento da ação verbal, mas exercem funções sintáticas diferentes. *A porta* tem a função sintática de objeto em (1a) e (1c), mas de sujeito em (1b). *A chave*, por sua vez, é um adjunto em (1a), mas é sujeito em (1c). Apesar das diferentes funções sintáticas, Cançado (2005) chama atenção para a dependência que há nas relações de sentido entre o verbo e seus argumentos. A partir dessas relações, o verbo atribui a cada argumento uma função, que é o que se chama de papel temático.

Segundo Cançado (2005), há uma extensa lista de papéis temáticos proposta por diferentes autores. Entre os vários papéis temáticos propostos há os de agente, causa, instrumento, paciente, tema, experienciador, locativo, etc. Assim, considerando-se as sentenças abaixo (Cançado, 2005, p. 113):

(2a) Paulo quebrou o vaso com um martelo

(2b) João jogou a bola para Maria

João e o *vaso* têm, respectivamente, papéis temáticos de agente e de paciente, enquanto *João*, *bola* e *Maria* têm papéis temáticos de agente, de tema e de alvo. Segundo Cançado (2005), “há uma grande divergência entre as definições propostas na literatura para os vários tipos de papel temático” (cf. Cançado, 2005, p. 115), o que certamente é um problema para a teoria de papéis temáticos. Por causa disso, Cançado (2005) adota uma proposta segundo a qual os papéis temáticos são compostos de propriedades semânticas, que são derivadas de acarretamentos lexicais. Assim, de acordo com essa proposta, a localização de um argumento em uma posição sintática específica se deve à propriedade que compõe o papel temático e não ao próprio papel temático. Cançado propõe quatro propriedades semânticas que se realizam na seguinte ordem hierárquica: *desencadeador*, *afetado*, *estado* e *controle*. O fato de os papéis

temáticos serem compostos de propriedades possibilita que um argumento possua mais de uma propriedade semântica, o que não é possível numa abordagem que considera apenas papéis temáticos, não compostos de propriedades. No decorrer deste trabalho, assumirei o essencial da proposta de Cañado (2005). Assim, tomando por base a teoria de papéis temáticos, a análise me permitiu identificar pelo menos duas classes distintas de verbos intransitivos na língua Maxakalí: a classe dos inergativos e a classe dos inacusativos. Esse será o tema da seção seguinte.

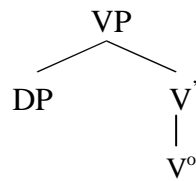
10.2 INACUSATIVIDADE E INERGATIVIDADE

Os termos inacusatividade e inergatividade têm, segundo Butt (2007), sua gênese em Fillmore (1968). Embora tais termos não tenham sido propostos por ele, Fillmore dividiu os verbos intransitivos em dois grupos distintos, de acordo com as características semânticas do seu único argumento: verbos com argumentos subjetivos são agentivos e verbos com argumentos objetivos são inativos. Essa generalização possivelmente proporcionou mais tarde a criação da Hipótese Inacusativa (1978/1986). Anunciada por Perlmutter (1978), e mais tarde adaptada por Burzio (1986) no âmbito da teoria gerativa de Regência e Ligação, a Hipótese Inacusativa divide os verbos denominados tradicionalmente como intransitivos em dois grupos distintos: verbos inacusativos e verbos inergativos¹. Os dois grupos de verbos monoargumentais têm estruturas sintáticas profundas distintas: verbos inacusativos possuem seu único argumento na posição de objeto, enquanto verbos inergativos² têm seu argumento na posição de sujeito. A principal diferença, portanto, entre verbos inergativos e verbos inacusativos, além do papel temático diverso que tomam seus sujeitos, é a posição sintática que o único argumento ocupa na estrutura. Verbos inacusativos têm um único argumento que ocupa a posição de objeto, como mostro na representação a seguir:

¹ Esses termos foram, segundo PERLMUTTER e POSTAL, 1984, cunhados por GEOFFREY PULLUM (cf. BUTT, 2007).

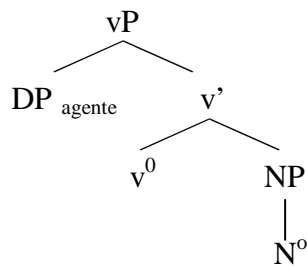
² Segundo HALE e KEYSER, 2002, verbos inergativos são os verdadeiros verbos intransitivos.

(3)



Já os Verbos inergativos têm um único argumento que ocupa a posição de sujeito, como ilustro na representação em (4):

(4)



A natureza inacusativa desses verbos decorre da hipótese segundo a qual verbos inacusativos não podem valorar Caso acusativo (Caso geralmente relacionado com o objeto) por não projetarem o argumento externo nem acionarem a projeção vP. Por essa razão, o único argumento de tais verbos sobe para a posição de sujeito para apanhar Caso nominativo. Mais adiante mostrarei que a divisão dos verbos intransitivos em inergativos e inacusativos e os diagnósticos que permitem diferenciar essas duas classes verbais são muito úteis para a classificação verbal da língua Maxakalí.

A classe dos verbos inacusativos é motivada morfológica e sintaticamente em muitas línguas, como mostrarei a seguir. Em italiano, no pretérito composto, verbos inacusativos ocorrem com o auxiliar *essere* ‘ser’, enquanto inergativos ocorrem com o auxiliar *avere* ‘ter’:

INACUSATIVOS:

(5a)

Luigi **è** arrivato a casa
 ‘Luis chegou em casa’

(5b)

Alfredo si **è** svegliato adesso
 ‘Alfredo acordou agora’

INERGATIVOS:

(6a)

Ho guidato la machina nuova
 ‘Dirigi o carro novo’

(6b)

Piero **ha** lavorato
 ‘Pierre trabalhou’

Distinção semelhante ocorre no francês e no alemão. Nessas línguas, inacusativos ocorrem com os auxiliares *être* ‘ser’ (francês) e *sein* ‘ser’ (alemão), enquanto inergativos ocorrem com os auxiliares *avoir* ‘ter’ e *haben* ‘ter’, como mostro nos exemplos a seguir:

INACUSATIVOS:

(7a)

Ella **est** arrivée chez moi (francês)
 ‘Maria chegou em minha casa’

(7b)

Maria **ist** bei mir angekommen (alemão)
 ‘Maria chegou em minha casa’

Em (7), verbos inacusativos do francês (a) e do alemão (b) ocorrem com os auxiliares *est* (*être*) ‘é’ e *ist* (*sein*) ‘é’. Já os verbos inergativos, nessas duas línguas, ocorrem com os auxiliares *avoir* ‘ter’ e *haben* ‘ter’, que nos exemplos abaixo, ocorrem com suas formas flexionadas *a* (*avoir*) ‘tem’ e *hat* (*haben*) ‘tem’:

INERGATIVOS:

(8a)

Il **a** travaillé le dimanche (francês)
 ‘Ele trabalhou no domingo’

(8b)
 Er **hat** am Sonntag gearbeitet (alemão)
 ‘Ele trabalhou no domingo’

Em russo, verbos inacusativos exibem os sufixos reflexivos -сь (s’) ou ся (sja) ,
 enquanto verbos inergativos seguem o paradigma dos verbos transitivos -ет:

VERBOS INACUSATIVOS:

(9a)
 Стекло разбило-сь (russo)
 Steklo rasbilo-s’
 ‘O copo quebrou’

(9b)
 Дверь закрывается (russo)
 Dver’ zakryvaet-sja.
 ‘A porta se fechou’

VERBOS INERGATIVOS:

(10)
 Балерина танцует (russo)
 Balerina tantsu-et
 ‘A bailarina dança’

Em (9), verbos inacusativos do russo ocorrem com os prefixos -сь e -ся. Já os verbos inergativos, em (10), têm a terminação regular dos verbos transitivos -ет na terceira pessoa do 3ª singular.

No dialeto do inglês falado em Belfast, verbos inacusativos podem ter sujeitos pós-verbais no modo imperativo, o que não ocorre com os verbos transitivos e inergativos:

INACUSATIVOS:

(11a) Be going **you** out of the door when he arrives! (inglês)

(11b) Leave **you** now!

(11c) Arrive **you** before 6 o’clock! (Larson, 1997, P. 212)

INERGATIVOS:

(12a) *Read *you* that book! (inglês)

(12b) *Eat *you* up!

(12c) *Always laugh *you* at his jokes! (Larson, 1997, P. 212)

Há também evidências acerca da existência dos inacusativos e inergativos no português. Duarte (2005) mostra alguns diagnósticos que evidenciam a classe lexical dos inacusativos e inergativos em português. Duarte mostra, por exemplo, que apenas verbos inacusativos podem ocorrer em construções de particípio absoluto. Arrolo os exemplos a seguir:

CONSTRUÇÕES DE PARTICÍPIO ABSOLUTO COM INACUSATIVOS:

(13)

[particípio absoluto **Crescidos os filhos**], o João e a Rita foram viver para a província.

[particípio absoluto **Falida a fábrica**], os operários ficaram no desemprego.

[particípio absoluto **Germinada a semente**], procedeu-se à sua plantação. (Duarte, 2005, p. 2)

Nos exemplos em (13), verbos inacusativos podem ocorrer em construções com particípio absoluto. Mas essas construções com verbos inergativos são agramaticais, como o mostram os exemplos em (14):

CONSTRUÇÕES DE PARTICÍPIO ABSOLUTO COM INERGATIVOS:

(14)

*[particípio absoluto **Corridos os atletas**], o governo promoveu uma homenagem.

*[particípio absoluto **Saltada a Joana**], os juízes a consideraram apta.

*[particípio absoluto **Ladrado o cão**], toda a gente acordou em sobressalto.

(Duarte, 2005, p. 2)

Outro diagnóstico mostrado por Duarte para identificar inergativos e inacusativos em português é o fato de verbos inacusativos não poderem atribuir Caso acusativo ao argumento posicionado à direita, diferentemente dos verbos transitivos, conforme mostram os exemplos a seguir:

VERBOS INACUSATIVOS:

(15)

[Quando faliu a fábrica], os operários ficaram no desemprego.

[*Quando faliu-a], os operários ficaram no desemprego.

[Quando ela faliu], os operários ficaram no desemprego.

[Quando germinou a semente], procedeu-se à sua transplantação.

[*Quando germinou-a], procedeu-se à sua transplantação.

[Quando ela germinou], procedeu-se à sua transplantação.

(Duarte, 2005, p. 3)

VERBOS TRANSITIVOS:

(16)

A Ana arrumou o quarto.

A Ana arrumou-o.

(Duarte, 2005, p. 3)

Duarte (2005) mostra que inacusativos em português não podem ocorrer com o sufixo *-dor*. Esse sufixo marca sujeitos agentivos em português, o que mostro nos dados a seguir de Duarte (2005):

PORTUGUÊS – SUFIXO -OR:

(17)

VERBOS AGENTIVOS

Correr corredor

Falar falador

Trabalhar trabalhador

Pescar pescador

Lutar lutador

Cantar cantor

VERBOS INATIVOS:

(18)

Cair *caidor

Crescer *crescedor

Fugir *fugidor

Falir *falidor

Germinar *germinador

Brotar *brotador

Assim como ocorre em português, Castro (2007) mostra que, em Tenetehara, sufixos nominalizadores que formam nomes agentivos ocorrem apenas com verbos de ação (transitivos e inergativos):

TENETEHARA - VERBOS AGENTIVOS:

(19)

u-zuka	i-zuka-har
3-matar	ABS-matar-NOML
(ele) mata (algo)	(ele), o assassino

(20)

u-puraki	i-puraki-har
trabalhar	ABS-trabalhar-NOML
(ele) trabalha	(ele), o trabalhador

(21)

aʔe u-ʔitaw	i-ʔitaw-har
ele 3-nadar	ABS-nadar-NOML
‘Ele nada’	(ele), o nadador

(Castro, 2007, p. 57, 58)

TENETEHARA - VERBOS INATIVOS:

(22)

u-ʔar	*i-ʔar-har
ele-cair	ABS-cair-NOML
‘ele cai’	‘O caidor’

(23)

u-hem	*i-hem-har
ele-chegar	ABS-chegar-NOML
‘Ele chega’	‘O chegador’

(24)

u-zepiħo	*i-zepiħo-har
3-crescer	ABS-crescer-NOML
‘ele cresce’	‘O crescedor’

(Castro, 2007, p. 57, 58)

Nos exemplos de (19) a (21), o nominalizador *-har* ocorre com verbos transitivos de ação do Tenetehara, mas, nos exemplos de (22) a (24), esse nominalizador não pode ocorrer, porque o verbo inacusativo não envolve um sujeito agente. Na próxima seção, mostrarei quatro diagnósticos que permitem distinguir os verbos da língua Maxakalí em duas classes distintas, a classe dos inacusativos e a classe dos inergativos.

10.2.1. PROPRIEDADES DOS VERBOS INACUSATIVOS E INERGATIVOS DA LÍNGUA MAXAKALÍ

Assim como ocorre nas línguas arroladas na seção anterior, verifica-se que verbos inacusativos e verbos inergativos da língua Maxakalí exibem claras diferenças em sua morfologia. Na seção seguinte, mostro três diagnósticos que permitem diferenciar as duas classes verbais do Maxakalí.

10.2.1.1 DIAGNÓSTICO I: O NOMINALIZADOR -AX

Em Maxakalí, apenas verbos agentivos, transitivos e inergativos, podem receber o sufixo agentivo **-ax** de maneira semelhante ao que acontece no Tenetehara, que mostrei na seção 10.2. O sufixo nominalizador **-ax** [aj] marca verbos ativos, formando assim nomes agentivos:

(25a)
Nōmenex
 [nōbɛ¹dæj]
 ‘Vender’

(25b)
Nōmenex-ax
 [nōbɛ¹dæj¹aj]
 Vender NOML
 ‘vendedor’

(26a)
Mãm-xuk
 [mã̃xm¹tʃuk¹]
 Peixe pegar
 ‘Pescar’

(26b)
Mãm-xuk-ax
 [mã̃xm¹tʃuk¹aj]
 Peixe pegar NOML
 ‘Pescador’

(27a)
Kix
 [kij]
 ‘Matar PL’

(27b)
Kix-ax
 [kij¹aj]
 Matar NOML
 ‘Matador’

(28a)
Yã y kix
 [jã̃jn¹ kij]
 REFL brigar
 ‘Brigar’

(28b)
Yã y kix-ax
 [jã̃jn¹ kij¹aj]
 REFL brigar NOML
 ‘Brigão’

(29a)

Hãmpe-nãhã

[hã̃x̃mpenã'hãʔ]

Coisa ver CAUS

‘Vigiar’

(30a)

Xok-xop-kak

[tʃowkʰtʃoxpʰ]

Bicho PL caçar

‘Caçar’

(31a)

Pẽnẽn-kup hã mõg

[pẽnẽzn'kuɣpʰ hãʔ mõŋ]

Peneira osso (=bicicleta) com ir

‘ir de bicicleta’

(32a)

Ãmuk

[ʔã'buukʰ]

Cozinhar

(33a)

Hãmyãg

[hã̃x̃m'jãŋ]

Chão cortar

‘Dançar’

(34a)

Yip kūyīy

[dʒiɣpkũ'jĩjɪn]

Jipe dirigir

‘Dirigir’

(35a)

Hãm-ãgtux

[hã̃x̃mʔãŋ'tuɣ]

Coisa falar

‘Falar’

(36a)

Xataha

[tʃata'haʔ]

‘Gritar’

(29b)

Hãmpe-nã-ax

[hã̃x̃mpenãʔ'aj]

Coisa ver CAUS FR NOML

‘Vigia’

(30b)

Xok-xip-xak-ax

[tʃowkʰtʃoxpʰ'aj]

Bicho PL caçar NOML

‘Caçador’

(31b)

Pẽnẽn-kup hã te mõg-ax

[pẽnẽzn'kuɣpʰ hãʔ mõŋ'aj]

Peneira osso com ERG ir NOML

‘O que vai de bicicleta (=ciclista)’

(32b)

Ãmuk-ax

[ʔã'buukʰ'aj]

Cozinhar NOML

‘Cozinheiro’

(33b)

Hãmyãg-ax

[hã̃x̃m'jãŋ'aj]

Chão cortar NOML

‘Dançarino’

(34b)

Yip kūyīy-ax

[dʒiɣpkũ'jĩjɪn'aj]

Jipe dirigir NOML

‘Motorista’

(35b)

Hãm-ãgtux-ax

[hã̃x̃mʔãŋ'tuɣ'aj]

Coisa falar NOM

‘Falador’

(36b)

Xata-ax

[tʃataʔ'aj]

Gritar FR NOM

‘Gritador’

Nas sentenças acima, tanto verbos transitivos quanto verbos inergativos podem ocorrer com o nominalizador **-ax** [aj]. Verbos inacusativos, porém, não podem receber esse sufixo, exceto se a leitura não for agentiva, como mostro a seguir:

(37)
Mõyõn
[mũɲũzn¹aj]
'dormir'

(37)
***Mõyõn-ax**
[mũɲũzn¹aj]
'dormidor=dorminhoco'

(38)
Yũm
[ɲũɣm]
'Sentar'

(38)
***Yũm-ax**
[ɲũɣm¹aj]
Sentar NOM
'Sentador'

(39)
Xok
[tʃowk¹]
'Morrer'

(39)
***Xok-ax**
[tʃowk¹aj]
Morrer NOM
'Morredor'

(40)
Yõn-kup
[ɲõzn¹kuɣp¹]
'Sonhar'

(40)
***Yõn-kup-ax**
[ɲõzn¹kuɣp¹aj]
Sonhar NOM
'Sonhador'

As derivações nominais dos inacusativos em (37b), (38b), (39b) e (40b) são agramaticais porque inacusativos não podem ser sufixados pelo nominalizador **-ax** com leitura agentiva, pois verbos inacusativos não podem, naturalmente, ter argumentos agentivos. Desde que a leitura não seja agentiva, alguns verbos inacusativos podem receber o sufixo **-ax**:

(41a)
Mõyõn
[mũɲũzn¹aj]
'dormir'

(41b)
Mõyõn-ax
[mũɲũzn¹aj]
Dormir NOM
'Lugar de dormir=Cama'

(42a)
Yũm
 [ɲũɣm]
 ‘Sentar’

(42a)
Yũm-ax
 [ɲũɣm¹aj]
 Sentar NOM
 ‘Lugar de sentar=cadeira’

Como se pode ver pelos exemplos acima, o sufixo **-ax** nesses casos denota lugar e não o agente no evento. Os exemplos acima do Maxakalí evidenciam que sujeitos agentivos são diferenciados de sujeitos inativos, o que é outro diagnóstico para distinguir os verbos intransitivos em duas classes distintas, a dos inacusativos e a dos inergativos. Na próxima seção, apresento outro diagnóstico.

10.2.1.2 DIAGNÓSTICO II: CODIFICAÇÃO DISTINTA DE INACUSATIVOS E INERGATIVOS

Verbos inacusativos dividem-se em dois tipos distintos, como mostrei no capítulo 6: verbos da classe I e verbos da classe II. Verbos inacusativos da classe I são marcados pelo prefixo de pessoa {ũ-} e verbos da classe II ocorrem com o prefixo reflexivo {yã} ou com ambos. A seguir arrolado dados das duas classes verbais:

VERBOS INACUSATIVOS – CLASSE I

(43)

Yãyã	ũ-	xok
[ɲã ¹ ɲã	ʔũ	¹ tʃok ¹]
vovô	ele INAT	morrer SING
‘o vovô morreu’		

(44)

Xapup	ũ-	top
[tʃa ¹ puxp ¹	ʔũ	¹ toxp ¹]
Porco	ele INAT	gordo
‘O porco engordou’		

(45)

Kutut	ũ-	pakut
[ku ¹ tuɣt ¹	ʔũ-	pa ¹ kuɣt ¹]
Velho	ele INAT	doente
‘O velho adoeceu’		

(46)

Kokex	ũ-	kup	-nak
[ku'kæj	ʔũ	kuɣɣp	'dakʰ]
Cão	ele INAT	osso	seco

‘o cão emagreceu’

VERBOS INACUSATIVOS – CLASSE II

(47)

Ũ-	yĩm	-xax	yã	xaa
[ʔũ	nĩm	'tʃaj	'nãjn	tʃa'aʔ]
ele INAT	mão	unha INAL	REFL	quebrar

‘A unha quebrou’

(48)

Ũhũn	yã	nuhuk
[ʔũ'hũɳ	nãjn	du'hukʰ]
Mulher FP	REFL	tremar

‘A mulher está tremendo’

(49)

kaxop	yã	koxak
[kak'tʃuɣpʰ	nãjn	ku'tʃakʰ]
Menino	REFL	despertar

‘A criança despertou’

(50)

Tihik	ũ-yã	xaxog-ãhã
[ti'hikʰ	ʔũ'nãjn	tʃatʃugã'hãʔ]
Homem FP	3. INAT REFL	perder-se CAUS

‘O homem perdeu-se’

Nos exemplos acima, verbos inacusativos da língua Maxakalí são prefixados pela marca de pessoa {ũ-}, pelo prefixo reflexivo yã ou por ambos. A ocorrência da marca de pessoa {ũ-} e do prefixo reflexivo {yã} permitem captar uma importante diferença entre inacusativos e inergativos na língua Maxakalí. Diferentemente dos verbos inacusativos, verbos inergativos têm seu único argumento codificado pela partícula ergativa {-te}. Os sujeitos dos verbos inacusativos não vêm marcados por essa partícula pelo simples fato de eles receberem papel teta [+AFETADO]. Em suma, o fato de a partícula ergativa {-te} não poder co-ocorrer com o sujeito de verbos inacusativos serve como diagnóstico para alocar os verbos intransitivos da língua Maxakalí em

duas classes distintas, a saber: (1) aquela em que o sujeito de intransitivos recebe papel temático [+DESENCADEADOR] e coocorre com a partícula ergativa {-te} e (2) aquela em que o sujeito recebe papel temático [+AFETADO] e é referido no verbo pelo prefixo de pessoa {ũ-} ou pelo prefixo reflexivo {yã-}. Os exemplos, a seguir, mostram a ocorrência da partícula ergativa {-te} em sujeitos de verbos inergativos:

(51)

Tu	-te	hãmkuteex
[tuh	'tæ?	hã̃̃mkũhtæ'æj]
ele AG	ERG	brincar
'Ele brincou'		

(52)

Kakxop	-te	tatxok
[kak'tʃuɔp ^ɾ	'tæ?	ta'tʃowk ^ɾ]
menino	ERG	banhar
'O menino banha'		

(53)

Tu	-te	yëy
[tuh	'tæ?	'jɛj]
ele AG	ERG	calar
'Ele se calou'		

(54)

Ã	-te	hãm	-yãg	yãmíy-xop	mūtix
[ʔãh	'tæ?	hã̃̃m	'jãŋ	jãmĩjɔ'tʃuɔp ^ɾ	mũ'tij
eu INAT	ERG	chão	cortar	espíritos PL	com
'Eu dancei com os espíritos'					

(55)

Konokaxax	-te	pũn
[kodoka'tʃaj	'tæ?	'pũ̃̃z]
Sapo	ERG	pular
'O sapo pulou'		

Nas sentenças acima, os sujeitos dos verbos inergativos são marcados pela partícula ergativa {-te}, diferindo-se dos verbos inacusativos. Na próxima seção, testo outro diagnóstico, as construções causativas.

10.2.1.3 DIAGNÓSTICO III: CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS

Outro diagnóstico que permite diferenciar os verbos inacusativos dos verbos inergativos é o fato de que, diferentemente dos verbos inergativos, apenas verbos inacusativos podem sofrer o processo de causativização, passando de inacusativos a transitivos. Por conseguinte, as formas verbais intransitivas inativas têm de receber o sufixo causativo {-nãhã}, conforme mostram os dados a seguir:

FORMA INATIVA:

(56a)

Putux-nãg	ũ-	xu pep	ũ-	pet	kopa
[pʷutʷj'nãŋ]	ʔũ	tʃih'pæɣpʷ	ʔũ	'pæɣtʷ	ku'paʔ]
Ave DIM	ele INAT	sair	ele INAT	ninho INAL	dentro

'O passarinho saiu do ninho'

FORMA CAUSATIVA:

(56b)

Putux-nãg-	ũ	-tut	-te	ũg-tok
[pʷutʷj'nãŋ]	ʔũ	'tuɣɣ	'tæʔ	ʔũŋ'towkʷ
Ave DIM	ele INAT	mãe INAL	ERG	ele INAT filhote FR INAL

xu pep	-mãhã	ũ-	pet	kopa
tʃih'pæɣpʷ	mã'hãʔ	ʔũ	'pæɣtʷ	ku'paʔ]
sair	CAUS	ele INAT	ninho INAL	dentro

'A mãe passarinho fez seu filhote sair do ninho'

FORMA INATIVA:

(57a)

Nãte	yãmĩy-xop	ũ-kux
[nãʔ'tæʔ]	ɲã'mĩjɲ'tʃuɣpʷ	ʔũ'kuɣ]
Aqui	espírito PL	ele INAT não ocorrer

'O ritual não ocorre'

FORMA CAUSATIVA:

(57b)

Tik	-te	yãmĩy-xop	kuig-ãhã
[tikʷ]	'tæʔ	ɲã'mĩjɲ'tʃuɣpʷ	kuɣgã'hãʔ
Homem FR	ERG	espírito PL	proibido CAUS

'O homem proibiu o ritual'

FORMA INATIVA:

(58a)

Kokex **ũ-yĩy**
 [ko'kæj ʔũ'jĩjɲ]
 Cachorro ele INAT emitir som
 'O cachorro ganiu'³

FORMA CAUSATIVA:

(58b)

Hãmgãy **-te** **kokex** **yĩg-ãhã**
 [hãŋm'gãjɲ 'tæ? ko'kæj jĩŋgã'hã?]
 Onça ERG cachorro emitir som CAUS
 'A onça fez o cachorro ganir'

FORMA INATIVA:

(59a)

Kakxop **ũ-xit**
 [kak'ʔtʃuɣp' ʔũ'tʃiɛt']
 Menino ele INAT alimentar-se
 'O menino se alimenta'

FORMA CAUSATIVA:

(59b)

Ũ- **tut** **-te** **kakxop** **xin** **-ãhã**
 [ʔũ 'tuwɜ 'tæ? kak'ʔtʃuɣp' tʃin ã'hã?]
 Ele INAT mãe INAL ERG menino alimentar-se CAUS
 'A mãe alimenta a criança'

FORMA INATIVA:

(60a)

Heniãm **ũ-kux**
 [hẽni'ãŋm ʔũ'kuɟ]
 Reunião ele INAT terminar
 'A reunião terminou'

FORMA CAUSATIVA:

(60b)

Ãyuhuk **-te** **hẽniãm** **kuy-ãhã**
 [ʔãdzu'huk' 'tæ? hẽni'ãŋm kuɲã'hã?]
 Não-índio ERG reunião terminar CAUS
 'O não-índio encerrou a reunião'

³ O evento *yĩy* [jĩjɲ], em Maxakalí, é não agentivo, e significa emitir som. Na língua há a forma *papuk* 'latir', que designa um evento agentivo. Nesse caso, o sujeito do verbo *papuk* é marcado com a partícula ergativa.

FORMA INATIVA:

(61a)

Míkaxxap **ũ-tup**

[mĩ'kj'tʃaɣpˀ ʔũ'tuɣpˀ]

Pedra ele INAT claro/limpo

‘A pedra está clara’

FORMA CAUSATIVA:

(61b)

Kõnãg **-te** **míkaxxap** **tup-m-ãhã**

[kũnãŋ'teʔ mĩ'kj'tʃaɣpˀ tuɣpˀmã'hãʔ]

Água FR ERG pedra claro/limpo CAUS

‘A água clareou a pedra’

Apenas verbos inacusativos da classe I podem receber o sufixo causativo {-nãhã}. A explicação para isso é que verbos da classe I são, em sua maioria, verbos descritivos, enquanto verbos da classe II são incoativos, sendo derivados de verbos transitivos. Por essa razão, verbos da classe II não recebem o sufixo causativo, pois a função do sufixo causativo é tornar verbos intransitivos transitivos. Como verbos da classe II são derivados de transitivos, eles não necessitam do sufixo causativo para serem transitivizados. Verifica-se, então, que verbos inacusativos da classe II, que são incoativos, alternam, com os transitivos, como os verbos da classe I, mas sem sufixo causativo, como mostro a seguir:

VERBO INCOATIVO

(62a)

Mĩhĩm **yãy** **pot**

[mĩhĩm ɲãyɲ puɣtˀ]

Madeira FP REFL lascar

‘A madeira lascou’

VERBO TRANSITIVO

(62b)

Míkax-xeka **-te** **mĩm** **pot**

[mĩmkajtʃe'ka teʔ mĩm puɣtˀ]

Faca grande ERG madeira FR lascar

‘O facão lascou a madeira’

VERBO INCOATIVO

(63a)

Kokex	yāy	koa
[ku'kej	ɲājɲ	ku'a]
Cão	REFL	soltar
'O cão se soltou'		

VERBO TRANSITIVO

(63b)

kakxop	-te	kokex	koa
[kak'tʃuɣpʰ	te	ku'kej	ku'a]
menino	ERG	cão	soltar
'O menino soltou o cão'			

VERBO INCOATIVO

(64a)

Hām-yīkox	yāy	xōn
[hãɣmɲi'kuj	ɲāj	tʃõɣn]
Coisa boca	REFL	abrir
'A porta se abriu'		

VERBO TRANSITIVO

(64b)

Tu	-te	hāmyīkox	xōn
[tu	'tɛʔ	hãɣmɲi'kuj	'tʃõɣn]
ele	ERG	porta	abrir
'Ele abriu a porta'			

VERBO INCOATIVO

(65a)

Ūhūn	ū-yāy	nuhuk
[ũʔ'hũɣn	ũ'ɲāj	du'hukʰ]
Mulher FP	ele INAT-REFL	tremar
'A mulher está tremendo'		

VERBO TRANSITIVO

(65b)

Tanatot	-te	hām	nuhuk
[tada'toɣtʰ	'tɛʔ	hãɣm	du'hukʰ]
Trator	ERG	chão FR	tremar
'O trator tremeu o chão'			

A alternância inativa/causativa da língua Maxakalí que mostrei, nos exemplos acima dos verbos inacusativos das classes I e II, evidencia as diferenças semânticas e sintáticas que há entre verbos inacusativos e verbos inergativos, pois apenas verbos inacusativos podem participar da alternância intrasitivo/causativa. Além disso, tal

alternância constitui um recurso da língua para indicar aumento ou redução de valência, isto é, quando um verbo passa de inacusativo para transitivo ou *vice versa*. Sobre essa alternância, é interessante observar que o objeto das formas verbais transitivas passa a sujeito inativo das formas verbais intransitivas. Note-se, ainda, que o papel temático do DP, que ocorre tanto na posição sintática de sujeito quanto na posição de objeto, permanece invariável. A razão para isso é que esse argumento recebe papel temático [+AFETADO], no ponto da derivação em que é juntado pela operação MERGE⁴, na posição de argumento interno. É isso que explica porque, embora o argumento ocorra na posição de sujeito ou de objeto, seu papel temático é consistentemente o mesmo. A ocorrência do papel temático [+AFETADO] em duas posições diferentes é prevista pela hipótese UTAH (*uniform theta assignment hypothesis*) (cf. Radford, 1997; Adger, 2004). Segundo essa hipótese, há uma uniformidade entre a estrutura temática e a estrutura sintática: “UTAH: Identical thematic relationships between predicates and their arguments are represented syntactically by identical structural relationships when items are Merged⁵.” (Adger, 2004, p. 147).

A alternância na valência dos verbos inacusativos e transitivos é muito discutida na literatura e recebe diferentes rótulos descritivos, a saber: *alternância ergativa*, *alternância anti-causativa*, *ergatividade*, *alternância causativo-ergativa* ou *alternância incoativa*. A seguir, arrolo alguns exemplos da alternância incoativo/causativa nas línguas do mundo:

⁴ Segundo ADGER, 2004, e DUARTE, 2005, MERGE é uma operação na qual os elementos da numeração são juntados à estrutura sintática com o objetivo de formar estruturas maiores a partir de estruturas menores.

⁵ Grifo meu.

(66a)
João quebrou o vaso (português)

(66b)
O vaso (se) quebrou

(67a)
Джон расбил окно (russo)
 Dzhon rasbil okno
 ‘John broke the window’

(67b)
Окно расбилось
 Okno rasbilos’
 ‘The window broke’ (Paducheva, 2007, p. 3)

(68a)
Le vent a cassé la branche (francês)
 ‘O vento quebrou o galho’

(68b)
La branche a cassé
 ‘O galho quebrou’ (Moeschler, 2003d, p. 3-4)

(69a)
Husband da-ro baz kard (Persa)
 Husband door-Obj open made
 ‘Husband opened the door’

(69b)
Dar baz shod
 Door open became
 ‘The door opened’ (Megerdooian, 2001, p.4)

Nos exemplos acima, o objeto das sentenças transitivas é o sujeito nas sentenças intransitivas, exatamente como mostrei a partir dos dados do Maxakalí de (56) a (61) e de (62) a (65). Como nos dados do Maxakalí, o papel temático dos sujeitos inacusativos nas línguas acima é [+AFETADO], o que evidencia novamente a tese segundo a qual o único argumento dos verbos inacusativos recebe papel temático em SPEC-vP, após ser juntado na posição SPEC-VP.

Verbos inergativos, por sua vez, não podem sofrer alternância ergativa devido à sua estrutura argumental. Ou seja, como eles não possuem um argumento interno,

eles não podem sofrer nem passivização nem alternância ergativa. É precisamente isso que os difere dos verbos inacusativos, os quais possuem um argumento interno. Na próxima seção, faço as considerações finais deste capítulo.

10.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, tratei dos conceitos de papéis temáticos e de propriedades semânticas. Com base nesses conceitos, introduzi a noção de inacusatividade e inergatividade, mostrando suas motivações nas línguas do mundo. Finalmente, descrevi as propriedades dos verbos inacusativos e inergativos na língua Maxakalí com base em argumentos sintáticos e semânticos. No próximo capítulo, mostrarei argumentos que justificam a proposta da estrutura VP bipartida. Com base nessa proposta, analisarei a estrutura argumental de predicados transitivos e intransitivos, isto é, de verbos inacusativos e de verbos inergativos.

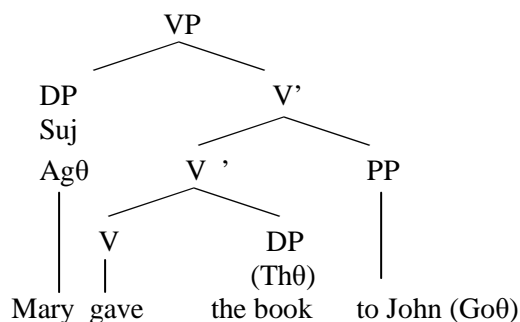
CAPÍTULO 11: ESTRUTURA BIPARTIDA DO VP E O ESTATUTO DO SUFIXO CAUSATIVO {-NÃHÃ} NA LÍNGUA MAXAKALÍ

Neste capítulo, tratarei inicialmente da hipótese da estrutura bipartida do VP. O objetivo é trazer a lume evidências sintáticas, semânticas e morfológicas a partir de línguas diferentes que motivam essa estrutura. Tomando por base a proposta de Hale e Keyser (1994, 2002) e Harley (2007), proponho que o sufixo causativo {-nãhã}, da língua Maxakalí, fornece evidências adicionais a favor da estrutura mais articulada do VP, na medida em que esse afixo pode ser interpretado como sendo a instanciação do verbo leve causativo.

11.1 A HIPÓTESE DA ESTRUTURA VP BIPARTIDA

Segundo Hale e Keyser (1994, 2002), doravante HK, há dois tipos de evento verbal, um evento relacionado a causação e outro relacionado a mudança de estado. As diferenças entre os dois tipos de evento têm, necessariamente, reflexo na estrutura argumental dos predicados. HK propõem um modelo de estrutura argumental no qual há uma interação entre o léxico e a sintaxe. O léxico comporta elementos primitivos relacionados à semântica dos eventos, que, por sua vez, interage com os dois tipos de evento, o relacionado a causação e o outro a mudança de estado. Os dois diferentes tipos de eventos refletem, por sua vez, a existência de uma estrutura bipartida do sintagma verbal, o qual será, então, composto do nível vP, encabeçado pelo verbo causativo v^o, e do nível VP, encabeçado pelo verbo lexical V^o. Esta intuição é formalizada pela representação arbórea em (1):

(2)



(Harley, 2007, p. 48)

As relações de c-comando na estrutura (2) gerariam erro, segundo Harley, pois tanto em estruturas de *to*+dativo quanto de objeto duplo, o argumento interno mais à esquerda c-comanda o argumento interno mais à direita. O que mostra isso são as sentenças a seguir:

(3)

a John showed Bob₁ himself₁ (in the mirror)b *John showed himself₁ Bob₁ in the mirror

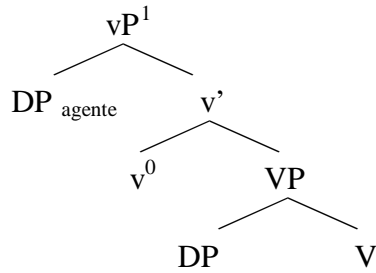
c Mary gave no one anything

d *Mary gave anyone nothing

e The cruel boss denied [each worker₁][his₁ paycheck]f The cruel boss denied [it₂s owner][every paycheck₂] (Harley, 2007, p.49)

Com a estrutura VP bipartida, todavia, as predições empíricas puderam ser satisfeitas, pois, agora, o argumento mais à esquerda pode c-comandar o argumento mais à direita, como mostro na representação a seguir:

(4)

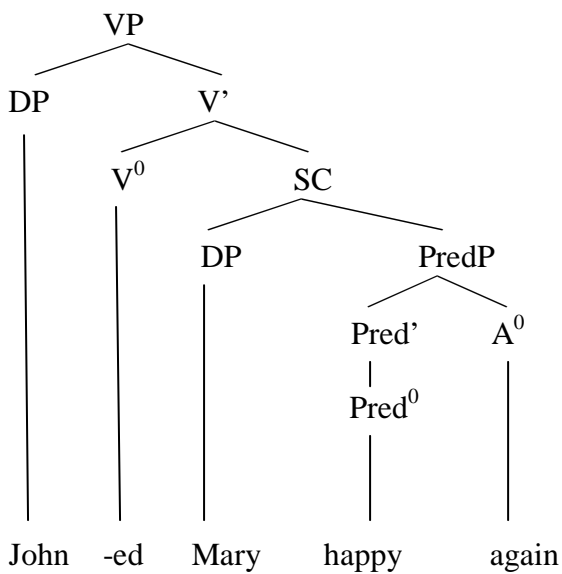


Na representação acima, argumentos que se localizarem na posição mais à esquerda (nível vP) c-comandam os argumentos localizados mais à direita (nível VP). Na seção seguinte, mostro as motivações semânticas a favor da hipótese do VP bipartido.

11.1.1.1 MOTIVAÇÕES SEMÂNTICAS

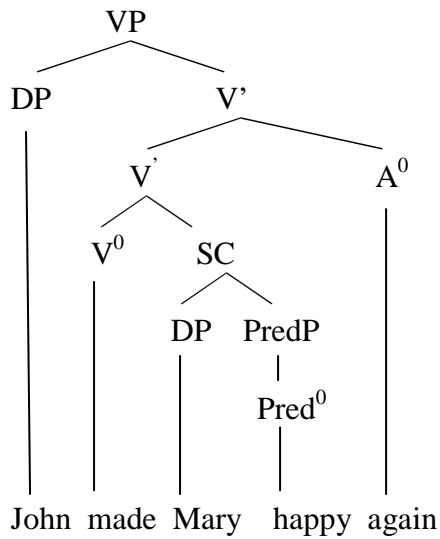
De acordo com Harley (2007), em sentenças como *John make Mary happy again*, o advérbio *again* pode modificar *happy* ou *make*, o que gera interpretações distintas:

(5a)



¹ Os níveis funcionais acima do vP foram omitidos em (4) por não interessarem à argumentação.

(5b)



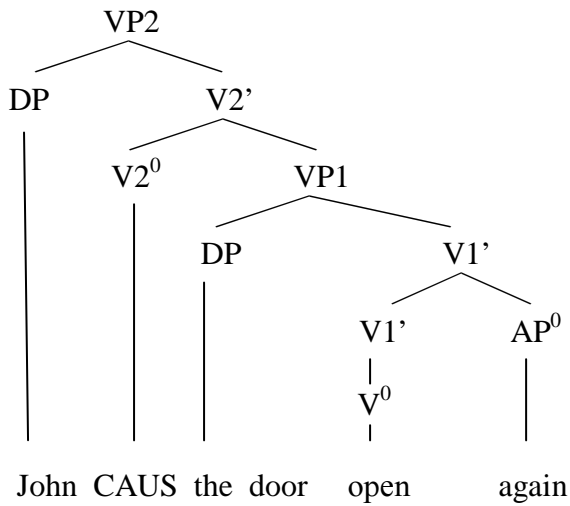
Na estrutura representada em (5a), o advérbio *again* tem escopo sobre o adjetivo *happy*, mas, na representação em (5b), *again* tem escopo sobre o verbo *made*. O escopo do advérbio sobre itens lexicais diferentes em uma mesma sentença corresponde a duas posições diferentes de adjunção: (I) adjunção no predicado encaixado *happy* e (II) adjunção no predicado matriz *make*. As duas posições diferentes de adjunção geram ambiguidade por corresponderem a duas interpretações distintas:

I - *Mary* estava feliz antes (independentemente de *John*), ficou triste e ficou feliz novamente, graças a *John*.

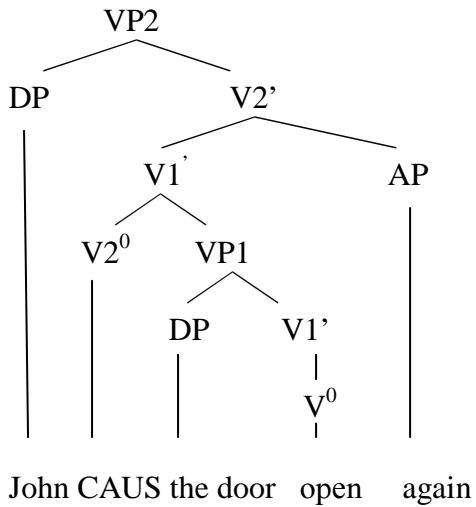
II - *Mary* ficou feliz graças a *John* no passado, ficou triste, e ficou feliz novamente graças a *John*.

De maneira semelhante, Stechow (1995) argumenta que o verbo causativo é composto de um predicado CAUSA, com valor abstrato, que toma complemento o predicado intransitivo *open*. Sob essa análise, o escopo de *again* depende se a adjunção é no predicado encaixado ou no predicado matriz CAUSA:

(6a)



(6b)



A análise de Stechow (1995) evidencia que o VP é bipartido, composto, em uma configuração mais recente, de um VP superior (v^0) e um VP inferior (V^0). Como mostrarei no capítulo 12, a hipótese do VP bipartido será relevante na análise do sistema de Caso da língua Maxakalí. Por ora, porém, arrolo a última motivação do VP bipartido: a realização morfológica do verbo leve, sobre a qual tratarei na próxima subseção. Apresentarei algumas das motivações morfológicas a favor da estrutura bipartida do VP. Trata-se da realização morfológica do verbo leve em algumas línguas.

11.1.1.2 EVIDÊNCIAS MORFOLÓGICAS

Uma das evidências morfológicas apontadas por HK a favor da estrutura bipartida do VP são as construções causativas de verbos inergativos. A expressão de CAUSA nesses verbos, relacionada ao VP superior (vP), é explícita na morfologia de algumas línguas, como na língua O'dham (Papago). Nessa língua, falada no México e nos Estados Unidos, o verbo causativo matriz é realizado morfológicamente pelo sufixo causativo *-cud*:

(7a)
 Bisck -cud
 Sneeze CAUS
 'Cause to sneeze'

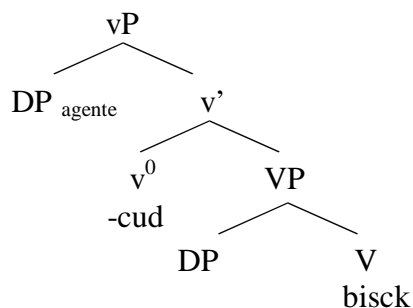
(7b)
 'a'as -cud
 Laugh CAUS
 'Cause to laugh'

(7c)
 Wihos -cud
 Vomit CAUS
 'Cause to vomit'

(7d)
 'I'ihog-cud
 Cough CAUS
 'Cause to cough'

Por meio dos exemplos em (7), HK argumentam que o sufixo causativo *-cud*, da língua O'dham, é o reflexo morfológico do verbo leve abstrato, inerente à proposta do VP bipartido, como mostro na representação abaixo:

(8)



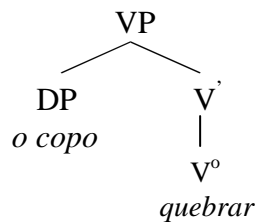
A estrutura em (8) representa a estrutura argumental da sentença (7a). O sufixo causativo *-cud* localiza-se na estrutura em v^0 logo acima do VP que toma como complemento. O V dentro da estrutura VP se eleva para v^0 formando o verbo causativo. Os exemplos da língua O'dham, portanto, evidenciam a importância da estrutura VP na teoria que desenvolvo neste capítulo. Nesta seção, procurei mostrar evidências que motivam a estrutura do VP bipartido. Na próxima seção, mostrarei, baseado no VP bipartido, as principais diferenças estruturais entre os verbos inacusativos e inergativos.

11.2 A ESTRUTURA ARGUMENTAL DOS INACUSATIVOS E INERGATIVOS

Uma das diferenças entre inergativos e transitivos é que inergativos têm o objeto incorporado, como mostrarei adiante. Assumirei, doravante, que as estruturas argumentais correspondentes aos verbos inacusativos e inergativos têm o formato indicado nas representações sintáticas que mostro a seguir:

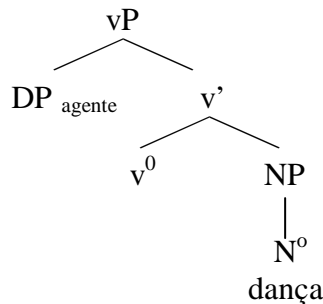
(9)

ESTRUTURA ARGUMENTAL DOS INACUSATIVOS



(10)

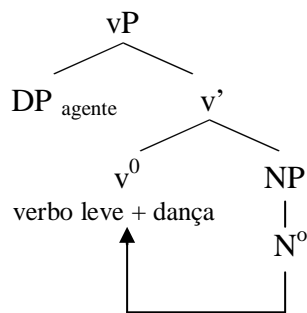
ESTRUTURA ARGUMENTAL DOS INERGATIVOS



Na representação (9), correspondente à estrutura inacusativa, o item lexical V^0 *quebrar* ocupa a posição de núcleo do VP. O único argumento verbal *o copo* ocupa a posição SPEC-VP². Na estrutura inergativa em (10), o item lexical N *dança* ocupa a posição interna do NP nu como seu núcleo. Em seguida, esse núcleo se move e se incorpora ao núcleo de v^0 . Na representação a seguir, mostro como se desenvolve a incorporação do núcleo dos inergativos pelo núcleo de v^0 em SPEC-vP:

(11)

INERGATIVOS



Na incorporação, a categoria N se eleva para o núcleo de v^0 , formando assim o verbo inergativo. A operação ilustrada na representação acima evidencia que os inergativos são transitivos implícitos (*implicit transitives*) e que há incorporação do complemento NP ao núcleo de v^0 no mecanismo de formação desses verbos. Outra evidência surge do fato de que, em línguas como o basco, verbos inergativos podem vir realizados na sintaxe visível como verbos transitivos. Nesses predicados, o D/NP objeto não se incorpora ao núcleo de v^0 , como indicam os dados abaixo:

(12)

Nik lan egin dut
 I-ERG work done have-me
 'I worked' (I did work)

(basco)

² Esse argumento irá se mover para a posição de SPEC-vP após a operação MERGE.

(13)
 Nik eztul egin dut
 I-ERG cough done have-me
 ‘I have coughed’ (Laka, 1993, p. 152)

Nos exemplos do basco acima, note-se que os inergativos realizam-se como verdadeiros transitivos. Isso explica por que verbos como *traballar* e *tossir* significam, literalmente, [fazer trabalho] e [fazer tosse], respectivamente. Castro (2007) mostra que, em Tenetehara, língua falada no nordeste da Amazônia, verbos inergativos exibem visivelmente um NP incorporado à raiz verbal:

(14a)
 u-maʔe-ʔu (Tenetehara)
 3-coisa-ingerir
 ‘(Ele) comeu (algo)’

↓
 (14b)
 u-mai-ʔu
 3-coisa-ingerir
 ‘(Ele) comeu (algo)’

(15a)
 u-po-ʔe
 3-mão-expressar
 ‘(Ele) sacode (a mão)’

↓
 (15b)
 u-pu-ʔe
 3-mão-expressar
 ‘(Ele) sacode (a mão)’ (Harrison, 2007)

De maneira semelhante ao Tenetehara, mostro abaixo que os verbos inergativos do Maxakalí também podem exibir incorporação do objeto à raiz do verbo transitivo:

(16)

Xapup	-nãg	-te	hãm	-hax	nãte
[tʃa'puxp ¹	'nãŋ	'tæ?	hãɣm	'haj	nã?'tæ?]
Porco	DIM	ERG	terra FR	cheirar	aqui

‘Catitu fuçou aqui’³

(17)

Tu	-te	hãm	-ãgtux	ponethok
[tuh	'tæ?	hãɣm?	ãŋ'tuj	pudæɜ ¹ 'hok ¹]
Ele AG	ERG	coisa FR	falar	muito

‘Ele fala muito’

(18)

Ũn	-xop	-te	hãm	-yãg	yãmīy	-xop	pu
[ʔũɜ	'tʃuxp ¹	'tæ?	hãɣm	'nã?	nã'mĩjŋ	'tʃuxp ¹	'pu?]
Mulher FR	PL	ERG	chão FR	cortar	espírito	PL	para

‘As mulheres dançam para os espíritos’

Nas sentenças de (16) a (18), vê-se que o objeto *hãm-* ‘terra’/‘coisa’/chão está incorporado ao núcleo do verbo transitivo. Evidências a favor dessa análise advêm do fato de que, no exemplos acima, o item *hãm-* equivale à forma reduzida do NP *hãhãm* ‘terra’/‘coisa’/, ‘chão’. O que se verifica é que palavras com o padrão fonotático -V_iXV_i- passam a formas curtas nos contextos em que o objeto figura em posição pré-verbal. Este fato, a meu ver, sugere a incorporação do objeto⁴ às raízes verbais nos exemplos acima. Outra evidência a favor dessa análise surge do fato de, em Maxakalí, haver uma tendência de o objeto e o verbo formarem um “composto” [_{VP} OV], cuja adjacência não pode ser sintaticamente interrompida, de forma que entre o objeto e o verbo não pode ocorrer outro constituinte XP. Na próxima seção, mostrarei a estrutura argumental dos verbos transitivos.

³ Apontando para o local.

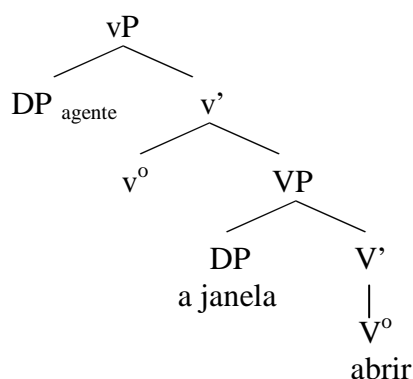
⁴ Tratei brevemente sobre esse assunto na revisão bibliográfica e o retomarei com mais detalhes nos capítulos 13 e 15.

11.3 ESTRUTURA ARGUMENTAL DOS VERBOS TRANSITIVOS E O CAUSATIVO {-NÃHÃ}

Com relação à estrutura argumental dos verbos transitivos, diferentemente da dos inergativos, nota-se que os transitivos projetam um argumento interno, o qual não se incorpora ao núcleo de vP, conforme a configuração sintática abaixo demonstra:

(19)

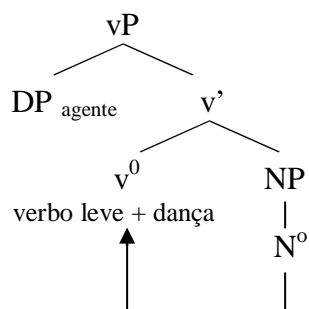
ESTRUTURA ARGUMENTAL DOS TRANSITIVOS



O verbo abrir em uma sentença como *João abriu a janela* tem uma representação como a em (19). Nela, o núcleo verbal seleciona o VP como complemento. Note-se que, na representação de um verbo inergativo, como em (11), repetida abaixo como (18), o objeto é incorporado ao verbo transitivo:

(20)

INCORPORAÇÃO



Na representação de (20), o núcleo N se incorpora ao verbo leve, formando o verbo inergativo. A elevação de N para o núcleo v° é motivada pela incorporação ou

conflação, que é o processo no qual um núcleo N, A ou P tem sua matriz fonológica incorporada ao núcleo v^o. Enquanto o complemento de verbos transitivos é um VP monádico, verbos inergativos não dispõem desse VP, mas apenas de um NP nu que se incorpora a v^o.

Tomando por base os dados acima, proporei que, assim como ocorre na língua O'dham e no Tenetehara, também no Maxakalí, o verbo leve tem reflexo na morfologia verbal. Por esta razão, assumirei, doravante, que o sufixo causativo {-nãhã} corresponde à realização do verbo leve causativo na língua Maxakalí, o qual, segundo Harley (2007) e Hale e Keyser (1994, 2002), encabeça o núcleo de vP. Esse sufixo ocorre na morfologia de verbos transitivos e de verbos inergativos, conforme indicam os dados a seguir:

(21)

Yãmīy	-xop	-tak	-te	gōy	-ãhã
[nã'mĩjɲ	'tʃuɣp¹	'ta:k¹	'tæ?	gũjɲ	ã'hãʔ]
Espírito	PL	pai INAL	ERG	fumaça FR	CAUS
'O pajé fumou'					

(22)

Yãmīy-xop	-tak	-tex	mũg	pakut-xop	hitup-mãhã
[nã'mĩjɲtʃuɣp¹	'tak¹	'tæj	mũŋ	pa'kuɣt¹tʃuɣp¹	hi'tuɣp¹mã'hãʔ]
Espírito PL	pai	ERG 1 PL	nós	doente PL	curar CAUS
'O pajé cura nossos doentes'					

(23)

Tu	-te	ũn	kutog-ãhã
[tuʔ	'tæ?	'ũɣ	kuh'togã'hãʔ]
Ele TRANS	ERG	mulher FR	criança CAUS
'Ele engravidou a mulher'			

(24)

Ũn	-xop	-te	kuxakuk	-top	hep-mãhã
[ũɣ	tʃuɣp¹	tæ?	kɪhtʃa'kuuk¹	'toɣp¹	hæɣb¹mã'hãʔ]
Mulher FR	PL	ERG	capivara	gordura líquido	CAUS
'A mulher tirou gordura de capivara'					

(25)

Kãyãnox	yãg	tex	tu	-te	yãmĩy-xop
[kãɲã'dowk ^ɿ	ɲãɲ	tɛj	tuh	'tæʔ	ɲã'mĩj'tʃuɣp ^ɿ
Jararaca	ENF	canto FR	ele AG	ERG	espírito PL

kutex **yĩkoy** **-ãhã**

kuh'tæj ɲĩkũj ɲã'hãʔ]

Canto boca CAUS

‘O canto da jararaca imita o canto dos espíritos’

(26)

Ũ-tut	tex	tok	xinãhã
[ũ'tuɣzɿ	'tæj	'towk ^ɿ	tʃiɛd'ɲã'hãʔ]
Ele INAT mãe	ERG ele _i	criança _i FR	comer CAUS

‘A mãe alimentou a sua criança’

(27)

Tu	-te	koyãm	ta-n-ãhã
[tuh	'tæʔ	ku'ɲãĩm ^ɿ	tanã'hãʔ]
Ele AG	ERG	goiaba	maduro CAUS

‘Ele amadureceu a goiaba’

Nas sentenças acima do Maxakalí, o verbo leve causativo realiza-se morfologicamente como o sufixo causativo **-{nãhã}**.

Em suma, minha hipótese é a de que o sufixo causativo **{-nãhã}** deve ser inserido no núcleo de vP, no momento em que o DP agente é inserido na estrutura argumental de verbos transitivos e inergativos. Na próxima seção, seguem as considerações finais deste capítulo.

11.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, com base na noção de estrutura argumental, procurei mostrar as diferenças estruturais entre as duas classes de verbos, a dos inacusativos e a dos inergativos. Finalmente, mostrei que os dados do Maxakalí fornecem evidências adicionais para hipótese do VP bipartido. De acordo com essa hipótese, o VP é dividido em duas estruturas, uma relacionada ao léxico (VP) e outra relacionada ao núcleo causativo que introduz o DP agentivo. De acordo com essa hipótese, propus que o sufixo causativo **{-nahã}** pode se realizar nos verbos inergativos e transitivos.

Tal sufixo é o próprio verbo leve realizado morfologicamente. Como mostrarei nos próximos capítulos, a hipótese do VP bipartido será importante para entender por que o Maxakalí exhibe um sistema de Caso tripartido. O objetivo, então, será entender o estatuto dos Casos ergativo e absoluto na língua Maxakalí. Para isso, introduzirei, no próximo capítulo, a Teoria de Caso.

CAPÍTULO 12: A TEORIA DE CASO

Neste capítulo, tenho por objetivo explorar as diferenças entre caso morfológico e Caso abstrato. Para tanto, farei uma breve introdução à Teoria de Caso, tal como proposta por Chomsky (1981, 1995, 2005); Woolford (1997, 2006, 2007); e Legate (2006). Com base na Teoria de Caso, mostrarei as principais diferenças entre Caso estrutural e Caso inerente. Conforme ficará evidente mais adiante, a Teoria de Caso e as noções de Caso estrutural e Caso inerente serão cruciais para a análise que desenvolverei nos capítulos 13 e 14.

12.1. A TEORIA DE CASO

Muitas línguas do mundo são morfológicamente marcadas com caso. Línguas como o basco, o russo, o latim e o islandês são línguas cujos DPs são marcados com caso morfológico, diferentemente de línguas como o português, o italiano, o inglês e o indonésio, que prescindem desse tipo de marcação morfológica. No que diz respeito à Gramática Gerativa, a categoria de Caso não ocorre apenas em línguas que exibem Caso explicitamente em sua morfologia, como o russo, o latim ou o basco. Segundo Duarte (2006):

(...) na perspectiva da gramática gerativa, podemos afirmar que a categoria de Caso não é uma propriedade privativa das línguas que a exibem na morfologia, como é a situação do Latim, do Grego, do Alemão, do Russo, dentre outras línguas. Nessa linha de investigação, Chomsky (1980) incorpora a noção tradicional de Caso à teoria gerativa e postula que a marcação de Caso nos NPs deve ser entendida como um princípio universal da Gramática. (Duarte, 2006, p. 2 e 3).

Chomsky (1981) introduz a noção tradicional de Caso na Teoria Gerativa e define a marcação de Caso abstrato nos DPs como um princípio universal da gramática, de acordo com o qual, todos os DPs realizados foneticamente, em todas as línguas, precisam receber Caso abstrato na sintaxe¹. Portanto, enquanto a noção tradicional de

¹ '(...) *Every noun with a phonetic matrix must have Case.* CHOMSKY, 1981, p.49.

caso diz respeito à marcação morfológica de nominais, a noção de Caso² abstrato relaciona-se aos princípios que governam a atribuição de Caso nas línguas naturais. A intuição é a de que a propriedade de Caso é responsável por regular a distribuição sintática dos DPs nas sentenças³. Enquanto Caso é obrigatório nas línguas do mundo, a manifestação morfológica de caso pode ou não ocorrer nas línguas. Isso explica porque o russo e o alemão, por exemplo, exibem desinências morfológicas de caso em sua morfossintaxe e o português não, como ilustro nas sentenças abaixo:

(1)
Я вижу студента (russo)
Ia vizhu studenta
'Eu vejo um estudante'

(2)
Ich sehe **einen** Studenten (alemão)
'Eu vejo um estudante'

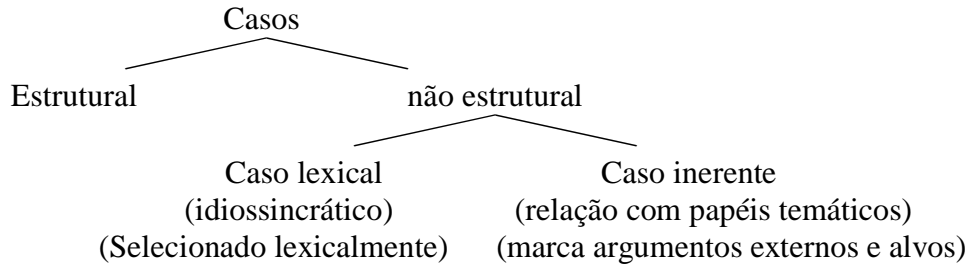
No âmbito da Teoria de Caso, propõe-se o Filtro de Caso, segundo o qual todo DP foneticamente realizado precisa receber Caso. Caso abstrato pode ser subdividido em dois tipos: Caso estrutural e Caso não-estrutural. Caso estrutural é licenciado em bases estruturais apenas e Caso não-estrutural é licenciado em conexão com papel temático. Caso estrutural difere de Caso inerente porque não se relaciona necessariamente a papéis temáticos e é valorado no domínio funcional das sentenças. Caso não-estrutural divide-se em dois subtipos: Caso lexical e Caso inerente. O lexical é idiossincrático e é licenciado lexicalmente por determinados verbos ou posposições. Já o inerente está diretamente associado a papéis temáticos, pois envolve posições- θ com as quais ele

² Conforme esclarecerei ainda neste capítulo, o termo tradicional que marca alterações morfológicas no lexema é chamado de caso simplesmente e é grafado com letra minúscula inicial. Já o termo referente ao princípio universal postulado pela teoria gerativa é chamado de Caso abstrato e é grafado com maiúscula.

³ Segundo ADGER: “(.....) the function of case features is to regulate the syntactic distribution of nominal phrases, rather than to mark any special semantic properties” (ADGER, 2002, p. 211).

pode ser associado⁴. A representação abaixo tem por objetivo mostrar os tipos de Caso abstrato propostos pela literatura.

(3)



(Adaptado de Woolford, 2006, p. 2)

Embora Caso lexical possa ocorrer em argumentos internos com papel temático de tema, Caso inerente ocorre, regularmente, em argumentos externos e em argumentos com papel temático de alvo. Portanto, Caso inerente é mais regular, pois associa o dativo a alvos e o ergativo a agentes. Ilustro a diferença entre Caso lexical e Caso inerente com exemplos abaixo, retirados de Woolford (2006):

(4a)

Bátnum hvolfdi. [islandês]
 Boat-DAT capsized
 ‘the boat capsized’ (Levin and Simpson, 1981 (1b))

(4b)

Peir gáfu konunginum ambáttina [islandês]
 They-NOM gave king-the-DAT slave-girl-the-ACC
 ‘They gave the king the slave-girl’ (Maling, 2002 (44a))

Os dois exemplos do islandês ilustram a diferença entre Caso lexical e Caso inerente. Na primeira sentença (4a), o Caso dativo atribuído ao DP *bátnum* ‘barco’ é selecionado lexicalmente por um verbo determinado e não pelo papel temático

⁴ Nas palavras de WOOLFORD, 2006:

Lexical Case: Idiosyncratic, lexically selected Case

Inherent Case: Case inherently associated with certain θ -positions. (WOOLFORD, 2006, p. 2)

associado ao DP. Já na segunda sentença (4b), o Caso atribuído ao DP *konunginum* ‘rainha’ é associado ao papel temático de alvo, pois algo foi dado à rainha. Note-se que, na primeira sentença, o Caso dativo é atribuído porque um determinado verbo assim o exige, por isso, diz-se Caso lexical. Já na segunda sentença, percebe-se que o Caso dativo é associado semanticamente ao argumento verbal (alvo), sendo por isso mais regular.

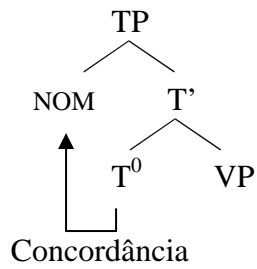
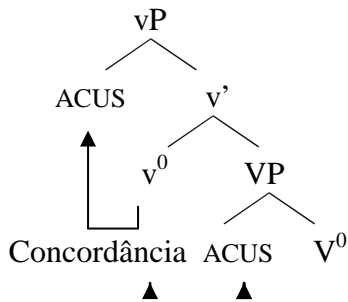
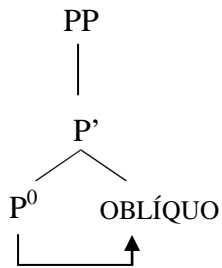
Segundo Woolford (2006), o Caso ergativo também se associa inerentemente a uma posição- θ particular e seu comportamento ~~ámbito~~ é paralelo ao do dativo inerente. Assim, não parece ser coincidência que o Caso dativo marque argumentos externos com papel temático de alvo em islandês, como mostrei em (4b), e, paralelamente, o Caso ergativo marque argumentos externos agentes em basco:

(5)
 Miren-ek atea ireki du (basco)
 Miren-ERG door-NOM open aux
 ‘Miren opened the door’. (Levin, 1989 (20))

Na próxima seção, tratarei das posições relacionadas a Caso estrutural e não estrutural.

12.1.1 POSIÇÕES QUE LICENCIAM CASO ESTRUTURAL E CASO NÃO ESTRUTURAL

No âmbito do programa minimalista, Chomsky (1995; 2005) postula que há, pelo menos, três núcleos funcionais que são capazes de valorar Caso: o núcleo T^0 valora Caso nominativo; o núcleo v^0 valora o Caso acusativo; e núcleo P^0 licencia Caso oblíquo. Esta proposta é apresentada pelos diagramas a seguir:

(6) CASO NOMINATIVO:(7) CASO ACUSATIVO:(8) CASO OBLÍQUO

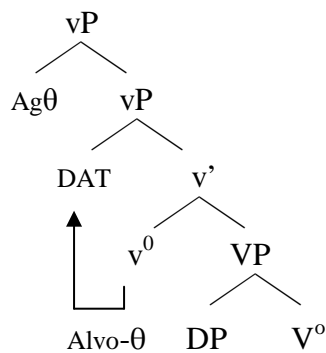
Nas representações (6) e (7) os DPs recebem, respectivamente, Caso estrutural nominativo e acusativo. O Caso nominativo é licenciado pelo núcleo T⁰, o qual, em geral, está associado a finitude e a tempo. Já Caso acusativo é valorado pelo núcleo v⁰. Notem que essa valoração pode dar-se, localmente, numa relação SPEC-NÚCLEO, ou numa relação à distância, entre o núcleo e o objeto. Nesta última situação, o Caso acusativo é valorado com o objeto permanecendo *in situ*. Já o Caso oblíquo é valorado pelo núcleo P⁰ em (8), numa relação núcleo-complemento. Na seção seguinte, tratarei dos Casos inerentes.

12.1.2 POSIÇÕES QUE LICENCIAM CASO INERENTE

Além dos Casos estruturais apresentados nas representações acima, há também os Casos inerentes. Woolford (2006) propõe que o dativo e o ergativo são os Casos inerentes. Como informei na seção anterior, esses Casos estão relacionados diretamente a papéis temáticos e são atribuídos no ponto da derivação em que os DPs recebem papel temático, conforme ilustro abaixo:

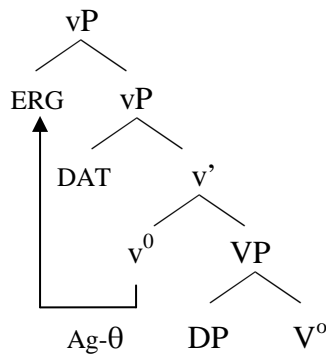
(9)

DATIVO:



(10)

ERGATIVO:



A intuição é a de que o Caso dativo, em (9), é valorado quando recebe o papel temático [+EXPERIENCIADOR] enquanto o Caso ergativo, em (10), é licenciado a argumentos externos de verbos transitivos de ação, os quais recebem o papel temático [+DESENCADEADOR].

Segundo Woolford (2006), Caso lexical e Caso inerente estão em distribuição complementar. Considerando-se a estrutura vP postulada por Baker (1997), Marantz

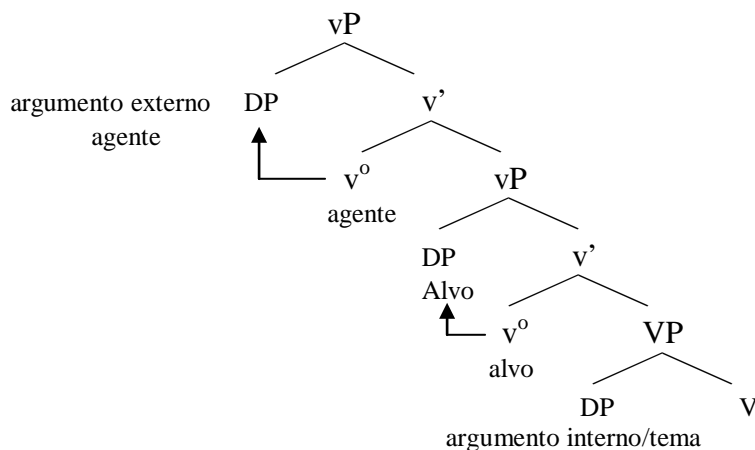
(1989) e McGinnis (1996, 1998, 2001), tanto agentes quanto alvos ocupam a posição externa do VP, o ponto em que Caso não estrutural é licenciado pelos núcleos v. Já a porção interna do VP é ocupada por argumentos no ponto em que Caso lexical é licenciado por V (ou P):

Both agents and (shifted) DP goals are licensed by little/light v-type heads above the VP proper (McGinnis (1996, 1998, 2001), and the proposal here is that only these little/light v heads can license inherent Case. Only arguments that are inside the VP proper at the point at which non-structural Case is licensed can be licensed for lexical Case by V.

(Woolford, 2006, p. 2)

Portanto, diferentemente do Caso lexical, que é valorado pelo núcleo V, dentro do próprio VP, Caso inerente é atribuído pelo núcleo v^o nas projeções vP, acima do VP, como mostro na figura abaixo:

(11)
NÚCLEOS LICENCIADORES DE CASO INERENTE



Na representação em (11), os DPs *agente* e *alvo* são gerados em SPEC-vP, posição em que lhes são licenciados os Casos inerentes ergativo e dativo. Os núcleos v acima do VP atribuem papel temático aos DPs. O núcleo v inferior atribui papel temático ao DP alvo e o v superior ao DP agente.

Sob o ponto de vista da tipologia linguística, línguas ergativas marcam argumentos (A) com caso ergativo, enquanto os argumentos não marcados (So) e (O)

têm caso absolutivo. Contudo, do ponto de vista da teoria de Caso, tal como assumo nesta tese, é preciso determinar se (i) o Caso absolutivo é mais um Caso estrutural que deve ser incorporado à teoria de Caso; (ii) se o Caso ergativo realmente equivale a Caso inerente. Ou seja, a questão teórica de fundo que se põe é a seguinte: há um Caso abstrato absolutivo? Se não, a qual Caso abstrato corresponde o rótulo tipológico absolutivo? Com relação ao Caso ergativo, Laka (1993) e Bobaljik (1993) defendem a tese de que o Caso ergativo é estrutural e que corresponde ao Caso nominativo. Por outro lado, Legate (2006) e Woolford (2006) mostram evidências de que o Caso ergativo é inerente, devido à sua estreita relação com papéis- θ . Em suma, a pergunta que minha análise deste capítulo precisa responder é a seguinte: o Caso ergativo da língua Maxakalí equivale, portanto, a Caso estrutural ou a Caso inerente? Além dessa questão, esta tese deverá também responder, com relação ao Caso absolutivo do Maxakalí, se este caso é mais um Caso abstrato ou se equivale a um Caso abstrato já existente na literatura. Responder a essas questões será o foco de atenção dos próximos dois capítulos. Na próxima seção, desenvolvo as considerações finais sobre o presente capítulo.

12.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO

Neste capítulo, mostrei as diferenças entre caso morfológico e Caso abstrato e a distinção entre Caso estrutural e Caso inerente. Mostrei também as posições estruturais em que são valorados os Casos nominativo, acusativo, dativo e oblíquo. Finalmente levantei duas questões sobre o estatuto dos Casos absolutivo e ergativo na língua Maxakalí. O foco dos próximos dois capítulos será responder a essas questões. O capítulo 13 trata do estatuto do Caso absolutivo e o capítulo 14 trata do estatuto do Caso ergativo. Começarei por examinar o estatuto do Caso absolutivo na língua Maxakalí no capítulo 13.

CAPÍTULO 13: O ESTATUTO DO CASO ABSOLUTIVO EM MAXAKALÍ

Neste capítulo, discuto o estatuto do Caso absoluto da língua Maxakalí. Com base em Woolford (1997, 2006) e Legate (2006), procurarei estabelecer se o Caso absoluto da língua Maxakalí é mais um Caso abstrato ou se equivale a Casos já existentes na literatura. Conforme defenderei no decorrer deste capítulo, mostrarei indícios de que o caso tipológico *absolutivo* cobre dois Casos abstratos distintos, a saber: o nominativo e o acusativo.

13.1 A MARCAÇÃO DOS ARGUMENTOS EM MAXAKALÍ

Mostrei, no capítulo 9, que os argumentos verbais das línguas de sistema ergativo são, sob o ponto de vista tipológico, marcados pelos casos ergativo e absoluto. Argumentos (A) são marcados com caso ergativo, e argumentos (So) e (O) são marcados pelo caso absoluto. No capítulo 9, mostrei que, na língua Maxakalí, os argumentos com função de (So) e (O) são codificados de maneira distinta, como mostro na representação abaixo:

(1)

ALINHAMENTO DOS ARGUMENTOS (A), (O), (SO)

Caso ergativo	A _{te}
Caso Absoluto	O-Ø_V
Caso Absoluto	So ã-V

Na representação em (1), o argumento (O) difere do argumento (So) por dois motivos: (i) ele não é morfologicamente marcado como os argumentos (So) e (ii) a sua ordem na sentença é fixa quando na posição pré-verbal, a posição canônica do objeto em Maxakalí. O argumento (So), por sua vez, é codificado pelo prefixo de pessoa, expressando concordância entre sujeito e verbo. A marcação distinta dos argumentos (So) e (O) sugere que o que se denomina, tipologicamente, como caso absolutivo, equivalha, ao final das contas, a dois Casos abstratos distintos, um Caso relacionado aos argumentos (So) e outro Caso relacionado aos argumentos (O). Do ponto de vista da Teoria de Caso, é preciso definir a que Caso abstrato corresponde o caso absolutivo que a literatura tipológica postula para os dois argumentos distintos (So) e (O). Legate (2006) mostra que, em Warlpiri, língua falada na Austrália, o caso absolutivo não é uniforme, pois recobre o Caso nominativo e o Caso acusativo. De acordo com sua proposta, o caso absolutivo, no sujeito, equivale ao Caso estrutural nominativo, licenciado por T, enquanto o caso absolutivo, no objeto, equivale ao Caso acusativo licenciado pelo núcleo v^{o1} . Ainda segundo Legate (2006), o fato de o caso absolutivo cobrir dois Casos abstratos distintos deve-se ao *status* morfológico *default* que ele detém e que é atestado por dados interlinguísticos. Em Warlpiri, por exemplo, com exceção do caso absolutivo, todos os casos são identificados por um sufixo, como mostro em (2):

(2)

Nungarrayi-rli	Nungarrayi-ki	Nungarrayi-rla
Nungarrayi-ERG	Nungarrayi-DAT	Nungarrayi-LOC
Nungarrayi-kirra	Nungarrayi-ngirli	Nungarrayi
Nungarrayi-ALL	Nungarrayi-EL	Nungarrayi (ABS)

(Extraído de Legate, 2006, p.15)

¹ Conforme LEGATE, 2006, p. 14: (...) Absolutive case on the subject is structural nominative case licensed by finite T. Absolutive case on the object, on the other hand, is structural accusative case licensed by v .

Na representação (2), o único caso não marcado morfológicamente no Warlpiri é o caso absoluto, na terceira coluna. Note-se que, em (2), o caso absoluto equivale ao caso *default*, isto é, ao caso realizado morfológicamente pelo morfema \emptyset . Segundo Legate, o caso *default* ocorre quando não há, na língua, um sufixo específico disponível para identificar o Caso a que ele corresponde. Assim sendo, o absoluto em Warlpiri pode equivaler, ao final das contas, conforme Legate, a Caso nominativo ou a Caso acusativo, situação que depende do tipo de predicado em questão. Partindo, portanto, da conclusão de Legate de que o absoluto é um Caso *default*, resta-me definir o estatuto desse Caso na língua Maxakalí. Esse será o tema de análise da próxima seção.

13.2 ESTATUTO DO CASO ABSOLUTIVO DO SUJEITO DE INACUSATIVOS

Segundo Woolford (2006), uma das maneiras de detectar se um DP recebe Caso nominativo é averiguar se a língua possui concordância verdadeira². Segundo Woolford (2003, 2006), a concordância verdadeira se relaciona a núcleos que licenciam Caso estrutural: “True agreement is associated with functional heads that potentially also license structural Case. What we traditionally call subject agreement cross-references all and only nominatives in many languages.” (Woolford, 2006, p. 10). Segundo Woolford, a concordância verdadeira tem como efeito fazer emergir o Caso nominativo a um dos argumentos que se encontra no domínio de checagem do núcleo T^o. T^o é o núcleo que valora Caso nominativo. Ainda segundo Woolford (2006), apenas a concordância de pessoa engatilha Caso nominativo, pois é somente nesse tipo de concordância que há traços- ϕ ³ envolvidos no mecanismo de valoração de

² Conforme WOOLFORD, 2006: What we generally describe as agreement is known to encompass two distinct cross-referencing devices: pronominal clitics that double null and/or overt arguments, and true agreement (sometimes called inflection). WOOLFORD, 2006, p. 10.

³ A concordância de pessoa é, portanto, o que WOOLFORD chama de concordância verdadeira (cf. WOOLFORD, 2006), a concordância que aciona o Caso nominativo e se manifesta preponderantemente por meio de formas presas.

Caso estrutural. Tomando por base essa intuição, assumirei que os prefixos pessoais que ocorrem nas construções inacusativas do Maxakalí correspondem à concordância verdadeira nos termos de Woolford (2006). Por conseguinte, assumindo que o Caso nominativo se relaciona a concordância, e, tendo em vista que há concordância entre o sujeito e o verbo inacusativo em Maxakalí, a assunção de que o sujeito dos verbos inacusativos em Maxakalí recebe caso nominativo em SPEC-TP decorre naturalmente. Isso porque somente o sujeito de verbos inacusativos engatilha concordância verdadeira no verbo. Se essa análise estiver na direção correta, o Caso absoluto que marca o sujeito (So) em Maxakalí equivalerá, afinal de contas, assim como acontece em Warlpiri, ao Caso nominativo. A evidência a favor dessa hipótese advém do fato de que há concordância de pessoa entre o sujeito e o verbo inacusativo nos dados que arrolo abaixo:

ARGUMENTOS (SO) - CLASSE I:

(3)

Kuptap	‘û-yûm	mîm	tu
[kʷɔpʰtɔpʰ]	ʔũjũɔm	mĩɔm	tuʔ]
Urubu ABS	ele INAT	sentar pau FR	em
‘O urubu está pousado no pau’			

(4)

Mîkaxxap	‘û-patõ-nãg
[mĩkajʰtɔpʰ]	ʔũpatõh'nãʔ]
Pedra ABS	ele INAT molhado DIM
‘A pedra está molhada’	

ARGUMENTOS (SO) - CLASSE II

(5)

Yogano	‘û-yãy	pakûhîy
[dzogaʰdoʔ]	ʔũ'nãjn	paʔkũ'hĩjn]
Jogador ABS	ele INAT REFL	distrair
‘O jogador se distraiu’		

(6)

Mīnut	‘ū-yāy	kīy
[mĩ'duɣə]	ʔũ'nãĩɲ	kĩɲ]
Flor	ele-INTR REFL	embrulhar
‘A flor murchou/fechou’		

Nas sentenças de (3) a (6), o verbo intransitivo concorda em pessoa com os sujeitos (So). Tal fato evidencia que o sujeito (So) recebe Caso nominativo em SPEC-TP, como previsto anteriormente. Para receber Caso nessa posição, os argumentos (So) devem se localizar numa posição-A, o que implica em movimento de uma posição interna ao VP para a posição de SPEC-TP. Note-se que essa hipótese baseia-se apenas em evidências morfológicas, uma vez que há concordância entre o sujeito e o verbo, conforme exponho abaixo:

(7)

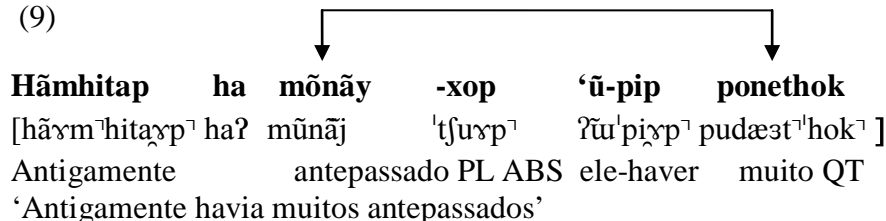
	concordância	
	↓	
Āyuhuk	kakxop	‘ū- top
Não-índio	menino	ele INAT gordo
[ãdzu'huk ^ɿ	kak ^ɿ tʃuɣp	ʔũ'toɣp ^ɿ]
‘O menino não-índio é gordo’		

Na sentença (7), as setas indicam a concordância que há entre sujeito e verbo, já mostrada nas sentenças de (3) a (6). Tal evidência é, entretanto, insuficiente para mostrar que o sujeito realmente moveu-se de dentro do VP para a posição de sujeito, i.e., para a posição de SPEC-TP. Identifiquei, porém, outros diagnósticos que mostram, de forma inequívoca, que o sujeito, na sentença em (7), move-se para receber Caso nominativo. Um desses diagnósticos refere-se ao escopo de quantificadores orientados para o sujeito de verbos intransitivos da língua, como mostro nos exemplos a seguir:

(8)

	↓			
Hānhitap	ha	mīmāti	‘ū-pip	xeka
[hãɣm ^ɿ hi'taɣp ^ɿ	ha?	mīmã'ti?	ʔũ'pɪɣp ^ɿ	tʃej'ka?
Antigamente	em	floresta	ele INAT haver	grande
‘Antigamente havia florestas grandes’				

(9)



Nas sentenças acima, o modificador *xeka* 'grande' e o quantificador *ponethok* 'muitos' mantêm escopo, respectivamente, sobre o DP *mĩmãti* 'floresta' e sobre o DP *mōnāyxop* 'ancestrais'. O fato de o modificador *xeka* 'grande' e o quantificador *ponethok* 'muitos' poderem ocorrer distantes do DP sobre o qual têm escopo serve como nova evidencia de que tais DPs realmente saíram de sua posição temática e se moveram para receber Caso⁴ nominativo em SPEC-TP. A distância entre *xeka* 'grande' e *ponethok* 'muitos' e os DPs em questão mostra que, na estrutura, o modificador e o quantificador se localizam mais abaixo que o DP sobre o qual ele tem escopo. A posição mais baixa do modificador e do quantificador evidencia que os DPs em questão ocupavam uma posição interna ao VP, adjacente ao modificador e ao quantificador, local em que os DPs recebem papel- θ , e, em seguida, moveram-se para ter seu Caso valorado. O movimento do sujeito a partir de uma posição mais baixa em direção a uma posição mais alta na estrutura foi mostrado por Sportiche (1988) por meio do fenômeno de quantificadores flutuantes do inglês:

(10)

(inglês)

- (a) They all must have been drinking wine.
- (b) They must all have been drinking wine.
- (c) They must have all been drinking wine.
- (d) They must have been all drinking wine.
- (e) They must have been drinking all wine.
- (f)?* They must have been drinking wine all.

(Sportiche, 1988)

⁴ Tal evidência se depreende da Hipótese do Sujeito Interno (Internal Subject Hypothesis cf. MCCLOSKEY, 1997), segundo a qual o sujeito que ocupa posições mais altas na estrutura deriva de uma posição interna ao VP. Segundo essa hipótese, o sujeito é derivado de uma camada lexical e sobe para uma camada flexional em que os traços flexionais possam ser licenciados (Cf. MCCLOSKEY, 1997).

As sentenças em (10) mostram que o quantificador *all* pode ocupar várias posições na sentença, o que evidencia que o sujeito se move de sua posição temática para posições acima do VP. Assim sendo, quando modificadores e quantificadores ficam flutuando em posições mais baixas, isso sinaliza que eles ficam retidos na posição em que são gerados e que os DPs sujeitos se movem para receber Caso. Situação semelhante dá-se também na língua Tembé. Nessa língua, conforme propõe Duarte (2003), o quantificador *wə* ‘mais de um’ tem escopo orientado ao sujeito da sentença transitiva em (11):

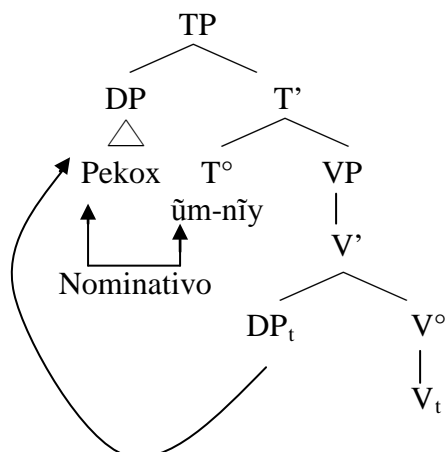
(11)

<i>u-dapo</i>	<i>awa</i>	[XP	<i>tirəm</i>	[X	[VP	<i>wə</i>]]
3-fazer	homem		farinha			mais de um	
‘mais de um homem fez farinha’							(Duarte , 2003, pág. 69)

Note-se, em (11), que o sujeito *awa* ‘homem’ se encontra distante do quantificador *wə*. Tal fato levou Duarte (2003) a postular que o quantificador *wə* encontra-se interno ao VP e que o Caso do DP *awa* equivale ao nominativo. Tomando por base a concordância de pessoa e o escopo de quantificadores e de adjetivos flutuantes em Maxakalí, admitirei, doravante, que o sujeito de verbos inacusativos se move para receber Caso nominativo em SPEC-TP, conforme ilustra a derivação sintática a seguir:

DERIVAÇÃO DE SENTENÇA INTRANSITIVA

(12)



Na representação em (12), o DP *pekox* ‘céu’ parte da posição temática em que é gerado internamente ao VP e se move para SPEC-TP, uma posição funcional, para receber Caso nominativo. O Caso nominativo é valorado na posição SPEC-TP na relação SPEC-núcleo onde os traços de concordância entre o DP e o núcleo verbal são checados. Em Maxakalí, portanto, o Caso absoluto que marca DPs sujeitos de verbos intransitivos inativos corresponde ao Caso nominativo. Na próxima seção, mostrarei diagnósticos que permitam definir a qual Caso abstrato equivale o caso absoluto que marca DPs objeto em Maxakalí.

13.3 ESTATUTO DO CASO ABSOLUTIVO DO OBJETO DE TRANSITIVOS

Em relação ao Caso do objeto de verbos transitivos, a questão que se coloca é se o Caso que esse DP recebe equivale ao nominativo ou ao acusativo. Minha hipótese é a de que, porque o objeto não engatilha concordância de pessoa no verbo⁵, não pode receber Caso na mesma posição estrutural que os argumentos (So). Isso sugere que o *locus* de atribuição de Caso aos argumentos (O) deve ser internamente ao vP, o que

⁵ A concordância a que me refiro, nesta situação, é a concordância verdadeira, em que há traços envolvidos, responsável pelo licenciamento do Caso nominativo. Em Maxakalí, o objeto pode engatilhar concordância de número por meio de formas verbais supletivas. Mas esse recurso da língua Maxakalí, que talvez inapropriadamente chamo de concordância, parece-me antes uma maneira aspectual de descrever o modo como o evento se realiza (cf. capítulo 7).

significa que o Caso em questão é o acusativo. Uma evidência favorável a essa hipótese relaciona-se também com o escopo que quantificadores têm sobre objetos em Maxakalí, o que mostro nas sentenças abaixo:

(13)

Kuptap	‘û-kopuk	nãm
[kuʔpʰtʔpʰ	ũkuʰpuukʰ	ˈnãʔm]
Urubu	ele INAT voar PL	todo
‘Os urubus todos voaram’		

(14)

Tu	-te	pox	xaptop	nãm
[tuh	ˈtɛʔ	poj	tʃʔpʰtʔpʰ	ˈnãʔm]
Ele AG	ERG	flecha FR	esconder	todo
‘Ele escondeu todas as flechas’				

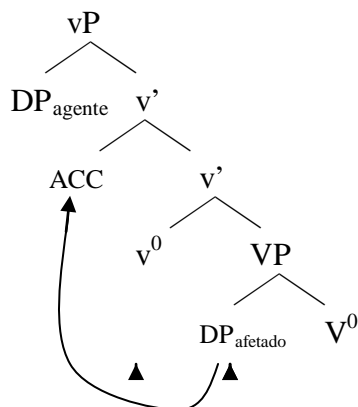
(15)

Tu	-te	mũnũy-tut	papuk	nãm
[tuh	ˈtɛʔ	mũnũjɲtʰtʰʔʔ	paʔpuukʰ	ˈnãʔm]
Ele AG	ERG	veado mãe	tocar	todo
‘Ele tocou todas as vacas’				

A sentença (13) mostra o que descrevi nas sentenças (8) e (9). O quantificador *nãm* ‘todo’ tem escopo sobre o sujeito *kuptap* ‘urubu’ e mostra que tal sujeito partiu da posição interna ao VP para apanhar Caso nominativo em SPEC-TP. De forma semelhante, o mesmo quantificador tem, nas sentenças (14) e (15), escopo sobre os objetos *pox* ‘flecha’ e *mũnũy-tut* ‘vaca’ e sinaliza que esses objetos se movem de dentro do VP para Spec-vP, para ter seu Caso valorado.

(16)

Acusativo:



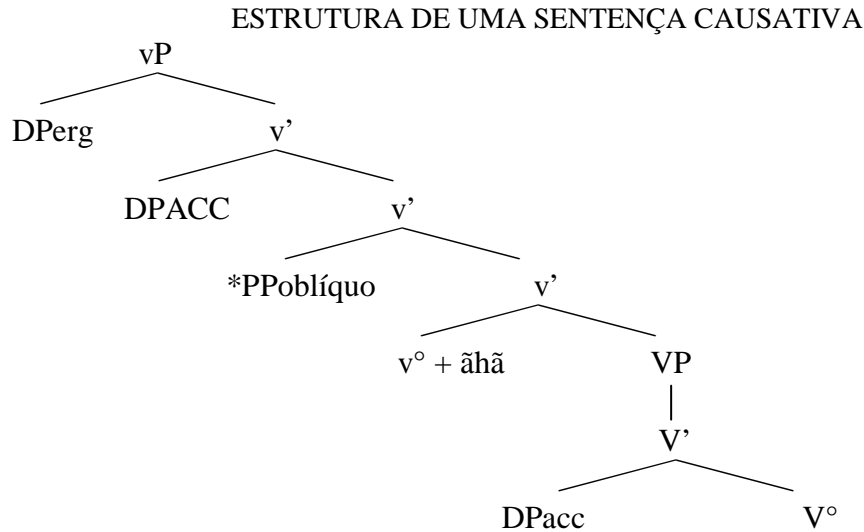
Na estrutura em (16), o DP interno ao VP se move para SPEC-vP para receber Caso acusativo. O quantificador *nām* nas sentenças de (14) a (15) atesta que o DP se moveu de uma posição interna ao DP em busca de Caso em SPEC-vP. Outro diagnóstico que mostra que o objeto de verbos transitivos recebe Caso acusativo em Maxakalí são as construções causativas em Maxakalí, das quais tratarei na próxima seção.

13.3.1 CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS EM MAXAKALÍ

No capítulo de morfossintaxe, Mostrei que a causativização é expressa de três maneiras em Maxakalí: (1) sufixação por meio do morfema causativo{-ãhã}; (2) sufixação por meio do morfema causativo {-a}; (3) base verbal sem sufixação.

Construções causativas da língua Maxakalí também evidenciam que o Caso acusativo nessa língua é atribuído em SPEC-vP. Em modelos mais recentes da teoria gerativa, assume-se que o sintagma verbal é uma estrutura bipartida, composta de um verbo leve localizado em v° e de um verbo lexical localizado em V. A projeção adicional, pressuposta em Larson (1988) e desenvolvida em detalhe por Hale e Keyser (1994) e adotada por Chomsky (1995) no âmbito do programa minimalista, realiza-se com o movimento de V para v° para criar verbos causativos. De acordo com essa proposta, verbos causativos são compostos de duas porções, a base lexical, localizada na estrutura em V, e o sufixo causativo. A estrutura bipartida do VP permite explicação para construções diversas interlinguisticamente, como construções causativas, verbos bitransitivos e verbos complexos, como *phrasal verbs* do inglês. Nessa linha de raciocínio, um fato importante é que, nas construções causativas do Maxakalí, não ocorre qualquer elemento entre o objeto e o verbo, tendo em vista que há forte adjecência entre eles. Em construções causativas com dativo, por exemplo, o dativo pode se localizar antes do objeto ou após o verbo, mas não entre o objeto e o verbo causativo, como mostro nas sentenças a seguir:

(21)



Na representação (21), uma possível quebra na unidade sintática entre objeto e verbo resultaria em agramaticalidade, como mostro nas sentenças seguintes:

(22)

***Āte** **yũmũg-ã** **xa** **ax**
 Eu TRANS-ERG aprender-CAUS FR você DAT FUT
 ‘Eu vou ensinar você’

(23)

***Mãy -te** **ãmmuk** **kakxop pu** **xuxi-nãhã**
 Mãe- ERG comida ABS menino POSP estar frio-CAUS
 ‘A mãe esfriou a comida para o menino’

A agramaticalidade das sentenças (22) e (23) deve-se à localização indevida dos oblíquos entre o objeto e o sufixo causativo. Tais sentenças são, no entanto, gramaticais se o oblíquo não interromper a adjacência do sufixo causativo e do verbo lexical, como mostro a seguir:

(24)

Ā **-te** **xa** **yũmũg-ã** **ax**
 [ʔãh ʔæʔ tʃaʔ ɲũmũgãʔ ʔaj]
 Eu TRANS ERG você ACUS aprender-CAUS FUT
 ‘Eu vou ensinar você’

(25)

Mãy	-te	kakxop	pu	ãmuk	xuxin-ãhã
[mājɲ	'tæʔ	kak ^ɿ tʃuɔp ^ɿ	puʔ	ʔã 'buuk ^ɿ	tʃuhtʃigã'hãʔ]
Mãe-	ERG	menino	para	comida	frio-CAUS

‘A mãe esfriou a comida para o menino’

Nas sentenças acima, objeto e verbo somente podem figurar adjacentes um ao outro, formando uma unidade sintática. Essa unidade entre o objeto e o verbo evidencia que o objeto se moveu da posição lexical, interna ao VP, incorporando-se ao verbo em SPEC-vP, posição em que recebe Caso acusativo. Os dados do Maxakalí dão suporte assim à relevância da estrutura bipartida do VP, composta de dois níveis estruturais, o nível VP, relacionado a eventos estativos, e o nível vP, relacionado a eventos causativos. Neste último nível, os dados evidenciam que o objeto recebe Caso acusativo em Maxakalí.

Com relação à ordem SOV que surge com o movimento do objeto, assumirei com Kayne (1995) que a ordem SVO é universal. Outros ordenamentos de constituintes, comuns em muitas línguas são decorrentes de movimento. Em Maxakalí, a ordem canônica é SOV, o que significa que, diante da proposta que assumo, a de que a ordem SVO é universal, há na língua Maxakalí movimento envolvido na derivação da ordem SOV. Há pelo menos três evidências que corroboram minha assunção, as quais arrolarei nas linhas a seguir.

Mostrei, no capítulo de revisão bibliográfica, que, na língua Maxakalí, nomes que têm padrão fonotático -V_jXV_j- podem assumir duas formas distintas, uma longa e uma reduzida, como mostro na tabela abaixo:

TABELA 1
FORMAS LONGAS E FORMAS REDUZIDAS

Forma longa	Forma curta	Português
Mãhãm [mã'hãĩm]	mãm [mãĩm]	peixe
Kohot [ko'hoʒtʰ]	kot [koʒtʰ]	mandioca
Mihim [mĩ'hĩĩm]	mim [mĩĩm]	madeira
Kupuuk [kupuw'ʔukʰ]	kupuk [kupuw'ʔukʰ]	machado
Kũnũhũm [kũnũ'hũũĩm]	kũnũm [kũnũũĩm]	quati
Kõnããg [kunã'ãʔ]	kõnãg [ku'nãŋ]	água

Na tabela 1, nomes de padrão fonotático -V_jXV_j- assumem formas reduzidas quando em posição de objeto pré-verbal:

(26)

Tu	-te	kũnũm	penãhã	ha	tatu
[tuh	'teʔ	kũ'nũĩn	penã'hãʔ	haʔ	tahtuʔ
Ele _j AG	ERG	quati FR	ver	e _i	para ele

pamãg

pa'mãŋ
armadilha

mĩy

'mĩjŋ]
fazer_i

'Ele viu um quati e então (outra pessoa) fez armadilha para ele'

Quando figuram na posição pós-verbal, nomes com esse padrão assumem formas longas:

(27)

‘Ũn	-te	kutet	kũnũhũm
[ʔũĩĩ	'teʔ	kuh'teʒtʰ	kũnũhũĩn]
Mulher FR	ERG	cozinhar	quati FP

'A mulher cozinhou o quati'

A possibilidade de duas ordens em Maxakalí não se restringe a nomes com padrão fonotático -V_jXV_j-:

(28)

Ā	-te	xokaka	penãhã
[ah	'teʔ	tʃuka'kaʔ	penã'hãʔ]
Eu AG	ERG	galinha	ver CAUS

'Eu vi a galinha'

(29)

Ã	-te	penãhã	xokaka
[ah	'tɛʔ	penã'hãʔ]	tʃuka'kaʔ
Eu AG	ERG	ver CAUS	galinha
'Eu vi a galinha'			

Apesar de o nome *xokaka* 'galinha' não ter padrão -V_jXV_j-, ele figura como objeto tanto na ordem SOV quanto na ordem SVO. Apesar de a ordem dos constituintes não ser fixa em Maxakalí, há certas restrições à ordem SVO:

(30a)

Tu	-te	xetut	muk	popta	hã
[tuh	'tɛʔ	tʃɛ'tuɣɜ	'bukʔ	poʔpʔ'taʔ	hãʔ
Ele AG	ERG	esposa	besuntar	jenipapo	com
'Ele passou jenipapo na esposa'					

(30b)

*Tu	-te	muk	xetut	popta	hã
Ele AG	ERG	besuntar	esposa	jenipapo	com
'Ele passou jenipapo na esposa'					

(31a)

Tu	-te	tagnõg	xex
[tuh	'tɛʔ	takʔ'nõŋ	'tʃæj]
Ele AG	ERG	irmão	pintar
'Ele pintou o irmão'			

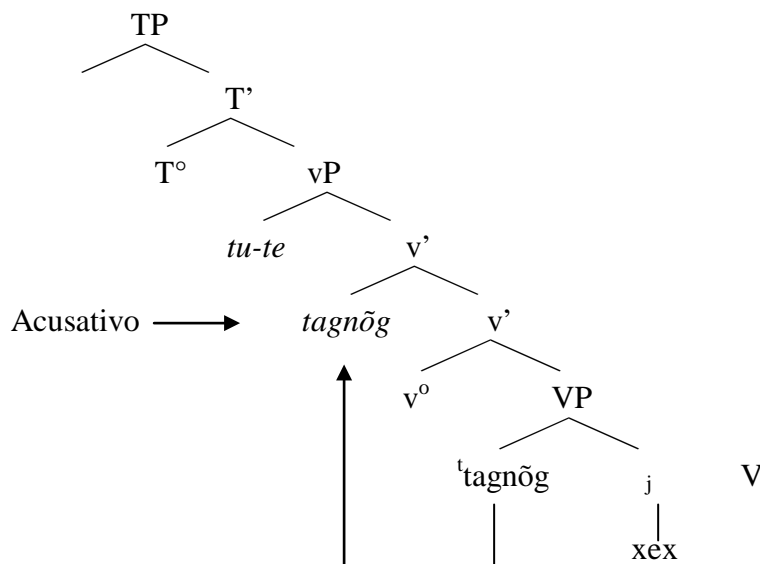
(31b)

*Tu	-te	xex	tagnõg
Ele AG	ERG	pintar	irmão
'Ele pintou o irmão'			

Das sentenças acima, apenas as sentenças (30a) e (31a) são gramaticais. Em (30b) e (31b), o objeto na posição pós-verbal torna as sentenças agramaticais. A agramaticalidade das sentenças (30b) e (31b) mostra que a ordem SVO é menos geral que a ordem SOV em Maxakalí, pois não pude encontrar restrições à ordem SOV. Se assumir que a ordem dos constituintes é SVO em Maxakalí, mas que, por necessidade de checar os traços de Caso, o objeto se move para a posição pré-verbal incorporando-se ao verbo, poderei explicar a ocorrência da ordem SOV. Nesse caso, a valoração do Caso acusativo dar-se-ia, como esperado, em SPEC-vP:

VALORAÇÃO DO CASO ACUSATIVO

(32)



Na representação em (32), o NP objeto se move para SPEC-vP para receber Caso acusativo e se incorpora ao verbo, formando uma unidade composicional, que, como mostrei nas sentenças de (22) a (25), não pode ser interrompida. Mas qual a evidência na língua para dizer que o objeto se move para o núcleo v^0 e se incorpora ao verbo? Considero que uma boa evidência de que argumentos (O) passam por movimento-A para receber Caso numa posição mais alta na estrutura é o escopo que o quantificador *nãm* tem sobre o objeto, sobre o qual tratei no início da seção 12.2. Repito as sentenças (14) e (15), como (33) e (34), para relembrar o leitor:

(33)

Tu	-te	pox	xaptop	nãm
[tuh	'tɛʔ	poj	tʃaxp ^ʔ toxp ^ʔ	'nãx̣m]
Ele AG	ERG	flecha FR	esconder	todo
'Ele escondeu todas as flechas'				

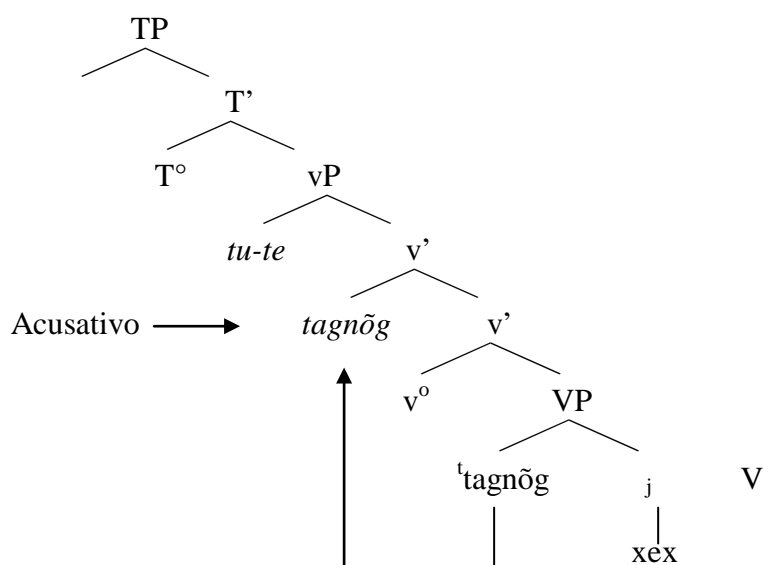
(34)

Tu	-te	mũnũy-tut	papuk	nãm
[tuh	'tɛʔ	mũnũjɲ ^ʔ tuyɜ	paʔ ^ʔ puuk ^ʔ	'nãx̣m]
Ele AG	ERG	veado mãe	tocar	todo
'Ele tocou todas as vacas'				

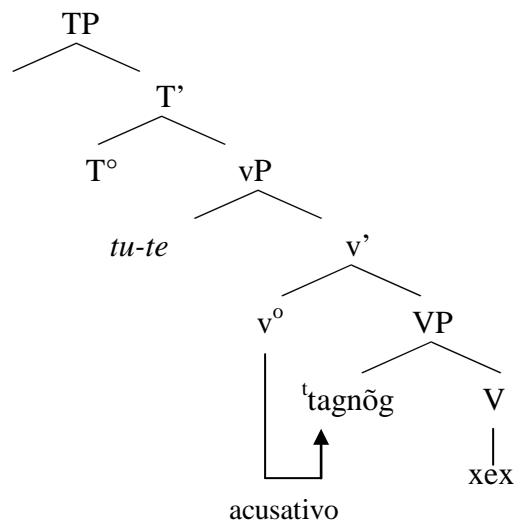
Nas sentenças acima, o quantificador *nām* mostra que o objeto se moveu do interior do VP para SPEC-vP em busca de Caso. Essa é uma forte evidência de que o objeto se moveu para a posição pré-verbal, incorporando-se ao verbo. Os quantificadores e as formas reduzidas de objetos de padrão fonotático $-V_iXV_i-$ evidenciam, portanto, o movimento do objeto da posição interna ao VP para SPEC-vP e a incorporação do objeto pelo verbo. Isso não explica, porém, por que, em alguns casos, objetos podem ocorrer na posição pós-verbal. Considerando, no entanto, que a posição pós-verbal do objeto é um recurso utilizado na língua Maxakalí para foco, a ordem SVO pode ser explicada. Nos casos em que o objeto é focalizado, o Caso acusativo é valorado *in situ*, na relação SPEC-núcleo, internamente ao VP. Isso explica porque o objeto não se move para se incorporar ao verbo, pois recebe Caso localmente. Nas representações abaixo, mostro a atribuição do Caso acusativo em (35a) e sem movimento do DP para o núcleo v^0 em (35b):

(35a)

VALORAÇÃO DO CASO ACUSATIVO A PARTIR DE MOVIMENTO



(35b)
VALORAÇÃO DO CASO ACUSATIVO *IN SITU*



Nas representações em (35), mostro que o Caso acusativo pode ser valorado em duas posições: (1) na posição SPEC-vP, após movimento do objeto e incorporação ao verbo, e (2) na posição núcleo-complemento, quando o objeto permanece *in situ*, sendo o foco na sentença. Nessa situação, o DP recebe Caso do núcleo v^0 por concordância de longa distância.

Os dados mostram, desse modo, que o caso absoluto, em Maxakalí, equivale, à luz da teoria gerativa, aos Casos abstratos nominativo e acusativo. Na seção seguinte, faço as considerações finais deste capítulo.

13.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO

Mostrei, neste capítulo, com base em dados empíricos e na noção do VP bipartido, que o Caso absoluto cobre dois Casos distintos em Maxakalí. Argumentos (So) recebem Caso nominativo, valorado em SPEC-TP, e argumentos (O) recebem Caso acusativo, valorado em SPEC-vP ou, quando o objeto é focalizado, na relação núcleo-complemento. Na próxima seção, tratarei sobre o estatuto do Caso ergativo na língua. Procurarei definir se esse Caso é estrutural ou inerente.

CAPÍTULO 14: O ESTATUTO DO CASO ERGATIVO EM MAXAKALÍ

Neste capítulo, tenho por objetivo determinar se o Caso ergativo da língua Maxakalí é estrutural ou inerente. Tomando por base o essencial da proposta de Woolford (1997, 2006 e 2007), buscarei evidências empíricas para estabelecer se o Caso ergativo do Maxakalí é inerente ou estrutural. Nesse sentido, o propósito, no decorrer deste capítulo, é mostrar evidências empíricas de que o Caso ergativo, em Maxakalí, corresponde, de fato, a Caso inerente. Entre outros diagnósticos, a forte correlação desse Caso com a atribuição de papel temático a D/NPs sujeitos de verbos de ação sugere que esse Caso deva ser sim tratado como sendo inerente. Apesar disso, no final do capítulo, apontarei para evidências de que o Caso ergativo seja estrutural em razão do núcleo a valorar o Caso em questão. Na próxima seção, mostrarei alguns diagnósticos que evidenciam características de Caso inerente.

14.1 DIAGNÓSTICOS PARA IDENTIFICAR CASO INERENTE

O objetivo desta seção é buscar determinados diagnósticos que permitam detectar se o Caso ergativo, que marca sujeitos de verbos transitivos e de verbos inergativos, equivale, de fato, a Caso inerente ou se corresponde a Caso estrutural. Woolford (2006) arrola alguns diagnósticos para identificar Caso inerente. Seguindo as intuições de Woolford (2006), testarei quatro diagnósticos para identificar se o Caso ergativo do Maxakalí é inerente, o quais arrolo a seguir:

- (1) a forte correlação que se observa entre Caso ergativo e o papel temático de agente;
- (2) o fato de o ergativo ser o Caso preservado quando a sentença está na passiva;
- (3) preservação do Caso ergativo na posição de argumento externo;

(4) a não concordância entre o verbo e os D/NPs sujeitos de verbos transitivos, que são marcados com Caso ergativo.

Com base nesses diagnósticos, darei suporte à proposta de que o Caso ergativo do Maxakalí é sim Caso inerente e que o sistema de Caso da língua é tripartido. Nesse sistema de Caso, (A) recebe Caso ergativo (inerente), (So) recebe Caso nominativo (estrutural) e (O) recebe Caso acusativo. Nas próximas seções, testarei cada um desses diagnósticos. Começo com a forte correlação que há entre papel temático e Caso abstrato.

14.1.1 RELAÇÃO ENTRE CASO E PAPEL TEMÁTICO

Mostrei, no capítulo 12, que uma das diferenças entre Caso estrutural e Caso inerente é a relação que tem este último Caso com papel- θ . Caso inerente é licenciado em conexão com papel- θ . Por isso, a forte correlação que se observa entre Caso e papel temático, em Maxakalí e em outras línguas, como o Basco, o Georgiano, o Apãniekra e o Apinajé, dentre outras, pode servir como forte indício para identificar quando há Caso inerente envolvido.

Seguindo as intuições de Woolford (1997; 2006), Caso não estrutural dativo relaciona-se com o papel temático de alvo, e Caso não estrutural ergativo, por sua vez, conecta-se com o papel temático de agente em muitas línguas ergativas. A conexão entre Caso ergativo e Caso dativo com papéis- θ evidencia que tais Casos são inerentes. A correlação entre Caso ergativo e papel temático é tão forte que, em línguas ergativas ativas, o Caso ergativo é estendido ao sujeito de verbos inergativos, conforme os exemplos abaixo do basco:

(5)
 Gizona-k kurritu du (basco)
 Man-erg run aux
 ‘The man run’ (Levin, 1989 (33))

(11)

Hãm-gãy -te-x nĩnãhã
 [hã̃xm'gãjn 'tɛj nĩnã'hã?]
 Coisa bravo ERG 1. perseguir
 'A onça me perseguiu'

(12)

Kehex -te xox hã puxõy yohot
 [kɛ'hɛj 'tɛ? tʃoj' hã? puʔ'tʃõjn dʒo'hoʒtʃ]
 Narceja ERG bico com verme FR procurar FP

putõy tu hu mãhã
 puʔ'tõjn tuʔ huʔ mã'hã?]
 barro FR em então comer

VERBOS INTRANSITIVOS ATIVOS:

(13)

Kaxop-xohi -te hãm yũmũ
 [kakʃ'ʃuxpʃ'ʃuhi? 'tɛ? hã̃xm jũ'mũ
 Menino PL ERG coisa saber
 'As crianças estão aprendendo'

(14)

Yoãm te hãmyãg
 [dʒoã̃xmʃ 'tɛ? hã̃xmʃ'nãŋ]
 João ERG dançar
 'O João dançou'

(15)

Mãmĩy -te puk
 [mã'mĩjn 'tɛ? 'pukʃ]
 Mãmĩy ERG assobiar
 'O Mamĩy assobiou'

(16)

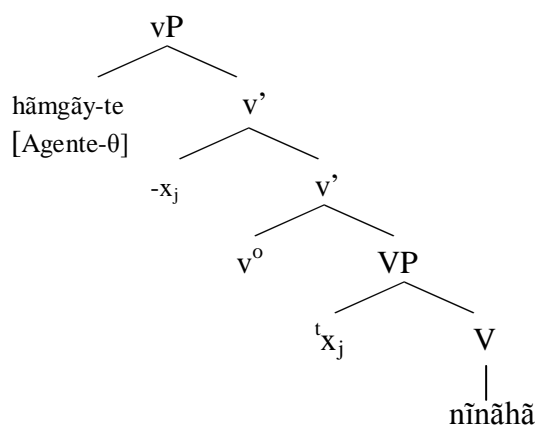
Koxuk-xop -te putat ha xataha
 [kutʃukʃ'tʃuxpʃ 'tɛ? puhtãʒtʃ 'ha? tʃata'ha?]
 Morto PL ERG estrada FR em gritar
 'Os mortos gritaram na estrada'

(17)

Poptop -te yãy hã kuttuttap tu topaha
 [poʒpʃ'toʒpʃ tɛ? jãjn 'hã? kuttuʒtʃ'tãʒpʃ tuʔ toʒpa'hã]
 Taturana ERG REFL virar borboleta e voar
 'A taturana virou borboleta e voou'

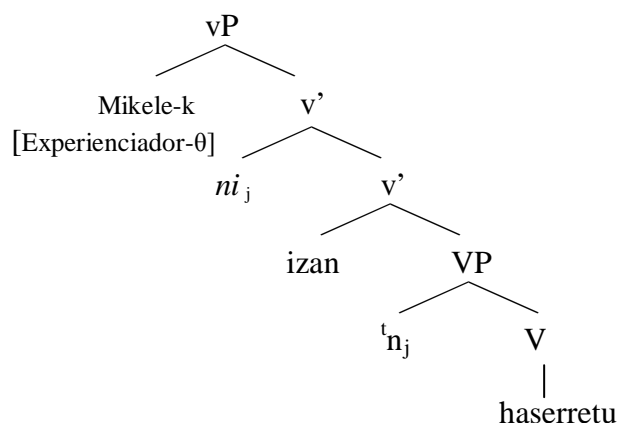
regularmente uma estreita relação entre Caso ergativo e a posição de argumento externo. Woolford lembra, porém, que os sujeitos das sentenças (18) e (19), por exemplo, *experienciador* e *instrumento*, são também argumentos externos, o que é compatível com a hipótese de que o Caso ergativo seja estendido aos D/NPs que são projetados na posição de argumento externo, conforme mostram as estruturas sintáticas (20) e (21) a seguir:

(20) ESTRUTURA DE UMA SENTENÇA TRANSITIVA DE AÇÃO



A estrutura (20) corresponde à da sentença como *hãmgãy-te-x nĩnhã* ‘a onça me perseguiu’. O verbo envolvido nessa sentença é um verbo transitivo de ação, cujo sujeito é marcado pelo Caso ergativo, por ter papel temático de agente e por ser argumento externo. Já a estrutura em (21) corresponde à sentença do exemplo (18) do Basco: *Mikelek ni haserretu izan* ‘Michael angered me’:

(21) ESTRUTURA DE UMA SENTENÇA TRANSITIVA PSICOLÓGICA



Na estrutura em (21), o sujeito *Mikele-k* ‘Miguel’ recebe Caso ergativo, embora tenha papel temático de [EXPERIENCIADOR]. A marcação de Caso ergativo, nessa estrutura, ocorre pelo fato de o NP *Mikele-k* ‘Miguel’ ser argumento externo, como na estrutura (20). As estruturas de (20) e (21) mostram, dessa forma, que argumentos externos relacionam-se ao Caso ergativo, mesmo quando o papel temático envolvido não seja estritamente o papel temático de [agente].

Em Maxakalí, assim como ocorre em basco, observa-se que sujeitos externos com papéis temáticos de [+EXPERIENCIADOR] e de [+INSTRUMENTO] são marcados com Caso ergativo:

SUJEITOS EXPERIENCIADORES

(22)

Ũn-xohi	-te	gāy
[ʔũɛntʃu'hiʔ	'tæʔ	'gãjɲ]
Mulher FR PL	ERG	bravo
‘As mulheres ficaram bravas’		

(23)

‘Ũn	-te	yīm-xox	yīmkutuk
[ũɛ	'tæʔ	ɲĩɣm'ɬoj	ɲĩɣm'kuh'tuukʔ]
Mulher FR	ERG	mão ponta	temer
‘A mulher tem medo do marido’			

(24)

Ūtak	-te	kakxop	hã	kuxa-nõg
[ʔtak ¹	'tæ?	kak ¹ tʃuɣp ¹	'hã?	kuh ¹ tʃa ¹ nõŋ]
Ele INAT	pai INAL	ERG menino	com	coração acabar
'O pai se preocupa com a criança'				

(25)

Ūn-te	kuxa	-nõg	ũ	-yĩm	-xox	hã
[ʔũɣ ¹ tæ?	kuh ¹ tʃa?	'nõŋ	ʔũ	ɲĩɣm	'tʃoj	'hã?]
Mulher FR	ERG coração	acabar	ele INAT	mão INAL	ponta	com
'A mulher ficou preocupada com o marido'						

(26)

Ā	-te	ãp	tup	pax
[ʔãh	'tæ?	ãɣmp	'tuɣp ¹	'paj]
Eu AG	ERG tu INAT	querer FR	CONT	
'Eu gosto de ti'				

SUJEITOS INSTRUMENTO

(27)

Pox	-te	tik	xūmíy	nām
[poj	'tæ?	tɪjk ¹	tʃi ¹ mĩj	'nãɣm ¹]
Flechas FR	ERG	homem FR	acertar	QT
'As flechas acertaram os homens'				

(28)

Konãg	-te	kakxop	-xohi	pakugãhã
[kunãŋ	'tæ?	kak ¹ tʃuɣp ¹	tʃu ¹ hi?	pakugã ¹ hã?]
Água FR	ERG	menino	PL	doente CAUS
'A água adoeceu as crianças'				

(29)

Mĩm	-te	naix-tox	kōyōy	ũ-nãhã	tu
[mĩɣm	'tæ?	dai ¹ tʃoj	kũ ¹ ɲũjɲ	ʔũnã ¹ hã?	'tu?]
Pau FR	ERG	pote comprido	quebrar	ele INAT	cair porque
'O pau quebrou o filtro porque ele caiu'					

(30)

Petenãg	-te	ũ-	pa	-hep-mãhã
[peteh ¹ nãŋ	'tæ?	ʔũ	pa	'heɣp ¹ mã ¹ hã?]
Pimenta	ERG	ele INAT	olho	líquido CAUS
'A pimenta fez o seu olho arder'				

(31)

Yakax	-te	mãm	pa-kuna	xi	kix
[dʒa ¹ kaj	'tæ?	mãɣm	pakuh ¹ da?	tʃi	'kiɣ]
Timbó	ERG	peixe FR	olho paralizar e		matar PL
'O timbó paralisa os peixes e (os) mata'					

As sentenças do Maxakalí de (22) a (31) sugerem que, como mostrei para o Basco, o Caso ergativo do Maxakalí marca D/NPs desde que tais D/NPs sejam argumentos externos. Essa generalização permitiria o leitor relacionar, erroneamente, o Caso ergativo à posição de argumento externo, independentemente do papel temático que o N/DP em questão receba. Na verdade, minha hipótese é de que ambos, a posição de argumento externo e o papel temático atribuído N/DP relacionam-se, de forma intrincada, à marcação de Caso ergativo. Desenvolvo meu raciocínio sobre esse tema no parágrafo seguinte.

Conforme mencionado no capítulo 10, adoto, nesta pesquisa, o essencial da proposta de hierarquia temática de Cançado (2005). De acordo com essa proposta, papéis temáticos são compostos por quatro propriedades semânticas que obedecem a uma hierarquia temática: *desencadeador*, *afetado*, *controle* e *estado*. Como consequência, o papel temático de agente pode ser decomposto em, pelo menos, duas propriedades semânticas: [+/-DESENCADADOR] e [+/-CONTROLE]. Note-se que, curiosamente, os sujeitos das sentenças de (22) a (26) apresentam, justamente, as propriedades [-DESENCADADOR], [+CONTROLE]. Já os sujeitos das sentenças de (27) a (31), exibem as propriedades [+DESENCADADOR], [-CONTROLE]. Esta análise só é possível se se considerar a hipótese de que a noção de papel temático de agente pode ser decomposta em propriedades semânticas. Assim sendo, apenas aparentemente os sujeitos envolvidos nas sentenças de (22) a (31) relacionam-se com outros papéis temáticos além do de agente. Isso porque, por meio da noção de propriedades semânticas (Cançado, 2005), a relação entre papel temático de agente e o Caso ergativo ainda é muito forte, pois a agentividade é mantida por pelo menos umas das propriedades que compõem o papel temático de agente. Observe que, nas sentenças de (22) a (26), a propriedade semântica [+DESENCADADOR] está inativa, mas a

propriedade [+controle] está ativa. Nas sentenças de (27) a (31), por outro lado, a propriedade [+DESENCADEADOR] é que está ativa.

Em suma, tomando por base a hierarquia temática e a noção de propriedades semânticas, assumirei que (i) há de fato forte correlação entre o papel-teta [AGENTE [+DESENCADEADOR], [+CONTROLE] e o Caso do DP, que ocupa a posição de argumento externo de verbos transitivos e (ii) essa correlação não é aleatória, mas antes, deve ser vista como evidência a favor da hipótese de que o Caso ergativo, em Maxakalí, é inerente.

Na próxima seção, investigo as construções passivas. Conforme mostrarei, esse tipo de estrutura permite trazer mais evidências a favor da hipótese de que o Caso ergativo é inerente, uma vez que o argumento externo mantém o Caso ergativo inalterado, na transformação da voz ativa para a passiva.

14.1.2 CONSTRUÇÕES PASSIVAS

Segundo Woolford (2006), o Caso de um argumento é não-estrutural se for preservado sob movimento-A. Se for estrutural, o Caso deverá mudar após o movimento-A. Dados do islandês mostram que o Caso dativo que ocorre na voz ativa é preservado quando há a transformação da voz ativa para a voz passiva:

VOZ ATIVA:

(32a)

Þeir skiluðu Maríu bókinni (islandês)
 They returned Mary-DAT the book-DAT
 ‘They returned the book to Mary’ (Jónsson, 1996:137)

VOZ PASSIVA:

(32b)

Maríu var skilað þessari bók (islandês)
 Mary-DAT was returned this book-DAT (Jónsson, 1996:139)
 ‘This book was returned to Mary’

Note-se, nas sentenças (32a) e (32b), que o dativo ocorre tanto na voz ativa quanto na voz passiva. Isso significa que, nesses contextos, o dativo é Caso inerente,

pois foi preservado sob movimento-A. Outro exemplo de que Woolford (2006) se vale como diagnóstico é o do Caso dativo em alemão. No alemão, o Caso dativo que ocorre na voz ativa também permanece na voz passiva:

VOZ ATIVA

(33a)

Sie hilft ihm

(alemão)

She helps him-DAT

(Haider, 1985:68)

VOZ PASSIVA

(33b)

Ihm wird geholfen

(alemão)

He-DAT is helped

(Haider, 1985:68)

Na sentença (33a), o argumento alvo recebe Caso dativo, mas tal Caso permanece na sentença passiva em (33b). Note-se que, embora o argumento seja movido para a posição de sujeito na sentença, mesmo assim ele preserva o Caso dativo. O mesmo ocorre na sentença abaixo:

VOZ ATIVA

(34a)

(alemão)

Dann hat Hans der Erna einen Kuss gegeben.

Then has Hans the Erna-dat a Kiss-acc given

‘Then Hans gave Erna a kiss’

(Czepluch, 1988.p. 92)

VOZ PASSIVA

(34b)

(alemão)

Dann ist der Erna ein Kuss gegeben worden.

Then has the Erna-dat a kiss-nom given been

‘Then Erna was given a kiss’

(Czepluch, 1988.p. 92)

Nas sentenças em (34), o argumento alvo *Erna* tem Caso dativo na voz ativa e também na voz passiva. Os dois exemplos da passiva em alemão mostram que o Caso dativo é inerente, pois foi preservado após movimento-A. Woolford (2006) não faz o teste das passivas em línguas ergativas, porque, segundo ela, línguas ergativas tendem a omitir o argumento externo ou a realizá-lo como uma adposição. Em Maxakalí, entretanto, há voz passiva e o Caso ergativo que ocorre na voz ativa é preservado

também na voz passiva². Mostro a seguir exemplos de sentenças do Maxakalí na voz ativa e na voz passiva:

VOZ ATIVA

(35a)

Tikmũ'ũn	-te	kuxakuk	kix
[tɪjkʷmũʔ'ũɜ̃]	'tæʔ	kʷtʃa'kʷkʷ	'kɪj]
Maxakalí	ERG	capivara	matar PL

‘Os índios Maxakalí mataram as capivaras’

VOZ PASSIVA

(35b)

Kuxakuk	ũ-kix	tikmũũn-te
[kʷtʃa'kʷkʷ	ʔũ'kɪj	tɪjkʷmũʔ'ũɜ̃]
Capivara ABS	ele INAT	Maxakalí ERG

‘As capivaras foram mortas pelos índios Maxakalí’

VOZ ATIVA

(36a)

Tu	-te	kot	xaxok
[tʷh	'tæʔ	kʷɔʔ	tʃah'tʃʷkʷ]
Ele INAT	ERG	mandioca FR	descascar

‘Ele descascou a mandioca’

(36b)

VOZ PASSIVA

Kohot	ũ-	xaxok	tu	-te
ko'hʷɔʔ	ʔũ	tʃah'tʃʷkʷ	tʷh	'tæʔ]
Mandioca FP	ele INAT	descascar	ele AG	ERG

‘A mandioca foi descascada por ele’

(37a)

VOZ ATIVA

Ũn	-te	ũ-	pa	xex
[ʔũɜ̃n	'tæʔ	ʔũ	paʔ	'tʃæj]
Mulher FR	ERG	ele INAT	rosto INAL	pintar

‘A mulher pintou o rosto dele’

(37b)

VOZ PASSIVA

Ũ-	pa	ũ-xex	ũn	-te
[ʔũ	paʔ	ʔũ 'tʃæj	ʔũɜ̃n	'tæʔ]
ele INAT	rosto INAL	ele INAT pintar	Mulher FR	ERG

‘O rosto dele foi pintado pela mulher’

² Como mostrarei mais adiante, evidência para dizer que há passiva em Maxakalí é a presença da marca ergativa {-te} nos argumentos (A) em sentenças na voz passiva, e a marca de pessoa {-ũ} junto ao verbo na voz passiva.

(38a)

VOZ ATIVA

Āyuhuk -te miot kayãhã
 [ʔãdzu'huk¹ 'tɛʔ bi'oɔt¹ kaɳã'hãʔ]
 Não índio ERG viola cantar CAUS
 'O não índio tocou a viola'

VOZ PASSIVA

(38b)

Miot ũ- kayãhã ãyuhuk-te
 [bi'oɔt¹ ʔũ kaɳã'hãʔ ʔãdzu'huk¹'tɛʔ]
 Viola ele INAT emitir som CAUS não índio ERG
 'A viola foi tocada pelo não índio'

VOZ ATIVA

(39a)

Kakxop -te okoat kõyõy
 [kak¹'tʃuxp¹ tæʔ ʔoku'aɔt¹ ku'nũjɲ]
 Menino ERG copo quebrar
 'O menino quebrou o copo'

VOZ PASSIVA

(39b)

Okoat ũ-kõyõy kakxop-te
 [oku'aɔt¹ ʔũku'nũjɲ kak¹'tʃuxp¹'tæʔ]
 Copo ele INAT quebrar menino ERG
 'o copo foi quebrado pelo menino'

VOZ ATIVA

(40a)

Āmu'u -te mĩmxux pop-mõg
 [ʔbu'u'ʔu 'tɛʔ mĩm̃x¹m'tʃij poɣp¹'mõŋ]
 Vento ERG árvore folha pegar ir PL
 'O vento levou as folhas'

VOZ PASSIVA

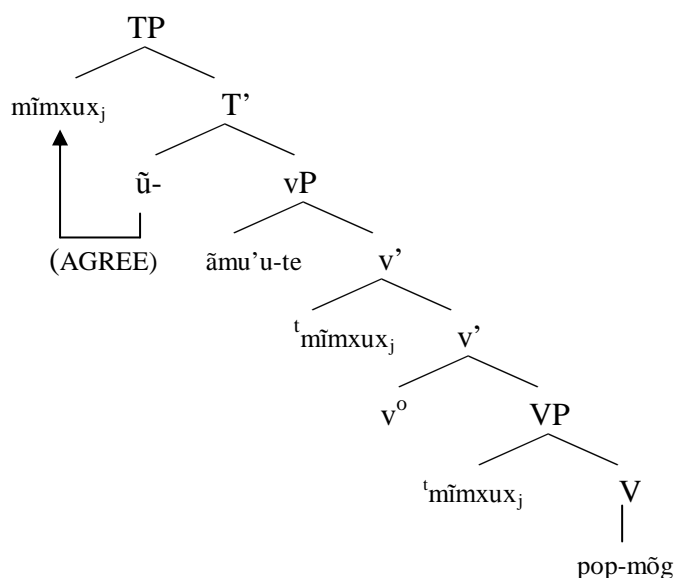
(40b)

Mĩmxux ũ- pop-mõg ãmu'u -te
 [mĩm̃x¹m'tʃij ʔũ poɣp¹'mõŋ ʔãbu'u'ʔu 'tɛʔ]
 árvore folha ele INAT pegar ir PL vento ERG
 'As folhas foram levadas pelo vento'

Nas sentenças acima, os DPs com as propriedades semânticas de [DESENCADADOR] são marcados com Caso ergativo, tanto na voz ativa quanto na voz passiva. Na passiva em Maxakalí, o DP gerado na posição de argumento interno de V, na voz ativa, sobe para SPEC-TP para checar Caso nominativo. Evidência para isso é a

concordância que há entre verbo intransitivo e sujeito, cuja função é replicar os traços- ϕ do sujeito no verbo. Outra evidência é o fato de o argumento interno ocupar a posição inicial na ordem linear, emergindo a ordem [OVS_{ergativo}]. Já o argumento externo não só mantém o Caso ergativo inalterado, como também permanece *in situ*, na posição em que é introduzido quando recebe papel temático de agente [+DESENCADADOR], [+CONTROLE] conforme mostra a estrutura sintática a seguir:

(41) ESTRUTURA DE UMA SENTENÇA PASSIVA



A estrutura em (41) evidencia que (1) o DP *mĩmxux* ‘folha’, gerado na posição de argumento interno de VP, se move, na voz ativa, para SPEC-vP, onde recebe Caso acusativo, mas, na voz passiva, o DP *mĩmxux* se move para SPEC-TP, onde recebe Caso nominativo devido à relação de concordância que engatilha com o verbo. Já o argumento externo *ãmu’u-te* ‘o vento’ permanece na posição SPEC-vP, seja na voz ativa ou na voz passiva. Tal fato explica a razão pela qual os argumentos nas sentenças passivas nos exemplos de (35) a (40) exibem, sistematicamente, marcação com caso ergativo como *tikmũũn-te* ‘os Maxakali’, *kakxop-te* ‘o menino’, *tu-te* ‘ele’, *ũn -te* ‘mulher’, *ãyuhuk-te* ‘não índio’, *ãmu’u-te* ‘o vento’, etc. Na derivação da sentença

passiva, o argumento externo permanece na mesma posição e preserva, por isso, o Caso ergativo.

Na próxima seção, avalio outro diagnóstico. Trata-se da preservação de Caso ergativo na posição de sujeito externo. Conforme mostrarei, o Caso nominativo tem prioridade sobre outros Casos estruturais na posição de argumento externo em orações temporais. Se o Caso ergativo fosse estrutural em Maxakalí, ele seria, nessas orações, substituído pelo Caso nominativo, o que não ocorre, sendo preservado, evidenciando que o Caso ergativo é não estrutural.

14.1.3 PRESERVAÇÃO DE CASO NA POSIÇÃO DE SUJEITO EXTERNO

Segundo Woolford (2006), a preservação de Caso na posição de argumento externo é outro diagnóstico para Caso não estrutural. Há evidências de que o Caso nominativo tem prioridade (cf. Woolford, 2003a, 2006; Reuland, 2000) sobre qualquer outro Caso estrutural em orações finitas temporais. No islandês, por exemplo, os Casos dativo, acusativo e genitivo são preservados em orações temporais, como mostro a seguir:

(42)
 Bátnum hvolfdi. (Islandês)
 Boat-DAT capsized
 ‘The boat capsized’ (Levin and Simpson, 1981 (1b))

(43)
 Bátinn rak á land
 The boat-ACC drifted to shore
 ‘The boat drifted to the shore’ (Jónsson, 2003 (66a))

(44)
 Jóns nýtur ekki lengur við
 John-GEN enjoys not longer at
 ‘John is no longer available’ (Jónsson, 2003 (1c))

Nesta circunstância, se esses Casos fossem estruturais, o Caso nominativo teria prioridade segundo Woolford (2006). Mas a ocorrência dos Casos dativo, acusativo e

genitivo na posição de argumento externo evidencia que eles são Casos inerentes, pois, do contrário, o Caso nominativo teria prioridade. A prioridade do Caso nominativo nessas condições constitui uma evidência para identificar quando determinado Caso é não estrutural em islandês, como nos exemplos acima, e também em basco. Nesta língua, o Caso ergativo pode marcar o sujeito de uma sentença temporal, apesar de ser o nominativo o Caso estrutural licenciado para essa posição:

(45)
 Batnum hvolfdi. (islandês)
 Boat-DAT capsized
 ‘The boat capsized’ (Levin and Simpson, 1981 (1b))

(46)
 Gizona-k kurritu du (basco)
 Man-erg run aux
 ‘The man run’ (Levin 1989 (33))

Nas sentenças acima, os Casos não estruturais são preservados apesar de os sujeitos figurarem em orações em que há marcação temporal. Esse mesmo teste, se aplicado ao Maxakalí, mostra que o Caso ergativo também é preservado em orações que marcam temporalidade:

(47)
Ā **-te** **tatxok** **ax** **puxhep** **tu**
 [ah 'tɛʔ tɔʂtʰtʃokʰ 'aj puɰ'hɛʂpʰ 'tuʔ]
 Eu AG ERG banhar-se FUT lagoa em
 ‘Eu vou tomar banho na lagoa’

(48)
’Ūgmūā **-te** **kaxām̄ix** **ax**
 [ʔũŋ'mũʔãh 'tɛʔ kajã'bɨj 'aj]
 Nós EXCL AG ERG escrever FUT
 ‘Nós vamos escrever’

(49)
Nõõm **tihik** **tu** **-te** **xo’op** **ax** **kaxmuk**
 [nõ'ʔõõm tɨ'hɨkʰ tuh 'tɛʔ tʃo'ʔowpʰ aj kai'buukʰ]
 Esse homem FP ele INAT ERG beber FUT pinga
 ‘Esse homem vai beber pinga’

(50)

'Ūg-tut	-te	xapup-yīn	mãm	putup
[ʔũŋ'tuɣɔtʰ]	'tɛʔ	tʃa'puɣɔpʰnĩzn	mãĩm	puh'tuɣɔpʰ]
Eu INAT mãe FR INAL	ERG	porco carne	comer FR	querer

'Minha mãe quer comer carne de porco'

(51)

Kokexkata	-te	xapup	xee-p	tex			
[ku'kejkah'taʔ]	'tɛʔ	tʃa'puɣɔpʰ]	tʃɛʔɛɣɔpʰ]	'tæj			
Cão vermelho _i		ERG porco	verdade	matar	SING	FR	

putup	tu	pe-	mõg
puh'tuɣɔpʰ]	tuʔ	pɛʔ	'mõŋ]
querer	e _i	atrás	ir

'A suçarana quis matar o catitu e correu atrás (dele)'

(52)

Xetut	-te	'ũ-	yīmxox	kix	putup
[tʃɛ'tuɣɔtʰ]	'tɛʔ	ʔũ	nĩĩm'tʃoj	kij	puh'tuɣɔpʰ]
Esposa	ERG	ele INAT	marido	bater	querer

'A esposa quer bater no seu marido'

As sentenças de (47) a (52) mostram que o Caso ergativo é preservado mesmo quando há marcadores temporais na oração³, ou, em outras palavras, quando o núcleo T^o está ativado. Os marcadores *-ax* [ʔaj] e *-putup* [puh'tuɣɔpʰ] exprimem, respectivamente, futuro e modo *irrealis* e, por isso, ativam potencialmente o núcleo T^o, tornando-o capaz de licenciar Caso nominativo. Por essa razão, se o Caso ergativo fosse mesmo estrutural, o Caso nominativo teria, nessas orações, de ter prioridade sobre ele. Assim sendo, o teste de preservação de Caso na posição de argumento externo evidencia, por isso, que o Caso ergativo do Maxakalí é inerente, pois ele é preservado nas sentenças temporais acima. Na próxima seção, testarei o último diagnóstico que evidencia ser o Caso ergativo do Maxakalí inerente: a falta de concordância verbal com o sujeito.

³ Normalmente, o núcleo T^o é desativado em Maxakalí, porque, como mostrei alhures (cf. capítulo 8, seção 8.2.2), os verbos transitivos do Maxakalí são defectivos quanto a finitude e a temporalidade.

14.1.4 CONCORDÂNCIA VERBAL DE PESSOA E DE NÚMERO

Como último argumento a favor da hipótese de que o Caso ergativo do Maxakalí seja mesmo inerentemente valorado na posição de SPEC-vP, retorno à questão da concordância verbal em Maxakalí. Como já mostrei anteriormente, a concordância em Maxakalí se dá com o sujeito apenas em sentenças intransitivas. Nas sentenças transitivas, a concordância é com o objeto, como mostro nos exemplos (53) e (54):

(53)

Ũn	-te	mãm	xuk
[ʔũ̃z]	ˈtæʔ	ˈmã̃ɣmˀ	ˈtʃukˀ
mulher	ERG	peixe FR ABS	pegar SING

‘A mulher pegou um peixe’

(54)

Ũn	-te	mãm	put
[ʔũ̃z]	ˈtæʔ	ˈmã̃ɣmˀ	ˈpuɣz]
mulher	ERG.	peixe ABS	pegar PL

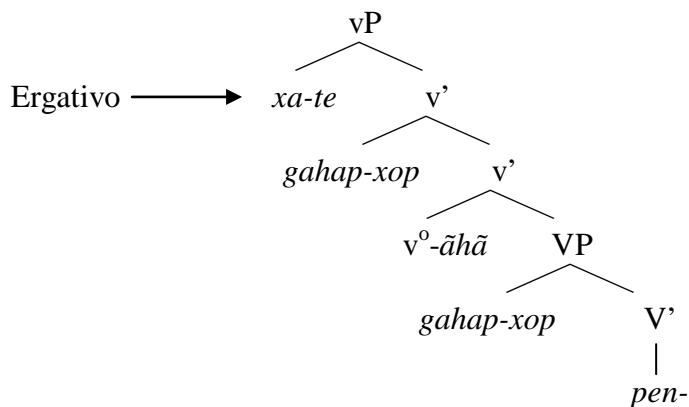
‘A mulher pegou mais de um peixe’

Nas sentenças (53) e (54), os verbos *xuk* [tʃukˀ] ‘pegar/pescar SING’ e *put* [puɣzˀ] ‘pegar/pescar PL’ concordam com o objeto apenas. A concordância nessas sentenças é de número e, por isso, não envolve traços [PESSOA]. Os traços [PESSOA] são responsáveis pela valoração de Caso nominativo em SPEC-TP. O fato de não haver concordância com o sujeito transitivo em Maxakalí mostra que o Caso ergativo não pode receber Caso em SPEC-TP. Consequentemente, o Caso ergativo somente pode ser inerente em Maxakalí. Portanto, a falta de concordância entre os verbos transitivos e inergativos e o seu sujeito, além dos outros três diagnósticos que testeí acima, servem como forte evidência a favor da hipótese de que o Caso ergativo é realmente inerente em Maxakalí. Mostro abaixo a estrutura que proponho na qual o DP agente recebe Caso ergativo:

(55a)

Xa	-te	gahapxop	pe-n-ãhã
[tʃah	ˈtæʔ	gahapˤpˤtʃuˤpˤ	pæʔnãˈhãʔ]
Tu AG	ERG	garrafa PL	ver CAUS
‘Tu viste as garrafas’			

(55b)



Na estrutura em (55), o Caso ergativo é valorado em SPEC-vP, posição que mostra que tal Caso é inerente. Os dados empíricos apontam, assim, para o fato de que o Caso ergativo em Maxakalí é atribuído em SPEC-vP. Esse Caso é atribuído pelo verbo leve que introduz o argumento externo nas sentenças transitivas da língua, ao nível da estrutura argumental, em conjunção com a atribuição do papel- θ . Aqui, porém, surge uma questão: na estrutura em (55), vê-se que o núcleo v^0 atribui Caso acusativo ao objeto (*gahap-xop*), mas também ao sujeito ergativo (*xa-te*). Como pode um mesmo núcleo atribuir dois Casos numa mesma configuração sintática? Sobre essa questão, desenvolvo algumas considerações na próxima seção.

14.2 QUAL É O ESTATUTO DO CASO ERGATIVO EM MAXAKALÍ?

Aparentemente, o fato de o núcleo v^0 atribuir dois Casos abstratos, o ergativo e o acusativo, seria, em tese, um problema para a proposta que apresentei acima. Sendo assim, uma maneira de contornar esse problema seria assumir uma das seguintes hipóteses, a saber:

- (i) que o Caso ergativo equivale a Caso nominativo, o qual seria valorado pelo núcleo T^0 ;
- (ii) que o Caso ergativo é estrutural.

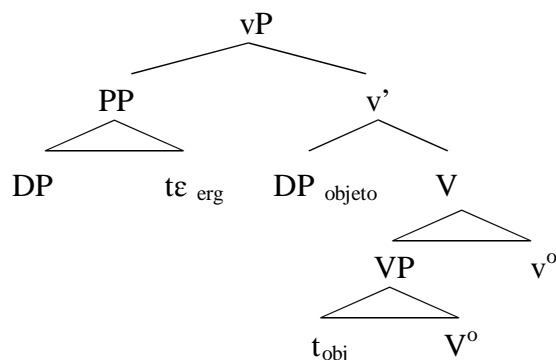
Dentre as soluções acima, a proposta (i) não se mostra viável, porque o DP sujeito não pode receber Caso nominativo, pois, como mostrei antes, não há partilhamento de traços ϕ envolvidos na ~~ca~~ entre o DP ergativo e o verbo transitivo. Consequentemente, não há como o Caso nominativo⁴ ser licenciado pelo núcleo T^0 . A solução (ii) seria mais viável, mas, contra essa proposta, há os quatro diagnósticos que testei na seção 14.2, que, de modo inequívoco, apontam para o fato de que o Caso ergativo do Maxakalí é inerente. Uma solução que vislumbro para o problema é admitir que a partícula ergativa {-te} do Maxakalí é na verdade uma posposição. Como uma posposição, {-te} pode licenciar Caso, deixando, dessa forma, o núcleo v^0 apenas para valorar o Caso acusativo. Esta solução seria semelhante à encontrada por Barcelos Silva (2009) para o Caso ergativo do Apãniekrá, língua Timbira falada no Maranhão.

Segundo Barcelos Silva (2009), quando a oração transitiva em Apãniekrá exprime tempo não passado, o Caso acionado aos sujeitos (A) é o nominativo, pois, nessa circunstância, o núcleo T^0 se encontra ativado. Sujeitos de orações transitivas (A), por outro lado, recebem Caso ergativo por meio da posposição *te* quando a oração

⁴ Caso nominativo é licenciado em conjunção com traços ϕ . (Cf. Woolford, 2006).

exprime passado recente (também denominado passado simples). Nessa situação, verifica-se que o núcleo T^o é defectivo - o que se percebe pela forma não-finita dos verbos transitivos – sendo, conseqüentemente, inapto a valorar o Caso nominativo. verbos transitivos apresentam formas não finitas e, conseqüentemente, não podem acionar o núcleo T^o. Barcelos Silva propõe então que a posposição *te* seria a realização de um núcleo P^o, inserido como último recurso para valorar Caso a sujeitos de orações transitivas. Na sua proposta, Barcelos Silva (2009) assume que a posposição *te* do Apãniekrá valora Caso ergativo ao DP sujeito da oração transitiva. Essa posposição encabeça a estrutura PP que, por sua vez, posiciona-se como argumento externo da estrutura vP. Reproduzo a representação proposta pela autora a seguir:

(56)



Barcelos Silva (2009) considera, portanto, que o Caso ergativo do Apãniekrá é estrutural, na medida em que é estruturalmente valorado numa relação de irmandade e de localidade, como se vê na estrutura em (56).

Se considerar que, como em Apãniekrá, também em Maxakalí *te* é uma posposição, então o problema que apontei na análise se dilui, pois sujeitos (A) serão valorados com Caso ergativo em P^o, e o objeto terá seu Caso valorado pelo núcleo v^o. Mas o que dizer da relação estreita entre o Caso ergativo e as propriedades semânticas de [+DESENCADEADOR], [+CONTROLE] que mostrei haver em Maxakalí? Assim como

em Maxakalí, também em Apãniekrá há uma relação direta entre Caso ergativo e papel temático. Barcelos Silva (2009) argumenta que o Caso ergativo em Apãniekrá, que figura em orações transitivas no passado, somente ocorre quando o sujeito tem as propriedades [+DESENCADEADOR], [+CONTROLE]. Barcelos Silva (2009) argumenta que, embora o DP agente seja o complemento da posposição *tε* em Apãniekrá, o papel temático desse argumento não é atribuído pela posposição, mas pelo verbo. Isso significa que o argumento sujeito com as propriedades de [+DESENCADEADOR], [+CONTROLE] é semanticamente acarretado pelo verbo e, por isso, esse argumento faz parte da estrutura argumental não da posposição *tε*, mas do verbo (v^0). O argumento com papel temático [+DESENCADEADOR], [+CONTROLE] é acarretado pelo verbo na posição do núcleo vP e não pela posposição. A assunção de Barcelos Silva (2009), baseia-se na afirmação de Cançado (2009) ao diferenciar argumentos:

“Se em uma posição de adjunção, o complemento da preposição for um argumento do verbo, a preposição que encabeça esse argumento só tem a função sintática de atribuir caso, ou seja, é uma preposição funcional. Se em uma posição de adjunção, o complemento da preposição for um argumento da própria preposição e não do verbo, a preposição, além de funcional, ou seja, além de atribuir caso, também tem a função predicadora de atribuir papel temático em sua estrutura argumental.” (Cancado, 2009, p. 17).

Segundo a análise de Barcelos Silva (2009), a partir da afirmação de Cançado (2009) acima, a posposição *tε* do Apaniekrá seria então uma posposição funcional, portanto não predicadora, inserida numa operação de último recurso com o único objetivo de valorar o Caso ergativo do argumento [+DESENCADEADOR], [+CONTROLE] acarretado por v^0 .

Adaptando a análise de Barcelos Silva (2009) ao Maxakalí, qual evidência há para afirmar que *tε* em Maxakalí é uma posposição? Entre as justificativas de Barcelos Silva para considerar *tε* como uma posposição em Apaniekrá, pesa o fato de essa

posposição figurar também como núcleo de construções genitivas, como mostro abaixo:

(57)

Karêk te prírír
Argila GEN animal
'Animal de argila'

(58)

Ken te wakə
Pedra GEN faca
'Faca de pedra'

Nas sentenças acima, vê-se *te* como um marcador de posse e, portanto, como uma posposição.

Com relação ao Maxakalí, a evidência de que disponho para dizer que *te* é uma posposição são as construções que chamei de passivas, das quais dou alguns exemplos a seguir:

VOZ ATIVA

(59a)

Kakxop -te okoat kōyōy
[kak¹tʃuɣp¹ tæʔ ʔoku¹aɣt¹ ku¹nũjɲɲ]
Menino ERG copo quebrar
'O menino quebrou o copo'

VOZ PASSIVA

(59b)

Okoat ũ-kōyōy kakxop-te
[oku¹aɣt¹ ʔũku¹nũjɲɲ kak¹tʃuɣp¹tæʔ]
Copo ele INAT quebrar menino ERG
'o copo foi quebrado pelo menino'

VOZ ATIVA

(60a)

Āmu'u -te mĩmxux pop-mōg
[ʔbuu¹ʔu 'tæʔ mĩm̃m¹tʃij poɣp¹mōŋ]
Vento ERG árvore folha pegar ir PL
'O vento levou as folhas'

VOZ PASSIVA

(60b)

Mĩmxux	ũ-	pop-mõg	ãmu'u	-te
[mĩx̃m'tʃij]	ʔũ	poxp ¹ mõŋ	ʔãbu'ʔu	'teʔ]
árvore folha	ele INAT	pegar ir PL	vento	ERG

'As folhas foram levadas pelo vento'

Em (59b) e em (60b), *te* se assemelha a uma posposição, afinal a ocorrência de uma preposição/posposição junto a DPs agente em passivas é recorrente nas línguas. Outra evidência de que *te* em Maxakalí pode ser uma posposição é o fato de *te* poder ser cambiável com a posposição *tu* em sentenças passivas:

VOZ ATIVA

(61a)

ʔũn	-te	tutpe	mĩy
[ʔũx̃n 'teʔ]		tuʒh'peʔ	mĩj̃j̃n]
mulher FR	ERG	rede	fazer

'A mulher fez uma rede'

VOZ PASSIVA COM TE

(61b)

Tutpe	ʔũmĩy	ũn	-te
[tuʒh'peʔ]	ũ'mĩj̃j̃n	ʔũx̃n	'teʔ]
Rede	ele INAT fazer	mulher FR	ERG

'A rede foi feita pela mulher'

VOZ PASSIVA COM TU

(61c)

Tutpe	ʔũmĩy	ũn-	tu
[tuʒh'peʔ]	ũ'mĩj̃j̃n	ʔũx̃n	'tuʔ]
Rede	ele INAT fazer	mulher FR	por

'A rede foi feita pela mulher'

VOZ ATIVA

(62a)

Tappet-mĩy-ax	-te	tappet	kax-ãmix
[taxp ¹ peʒt ¹ mĩj̃j̃n'aj	'teʔ	taxp ¹ peʒt ¹	kajã'bij]
Papel fazer NOM	ERG	papel	som rabiscar

'O aluno escreveu/rabiscou (n)o papel'

VOZ PASSIVA COM *TE*

(62b)

Tappet	‘ũ-kax-ãmix	tappet-mĩy-ax	-te
[tɔxp ¹ pɛɛt ¹	ʔũkajã ¹ bij	tɔxp ¹ pɛɛt ¹ mĩjɲ ¹ aj	'teʔ]
Papel	ele INAT som rabiscar	papel fazer NOM	ERG
‘O papel foi escrito/rabiscado pelo aluno’			

VOZ PASSIVA COM *TU*

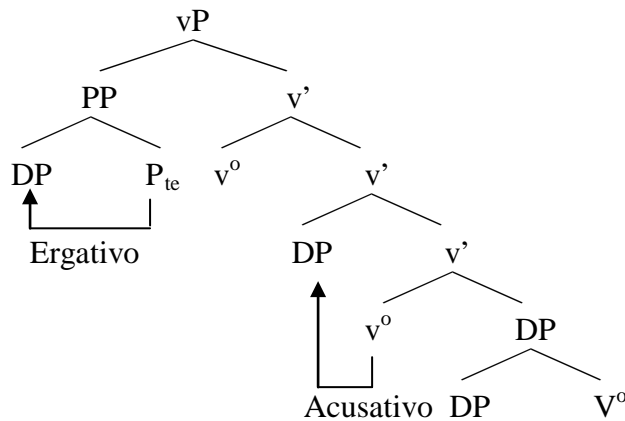
(62c)

Tappet	‘ũ-kax-ãmix	tappet-mĩy-ax	-tu
[tɔxp ¹ pɛɛt ¹	ʔũkajã ¹ bij	tɔxp ¹ pɛɛt ¹ mĩjɲ ¹ aj	'tuʔ]
Papel	ele INAT som rabiscar	papel fazer NOM	por
‘O papel foi escrito/rabiscado pelo aluno’			

Nas sentenças acima, vê-se que *te* é cambiável com a posposição *tu* sem que haja mudança no sentido da sentença, o que evidencia, portanto, que a análise de que o *te* em Maxakalí seja uma posposição é coerente com os dados.

Assim sendo, assumindo que *te* é mesmo uma posposição em Maxakalí, a estrutura de uma sentença transitiva seria como mostro a seguir:

(63)



Na estrutura acima, o Caso ergativo é valorado pela posposição *te* numa relação de irmandade. Essa posposição encabeça o PP, que, ao seu turno, localiza-se em SPEC-vP. Note-se que o papel temático será valorado pelo verbo e não pela posposição, como discuti acima. Já o Caso acusativo é valorado pelo núcleo v^o . Admitindo que *te* é uma

posposição, como na configuração acima, o núcleo v^0 pode valorar apenas um Caso, como esperado.

Findo aqui a análise do Caso ergativo do Maxakalí. Com relação à questão que levantei no início deste capítulo, a de qual seria o estatuto do Caso ergativo, mostrei evidências de que o Caso ergativo é inerente, valorado pelo núcleo v^0 em SPEC-vP, mas, como mostrei nesta seção, o núcleo v^0 não pode valorar dois núcleos ao mesmo tempo. A solução foi então considerar a posição P^0 , sendo *te* uma posposição, como um núcleo capaz de valorar Caso ergativo. A vantagem dessa proposta jaz no fato de a relação entre o agente [+DESENCADEADOR] [+CONTROLE] e o verbo poder ser mantida, pois o argumento em questão recebe papel temático do verbo. Tal solução parece ser adequada, mas é preciso investigar melhor duas questões: (i) valorado pela posposição *te*, o Caso ergativo é mesmo estrutural? (ii) como interpretar a relação entre Caso e papel temático que mostrei haver em Maxakalí? Não pretendo responder a essas questões neste trabalho. Deixo-as abertas para pesquisas futuras. Mas independentemente de ser o Caso ergativo do Maxakalí estrutural ou inerente, este capítulo e o capítulo 13 sinalizam que, em termos de marcação de Caso, os argumentos (A), (So) e (O) do Maxakalí são morfológica e estruturalmente distintos, evidenciando um sistema de Caso tripartido, no qual argumentos (A) recebem Caso ergativo, seja ele estrutural ou inerente, (So) Caso nominativo e (O) Caso acusativo. Na próxima seção desenvolvo as considerações finais sobre este capítulo.

14.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO

Neste capítulo, mostrei evidências empíricas de que o Caso ergativo em Maxakalí é inerente. Minha argumentação se sustenta nos seguintes argumentos: (1) a estreita relação que há entre o Caso ergativo e o papel temático de agente; (2) o fato de o Caso ergativo ser preservado quando a sentença está na voz passiva; (3) a

preservação do Caso ergativo na posição de argumento externo e, finalmente, (4) a falta de concordância que há entre sujeito transitivo e verbo transitivo. Por outro lado, mostrei que o núcleo v^0 não pode valorar dois Casos abstratos ao mesmo tempo. Por isso, seguindo a proposta de Barcelos Silva (2009) para o Apaniekrá, propus que o marcador de Caso ergativo *te* do Maxakalí é uma posposição. Assim, o Caso ergativo é valorado pela posposição, deixando o núcleo v^0 valorar apenas Caso acusativo. A marcação de Caso na língua Maxakalí mostra que essa língua possui um sistema de Caso tripartido, pois os argumentos (A), (So) e (O) recebem Casos abstratos distintos, respectivamente Caso ergativo, Caso nominativo e Caso acusativo. No próximo capítulo, tratarei sobre a redução que ocorre em nomes, pronomes e verbos de um determinado padrão fonotático da língua Maxakalí.

CAPÍTULO 15: A ALTERAÇÃO DE FORMA EM NOMES, PRONOMES E VERBOS DO MAXAKALÍ

Neste capítulo, descrevo o fenômeno de alteração de forma que envolve nomes, pronomes e verbos da língua Maxakalí. Buscarei evidências empíricas para mostrar que esse fenômeno relaciona-se estreitamente com a morfologia e com a sintaxe da língua. Baseado na teoria de incorporação (Baker, 1988a), procurarei uma explicação homogênea para a ocorrência do fenômeno em nomes, pronomes e verbos. Por meio de evidências empíricas, mostrarei que a redução em nomes, pronomes e verbos com padrão fonotático $-V_iXV_i-$ relaciona-se com a noção de incorporação.

15.1 O FENÔMENO DE REDUÇÃO EM MAXAKALÍ

No capítulo 3, mostrei que a literatura sobre a língua Maxakalí relata casos de redução de forma em nomes e verbos da língua. Nesse fenômeno, nomes e verbos de um determinado padrão fonotático assumem formas alongadas ou reduzidas em contextos específicos. A redução de forma foi descrita por Pereira (1992), Araújo (2000b) e (2001) e Popovich (2005). Pereira (1992) descreve que nomes constituídos de fricativa ou oclusiva glotal entre vogais idênticas ocorrem sob formas reduzidas na posição pré-verbal:

(1a)

māhām [mã'hãɣm] ‘peixe’ > *mām* [mãɣm]

(1b)

konā’āg [kunã'ʔã] ‘água’ > *konāg* [ku'nãʔ]

Em (1), os nomes *māhām* [mã'hãɣm] ‘peixe’ e *konā’āg* [kunã'ʔã] ‘água’ tornam-se reduzidos quando na posição pré-verbal: *mām* [mãɣm], *konāg* [ku'nãʔ]. Desde que tais

nomes ocorram na posição pré-verbal, coincidindo com a posição de objeto, eles assumem formas reduzidas, como mostro a seguir:

(2)

‘Ūhex	-te	mãm	putex
[ʔũ'hæj ¹	tæʔ	'mãɣmp ¹	'tæj]
Mulher	ERG	peixe FR	matar SING

‘A mulher matou o peixe’

(3)

Hãm	-gãj	-te	kõnãg	xo'op
[hãɣm	'gãj]	'tæʔ	ku'nãŋ	tʃo'ʔowp ¹]
Coisa	ser bravo	ERG	água FR	beber

‘A onça bebeu água’

(4)

Xapup	-nãj	-te	hãm	hax	nãte
[tʃa'puxp ¹	'nãj	'tæʔ	hãɣm	'haj	nãʔ'tæʔ]
Porco	DIM	ERG	terra FR	cheirar	aqui

‘Catitu fuçou o chão aqui’¹

(5)

Mũnũy-tut	-te	pox	tonok	ha	yãj	kõyõy
[mũnũjɲ'tuɣɛt ¹	'tæʔ	poj	to'dowk ¹	haʔ	ɲãjɲ	kũ'ɲũjɲ]
Veado	mãe _i	ERG	flecha FR	pisar	e _j	REFL quebrar

‘A vaca pisou na flecha e ela (a flecha) se quebrou’

Nas sentenças acima, os nomes em questão tomam forma reduzida por ocorrerem na posição pré-verbal.

Araújo (2000b, 2001) não considera a possibilidade de nomes ocorrerem com formas reduzidas na posição pré-verbal, mas mostra que nomes assumem formas reduzidas em compostos:

(6)

[mĩm'kuj] canoa = [mĩ'hãɣm] ‘árvore/pau’ + [kuj] ‘buraco’

(7)

[mãɣm'tuɣə] bolsa para pegar peixes = [mã'hãɣm] ‘peixe’ + [tu'huxɛt¹] ‘bolsa’

Abaixo mostro mais exemplos de compostos em que formas reduzidas ocorrem:

¹ Mostrando o local durante caminhada na floresta.

(8a)
Mĩhĩm
 [mĩ'hĩĩm]
 árvore FP
 'Árvore/madeira'

(8b)
Mĩm -tut
 [mĩĩm'tuɪɜɜ]
 Árvore/madeira FR mãe
 'Casa'

(9a)
Poop
 [po'ʔowpʔ]
 Macaco FP
 'Macaco'

(9b)
Pop -xeka
 ['powpʔ tʃe'kaʔ]
 Macaco FR ser grande
 'Macaco-aranha'

(10a)
Kohot
 [ko'hoɜtʔ]
 Mandioca FP
 'Mandioca'

(10b)
Kot -kup
 [koɜtʔ 'kuɪɜpʔ]
 Mandioca FR pau
 'Pé de mandioca'

(11a)
Tehex
 [tæ'hæj]
 Chuva FP
 'Chuva'

(11b)
Tex -kaok
 ['tæj ka'owkʔ]
 Chuva FR ser forte
 'Chuva forte'

(12a)
Mãhãm
 [mã'hãĩm]
 Peixe FP
 'Peixe'

(12b)
Mãm -tat
 [mãĩm 'taɜtʔ]
 Peixe FR carregar
 'Sardinha em lata'

Os dados acima mostram que os nomes de (8a) a (12a) assumem formas reduzidas quando ocorrem em compostos.

Com relação aos verbos, tanto Pereira quanto Araújo observam que eles assumem formas reduzidas no modo imperativo, como mostro a seguir:

MODO INDICATIVO

(13a)
 Paha
 [pa'haʔ]
 'pegar'

MODO IMPERATIVO

(13b)
 Pa
 [paʔ]
 'pegue!'

(14a)
Penãhã
[penã'hãʔ]
'ver'

(14b)
Penã
[penãʔ]
'veja!'

(15a)
Xupaha
[tʃipa'haʔ]
'correr'

(15b)
Xupa
[tʃipaʔ]
'corra!'

As sentenças acima mostram formas verbais indicativas e imperativas. Mais adiante mostrarei que, diferentemente da descrição de Pereira e Araújo, verifiquei que formas imperativas são prefixadas pela marca de pessoa {i -}. Formas imperativas como as de (13) a (15), isto é, sem a prefixação, não ocorrem em meus dados².

Além da ocorrência em nomes e verbos, verifiquei que a redução ocorre também em pronomes demonstrativos. A tabela abaixo mostra a redução nas três classes lexicais: nome, pronome e verbo:

TABELA 1
FORMAS LONGAS E REDUZIDAS

FORMAS LONGAS	FORMAS REDUZIDAS
NOMES	
Kõnããg [kũ'nã'ãʔ] 'água'	Kõnãg [kũ'nãʔ] 'água'
Mĩhĩm [mĩ'hĩĩm] 'árvore'	Mĩm [mĩĩm] 'árvore'
Poop [po'ʔowpʔ] 'macaco'	Pop [p'owpʔ] 'macaco'
PRONOMES	
Õhõm [ʔõ'hõĩm] 'aquele'	Õm [ʔõĩm] 'aquele'
Nõõm [nõ'ʔõĩm] 'esse'	Nõm [nõĩm] 'esse'
Nũhũ [nũ'hũʔ] 'este'	Nũ [nũʔ] 'este'
VERBOS	
Hep-m-ãhã [hɛxp'mã'hãʔ] 'liquefazer'	Û-hep-m-ã [ũhɛxp'mãʔ] 'liquefaz!'
Paha [pa'haʔ] 'pegar'	Û-pa [ʔpaʔ] 'pega!'
Mãhãm [mã'hãĩm] 'sentar-se PL'	Û-mãm [ũ'mãĩm] 'ele senta'

² Formas imperativas reduzidas sem prefixação ocorrem apenas quando precedidas de objeto explícito: *Mox penã!* [boj pɛ'nãʔ] 'veja o boi!'

Como se pode ver no quadro acima, a alteração de forma ocorre em nomes, pronomes e verbos. As palavras envolvidas nesse fenômeno de redução de forma são compostas por duas ou mais sílabas e constituem um padrão fonotático que denominarei $-V_iXV_i-$. Na representação do padrão, os Vs indexados indicam vogais idênticas e o X uma consoante fricativa glotal [h], ou, menos frequentemente, uma consoante oclusiva glotal [ʔ]. Os hífens nas bordas esquerda e direita da representação do padrão $-V_iX_iV-$ que assumo indicam partes das sílabas à esquerda e à direita que, na argumentação do presente trabalho, não serão relevantes. Sua omissão deve-se à variedade de tipos silábicos em que se insere o padrão $-V_iXV_i-$ como mostro a seguir:

(16)

Kõnããg

[k ã 'n ã 'ʔ ã]

| | | | |

C V C V CV

‘Água’

(17)

Mihim

[m ã 'h ã m]

| | | | |

C V C V C

‘Árvore’

(18)

Hep-m-ãhã[h ɛ̃ p¹ m ã 'h ã 'ʔ]

| | | | | | | |

C V C C V C V C

‘Liquefazer’

(19)

Poop[p o 'ʔ ow p¹]

| | | | |

CV CV C

‘Macaco’

Os exemplos de (16) a (19) mostram que há diversos tipos silábicos envolvidos nas palavras de padrão $-V_iXV_i-$. Por essa razão, indicarei apenas os segmentos invariáveis e que interessam à explicação do fenômeno, ou seja, a consoante fricativa glotal [h] ou a consoante oclusiva glotal [ʔ] entre vogais idênticas: $-V_iXV_i-$. Embora a consoante que ocorre entre as vogais idênticas em palavras desse padrão possa ser a consoante fricativa glotal [h] ou a consoante oclusiva glotal [ʔ], tais consoantes não são intercambiáveis³, isto é, elas estão em distribuição complementar, e o número de palavras com fricativa glotal é consideravelmente maior que o com oclusiva glotal, como sugerem os dados na tabela seguinte:

³ WETZELS, 2007, citando ARAÚJO, 2000b, menciona que (...) “o som glotal que ocorre em formas longas, apesar de ser geralmente realizado como [h], alterna livremente com [ʔ]”. WETZELS, 2007, pág. 227. A observação de WETZELS sugere que formas como *pohox* [po'hɔj] ‘flecha’ ou *tihik* [ti'hikʔ] ‘homem’ possam ocorrer como [pɔʔɔj] e [tiʔik], mas essa suposta alternância livre entre as glotais [h] e [ʔ] mencionada por WETZELS não ocorre em meus dados.

TABELA 2
PADRÃO -V_iXV_i- COM FRICATIVAS E OCLUSIVAS GLOTAIS

	FRICATIVA GLOTAI		OCLUSIVA GLOTAI	
	FORMAS LONGAS		FORMAS REDUZIDAS	
1	Kohot [ko'hoʒt ^ʔ] 'mandioca'	Kot [ʔkoʒt ^ʔ]	Kõnããg [kũnã'ʔãŋ] 'água'	Konããg [kũnã'ʔãŋ]
2	Kãñãhã [kãñã'hãɣɣɣn] 'tucano'	Kãñã [kã'nãɣɣɣn]	Kupuuk [kupw'uk ^ʔ] 'machado'	Kupuk [ku'puk ^ʔ]
3	Kõnõhõ [kõnõ'hũɣɣɣn] 'barata'	Kõnõ [kõ'nũɣɣɣn]	Nõõm [nõ'ʔõɣɣm] 'esse'	Nõm [nõɣɣm]
4	Hãhã [hã'hãɣɣm] 'terra'	Hã [hãɣɣm]	Poop [po'ʔoɣɣp ^ʔ] 'macaco'	Pop [ʔpoɣɣp ^ʔ]
5	Kayãhã [kaɣã'hãʔ] 'tocar'	kayã! [kaɣãʔ]	Xokxuuk [tʃowk ^ʔ tʃw'ʔuk ^ʔ] 'ovo'	Xokxuk [tʃowk ^ʔ tʃuk ^ʔ]
6	Kuhu [ku'hw ^ʔ] 'lenha'	Ku [kw ^ʔ]		
7	Kũũhũ [kũũũ'hũɣɣɣn] 'quati'	Kũũ [kũũũɣɣɣn]		
8	Mãhã [mã'hãɣɣm] 'peixe'	Mã [mãɣɣm]		
9	Mĩhĩ [mĩ'hĩɣɣm] 'árvore'	Mĩ [mĩɣɣm]		
10	Paha [pa'haʔ] 'pegar'	Pa! [paʔ]		
11	Penãhã [penã'hãʔ] 'ver'	Penã! [pe'nãʔ]		
12	Pohok [po'hok ^ʔ] 'brejo'	Pok [pok ^ʔ]		
13	Pohox [po'hoj] 'flecha'	Pox [poj]		
14	Putõõy [putõʔõɣɣɣn] 'barro'	Putõy [pu'tõɣɣɣn]		
15	Puxõõy [putʃõʔõɣɣɣn] 'minhoca'	Puxõy [pu'tʃõɣɣɣn]		
16	Tihik [tr'hik ^ʔ] 'homem'	Tik [tjik ^ʔ]		
17	Tohot [to'hoʒt ^ʔ] 'abóbora'	Tot [ʔtoʒt ^ʔ]		
18	Tuhut [tu'hw ^ʔ ɣɣɣt ^ʔ] 'bolsa'	Tut [ʔtw ^ʔ ɣɣɣt ^ʔ]		
19	Ũhũ [ʔũ'hũɣɣɣn ^ʔ]	Ũ [ʔũɣɣɣn ^ʔ]		
20	Xahap [tʃa'haxp ^ʔ] 'chave'	Xap [ʔtʃaxp ^ʔ]		

Os dados da tabela 2 mostram que palavras de padrão -V_iXV_i- são, em sua maioria, compostas de fricativa glotal. As palavras com esse padrão que possuem oclusiva glotal são, por outro lado, apenas nomes ou pronomes. Verbos de padrão -V_iXV_i- com consoantes oclusivas não foram atestados.

O padrão $-V_iXV_i-$ representa o limite de duas sílabas. A primeira vogal (V) é núcleo da primeira sílaba CV, e a segunda vogal (V) o núcleo da segunda sílaba CVC, da qual a consoante X é o *onset*, o que se pode observar nos exemplos acima. Na redução, a sequência de segmentos CVC, que constitui o padrão $-V_iXV_i-$, sofre uma alteração, na qual o *onset* da sílaba tônica é suprimido e o núcleo átono da primeira sílaba se funde ao núcleo tônico. A representação que proponho a seguir ilustra o processo:



Na representação em (20), o *onset* da segunda sílaba foi suprimido e as vogais idênticas formam crase.

Araújo (2000b; 2001) propõe uma explicação para o fenômeno de alteração de forma. Segundo Araújo, formas reduzidas ocorrem para favorecer estruturas métricas menos marcadas. Assim, segundo Araújo (2000b; 2001), a palavra mínima em Maxakalí deve ter, no mínimo, duas moras. Isso explica porque palavras de padrão $-V_iXV_i-$ não podem ocorrer isoladamente sob formas reduzidas, como os dados que mostro nas sentenças a seguir:

(21)

Te	ũm	nõõm?	Nõõm	mãhãm.
[tɛʔ	ʔũ̃m	nõ'ʔõ̃m	nõ'ʔõ̃m	mã'hã̃m]
INT	IND	esse	esse	peixe FP

‘O que é isso? Isso é um peixe’

(22)

Te	ũm	õhõm?	Õhõm	poop.
[tɛʔ	ʔũ̃m	õ'hõ̃m	õ'hõ̃m	po'ʔowpʔ]
INT	IND	aquele	aquele	macaco FP

‘O que é aquilo? Aquilo é um macaco.’

(23)

Te	ũm	nũhũ?	Nũhũ	tuhut
[tɛʔ	ʔũũm	nũ'hũʔ	nũ'hũʔ	tu'hũʔt]
INT	IND	isto	isto	bolsa FP

‘O que é isto? Isto é uma bolsa’

Nas sentenças acima, palavras de padrão $-V_iXV_i-$, que estão destacadas, ocorrem sob formas plenas quando ocorrem isoladamente. Isso se deve ao fato de a palavra mínima em Maxakalí possuir duas moras. As palavras de padrão $-V_iXV_i-$ possuem duas moras, formando uma estrutura prosódica $\{(L) (H)\}$, estrutura aceitável na língua.

Sobre os compostos, a estrutura com sílabas pesadas $\{(H) + (H)\}$ é, segundo Araújo, menos marcada que uma estrutura com uma sílaba leve seguida de uma sílaba pesada e de outra sílaba pesada $\{(LH) (H)\}$. Mostro a seguir exemplos de compostos com os dois tipos de estrutura, $\{(H)\} + (H)\}$ e $\{(LH) + (H)\}$:

ESTRUTURA $\{(H)\} + (H)\}$

Esta é a estrutura mais comum em compostos do Maxakalí, como mostro nos exemplos a seguir:

(24)		(25)	
Tot	-xax	Tex	tinã
[toʔtʰ	ʰtʃaj]	[tej	ti'nãʔ]
Abóbora FR	casca	Chuva FR	gritar
‘Chocalho’		‘Trovão’	

ESTRUTURA $\{(LH) + (H)\}$

Esta estrutura é menos recorrente que a primeira:

(26)		(27)	
Kõnõn	-yĩmãg	Kutet	-xak
[kũ'nũʒn	ɲĩ'mãg]	[kuh'tɛʔtʰ	ʰtʃakʰ]
Barata FR	asa	Bambu FR	cortar
‘Asa de barata’		‘Cortar bambu’	

De acordo com Araújo (2000b, 2001), a estrutura dos compostos em (24) e (25) é menos marcada que a estrutura em (26) e (27).

Com relação aos verbos, a palavra prosódica {(H)} é, de acordo com Araújo, menos marcada que {(LH)}, que, por sua vez, é menos marcada que {(L) (LH)}. Com base nessas observações, Araújo (2000b, 2001) propõe um conjunto de restrições que, segundo ele, quando em conflito, podem selecionar um candidato ótimo tanto para nomes quanto para verbos. Dessa forma, a análise de Araújo (2000b, 2001) cobre a alteração de forma em nomes e verbos.

Da análise de Araújo pode-se inferir que (1) formas nominais reduzidas de padrão $-V_iXV_i-$ formam compostos de estrutura prosódica {(H) + (H)}, que são mais favorecidos por serem menos marcados. Conseqüentemente, compostos que formam a estrutura prosódica {(LH)(H)} são mais marcados; (2) formas verbais imperativas com a estrutura {(H)} são menos marcadas que as que apresentam a estrutura {(LH)}. Estas, por sua vez, são menos marcadas que as de estrutura {(L) (LH)}.

A predição de Araújo relacionada aos nomes mostra-se correta, porque formas nominais reduzidas como *mīm* [mĩ̃ɣm] < *mīhīm* [mĩ̃'hĩ̃ɣm] ‘árvore’ e *kot* ['koʒt̪] < *kohot* [ko'hɔʒt̪] ‘mandioca’ formam, geralmente, compostos de estrutura {(H) + (H)}, como *mīm̄xax* [mĩ̃m̄'tʃaj] ‘casca de árvore’ e *hā̄mnak* [hã̃ɣm̄'dak̪] ‘chão seco’. Essa estrutura é, certamente, a estrutura mais comum da língua Maxakalí, enquanto a estrutura {(LH) (H)} é, como mostrei em (26) e (27), restrita a poucos exemplos, se comparada à estrutura {(H) + (H)}.

Com relação aos verbos, no entanto, Araújo propõe que a estrutura prosódica {(H)} é a menos marcada, seguida da estrutura {(LH)}, mas os dados demonstram que verbos de padrão $-V_iXV_i-$ não possuem a estrutura {(H)} no modo imperativo. Nesse modo, verbos transitivos são prefixados com a marca de pessoa {ũ-}, que é correferente

com o objeto implícito desses verbos, e exibem, por isso, a estrutura {(L) (LH)} ou a estrutura {(LH)}, como mostro a seguir:

MODO INDICATIVO

(28a)
Penãhã
 [pæ nã'hãʔ]
 Ver FP
 'Ver'

(29a)
Kay-ãhã
 [kaɲã'hãʔ]
 Tocar CAUS FP
 'Tocar'

(30a)
Gõy-ãhã
 [gũɲã'hãʔ]
 Fumar CAUS FP
 'Fumar'

(31a)
Mãhã
 [mã'hãʔ]
 Comer FP
 'Comer'

MODO IMPERATIVO

(28b)
Ũ-penã!
 [ʔũpæ'nãʔ]
 Ele INAT ver FR
 'Vê'

(29b)
Ũ-kâyã!
 [ʔũka'ɲãʔ]
 Ele INAT tocar CAUS FR
 'Toca!'

(30b)
Ũ-gõyã
 [ʔũgũ'ɲãʔ]
 Ele INAT Fumar CAUS FR
 'Fuma'

(31b)
Ũ-mã!
 [ʔũ'mãʔ]
 Ele INAT comer FR
 'Come!'

Nos exemplos de (28) a (31), formas longas ocorrem no modo indicativo e formas curtas no modo imperativo. Note-se que as formas verbais são obrigatoriamente prefixadas no modo imperativo⁴ quando o objeto não ocorre explícito. Os exemplos de (28) a (31) demonstram, por isso, que, ao contrário da predição de Araújo, a estrutura prosódica mais marcada é a estrutura {(H)}, que não ocorre em formas verbais isoladas, enquanto a menos marcada é a estrutura {(L) (LH)}. Dos exemplos acima, com exceção de (31b), que possui estrutura {(LH)}, todas as outras formas imperativas exibem estrutura {(L) (LH)}, que, na análise de Araújo, é a mais marcada.

⁴ Em sua maioria, verbos têm o padrão -V_iXV_i- pelo sufixo causativo que portam.

Há também um ponto não esclarecido por Araújo na sua análise da redução em verbos. Araújo (2000b, 2001), citando Pereira (1992), menciona três verbos que, segundo ele, são casos excepcionais. Dois desses verbos têm, segundo Araújo, formas alongadas no modo imperativo:

(32)

[tʃip] ‘estar’ → [tʃihip] ‘esteja’
[dʒũm] ‘sentar’ → [dʒũhũm]⁵ ‘sente’

O outro verbo é *xak*, que segundo Araújo, e também Pereira (1992), não possui forma imperativa alongada. A forma imperativa desse verbo tem a mesma forma que a indicativa:

(33)

[tʃakʷ] ‘cortar’ = [tʃakʷ] ‘corte’

As formas imperativas dos verbos em (32) não são explicadas pela análise de Araújo (2001), que se limita a descrevê-las. Com relação ao verbo em (33), o fato de ele ser tratado como um “caso excepcional” por Pereira (1992) e por Araújo (2001), mostra que se tem feito uma relação equivocada entre formas verbais/nominais monossilábicas e palavras do padrão $-V_iXV_i-$. Palavras com o padrão $-V_iXV_i-$ possuem formas longas que são reduzidas em determinados contextos, mas há muitas palavras monossilábicas em Maxakalí que não são derivadas (entenda-se reduzidas) de palavras de padrão $-V_iXV_i-$. *Pix* [pij] ‘lavar’ e *mep* [bɛɣpʷ] ‘cortar PL’, por exemplo, têm as seguintes formas imperativas equivalentes: *ũ-pix* [ũʰpij] ‘lave-o’ *ũ-mep* [ũʰbɛɣpʷ] ‘corte-o’. Formas longas desses verbos, como *pihix* e *mehep*, são inexistentes. Assim sendo, a impossibilidade de o verbo em (33) ter forma imperativa alongada deve-se ao fato de tal verbo não ser de padrão $-V_iXV_i-$. Sobre os verbos em (32), suas formas imperativas não

⁵ Com esse exemplo, Araújo (2001) provavelmente quis se referir à forma verbal supletiva singular *yũhũm* [jũʰhũɣm], que corresponde ao verbo *sentar-se* em português.

se alongam, mas antes, já são longas como formas não finitas e imperativas. As suas formas reduzidas são na verdade formas flexionadas⁶. Essa será a posição que defenderei na próxima seção. De acordo com a proposta que desenvolverei, nomes, pronomes e verbos de padrão $-V_iXV_i-$ são reduzidos pela mesma motivação, a incorporação, incluindo os exemplos de (32).

15.1.2 REDUÇÃO POR INCORPORAÇÃO

No capítulo 13, mostrei que a redução em nomes na posição pré-verbal é decorrente da incorporação do nome pelo verbo transitivo, formando uma unidade sintática indivisível, a qual não permite, sintaticamente, qualquer elemento entre seus componentes. Os exemplos a seguir ilustram as palavras de padrão $-V_iXV_i-$ quando ocorrem isoladas e quando figuram no composto verbal, sendo incorporadas pelo verbo:

(34a)

putahat

puhta^hhəst^ʔ

estrada FP

‘Estrada’

(34b)

Tanatot	-te	putat	mīy
----------------	------------	--------------	------------

[tada ^h təst ^ʔ	ʔeʔ	puh ^h təst ^ʔ	mīj ^ʔ n]
--------------------------------------	-----	------------------------------------	---------------------

Trator	ERG	estrada FR	fazer
--------	-----	------------	-------

‘O trator fez uma estrada’

(35a)

putõy

puh^htõ^ʔõj^ʔn]

barro FP

‘Cavar’

(35b)

Xapup	-te	putõy	kot
--------------	------------	--------------	------------

[tʃapup ^ʔ	ʔeʔ	puh ^h tõj ^ʔ n]	ʔkəst ^ʔ
----------------------	-----	--------------------------------------	--------------------

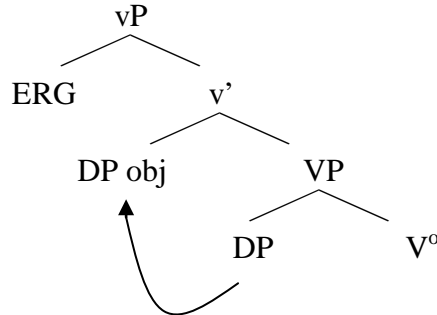
Porco	ERG	barro FR	cavar
-------	-----	----------	-------

‘O porco está cavando o barro’

⁶ Tratei sobre esse tema no capítulo 7.

Nessa situação, o objeto se move da posição interna ao VP para SPEC-vP em busca de Caso, como ilustro abaixo:

(36)



Na representação em (36), o objeto se move para fora do VP em busca de Caso acusativo. Ao fazer esse movimento, o objeto se incorpora ao verbo, tornando-se assim reduzido.

A incorporação do objeto pelo verbo constitui também um composto na língua Maxakalí. Mostrei, no capítulo 8, que os elementos que formam os compostos em Maxakalí são variados: **N+N** (nome + nome), **N+V** (nome + verbo), **N+A** (nome + adjetivo), **N+P** (nome + posposição), como mostro nos exemplos a seguir:

N+N (NOME + NOME):

(37)

Pat- **kup**
 [paʒt̪] 'kuʒp̪]
 Peito bastão
 'Costela'

(38)

Hãm- **xax**
 [hãʒm] 'tʃaj]
 terra FR cobertura
 'Telhado'

N+V (NOME + VERBO)

(39)

Mot- **mõyõn**
 [boʒt̪] mũ'jũʒn]
 Bola jogar
 'Jogar bola'

(40)

Kuxa- **nõg**
 [kuhtʃaʔ] 'nõŋ]
 Coração acabar
 'Assustar'

N+A (NOME + ADJETIVO)

(41)

Hep- xeka
 [hɛxp̚ ʔ tʃe'kaʔ]
 Sangue grande
 'Hemorragia'

(42)

Pat- puuk
 [paʃt̚ ʔ pu'ʔuk̚]
 Peito mole
 'Peito cheio'

N+P (NOME + POSPOSIÇÃO)

(43)

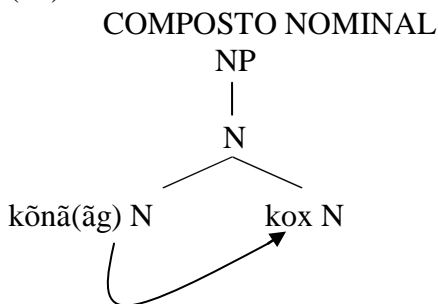
Pěñēn -kup hã
 [pěñēzn̚ ʔ kuʔp̚ hãʔ]
 Peneira estrutura de
 'De bicicleta'

(44)

Kakxop mūtix
 [kak̚ʔʃup̚ ʔ mũ'tij]
 Menino com
 'Com o menino'

Assim como os nomes são incorporados pelos verbos, nomes, em compostos, são aparentemente incorporados pelos núcleos dos compostos, nos termos de Baker (1988a). Baker propõe que nomes podem ser incorporados pelos mesmos princípios que permitem os movimentos na sintaxe. Assim, um composto nominal como *konãg-kox* [kũñãŋ'kuj] 'rio', por exemplo, seria decorrente da incorporação do nome *konããg* [kũñã'ʔãŋ] 'água' pelo núcleo nominal *kox* [kuj] 'buraco/vala', como mostro por meio da representação a seguir:

(45)



Na representação (45), o nome *konããg* [kũñã'ʔãŋ] 'água' é incorporado pelo núcleo *kox* [kuj] 'buraco/vala'.

Nos compostos, o núcleo, o elemento incorporante, pode figurar à esquerda ou à direita do elemento incorporado. Repito as sentenças de (37) a (44) abaixo, destacando os núcleos de cada composto:

N+N (NOME + NOME):

(46)

Pat- **kup**
[paʒt¹ 'kuɣp¹]
Peito bastão
'Costela'

(47)

Hâm- **xax**
[hãɣm 'tʃaj]
terra FR cobertura
'Telhado'

N+V (NOME + VERBO)

(48)

Mot- **mõyõn**
[boʒt¹ mũ'jũɣn]
Bola jogar
'Jogar bola'

(49)

Kuxa- **nõg**
[kuhtʃaʔ 'nõŋ]
Coração acabar
'Assustar'

N+A (NOME + ADJETIVO)

(50)

Hep- **xeka**
[heɣp¹ tʃe'kaʔ]
Sangue grande
'Hemorragia'

(51)

Pat- **puuk**
[paʒt¹ pu'ʔuk¹]
Peito mole
'Peito cheio'⁷

N+P (NOME + POSPOSIÇÃO)

(52)

Pēnēn **-kup** **hã**
[pēnēɣn 'kuɣp¹ hãʔ]
Peneira estrutura com
'De bicicleta'

(53)

Kakxop **mūtix**
[kak'tʃup¹ mũ'tij]
Menino com
'Com o menino'

Quando palavras de padrão -V_iXV_i- ocorrem em compostos como os acima, elas assumem formas reduzidas, como mostro a seguir:

N+N (NOME + NOME)

(54a)

Mihim
[mihĩɣm]
árvore FP
'Árvore'

(54b)

Mim **tut**
[mĩɣm 'tuɣt¹]
madeira FR mãe
'Casa'

⁷ De catarro.

(55a)
Kõnããg
 [kũnã'ʔãŋ]
 Água FP
 'Água'

(56a)
Puhuk
 [pu'hukʔ]
 Abelha FP
 'Abelha'

N+V (NOME + VERBO)

(57a)
Mãhãm
 [mãhãĩm]
 Peixe FP
 'Peixe'

(58a)
Puxõõy
 [puʔʃõ'õĩŋ]
 Minhoca FP
 'Minhoca'

(59a)
Tuhut
 [tu'hutʔ]
 Bolsa FP
 'Bolsa'

N+A (NOME + ADJETIVO)

(60a)
Kãnhãhã
 [kãnhãĩŋ]
 Tucano FP
 'Tucano'

(61a)
Tehex
 [tæ'hɛj]
 Chuva FP
 'Chuva'

(55b)
konãg **-kox**
 [kũnãŋ] 'kuj]
 Água FR buraco
 'Rio'

(56b)
Puk **-hep**
 [pukʔ] 'hɛxpʔ]
 Abelha líquido
 'Mel'

(57b)
Mãm **-xuk**
 [mãĩm] 'tʃukʔ]
 Peixe FR pegar
 'Pescar'

(58b)
Puxõy **tat**
 [puʔʃõĩŋ] 'tãtʔ]
 Minhoca FR portar'
 'Minhocário'

(59b)
Tut- **xap**
 tuʔʃtʔ] 'tʃãxpʔ]
 Bolsa FR tecer
 'Tecer bolsa'

(60b)
Kãnhã **-xeka**
 [kãnhãĩŋ] tʃe'kaʔ]
 Tucano FR grande
 'Tucano grande'

(61b)
Tex-ãxi
 [tæjʔã'tʃiʔ]
 Chuva frio
 'Chuva fria'

(62a)
Ūhūn
 [ʔū'hūɣn]
 Mulher FP
 'Mulher'

(62b)
Ūn-mai
 [ʔūɣba'iʔ]
 Mulher FR bonito
 'Mulher bonita'

N+P (NOME + POSPOSIÇÃO):

(63a)
Kupuuk
 [kupu'ʔukʔ]
 Machado FP
 'Machado'

(63b)
Kupuk hã
 [ku'puukʔ 'hãʔ]
 Machado FR com
 'Com machado'

(64a)
Mihim
 [mihĩɣm]
 Madeira FP
 'Madeira'

(64b)
Mim tu
 [mĩɣm 'tuʔ]
 madeira FR em
 'Na madeira'

(65a)
kūnūhūn
 [kūnūhūɣn]
 Quati FP
 'Quati'

(65b)
kūnūn pu
 [kūnūɣn 'puʔ]
 quati FR para
 'Para o quati'

P + V (PRONOME + VERBO)

(66a)
Ōhōm
 [ʔō'hōɣm]
 Aquele FP
 'Aquele'

(66b)
Ōm -mōg
 [ʔōɣm 'mōŋ]
 Aquele FR ir
 'Aquele (que) vai'

(67a)
Nōōm
 [nō'ʔōɣm]
 Esse FP
 'Esse'

(67b)
Nōm- penãhã
 [nōɣm penã'hãʔ]
 Esse FR ver
 '(que) o viu'

(68a)
Nōōm
 [nō'ʔōɣm]
 Esse FP
 'Esse'

(68b)
Nōm- mähã
 [nōɣm mã'hãʔ]
 Esse FR comer
 '(que) o comeu'

Nos compostos acima, o elemento incorporado apresenta forma reduzida, o que evidencia que houve incorporação.

Com relação à redução dos verbos de padrão $-V_iXV_i-$, mostrei que estes também formam compostos com seus objetos. Como os nomes e pronomes, verbos também apenas tomam formas reduzidas quando participam de compostos, evidenciando que a incorporação se relaciona estreitamente com a redução de palavras com o padrão $-V_iXV_i-$. Mostrei que a redução em verbos de padrão $-V_iXV_i-$ da língua Maxakalí ocorre em compostos objeto+verbo e pronomes+verbo, como nos exemplos que arrolei acima, e, em formas imperativas, como mostro a seguir:

(69a)
Gõyãhã
 [gũjã'hãʔ]
 Fumaça CAUS FP
 'Fumar'

(69b)
Ũ-gõyã
 [ʔũgũ'jãʔ]
 Ele INAT fumar CAUS FR
 'Fuma!'

(70a)
Xan-ãhã
 [tʃanã'hãʔ]
 Chamar FP
 'Chamar'

(70b)
Ũ-xan-ã
 [ʔũtʃa'nãʔ]
 Ele INAT chamar CAUS FR
 'Chama!'

(71)
Tomãhã
 [tomã'hãʔ]
 Engolir FP
 'Engolir'

(71)
Ũ-tomã
 [ʔũto'mãʔ]
 Ele INAT engolir FR
 'Engole!'

Note-se que mesmo as formas imperativas constituem um composto com o prefixo de pessoa adjunto ao verbo e o próprio verbo.

Sobre os “casos excepcionais” mencionados por Pereira (1992) e Araújo (2000b, 2001), a forma imperativa de tais verbos, diferentemente da forma imperativa dos verbos vistos até então, prescinde da marca de pessoa {ũ-}, responsável pela correferência entre objeto e o verbo. Isso porque os verbos “excepcionais” são verbos intransitivos. Como mostrei no capítulo 7, apenas verbos transitivos trazem o marcador

de pessoa nas formas imperativas, pois somente eles têm um objeto. Como verbos intransitivos não possuem objeto, o prefixo de pessoa não ocorre. Consequentemente, como as formas imperativas *xhip* [tʃi'hiɣp̣] ‘fica!’, *yūhūm* [ɲũ'hũɣm] ‘senta! SING’ e *māhām* [mã'hãɣm] ‘senta! PL’ não formam composto com nenhum elemento, elas ocorrem sob a forma plena. Esses três verbos assumem, portanto, forma longa quando são não finitos ou quando estão no modo imperativo, mas têm forma reduzida quando são finitos. Como a maioria dos verbos intransitivos da língua Maxakalí, verbos intransitivos exibem concordância de pessoa com o sujeito por meio da marca de pessoa {ũ-}. Mostro nos exemplos abaixo as formas longas e curtas desses três verbos do Maxakalí:

FORMAS NÃO FINITAS	FORMAS IMPERATIVAS	FORMAS FINITAS
(72a) Yūhūm [ɲũ'hũɣm] Sentar-se FP SING ‘Sentar-se’	(72b) Yūhūm! [ɲũ'hũɣm] Sentar-se FP SING ‘Senta-te!’	(72c) Ũ-yūm [ũʔ'ɲũɣm] Ele INAT sentar FR SING ‘Ele senta’
(73a) Māhām [mã'hãɣm] Sentar-se FP PL ‘Sentar-se’	(73b) Māhām! [mã'hãɣm] Sentar-se FP PL ‘Sentai-vos!’	(73c) Ũ-mām [ũʔ'mãɣm] Ele INAT senta FR PL ‘Eles sentam’
(74a) Xhip [tʃi'hiɣp̣] Ficar FP ‘Ficar’	(74b) Xhip [tʃi'hiɣp̣] Ficar FP ‘Fica!’	(74c) Ũ-xip [ũʔ'tʃiɣp̣] Ele INAT ficar FP ‘Ele fica’

Nos exemplos acima, apenas as formas finitas são reduzidas porque formam composto com a marca de pessoa {ũ-}.

Portanto, com base nas noções de composição e incorporação, a redução em nomes, pronomes e verbos da língua Maxakalí pode ser explicada uniformemente. Esta

análise deverá ser melhor desenvolvida e fundamentada em estudos futuros sobre o tema. Na próxima seção, faço as considerações finais sobre este capítulo.

15.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO

Neste capítulo, descrevi a redução de forma que ocorre em nomes, pronomes e verbos da língua Maxakalí e que possuem o padrão fonotático $-V_iXV_i-$. Mostrei que os verbos com esse padrão, nos quais a consoante X é uma fricativa glotal, são mais recorrentes na língua que aqueles verbos nos quais essa consoante é uma oclusiva glotal. Além disso, mostrei que, curiosamente, não há verbos em que a consoante X do padrão $-V_iXV_i-$ seja uma oclusiva glotal, mas apenas nomes e pronomes. Com relação à redução, mostrei que nomes, pronomes e verbos são reduzidos quando formam compostos. Pronomes fazem compostos com nomes, adjetivos, verbos ou adjunções. Já os nomes formam compostos com nomes, pronomes, adjetivos, verbos e adjunções. Quando ocorrem na posição pré-verbal, nomes formam composto com verbos. Neste caso, a adjacência entre nome e verbo forma uma unidade sintática que impede a ocorrência de qualquer elemento entre o objeto e o verbo, o que evidencia se tratar de incorporação do nome pelo verbo. Finalmente, mostrei que os verbos também formam composto com o prefixo de pessoa nas formas imperativas.

O fato de a redução de palavras de padrão $-V_iXV_i-$ se relacionar com a formação de compostos na língua permite uma única explicação para o fenômeno em nomes, pronomes e verbos e evidencia que os compostos na língua Maxakalí envolvem o processo de incorporação. Procurei, neste capítulo, apenas descrever o fenômeno de redução em Maxakalí e apontar para uma possível explicação do fenômeno que possa incluir as três classes envolvidas: nomes, pronomes e verbos. No próximo capítulo, descrevo alguns processos morfofonológicos do Maxakalí que envolvem a nasalidade: a construção de intensidade e a causativização. Mostrarei por meio de dados empíricos

que tais processos evidenciam uma interação entre os componentes morfológico e fonológico.

CAPÍTULO 16: NASALIDADE E MORFOLOGIA

Neste capítulo, descrevo a construção de intensidade e as construções causativas da língua Maxakalí. Mostrarei que esses dois tipos de construção envolvem nasalidade. Por meio de dados referentes a essas duas construções da língua, mostrarei evidências de que há uma interação entre o componente morfológico e o componente fonológico.

16.1 NASALIDADE E MORFOLOGIA

Uma grande questão na fonologia da língua Maxakalí diz respeito à origem da nasalidade na língua, se ela é subjacente ou se pode ser derivada de algum segmento. GPP (1970) assumem que a nasalidade é contrastiva tanto em vogais quanto em consoantes. Rodrigues (1981) deriva a nasalidade das consoantes vozeadas e assume que a nasalidade se espalha das consoantes vozeadas localizadas mais à esquerda para os segmentos mais à direita; Araújo (2000b) defende que é a interação de restrições que permite a nasalidade. Wetzels (2007) adapta a análise de Rodrigues (1981) e defende a ideia de que a nasalidade em Maxakalí deriva-se das vogais nasais subjacentes. Segundo Wetzels (2007), a nasalidade espalha-se para a direita ou para a esquerda, mas nunca bidirecionalmente. De acordo com Wetzels (2007), a nasalidade na língua pode se espalhar para esquerda ou para a direita, mas é interrompida quando há uma barreira composta de consoante oclusiva surda. Nesse caso, a oclusiva surda é opaca à nasalidade e a impede de se espalhar pelos segmentos.

Dados referentes à derivação de verbos em construções de intensidade e de nomes diminutivos pelo sufixo diminutivo {-nãg} [ˈnãŋ] demonstram que, em construções de intensidade, verbos têm os segmentos da base nasalizados por espalhamento do sufixo nasal oriundo do sufixo diminutivo. Curiosamente, porém, nomes que recebem esse sufixo não têm os segmentos da base nominal nasalizados.

Nesta tese, não pretendo discutir sobre o inventário fonêmico da língua Maxakalí e nem sobre a origem do traço nasal. Por essa razão, deixarei em aberto a questão da derivação do traço nasal na língua. Concentrar-me-ei apenas na questão do espraçamento do traço nasal em verbos e nomes. Tratarei sobre esse assunto na próxima seção.

16.1.2 NASALIDADE E CONSTRUÇÕES DIMINUTIVAS

Em Maxakalí, o sufixo diminutivo {-nãg} [ˈnãŋ] se junta a verbos intransitivos e também a nomes, como mostrei no capítulo 8. Esse sufixo expressa o grau diminutivo em nomes e intensidade em verbos. Em construções com o sufixo diminutivo do Maxakalí, o traço nasal do sufixo {-nãg} [ˈnãŋ] se espraia para as bases verbais, independentemente de haver nas codas das sílabas dos verbos consoantes oclusivas surdas¹. Embora haja espraçamento de traço nasal tanto em verbos quanto em nomes sufixados pelo morfema diminutivo {-nãg}[nãŋ], o espraçamento em verbos é obrigatório:

(1)

Ōg	kanēyxaktux ũ-kūmūg	-nãg
[õŋ	kãˈnĩjtʃakˈtɔj ʔũkũmũŋ	ˈnãŋ]
2. GEN 2.	rádio ele INAT ruim	DIM
‘O teu rádio está muito ruim’		

(2)

Ũhūn	tu	-te	tāyūmak	paha hu	hitūmnãg
[ũˈhũzɛnˈ	tuh	ˈtæʔ	tãʔnũˈbakˈ	paˈhaʔ huʔ	ʔhiˈtũzɛmˈnãŋ]
Mulher FR	3. AG ERG		dinheiro	pegar e CONJ	Ø 3. feliz DIM
‘A mulher ganhou dinheiro e agora está muito feliz’					

(3)

Mihim	ũ-kõhẽ-n	-nãg
mĩˈhĩɣm	ʔũkõˈhẽzɛnˈn	ˈnãŋ
pau FP	ele INAT torto	DIM
‘O pau está tortinho’		

¹ Teoricamente, consoantes oclusivas surdas deveriam barrar o traço nasal.

(4)

Ū-kutut	ũ-pũũg	-nãg
[ʔũkʷh'tʷyʒʔ	ũpũʔ'tũŋ	'nãŋ]
Ele velho	ele INAT fraco	DIM
'O velho está fraquinho'		

Nas sentenças acima, os verbos descritivos *kumuk* [ku'bʷkʷ] 'estar ruim', *hitup*

[hi'tʷyʒʔ] 'estar feliz', *kohe* [ko'hɛʔ] 'estar torto' e *puuk* [puʔʷk] 'estar mole' têm os

segmentos da base nasalizados quando recebem o sufixo diminutivo {-nãg} [nãŋ]:

(5a)

Kumuk [ku'bʷkʷ] 'ruim' + [nãŋ] DIM > **kũmũg-nãg** [kũmũŋn'nãŋ] 'muito ruim'

(5b)

Hitup [hi'tʷyʒʔ] 'feliz' + [nãŋ] DIM > **hitũm-nãg** [hi'tũŋm'nãŋ] 'muito feliz'

(5c)

Kohe [ko'hɛʔ] 'torto' + [nãŋ] DIM > **kõhẽ-nãg** [kõ'hẽj'nãŋ] 'tortinho'

(5d)

Puuk [puʔʷk] 'mole' + [nãŋ] DIM > **pũũg-nãg** [pũʔ'tũŋn'nãŋ] 'molinho'

Construções de intensidade constituem um processo comum em Maxakalí, mas a ocorrência do sufixo diminutivo {-nãg} é dependente do espriamento de nasalidade,

como mostro a seguir:

(6a)

Mihĩm	ũg-nox
[mĩ'hĩŋm	ʔũŋ'doj]
Madeira FP	ele INAT podre
'A madeira está podre'	

(6b)

Mihĩm	ũg-nõy-nãg
[mĩ'hĩŋm	ʔũŋ'nõjŋn'nãŋ]
Madeira FP	ele INAT podre DIM
'A madeira está muito podre'	

(6c)

*Mihĩm	ũg-nox-nãg
[mĩ'hĩŋm	ʔũŋ'doj'nãŋ]
Madeira FP	ele INAT podre DIM
'A madeira está bem podre'	

(7a)
Ã-yĩm ũ-toi
 [ʔã'jĩĩm ʔũto'iʔ]
 Tu mão ele INAT melado
 'Tua mão está melada'

(7b)
Ã-yĩm ũ-tõy-nãg
 [ʔã'jĩĩm ʔũtõĩjũ'nãŋ]
 Tu mão ele INAT melado
 'Tua mão está muito melada'

(7c)
***Ã-yĩm ũ-toi-nãg**
 [ʔã'jĩĩm ʔũtoiʔ'nãŋ]
 Tu mão ele INAT melado
 'Tua mão está bem melada'

Nas sentenças (6a) e (6b) e (7a) e (7b), o sufixo diminutivo torna necessariamente os segmentos orais da base verbal em nasais. Mas as sentenças (6c) e (7c) mostram que uma fase intermediária, na qual o sufixo diminutivo ocorra, mas sem que haja nasalização na base verbal, não é possível.

Com relação à sufixação em nomes, o sufixo diminutivo se junta a bases nominais primitivas para formar nomes derivados. Nesse caso, o espraiamento de nasalidade normalmente não se realiza:

(8a)
Xapup
 [tʃa'puxpʷ]
 'Porco'

(8b)
Xapup-nãg
 [tʃa'puxpʷ'nãŋ]
 'Catitu'

(9a)
Mãyõn
 [mã'jũĩĩ]
 'Sol'

(9b)
Mãyõn-nãg
 [mã'jũĩĩ'nãŋ]
 'Estrela'

(10a)
Kãmãnok
 [kãmã'dowkʷ]
 'Cavalo'

(10b)
Kãmãnok-nãg
 [kãmã'dowkʷ'nãŋ]
 'Pônei'

(11a)
Hãm-kax-ãmìx-xahi
 [hã̃xmkajã'brjtʃa'hiʔ]
 'Sílabá'

(12a)
Kohok
 [ko'hok¹]
 'Fumo'

(13a)
Putux
 [pu'tuj]
 '??'

(14a)
Kohok
 [ko'hok¹]
 'Fumo'

(15a)
Pok
 [ˈpowk¹]
 'Brejo'

(16a)
Ãmpex
 [ã̃xm'pæj]
 'Cuíca',⁴

(17a)
Kuxxux
 [kuj'tʃj]
 'Juriti'

(18a)
Hup
 [ˈhuɣp¹]
 '??'

(11b)
Hãm-kax-ãmìx-xahi-nãg
 [hã̃xmkajã'brjtʃa'hiʔ'nãŋ]
 'letra'

(12b)
Kohok-nãg
 [ko'hok¹nãŋ]
 'Caruru',²

(13b)
Putux-nãg
 [pu'tuj'nãŋ]
 'ave'

(14b)
Kohok-nãg
 [ko'hok¹nãŋ]
 'Caruru',³

(15b)
Pok-nãg
 [ˈpowk¹nãŋ]
 'Brejinho'

(16b)
Ãmpex-nãg
 [ã̃xm'pæj'nãŋ]
 'Jupará',⁵

(17b)
Kuxxux-nãg
 [kuj'tʃj'nãŋ]
 'Rolinha'

(18b)
Hup-nãg
 [huɣp¹nãŋ]
 'Jia',⁶

² Nome que designa várias espécies de plantas herbáceas pertencentes ao gênero *Amaranthus*.

³ Planta herbácea do gênero *Amaranthus*.

⁴ Marsupial arborícola noturno.

⁵ Mamífero noturno da família dos procionídeos.

⁶ Nome que designa mais de uma espécie de anfíbios Ranídeos.

(19a)

Pux

[pɯj]

‘??’

(20a)

Ūgtok

[ũŋ¹tɔwk¹]

‘Ele INAT criança’

‘Criança’

(21a)

Mīta

[mī¹taʔ]

‘Fruta’

(22a)

Kututtap

[ku¹tuɣɛt¹tɔxp¹]

‘Borboleta’

(23a)

Popta

[pow¹taʔ]

‘Jenipapo’

(24a)

Xux

[tʃɯj]

‘Folha’

(25a)

Xoxmetmet

[tʃɔjbæɛt¹bæɛt¹]

‘Bem-te-vi’

(26a)

Puxapxoxpe

[puhtʃɔxp¹tʃɔjpe]

‘??’

(19b)

Pux-nãg

[pɯj¹nãŋ]

‘Perereca’

(20b)

Ūgtok-nãg

[ũŋ¹tɔwk¹nãŋ]

‘filhotinho’

(21b)

Mīta-nãg

[mī¹taʔ¹nãŋ]

‘Frutinha’

(22b)

Kututtap-nãg

[ku¹tuɣɛt¹tɔxp¹nãŋ]

‘Borboletinha’

(23b)

Popta-nãg

[pow¹taʔ¹nãŋ]

‘Jenipapo-pequeno’

(24b)

Xux-nãg

[tʃɯj¹nãŋ]

‘Beija-flor’

(25b)

Xoxmetmet-nãg

[tʃɔjbæɛt¹bæɛt¹nãŋ]

‘bem-te-vizinho’/

‘filhote de bem-te-vi’

(26b)

Puxapxoxpe-nãg

[puhtʃɔxp¹tʃɔjpeh¹nãŋ]

‘Bem-te-vizinho-de-asa-ferrugínea’⁷

⁷ *Myiozetetes cayanensis*. Ave passeriforme da família dos Tiranídeos.

Na maioria dos nomes, como os dos exemplos acima, o traço nasal não ultrapassa os limites do sufixo diminutivo⁸, embora haja certos casos lexicalizados em as bases nominais são nasais:

(27a)

Āmnīy

[ã̃xm'nĩjn]

‘Noite’

(27b)

'Āmnīytut-nāg

[ã̃xm'nĩjn'tuɣʒt'nãŋ]

‘Jaritataca pequena’

(28a)

Pok-nāg

[powk'nãŋ]

‘Frango d’água’

(28b)

Pōg-nāg

[põŋ'nãŋ]

‘Frango d’água’

(29a)

Āmpex

[ã̃xm'pæj]

‘Cuíca’

(29b)

Āmpex-nāg

[ã̃xm'pæj'nãŋ]

‘Catita’

(29c)

Āmpēynāg

[ã̃xm'pēj'nãŋ]

‘Jupará’

Como se vê pelo número de exemplos, casos de espraiamento em nomes são muito raros. No quadro abaixo, mostro que a nasalidade restringe-se praticamente a verbos:

⁸ Nomes como os dos exemplos (27), (28) e (29) já têm na sua base vogais nasais, o que significa que, nas derivações dessas bases, não há espraiamento de traço nasal, pois a nasalidade já ocorre na palavra primitiva.

TABELA 1
CONSTRUÇÕES DE INTENSIDADE

	Verbos	Nasalização em verbos	Nomes	Nasalização em nomes
1	[pu'wuk] 'mole'	[pũũwũŋ'ŋ nãŋ]	[ãmpej]	[ãmpẽjŋ'nãŋ]
2	[ku'bwuk] 'ruim'	[kũbũwũŋ'ŋ nãŋ]	[powk]	[põwũŋ'nnãŋ]
3	[tʃej] 'pintado'	[tʃẽjŋ'ŋ nãŋ]	[kak'tʃuɣp]	-----
4	[dak] 'seco'	[dãŋ'ŋ nãŋ]	[daj]	-----
5	[toj] 'comprido'	[tõjŋ'ŋ nãŋ]	[tʃa'hoʔ]	-----
6	[ko'hæʔ] 'torto'	[kohẽʔ'ŋ nãŋ]	[mĩ'kaj]	-----
7	[tʃuɣp] 'novo'	[tũũɣmb'ŋ nãŋ]	[pa'ta]	-----
8	[tʃih'pæɣp] 'chegar'	[tʃihpẽɣmb'ŋ nãŋ]	[puuk]	-----
9	[tʃijpej] 'gostoso'	[tʃijpẽjŋ'ŋ nãŋ]	[poj]	-----
10	[hituɣp] 'feliz'	[hitũũɣb'nnãŋ]	[tʃuʔ'wuk]	-----
11	[tʃet] 'raso'	[tʃẽɛd'ŋ nãŋ]	[tʃui]	-----
12	[haj] 'cheirar'	[hãjŋ'ŋ nãŋ]	[tʃoj]	-----
13	[nuuk] 'redondo'	[dũwũŋ'ŋ nãŋ]	[kukej]	-----
14	[puuk] 'queimado'	[pũwũŋ'ŋ nãŋ]	[paʔ'tʃok]	-----
15	[he] 'curto'	[hẽʔ'ŋ nãŋ]	[ku'tok]	-----

Na tabela 1, em todos os verbos houve nasalização da vogal da base. Nos nomes, a nasalização ocorreu em apenas duas vezes.

O fato a ser levado em conta nessas construções com o sufixo diminutivo {-nãg} é por que o traço nasal do sufixo se espraia pelas consoantes, até mesmo oclusivas, que são a *coda* silábica das bases verbais, mas não pelas mesmas consoantes das bases nominais. Aparentemente, o espraçamento de traço nasal é restrito aos verbos, pois a nasalização da base em nomes pelo afixo diminutivo {-nãg} restringe-se a poucos exemplos. Se houvesse espraçamento de traço nasal nas derivações nominais com o sufixo {-nãg}, tais construções seriam agramaticais, como exemplifico abaixo:

(30)

- ***Pux-nãg** [pũj̃n¹nãŋ] ‘perereca’
- ***Ũgtok-nãg** [ũŋ¹tõwŋ¹nãŋ] ‘filhote’
- ***Míta-nãg** [mĩ¹tã¹nãŋ] ‘frutinha’
- ***Kututtap-nãg** [ku¹tuɔt¹tã̃m¹nãŋ] ‘borboletinha’
- ***Popta-nãg** [pow¹tã¹nãŋ] ‘jenipapo-pequeno’
- ***Xux-nãg** [tũj̃¹nãŋ] ‘beija-flor’, ‘arroz’
- ***Xoxmetmet-nãg** [tõj̃bã̃zn¹bã̃zn¹nãŋ] ‘bem-te-vizinho’

Os nomes acima são agramaticais porque o traço do sufixo diminutivo atingiu as vogais da sílaba da base verbal, o que não pode ocorrer.

O que se pode generalizar até aqui é que o espriamento de traço nasal nas derivações com o sufixo diminutivo {-nãg} restringe-se a verbos. Nas derivações nominais com esse sufixo a nasalização geralmente não ocorre. A restrição da nasalidade em nomes sugere relação da fonologia com o componente morfológico. Na próxima seção, tratarei de outro sufixo nasal do Maxakalí, o sufixo causativo {-nãhã}. Como mostrarei a seguir, embora esse sufixo tenha segmentos nasais, a nasalidade neles contida não se espraia para as bases verbais envolvidas nas construções causativas.

16.1.3 NASALIDADE E CAUSATIVIZAÇÃO

Nos capítulos 6 e 11, mostrei que a causativização é expressa na língua Maxakalí por meio dos morfemas sufixais {-nãhã}, {-a} e {Ø}. Retorno, nesta seção, às causativas que envolvem o sufixo {-nãhã}[nã¹hã?]. Meu objetivo é mostrar que nas construções causativas com esse sufixo, o traço nasal presente no sufixo não ultrapassa a consoante que fecha a sílaba do núcleo verbal que recebe o sufixo causativo.

Verbos intransitivos tornam-se transitivos por meio do sufixo causativo{-nãhã}. Nesse caso, o sujeito do predicado intransitivo torna-se objeto na construção causativa/transitiva:

CONSTRUÇÃO INTRANSITIVA:

(31a)

Kakxop **ũ-xit**
 [kak'tʃuxp¹ ũ'tʃiʒt¹]
 menino ele comer
 'O menino come'

CONSTRUÇÃO CAUSATIVA/TRANSITIVA:

(31b)

Ũn **-te** **kakxop** **xi-nãhã**
 [ũɲ̃ tæʔ kak'tʃuxp¹ tʃiʒnã'hãʔ]
 mulher FR ERG menino ABS comer CAUS
 'A mulher alimenta o menino'

CONSTRUÇÃO INTRANSITIVA:

(32a)

Xapup **ũ-top**
 [tʃa'puxp¹ ʔũ'toxp¹]
 Porco ele INAT gordo
 'O porco está gordo'

CONSTRUÇÃO CAUSATIVA/TRANSITIVA:

(32b)

Payēnet **-te** **xapup** **top-mãhã**
 [padʒẽ'deʒt¹ 'tæʔ tʃa'puxp¹ 'toxpmã'hãʔ]
 Fazendeiro ERG porco gordo CAUS
 'O fazendeiro engordou o porco'

CONSTRUÇÃO INTRANSITIVA:

(33a)

Koyãm **ũ-ta**
 [ku'jãɣm¹ ũ'taʔ]
 goiaba ele INAT maduro
 'Agoiaba está madura'

CONSTRUÇÃO CAUSATIVA/TRANSITIVA:

(33b)

Tu **-te** **koyãm** **ta-nãhã**
 [tuh 'tæʔ ku'jãɣm¹ taʔnã'hãʔ]
 Ele AG ERG goiaba maduro CAUS
 'Ele amadureceu a goiaba'

CONSTRUÇÃO INTRANSITIVA:

(34a)

Xokaka **ũ-kax**
 [tʃuka'ka ũ'kaj]
 Galinha ele INAT cantar
 'A galinha cantou'

CONSTRUÇÃO CAUSATIVA/TRANSITIVA:

(34b)

Tu **-te** **xokaka-tak** **kay-ãhã**
 [tuh 'tæ? tʃuka'ka'tak kajnã'hã?]
 Ele AG ERG galinha pai cantar CAUS
 'Ela fez o galo cantar'

Nos exemplos acima, verbos intransitivos têm correspondentes transitivos sufixados pelo sufixo causativo {-nãhã}. Como se pode depreender das sentenças causativas acima, o sufixo causativo {-nãhã} compõe-se de vogais nasais. As consoantes que fecham as sílabas finais das bases verbais sufixadas pelo sufixo causativo {-nãhã} [nã'hã?] são, de (31) a (32), consoantes oclusivas, e de (33) a (34), respectivamente, consoantes oclusiva glotal (33) e glide palatal oral (34). Nas construções causativas, as vogais orais das bases verbais não contraem a nasalidade do sufixo causativo, sendo necessário indagar por quê. Nas sentenças de (33) a (34), as consoantes que fecham as sílabas finais das bases verbais são uma oclusiva glotal e uma fricativa palatal. Tais consoantes barram, aparentemente, o traço nasal presente no sufixo causativo. Na causativização, as codas silábicas das bases verbais podem ser preservadas, assimiladas ou podem assimilar a consoante inicial do sufixo causativo, como mostro a seguir.

As sílabas das bases verbais intransitivas [tʃiɜtʃ], [toɣpʃ] e [taʃ] têm suas *codas* surdas assimiladas pela consoante inicial do sufixo causativo:

(35a)

[tʃaʃ] [ã'hã?] > [taʃnã'hã?]

(35b)

[tʃiɜtʃ] [nã'hã?] > [tʃiɜnã'hã?]

(35c)

[toɣpʃ] [nã'hã?] > [toɣpʃmã'hã?]

Em (35), mostro que, no exemplo (35a), a coda silábica da base verbal é preservada. Em (35b), a coda alveolar surda é assimilada pela consoante inicial do sufixo, uma nasal

alveolar. Já em (35c), a coda da base verbal, composta de consoante bilabial surda, assimila a consoante do sufixo causativo, tornando-a uma consoante nasal bilabial [m].

Mostro mais exemplos no quadro a seguir:

TABELA 2
CONSTRUÇÃO CAUSATIVA

	Base verbal	Port.	Cons. da coda	Cons. da coda pós-sufixação	Cons. sufixo	Exemplo	Port.
a	/top/	‘estar gordo’	/p/	[b]	[m]	[ˈtoɣbˈmãhãʔ]	‘engordar’
b	/kutok/	‘criança’	/k/	[g]	----	[kuˈtogãhãʔ]	‘engravidar’
c	/kohe/	‘estar torto’	∅	[ʔ]	[n]	[koˈhæʔnãhãʔ]	‘entortar’
d	/jñkoc/	‘boca’	/c/	[ɲ]	[ɲ]	[ɲiˈkujñãhãʔ]	‘imitar’
e	/cit/	‘comer’	/t/	[n]	[n]	[tʃiɰnãhãʔ]	‘alimentar’

Na tabela acima, a consoante /p/ (a) da base verbal torna a consoante inicial do sufixo uma nasal bilabial [m]; No exemplo (c), a base verbal não possui inerentemente consoante na coda. Por isso, uma consoante glotal surge para fechar a sílaba do verbo inativo. Após a inserção do sufixo, tal consoante permanece, sendo seguida pela consoante do sufixo. Já as consoantes /k/ e /c/ (exemplos b e d) assimilam a consoante inicial do sufixo tornando-a, respectivamente, consoantes [g], [ɲ], preservando o ponto de articulação das codas silábicas das bases verbais. Finalmente, a consoante da coda silábica da base /t/ (e) é assimilada pela consoante inicial do sufixo, fundindo-se a ela: [n]. A seguir arrolo sentenças de cada um dos verbos do quadro acima:

Maxakalí depende também do tipo de sufixo nasal e não simplesmente de segmentos transparentes ou opacos à nasalidade. Tal fato evidencia que há em Maxakalí uma interação entre o componente fonológico e o componente morfológico e que há domínios morfológicos/prosódicos em que determinados processos fonológicos não podem atuar. Na tabela a seguir, mostro ambientes e possíveis domínios em que a nasalidade pode ou não ocorrer:

TABELA 3
DOMÍNIOS MORFOLÓGICOS/PROSÓDICOS

Ambientes em que há espraçamento de nasalidade	Ambientes em que não há espraçamento De nasalidade
V + {nãg}	N + {nãg}
	V + {-nãhã}

Na tabela (3), vê-se que o espraçamento da nasalidade ocorre apenas em verbos. Esse fato sugere que nomes e verbos constituam domínios morfológicos/prosódicos distintos que podem favorecer ou não a atuação de regras fonológicas. Na tabela em (3), o domínio constituído pela base verbal e pelo sufixo diminutivo V+ {nãg} permite que as sílabas da base verbal sejam nasalizadas pelo traço nasal do sufixo diminutivo {nãg}. Nomes e verbos com o sufixo causativo, domínios N + {nãg}, V + {-nãhã} não permitem espraçamento nasal. Portanto, o domínio V + {nãg} favorece a atuação da regra de nasalização, mas o domínio N + {nãg} desfavorece essa regra. De modo semelhante, o domínio V + {-nãhã} desfavorece a regra de nasalização, impedindo que o traço nasal se espraie para os segmentos da base verbal. Uma forte evidência a favor dessa interpretação é o fato de fatores fonológicos não poderem sozinhos determinar o espraçamento ou não do traço nasal. Note-se que as consoantes oclusivas da rima nas bases verbais, que potencialmente poderiam barrar o traço nasal para os núcleos

silábicos das bases, permitem o espriamento no caso dos verbos, em construções de intensidade, mas o impedem no caso dos nomes e no caso dos verbos em construções causativas. Este ponto deverá ser retomado em uma análise futura para determinar e motivar empiricamente os domínios prosódicos que ora proponho. Segue na próxima seção, as considerações finais sobre este capítulo.

16.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO

Neste capítulo, mostrei dois fenômenos morfossintáticos relacionados com a fonologia da língua: (1) construções de intensidade e construções diminutivas e (2) causativização. Construções de intensidade e construções diminutivas ocorrem por meio do sufixo {-nãg}. O sufixo diminutivo {-nãg} se junta a verbos e a nomes da língua, mas o traço nasal do sufixo diminutivo espraia-se apenas para as bases verbais. Construções causativas ocorrem por meio do sufixo causativo {-nãhã}. O traço nasal desse sufixo nunca se espraia para a base verbal, mas apenas vozeia as consoantes da rima nas bases verbais. Mostrei evidências de que esses dois fenômenos, a construção de intensidade/a construção de diminutivo e a causativização relacionam-se em algum nível com a morfologia, pois os processos morfofonêmicos neles envolvidos ocorrem condicionados a domínios morfológicos/prosódicos. Na próxima seção, faço as considerações finais sobre este trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O TRABALHO

Esta tese teve como objetivo descrever aspectos pouco conhecidos da morfologia, da morfossintaxe e da morfofonêmica Maxakalí e deve ser visto como uma contribuição ao conhecimento da língua Maxakalí e, conseqüentemente, aos estudos sobre o tronco Macro-Jê. No primeiro capítulo, fiz uma breve revisão da história conhecida do povo Maxakalí desde a época da colonização na região até os dias de hoje. Apresentei a distribuição geográfica das aldeias atualmente e dados sobre a demografia dos Maxakalí. No capítulo 2, tratei brevemente do tronco Macro-jê e da família Maxakalí nos quais a língua Maxakalí é classificada desde Rodrigues (1986). Tratei também das principais características fonológicas da língua Maxakalí. No capítulo 3, apresentei a metodologia adotada nesta tese. Ainda neste capítulo, descrevi brevemente a ortografia empregada hoje pelos Maxakalí, pois todos os dados desta tese foram transcritos ortograficamente. No capítulo 5, descrevi o ordenamento dos constituintes em Maxakalí e as propriedades morfológicas e morfossintáticas de duas categorias lexicais da língua Maxakalí: nome e pronome. Sobre os nomes, mostrei as diferenças entre nomes de posse direta e nomes de posse indireta. Com relação aos pronomes, descrevi as características dos marcadores de pessoa e de posse, pronomes dativos, objetivos, reflexivos e demonstrativos. No capítulo 6, descrevi as propriedades morfológicas e morfossintáticas dos verbos transitivos e intransitivos da língua Maxakalí. Mostrei, que verbos transitivos ocorrem sob formas não finitas e seus sujeitos são marcados pela partícula ergativa. Verbos intransitivos possuem formas finitas e se dividem em duas grandes classes: a classe dos verbos ativos e a classe dos verbos inativos. Verbos inativos, por sua vez, dividem-se em duas subclasses, de acordo com características morfológicas e morfossintáticas dos verbos em questão. No capítulo 7, tratei da concordância verbal e nominal que há em Maxakalí. Mostrei que a

concordância se expressa na língua tanto em verbos quanto em nomes por meio de prefixos pessoais inativos, por meio de formas verbais supletivas e de sufixos de número. Ainda nesse capítulo, mostrei que a concordância se relaciona com os modos indicativo e imperativo, com a voz passiva e com a negação. No capítulo 8, tratei de alguns processos derivacionais da língua Maxakalí, como a nominalização que ocorre por meio dos afixos *-ax*, *hām-*, *-oknāg*, a construção de intensidade por meio do sufixo *-nāg*, a composição e a causativização. Adicionalmente, mostrei evidências que permitem classificar os adjetivos da língua Maxakalí como verbos descritivos. No capítulo 9, analisei o fenômeno da ergatividade e o sistema de caso da língua Maxakalí. Mostrei que há diversos tipos de ergatividade nas línguas do mundo e que sistemas de caso podem exibir cisões no alinhamento dos argumentos verbais. Em seguida, tratei da ergatividade da língua Maxakalí. Defendi a posição de que a língua Maxakalí possui sistema de caso morfológicamente tripartido, o que é raro nas línguas do mundo. No capítulo 10, descrevi a teoria dos papéis temáticos e a teoria de predicação, tomando por base a proposta de Cançado (2005), de Harley (2007) e de Hale e Keyser (1994, 2002). Busquei mostrar as motivações interlinguísticas para dividir os verbos intransitivos em duas subclasses, a dos inergativos e a dos inacusativos. Apresentei os diagnósticos semânticos para, em seguida, motivar a distinção entre os verbos inacusativos e inergativos na língua Maxakalí. Observei que o Maxakalí separa os dois tipos de verbos intransitivos em duas classes distintas. Ainda nesse capítulo, apresentei a estrutura argumental dos verbos das duas classes. No capítulo 11, tratei, inicialmente, da hipótese da estrutura bipartida do VP. Mostrei evidências sintáticas, semânticas e morfológicas a partir de línguas diferentes que motivam essa estrutura. Tomando por base a proposta de Hale e Keyser (1994, 2002) e Harley (2007), propus que o sufixo causativo {-nāhã} da língua Maxakalí fornece evidências a favor da estrutura do VP bipartido, na medida

em que esse afixo pode ser interpretado como sendo a instanciação do verbo leve causativo. No capítulo 12, mostrei as diferenças entre caso morfológico e Caso abstrato. Introduzi brevemente a Teoria de Caso e, com base nessa teoria, mostrei as principais diferenças entre Caso estrutural e Caso inerente. No capítulo 13, discuti o estatuto do Caso absolutivo da língua Maxakalí. Com base em estudos de autores como Woolford e Legate, mostrei indícios de que o caso tipológico *absolutivo* cobre dois Casos abstratos distintos, o nominativo e o acusativo; No capítulo 14, aponte para evidências de que a marcação ergativa do Maxakalí mostra características de Caso inerente. Por outro lado, a atribuição de Caso ergativo pelo núcleo v^0 mostra-se inadequada, pois esse núcleo já valoriza Caso acusativo. Por essa razão, propus que a marca ergativa do Maxakalí é na verdade uma posposição, que valoriza o Caso ergativo nos DPs agente, ou seja, os argumentos que tenham pelo menos uma das propriedades a seguir: [+DESENCADADOR], [+CONTROLE]. Dessa maneira, Caso ergativo passa a ser valorado pelo núcleo P^0 e o Caso acusativo pelo núcleo v^0 . Outra hipótese que desenvolvi neste capítulo é a de que a língua Maxakalí exibe um sistema de Caso tripartido, com três Casos ativados na estrutura sintática: o Caso ergativo, que é valorado, inerentemente, pelo núcleo P^0 ; o Caso nominativo, atribuído a sujeitos de verbos inacusativos pelo núcleo T^0 ; e o Caso acusativo, atribuído aos objetos de verbos transitivos. No capítulo 15, descrevi o fenômeno de alteração de forma que envolve nomes, pronomes e verbos da língua Maxakalí. Com base na teoria de incorporação (Baker, 1988a), mostrei evidências de que a redução em nomes, pronomes e verbos com padrão fonotático - V_iXV_i - relaciona-se com a noção de incorporação. Finalmente, no capítulo 16, mostrei dois fenômenos morfofonêmicos que se relacionam com a fonologia da língua, as construções de intensidade e as construções diminutivas. Mostrei evidências de que esses dois fenômenos relacionam-se em algum nível com a morfologia, pois os

processos morfofonêmicos neles envolvidos ocorrem condicionados a domínios morfológicos/prosódicos. Esta tese amplia o conhecimento gramatical sobre a língua Maxakalí e, adicionalmente, apresenta contribuições teóricas importantes para as teorias de descrição gramatical.

BIBLIOGRAFIA

ABAURRE, Maria Bernadete. A interface fonologia-sintaxe: evidências do português brasileiro para uma hipótese *top-down* na aquisição da linguagem. Estudos de prosódia. In: ESTER M. Scarpa (Org.). Estudos de prosódia. Editora Unicamp: Campinas, 1999

ADGER, David. Core Syntax: A Minimalist Approach. Oxford: Oxford University Press, 2003

ALMEIRA, Marco Antônio Bomfoco. Ergatividade em Kaingang: um estudo descritivo funcional. Tese (Doutorado em Linguística). Porto Alegre: PUCRS, 2004

_____. Ergatividade: uma síntese tipológico-funcional. In: DUARTE, Fábio Bonfim (org.). Cisão de caso, telicidade e posse em línguas indígenas brasileiras. *Revista Viva voz*. Fale/UFMG, 2007

ALVARES, Myriam Martins. Yãmĩy, os espíritos do canto. A construção da pessoa na sociedade Maxakalí. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - UNICAMP, Campinas, 1992

ALVES, Flávia de Castro. O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas, 2004

AMORIM, Maria Stella de. A situação dos Maxakalí. *Revista do Instituto de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jan./dez., 1967, p. 3-25

ARAÚJO, Gabriel Antunes. Masakari: Vocabulário Maxacali de Curt Nimunedaju. *Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP)*, Campinas, v. 31, 1997, p. 5-33

_____. Fonologia e Morfologia da Língua Maxakalí. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL, Unicamp, Campinas, 2000b

_____. Formas curtas e formas longas em Maxakali. *Sínteses*, Campinas, v. 6, p. 31-48, 2001.

BAKER, Mark C. *Incorporation: A theory of grammatical function changing*. Chicago: University of Chicago Press, 1988a

_____. Thematic roles and syntactic structure. In: HAEGEMAN L. (Org) *Elements of Grammar*. Kluwer, Dordrecht, 1997, p. 73-137

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 1971

BARCELOS SILVA, Isadora Maria de. Estatuto da posposição *te*, valoração de Caso ergativo e realização do papel temático em Timbira-Apaniekrá. In: BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal; SOUSA FILHO, Sinval Martins de (Orgs) *Línguas e culturas Macro-Jê*. Goiânia: editora Vieira, 2009

BOBALJIK, Jonathan David. Where's ϕ ? Agreement as post-syntactic operation. In VAN KOPPEN et al. (eds.), *Special Issue of Leiden Papers in Linguistics*, 3.20, p.1-23, 2006

BOBALJIK, Jonathan David; BRANIGAN, Phil. Eccentric Agreement and Multiple Case-Checking. In: JOHNS, Alana; MASSAM, Diane; NDAYIRAGIJE, Juvenal (Orgs). *Ergativity: Emerging Issues*. Springer: Dordrecht, 2005

_____. On Ergativity and Ergative Unergatives. MIT Working Papers in Linguistics 19: Papers on Case and Agreement II, 45-88, 1993.

BOMFOCO, Marco Antônio de Almeida. Ergatividade em Kaingáng: um estudo descritivo funcional. Tese (Doutorado em Linguística) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2004

_____. Ergatividade: uma síntese tipológico-funcional. In: DUARTE, Fábio Bonfim. (Org.). *Cisão de Caso, Telicidade e Posse em Línguas Indígenas Brasileiras*. Belo Horizonte: Coleção *Viva Voz*. Editora da Fale/UFMG, 2007, v. 100, p. 94-123

BURZIO, Luigi. *Italian Syntax*. Dordrecht: Reide, 1986.

BUTT, Miriam. *Theories of case*. Cabridge: Cambridge University Press, 2006

CAMPOS, Carlo Sandro de Oliveira. Verbos transitivos, inergativos e inacusativos em Maxakalí. In: DUARTE, Fábio Bonfim (org.). *Cisão de caso, telicidade e posse em línguas indígenas brasileiras*. *Revista Viva voz*. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007

_____. Maxakalí: língua ergativa tripartida? Anais do VI Encontro de Línguas e Culturas Macro-jê. Goiânia: UFG, 2008

CANÇADO, Márcia. Hierarquia temática: uma proposta para o português brasileiro. *Revista Letras* 61: 60-62, 2003

_____. Propriedades semânticas e posições argumentais. *DELTA* 21.1: 23-56, 2005

_____. Argumentos: Complementos e Adjuntos. *ALFA – Revista de Lingüística*, volume 53, número 1, 2009

CASTRO, Ricardo Campos. Interface morfologia e sintaxe em Tenetehara. Dissertação (Mestrado em linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981

_____. *The minimalist program*. The MIT Press: Massashusetts, 1995

CHOMSKY, Noam. On phases Ms. MIT, 2005

CIRÍACO, Larissa Santos. A alternância causativo/ergativa no PB: restrições e propriedades semânticas. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007

COMRIE, Bernard. Aspect. Cambridge: Cambridge University Press, 1976

_____. Language Universals and Linguistic Typology: Syntax and Morphology. Chicago: University of Chicago Press, 1989

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís Cristófaró. Descrição fonética e análise de alguns processos fonológicos da língua krenak. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1986

CZEPLUCH, Hartmut. Case patterns in German: Some implications for the theory of abstract Case. *McGill Working Papers in Linguistics, Special Issue on Comparative Germanic Syntax*. Department of Linguistics, McGill University, Montreal, Canada, 1988 *apud* WOOLFORD, Ellen. Lexical Case, Inherent Case, and Argument Structure. *Linguistic Inquiry* 37.1, 2006

DIXON, R. M. W. Where have all the adjectives gone? *Studies in Language*, 1:1, 1977, p. 19-80

_____. Ergativity. Cambridge: Cambridge University Press, 1994

DUARTE, Bonfim, Fábio. Ordem de constituintes e movimento em tembé: minimalismo e anti-simetria. Tese (Doutorado em linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003

_____. Propriedades morfossintáticas dos verbos intransitivos no português, 2005

_____. Caso, função sintática e papéis temáticos. In: *Revista Duc In Altum*, Muriaé, Faculdade Santa Marcelina, v. 6, n. 1, 2006

_____. A conexão entre papel theta e caso é sempre biunívoca? In: VI Encontro de Línguas e Culturas Macro-Jê, 2008, Goiânia. Atas do VI Encontro de Línguas e Culturas Macro-Jê. Goiânia : UFG, 2009

DURANTI, Alessandro. Linguistic anthropology. Cambridge: Cambridge University Press, 1997

FILLMORE, The Case for Case. In: E. BACH; R. Harms (Orgs). *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968

FRANCHI, Celi Moraes Whitaker. As construções ergativas: um estudo semântico sintático. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, 1989

GOLDSMITH, J. Autosegmental and Metrical Phonology. Oxford: Basil Blackwell, 1990

GREENBERG, J H. Languages in the Americas. Stanford; Stanford University Press, 1987 *apud* RIBEIRO, Eduardo Rivail. Languages of the world: Macro-Jê, 2005

GRUBER, J. S. Studies in lexical relations. Tese (Doutorado em Linguística) - Amsterdam: North Holland, 1965. Reeditado como parte de *Lexical structures in syntax and semantics*. Amsterdam: North Holland, 1976

GUDSCHINSKY, Sarah; POPOVICH, Harold; POPOVICH, Frances. Native reaction and phonetic similarity in Maxakalí phonology. *Language* 46, p. 77-88, 1970

HAIDER, Hubert. The Case of German. In: TOMAN, Jindřich. *Studies in German Grammar*. Dordrecht: Foris, 1985, p. 65-101

HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay (Orgs). *View from building 20: Essays in linguistics in honour of Sylvain Bromberger*. Massachusetts: MIT Press, 1994

_____. The Basic elements of argument structure. *MIT Working Papers in Linguistics*. vol. 32, Cambridge: MIT, 1998

_____. Aspect and the Syntax of Argument Structure. MIT, 2002. ms

HAMMOND, Michael. An OT account of variability in Walmatjarri stress. *ROA* 20, 1994 *apud* ARAUJO, Gabriel Antunes. *Fonologia e Morfologia da Língua Maxakalí*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL, Unicamp, Campinas, 2000b

HARRISON, Carl. Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara. In: DERBYSHIRE; PULLUM. (Eds). *Handbook of Amazonian languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986, v. 1, p. 407-439

HARLEY, Heidi. The bipartite structure of verbs cross-linguistically. In: CRISTÓFARO-SILVA, Thaïs; MELLO, Heliana (Orgs). *Conferências do V congresso internacional da associação brasileira de linguística*. Belo Horizonte, 2007

IBGE. Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendaju. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em colaboração com a Fundação Pró-Memória. Rio de Janeiro. IBGE. 1981. ISBN 85-240-0001-5

IMBERT-GOMEZ, Elsa. La nasalité en tatuyo: phonologie ou morphologie. Paris: Amerindia. *Revue d'Ethnolinguistique Amérindienne*, n^o5, 1980

JACKENDORFF, R. *Semantic Interpretation in generative Grammar*. Cambridge (MA): MIT Press, 1972 *apud* WOOLFORD, Ellen. *Lexical Case, Inherent Case, and Argument Structure*. *Linguistic Inquiry* 37.1., 2006. 20 p

JÓNSSON, Jóhannes Gísli. Clausal architecture and case in Icelandic. Doctoral dissertation, University of Massachusetts, Amherst, 1996 *apud* WOOLFORD, Ellen. Lexical Case, Inherent Case, and Argument Structure. *Linguistic Inquiry* 37.1., 2006. 20 pg

KAUFMAN. T. The native languages of south America. In: ASHER R. E. & MOSELEY C. (Org). Atlas of the world's languages. London: Routledge, 46-76; 14-25 (maps) *apud* RIBEIRO, Eduardo Rivail. Languages of the world: Macro-Jê, 2005

KAYNE, Richard S. The antisymmetry of syntax. *Linguistic Inquiry Monography* Twenty-five. Massachusetts: The MIT Press, 1995

KIPARSKY, Paul. Lexical morphology and phonology. *Linguistics in the morning calm*. Seul: Hanshin publishing company, 1982

KRATZER, Angelika; SELKIRK, Elisabeth. Phase theory and prosodic spellout: the case of verbs. 2007

LAKA, Izar. MIT working papers in linguistics. 18. 149-172. Papers on Case & agreement I, 1993 *apud* CASTRO, Ricardo Campos. Interface morfologia e sintaxe em Tenetehara. Dissertação (Mestrado em linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007

LARSON, Larson, Richard K. On the double object construction. *Linguistic Inquiry* 19: 335-391, 1988 *apud* WOOLFORD, Ellen. Lexical Case, Inherent Case, and Argument Structure. *Linguistic Inquiry* 37.1., 2006.

LEGATE, Julie Anne. Split absolutive. University of Delaware, 2006

LEE, Seung-Hwa. Morfologia e fonologia do português do Brasil. Tese (Doutorado em Linguística) - Campinas: UNICAMP, 1995

LEVIN, Beth. The Basque verbal inventory and configurationality. In: *Configurationality: The typology of asymmetries*. (eds.) MARÁ CZ, László; MUYSKEN Pieter, 39-62. Dordrecht: Foris, 1989 *apud* WOOLFORD, Ellen. Lexical Case, Inherent Case, and Argument Structure. *Linguistic Inquiry* 37.1, 2006

_____; RAPPAPORT NOVAV, Malka. Unaccusativity: at the Syntax-Lexical semantics interface. Cambridge, Mass: MIT Press, 1995

_____; SIMPSON, Jane. Quirky Case and lexical representations of Icelandic verbs. *Papers from the Seventeenth Regional Meeting*. Chicago: University of Chicago, Ill. Chicago Linguistics Society, 1981, 185-196 *apud* WOOLFORD, Ellen. Lexical Case, Inherent Case, and Argument Structure. *Linguistic Inquiry* 37.1, 2006

LOUKOTKA, Čestmír. La familia lingüística Masakali. *RIEUNT* 2: 21-47, 1931

_____. A língua dos patachós. *Revista do Arquivo Municipal*, vol. 55, São Paulo: Departamento de Cultura, 1968, p. 5-15

MALING, Joan. Verbs with dative objects in Icelandic. *Íslenskt mál*, cap. 24, 2002, p. 31-105

MALLISON, Graham; BARRY J. Blake. Language typology: cross-linguistic studies in syntax. Amsterdam, New York, Oxford: North-Holland, 1981

MANANDISE, Esméralda. Evidence from Basque for a New theory of grammar. New York: Garland, 1988

MARANTZ, Alec. Relations and configurations in Georgian. University of North Carolina, 1989

MASON, J. A. The languages of South American Indians. In: STEWARD, J. H. (ed.) Handbook of South American Indians, vol. 6. Washington, DC: Smithsonian Institution. 157–317, 1950

MCCLOSKEY, Jim. Subjecthood and subject positions. In: Haegeman, L. (Org.) Handbook of generative syntax. Kluwer: Dordrecht, 1997

MEGERDOOMIAN, Karini. Event Structure and Complex Predicates in Persian. *Canadian Journal of Linguistics: Special issue on the Syntax of Iranian languages*. 2001, p. 97-125.

MÉTRAUX, Alfred; NIMUENDAJÚ, Curt Onkel. The mashacalí, patashó and malalí linguistic families. In: Steward, J. Handbook of southamerican Indians. New York: Cooper Square Publishers, 1946

MISSAGIA DE MATOS, Izabel. Civilização e revolta: os botocudos e a catequese na província de Minas. Bauru, SP: EDUSC, 2003

MOESCHLER Jacques. L'expression de la causalité en français. Cahiers de Linguistique Française 25. Genève, 2003d, p. 11-42

NIMUENDAJÚ, Kurt Unckel. Índios Machacará. Revista de Antropologia. Vol. 6, pág. 53-61, 1938

PADUCHEVA, Elena. Causatives, decausatives and unaccusatives Third International Conference on «Meaning – Text» theory. Klagenfurt: University of Klagenfurt, 21-24 May 2007

PARAISO, Maria Hilda Barqueiro. Amixokori, Pataxó, Monoxó, Kumanaxó, Kutaxó, Kutatoi, Maxakali, Malali e Makoni; povos indígenas diferenciados ou subgrupos de uma mesma nação? Uma proposta de reflexão. *RMAE da USP*, São Paulo, n. 4, p. 173-187, 1994.

_____. O tempo de dor e do trabalho: a conquista dos territórios indígenas nos sertões do leste. São Paulo: USP (tese de doutorado), 1998.

_____. Maxakalí. 1999 <<http://www.pegue.com/indio/>> Acesso em: 12 de fevereiro de 2005

PEREIRA, Deuscreide. *Gonçalves. Alguns aspectos gramaticais da língua Maxakali*. Dissertação (Mestrado em Língua). Belo Horizonte: UFMG, 1992

PERLMUTTER, David; POSTAL, Paul M. The 1-Advancement Exclusiveness Law. In David M. Perlmutter and Carol Rosen, (eds). *Studies in Relational Grammar 2*, Chicago: University of Chicago Press, p. 81-125. 1984. In: BUTT, Miriam. *Theories of case*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006

POPOVICH, Harold. Maxakalí language. Manuscrito, 1971

_____; POPOVICH, Frances B. compilers. *Dicionário Maxakalí-Português; Glossário Português-Maxakalí*. 1st ed. online Cuiabá, MT: Sociedade Internacional de Linguística. xiii, 2005. 127 p. Disponível em: <http://www.sil.org/americas/brasil/langpage/portmxpg.htm> (acesso em 20 de março de 2005)

RADFORD, Andrew. *Syntax: a minimalist introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997

RAPOSO, Eduardo Paiva. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992

REULAND, Eric, ed. *Argument and Case: Explaining Burzio's Generalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2000

RIBEIRO, Eduardo Rivail. O marcador de posse alienável em Karirí: um morfema Macro-Jê revisitado. *Liames (UNICAMP)*, Campinas-SP, v. 2, p. 31-48, 2002.

_____. A brief note on Maxakali. Chicago/Goiânia: University of Chicago/Universidade Federal de Goiás, 2003 (Trabalho não publicado).

_____. Macro-Jê. In BROWN, Keith. *Encyclopedia of Language and Linguistics*. 2ª edição, volume 7, Oxford: Elsevier, 2006. p. 422-426

RODRIGUES, Aryon D. *Nasalização e fronteira de palavra em Maxakali*. Anais do V Encontro Nacional de Linguística. 2. 305-11. Rio de Janeiro: PUC, 1981

_____. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

_____. Macro-Jê. In: DIXON, RMW; AIKHENVALD, Alexandra Y. (Org.). *The amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999

_____. *Linguística comparativa e pré-história dos povos indígenas sul-americanos: a hipótese Tupí-Karib e Macro-Jê*. In: CRISTÓFARO-SILVA, Thaís; MELLO, Heliana. *Conferências do V congresso internacional da associação brasileira de linguística*. Faculdade de Letras: Belo Horizonte, 2007

SANTOS, Victor Dias de Oliveira. Languages of the world and their case marking. The Brazilian language xavante: a case study. Monografia (Graduação em Linguística) – FALE/UFMG, Belo Horizonte, 2008

SCHULTZE-BERNDT, Eva. Linguistic annotation. In: GIPPERT, Jost; P. HIMMELMANN, Ulrike Mosel. Essentials of language. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006

SEKI, Lucy. Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu. Campinas: Unicamp, 2000

SCHEBECK, B. Thangu and Atjnjamathanha. In *Grammatical Categories in Australian Languages*, R. M. W. Dixon (ed.), 516-550. New Jersey: Humanities Press, 1976. In: WOOLFORD, Ellen. Case-agreement mismatches. To appear in Cedric Boeckx ed., *Agreement Systems*. John Benjamins. 2006

SHIBATANI, Masayoshi; BYNON, Theodora. Approaches to language typology. Oxford University Press, 1999

SMOLENSKY, Paul. On the comprehension/production dilemma in child language. LI 27: 720-31 apud ARAUJO, Gabriel Antunes. Fonologia e Morfologia da Língua Maxakalí. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL, Unicamp, Campinas, 2000b

SOUZA, Ana Luíza de. História, educação e cotidiano de um quilombo chamado Mumbuca/MG. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Campinas: Faculdade de Educação, UNICAMP, 2006

SPORTICHE, D. A Theory of Floating Quantifiers and its Corollaries for Constituent Structure", *Linguistic Inquiry*, 1988

THE LEIPZIG GLOSSING RULES: Conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses, 2008. Disponível em: <http://www.anglistik.uni-freiburg.de/seminar/abteilungen/sprachwissenschaft/ls_kortmann/FoL/index_html/2008-11-12.0608175925>. Acesso em janeiro de 2009.

TUGNY, R. P. "A misteriosa ciência dos Maxakali". In: Beto Ricardo & Fany Ricardo. (Org.). Povos indígenas no Brasil. 1 ed. São Paulo: Instituto Sócio Ambiental, 2006, v. 10, p. 757-760.

URBAN, G. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: CUNHA, Maria Manuela C. da. (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, Fapesp, SMC, 1992. p. 87-102.

VON STECHOW, A. Lexical knowledge in the organization of language. Amsterdam: John Benjamins, Lexical decomposition in syntax, p 81-118, 1995

WALI, Kash. Non-nominative subjects in Marathi. In: BHASKARARAO, Peri; SUBBARAO, K.V. (Org.). Non-nominative Subjects. Volume 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004. 319 p.

WALKER, Raquel. Reinterpreting transparency in nasal harmony. USC, ROA, 306 apud ARAUJO, Gabriel Antunes. *Fonologia e Morfologia da Língua Maxakalí*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL, Unicamp, Campinas, 2000b

WETZELS, W. Leo. Sobre a representação da nasalidade em Maxakalí: Evidências dos empréstimos do português. In: CASTILHO, Ataliba T. de; MORAIS, Maria Aparecida Torres; LOPES, Ruth E. Vasconcelos. *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007

_____. Oclusivas intrusivas em Maxakalí. In: _____ (Org.). *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: UFRJ. 1985, p. 85-102

_____; SLUYTERS, Willebrord. Formação de raiz, formação de glide e ‘decrowding’ fonético em Maxakalí. In: _____ (Org.). *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: UFRJ. 1985, p. 85-102

WHALEY, L.J. *Introduction to typology: The unity and diversity of language*. Newbury Park: Sage, 1997

WOOLFORD, Ellen. Burzio’s generalization, markedness, and constraints on nominative objects. In: *New Perspectives on Case Theory*, ed. E. Brandner and H. Zinsmeister, Stanford: CSLI, 2003a, p. 301-329.

_____. Nominative Objects and Case Locality. In: W. Browne et al. (eds) *Formal Approaches to Slavic Linguistics 11*. Ann Arbor: Michigan Slavic Publications, 2003, p. 539-568

_____. Case-Agreement mismatches. In: BENJAMINS, John. *Agreement systems*. Cedric Boeckx ed, 2006

_____. Lexical Case, Inherent Case, and Argument Structure. *Linguistic Inquiry* 37.1, 2006. 20 pg

_____. Four-way case systems: ergative, nominative, objective and accusative. *Natural language and linguistic theory*. 15. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 1997, p. 181-227

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)